BUKOWSKI

MULHERES

L&PM POCKET

“Muito cara legal foi parar debaixo da ponte por causa de uma mulher.”

HENRY CHINASKI

Este romance é uma obra de ficção e não pretende retratar uma pessoa ou conjunto de pessoas vivas ou mortas.

Eu tinha cinquenta anos e há quatro que não ia para a cama com uma mulher. Não tinha amigas. Quando passava por elas, na rua ou onde quer que as via, olhava, mas olhava sem desejo e com desinteresse. Masturbava-me regularmente, e a ideia de ter uma relação com uma mulher - mesmo em termos não sexuais - estava muito longe da minha imaginação. Eu tinha uma filha ilegítima, com seis anos de idade. Ela vivia com a mãe e eu pagava uma pensão. Casara-me aos 35, há alguns anos atrás. Este casamento durou dois anos e meio. A minha mulher divorciou-se de mim. Só estive apaixonado uma vez. Ela morreu de alcoolismo crónico. Morreu aos 48, quando eu tinha 38. A minha mulher era doze anos mais nova do que eu. Acredito também que ela esteja morta, embora não tenha a certeza. Durante seis anos, depois do divórcio, ela escrevia-me pelo Natal uma longa carta.

Nunca respondi...

Não sei quando vi Lydia Vance pela primeira vez. Foi há cerca de seis anos, tinha eu acabado de abandonar um emprego de doze anos como funcionário dos correios, e tentava tornar-me escritor. Estava mais aterrorizado e bêbedo do que nunca. Debatia-me com o meu primeiro romance. Todas as noites, enquanto escrevia, esvaziava meia garrafa de *whisky* e duas embalagens de seis cervejas. Fumava cigarros baratos e batia à máquina, bebia e ouvia música clássica pela rádio até amanhecer. Impus-me um objectivo de dez páginas por noite, mas nunca sabia até ao dia seguinte quantas tinha escrito. De manhã levantava-me, vomitava,

dirigia-me para a sala da frente e olhava para o sofá para ver quantas lá estavam.

Excedia sempre as minhas dez. Por vezes eram 17,18, 23, 25 páginas. Claro, o trabalho de cada noite teria de ser limpo ou deitado fora. Para escrever o meu primeiro romance levei vinte e uma noites.

Os donos da casa onde então vivia, e que moravam nas traseiras, pensavam que eu era maluco. Quando acordava de manhã, estava um grande saco de papel castanho à porta.

O conteúdo variava algumas vezes, mas habitualmente era tomates, rabanetes, laranjas, cebolas verdes, latas de sopa, cebolas vermelhas. De vez em quando eu bebia cerveja com eles até às 4 ou 5 da manhã. Habitualmente o velho desaparecia, e eu e a velha aproveitávamos para nos darmos as mãos, e às vezes até a beijava. À porta, dava-lhe sempre um grande beijo. Ela era terrivelmente enrugada, mas nada podia contra isso. Era católica e ficava muito gira quando punha o seu chapéu cor-de-rosa para ir à igreja ao domingo de manhã.

Penso que encontrei Lydia Vance na minha primeira leitura de poesia. Foi numa livraria da Kenmore Avenue, The Drawbridge. Estava, mais uma vez, aterrorizado.

Vaidoso, mas aterrorizado. Quando entrei só havia lugares em pé. Peter, que se ocupava da livraria e vivia com uma preta, tinha uma pilha de notas à sua frente. «Merda», pensei, «se eu conseguisse juntar sempre assim tantas, teria dinheiro suficiente para fazer outra viagem à índia!» Entrei e eles começaram a aplaudir. No que diz respeito à leitura de poesia, ia de facto ser de arromba. Eu li durante meia hora e fiz um intervalo. Ainda estava sóbrio e podia sentir no escuro os olhos presos em mim. Vieram algumas pessoas falar comigo.

Depois, no momento em que eu estava mais livre, Lydia Vance aproximou-se. Eu bebia cerveja sentado a uma mesa. Ela pousou as duas mãos no rebordo da mesa, inclinou-se e olhou para mim. Tinha longos cabelos castanhos, na verdade muito compridos, um nariz proeminente e era estrábica. Mas desprendia vitalidade - sabia-se que ela estava ali. Eu sentia passarem vibrações entre nós. Algumas eram confusas e não muito boas, mas estavam ali. Ela olhou-me e eu devolvi-lhe o olhar. Lydia Vance usava um casaco de *cowgirl* em camurça, com uma franja à volta do pescoço. O seu peito era mesmo bom. Eu disse-lhe: «Gostaria de arrancar essa franja do seu casaco podíamos começar por aí!».

Lydia afastou-se. Não tinha pegado. Eu nunca sabia o que dizer às mulheres. Mas ela tinha cá um traseiro. O fundo das suas calças de ganga moldavam-no na perfeição, e eu continuava a fixá-lo enquanto ela se afastava.

Acabei a segunda parte da leitura e esqueci Lydia exactamente como me esquecia das mulheres com que me cruzava na rua. Recolhi o meu dinheiro, escrevi em alguns guardanapos, alguns bocados de papel e depois fui de carro para casa.

Nessa altura ainda passava noites a trabalhar no meu romance. Nunca começava a trabalhar antes das 6 e 18 da tarde. Dantes, a essa hora, estava eu a carimbar e a selar no terminal dos Correios. Eram 6 horas da tarde quando Peter e Lydia Vance chegaram. Abri a porta. Peter disse: «Olha, Henry, olha o que eu te trouxe».

Lydia saltou para a mesa de café! As suas calças de ganga moldavam-na mais do que nunca. Ela sacudia para a esquerda e para a direita os seus longos cabelos castanhos.

Era louca; era milagrosa. Pela primeira vez pus seriamente a hipótese de fazer amor com ela. Pôs-se a recitar poemas. Era muito mau. Peter tentou para-la: «Não! Não! Nada de poesia rimada na casa de Henry Chinaski!».

«Deixa-a continuar, Peter!»

Eu queria olhar para as suas nádegas. Ela fazia trepidar a velha mesa de café.

Depois dançou. Agitava os braços. A poesia era péssima, mas não o corpo nem a sua loucura.

Lydia saltou para o chão.

«Gostaste, Henry?»

«De quê?»

«Da poesia.»

«Não muito.»

Lydia ficou imóvel com os poemas na mão. Peter agarrou-a. «Vamos foder!», disse-lhe. «Anda, vamos foder!»

Ela repeliu-o.

«Está bem», disse Peter. «Se assim é, vou-me embora!» «Então vai. Eu tenho o meu carro», disse Lydia. «Posso ir para casa sozinha.»

Peter correu para a porta. Parou e voltou-se. «Está bem, Chinaski! Mas não te esqueças do que eu te trouxe!» Bateu com a porta e lá se foi. Lydia sentou-se no sofá, ao pé da porta. Eu estava sentado a cerca de trinta centímetros dela. Olhei-a. Ela estava maravilhosa. Eu tinha medo. Estendi o braço para tocar os seus longos cabelos. O seu cabelo era mágico. Retirei a mão. «Todos esses cabelos são mesmo teus?», perguntei-lhe.

Eu sabia que eram. «Sim», disse ela, «são meus.» Pus a mão sob o seu queixo, e muito desajeitadamente tentei virar a sua cara para a minha. Nestas situações nunca me sentia seguro. Beijei-a ao de leve.

Lydia saltou. «Tenho de me ir embora. Estou a pagar a uma *baby* sitter.»

«Ouve», disse eu, «fica. Pagarei eu. Fica mais um pouco.» «Não, não posso. Tenho que me ir embora.» Dirigiu-se para a porta. Eu segui-a. Abriu a porta. Depois voltou-se.

Pela última vez estendi-lhe o braço. Ela ergueu o seu rosto e deu-me um beijo fugaz. Em seguida afastou-se e depôs-me na mão algumas folhas dactilografadas. A porta fechou-se.

Sentei-me no sofá com as folhas na mão e ouvi o seu carro arrancar.

Os poemas estavam agrafados, fotocopiados e intitulavam-se *ELLLLA*. Li alguns.

Eram interessantes, cheios de humor e sexualidade, mas mal escritos. Eram assinados por Lydia e as suas três irmãs - todas elas jocosas, corajosas e *sexy*. Atirei as folhas e abri a minha garrafa de *whisky*. Lá fora estava escuro. A rádio difundia sobretudo Mozart, Brahms e Beethoven.

No dia seguinte ou pouco depois, recebi pelo correio um poema de Lydia. Era um longo poema e começava assim:

w

Sai, velho anão,

Sai do teu escuro buraco, velho anão

Sai connosco para a luz do sol e

Deixa-nos pôr margaridas nos teus cabelos...

O poema continuava, e dizia como me sentiria bem a dançar nos prados com pardas criaturas fêmeas, que me trariam a alegria e o verdadeiro conhecimento. Arrumei a carta na gaveta da cómoda.

No outro dia, de manhã, fui acordado por alguém que batia no vidro da minha porta de entrada. Eram dez e trinta.

«Vá-se embora», disse eu.

«E a Lydia.»

«Está bem. Espera um minuto.»

Vesti uma camisa e umas calças antes de abrir a porta. Depois corri para a casa-de-banho e vomitei. Tentei lavar os dentes mas não consegui senão vomitar mais - o adocicado do dentífrico revolveu-me o estômago. Saí.

«Estás doente», disse Lydia. «Queres que me vá embora?»

«Oh, não, estou bem. Acordo sempre neste estado.»

Lydia parecia estar bem. A luz filtrada pelas cortinas iluminava-a. Ela tinha uma laranja na mão e lançava-a ao ar. A laranja rodopiava na luz da manhã.

«Não posso ficar», disse ela, «mas quero pedir-te uma coisa.»

«Diz lá.»

«Sou escultora. Gostava de esculpir a tua cabeça.»

«Está bem.»

«Terás de ir a minha casa. Não tenho estúdio. Teremos de fazer isso em minha casa.

Isso não te aborrece, pois não?»

«Não.»

Anotei a sua morada e instruções sobre como lá chegar.

«Tenta lá estar pelas onze da manhã. As crianças chegam da escola a meio da tarde e distraem-nos.»

«Lá estarei às onze», respondi-lhe.

Eu estava sentado em frente de Lydia, ao canto da cozinha. Entre nós estava um pequeno monte de barro. Ela começou a fazer perguntas.

«Os teus pais ainda estão vivos?»

«Não.»

«Gostas de Los Angeles?»

«E a minha cidade preferida.»

«Porque escreves dessa maneira sobre mulheres?»

«De que maneira?»

«Tu sabes.»

«Não, não sei.»

«Pois bem, eu acho que é uma pena dos diabos que um homem que escreve tão bem como tu não saiba nada de nada sobre mulheres.»

Eu não respondi.

«Ó diabo! O que é que a Lisa fez com...?» Ela pôs-se a vasculhar a sala. «Oh, estas meninas que brincam a esconder os instrumentos da mãe!»

Lydia encontrou outro. «Vou-me desenrascar com isto. Não te mexas agora, descontrai-te mas fica quieto.»

Eu estava sentado em frente dela. Ela trabalhava o monte de barro com um instrumento de madeira que terminava num anel de arame. Eu observava-a. Os seus olhos olhavam para mim. Eram grandes, de um castanho escuro. Mesmo o seu olho deficiente, aquele que desacertava com o outro, agradava-me. Eu retribuía-lhe o olhar. Lydia trabalhava. O tempo passava. Eu estava em transe. Então ela disse: «Que tal uma pausa?

Queres uma cerveja?.»

«Óptimo. Sim.»

Quando se levantou para se dirigir ao frigorífico, segui-a. Tirou uma garrafa e fechou a porta. Virou-se para mim, enlacei-a pela cintura e puxei-a. Colei a minha boca e o meu corpo contra ela. Segurava a garrafa de cerveja com o braço estendido. Beijei-a. Voltei a beijá-la. Lydia empurrou-me.

«Está bem», disse ela, «chega. Temos trabalho a fazer.»

Voltámos a sentar-nos e bebi a minha cerveja, enquanto Lydia fumava um cigarro.

O barro continuava entre nós.

A campainha da porta soou. Lydia levantou-se. Uma mulher gorda com olhos loucos, suplicantes, entrou.

«Esta é a minha irmã, Glendoline.»

«Olá.»

Glendoline puxou por uma cadeira e começou a falar. Sabia falar. Teria falado mesmo que fosse uma esfinge, mesmo que fosse uma pedra. Eu perguntava-me quando é que ela se cansaria e se decidiria a partir. Mesmo depois de ter renunciado a ouvi-la, tinha a impressão de estar a ser bombardeado por pequenas bolas de pingue-pongue.

Glendoline não tinha nenhuma noção de tempo nem a menor ideia de que poderia estar a mais. Falava ininterruptamente.

«Ouve», acabei por dizer, «quando é que te vais embora?»

Depois teve início o número das irmãs. Começaram a falar uma com a outra.

Estavam ambas em pé e agitavam os braços. As vozes subiram de tom. Elas ameaçavam-se mutuamente com violência física. Finalmente - perto do fim do mundo -, Glendoline efectuou uma espectacular rotação do torso, lançou-se para a saída, batendo com a porta de rede, e desapareceu

- mas ouviam-se ainda as suas lamúrias sonoras - em direcção ao seu apartamento no fundo do pátio.

Lydia e eu regressámos para o canto da cozinha e sentámo-nos. Ela apanhou o seu instrumento de esculpir.

Os seus olhos mergulharam nos meus.

Numa manhã, alguns dias mais tarde, entrei no pátio de Lydia no momento em que ela chegava, vinda do jardim. Tinha ido visitar a sua amiga Tina, que vivia num apartamento ao fundo da rua. Nessa manhã parecia eléctrica, um pouco como da primeira vez que estivera em minha casa com a laranja.

«Oh», disse, «tens uma camisa nova!»

Era verdade. Comprara a camisa porque tinha pensado em

Lydia e desejava estar com ela. Eu sabia que ela tinha consciência disso e me estava a gozar, mas não me importava.

Lydia abriu a porta e entrámos. O barro estava pousado no centro da mesa da cozinha sob um pano húmido. Puxou o pano. «O que é que achas?»

Lydia não me tinha poupado. As cicatrizes lá estavam, o nariz de alcoólico, a boca de macaco, os olhos reduzidos a fendas, e lá estava também o sorriso estúpido, contente e ridículo de um homem feliz sem saber porquê. Ela tinha trinta anos e eu mais de cinquenta.

Não me importava.

«Sim», disse eu, «apanhaste-me em cheio. Gosto. Parece quase acabado. Vou ficar deprimido quando estiver feito. Passámos manhãs e tardes soberbas.»

«Isto interferiu com a tua escrita?»

«Não, só escrevo à noite. Nunca consegui escrever de dia> Lydia agarrou no instrumento de esculpir e olhou para mim.

«Não te preocupes. Tenho muito mais trabalho a fazer. Quero que isto fique bem.»

No seu primeiro intervalo, foi buscar uma garrafa de *whisky* ao frigorífico.

«Ah», disse eu.

«Como queres?», perguntou-me, levantando um grande copo.

«Metade, metade.»

Preparou a bebida e bebi num só trago.

«Ouvi falar de ti», disse-me.

«Sobre quê?»

«Sobre o modo como corres com tipos da tua porta. E que bates nas tuas mulheres.»

«Que bato nas minhas mulheres?»

«Sim, disseram-me.»

Agarrei-me a Lydia e perdemo-nos no mais longo beijo de sempre. Segurei-a de encontro ao rebordo do lava-loiças e comecei a roçar o meu caralho nela. Ela afastou-me, mas apanhei-a de novo a meio da cozinha.

A mão de Lydia alcançou a minha e levou-a para dentro das suas cuecas. A ponta de um dos dedos sentiu o alto da sua rata. Estava molhada. Enquanto continuava a beijá-la, enfiava-lhe o dedo dentro da rata. Depois tirei a mão, afastei-me, agarrei na garrafa e servi-me doutra bebida. Sentei-me à mesa da cozinha, Lydia deu a volta, e sentou-se do outro lado, olhando para mim. Depois pôs-se de novo a trabalhar no barro. Eu bebia devagar o meu *whisky*.

«Escuta», disse eu, «sei qual é o teu problema.»

«O quê?»

«Sei qual é o teu problema.»

«O que é que queres dizer?»

«Olha», disse eu, «esquece.»

«Eu quero saber.»

«Não te quero ferir.»

«Raios, quero saber do que estás a falar.»

«OK, dir-te-ei se me deres outro copo.»

«Está bem.» Lydia pegou no meu copo vazio e encheu-o com metade de *whisky* e metade de água. Bebi-o, de novo, de um só trago.

«Então?», perguntou-me.

«Ora bolas, tu sabes.»

«Sei o quê?»

«Que tens uma grande rata.»

«O quê?»

«Não é nada de excepcional. Tiveste duas crianças.»

Lydia sentou-se silenciosa e pôs-se a trabalhar no barro. Depois pousou o instrumento. Dirigiu-se para o canto da cozinha, ao pé da porta das traseiras. Vi-a inclinar-se para tirar os sapatos. Depois tirou *osjeans* e as cuequinhas. A sua cona estava ali e olhava para mim.

«Está bem, meu sacana», disse. «Vou mostrar-te como estás enganado.»

Tirei os sapatos, as calças e as cuecas. Ajoelhei-me sobre o chão de linóleo, e deitei-me em cima dela. Comecei a beijá-la. Entesei-me rapidamente e senti que a penetrava.

Comecei a fodê-la... um, dois, três...

Alguém bateu à porta da entrada. Era um bater de criança de pequenos punhos, enérgicos e persistentes. Lydia empurrou-me imediatamente. «É Lisa! Ela hoje não foi à escola! Estava em...» Lydia pôs-se em pé e começou a vestir-se.

«Veste-te!», disse-me.

Vesti-me o mais rápido possível. Lydia dirigiu-se para a porta e a sua filha de cinco anos lá estava: «MAMA! MAMÃ! Cortei-me no dedo!»

Eu passeava-me na sala da frente. Lydia sentou Lisa sobre os seus joelhos. «Oooo, deixa a *Mamã* ver. Oooo, deixa a *Mamã* beijar o dedo. *A Mamã vai* pô-lo bom!»

«*Mamã*, ele dói!»

Eu olhei para o golpe. Era quase invisível.

«Olha», dirigi-me por fim a Lydia, «vejo-te amanhã.»

«Desculpa», respondeu.

«Eu compreendo.»

Lisa levantou os olhos para mim, as lágrimas corriam.

«A Lisa não deixa que aconteça nada de mau à sua Mamã», disse Lydia.

Abri a porta, fechei-a e encaminhei-me para o meu Mercury Comet de 1962.

Por essa altura eu editava uma pequena revista, *The Laxative Approach*. Tinha dois co-editores e havia a sensação de estarmos a publicar os melhores poetas do nosso tempo.

Mas também alguns menos bons. Um dos editores, Keneth Mulloch (Preto), tinha desistido do liceu, media um metro e oitenta e cinco, e era sustentado pela mãe e pela irmã. O outro editor era Sammy Levinson (Judeu), vinte e sete anos, que vivia com os seus pais e era sustentado por eles.

As folhas estavam impressas. Só nos faltava colá-las e agrafá-las dentro das capas.

«O que vais fazer», disse Sammy, «é uma verdadeira festa de colagem. Ofereces as bebidas e algo que se coma, e deixa-os fazer o trabalho.»

«Eu detesto festas», respondi.

«Eu faço os convites», disse Sammy.

«Está bem.» E convidei Lydia.

Na noite da festa, Sammy chegou com as folhas já coladas. Era nervoso, tinha tiques e queria ver logo os seus próprios poemas impressos. Tinha sido ele a colar *The Laxative Approach* e a agrafar as capas. Keneth Mulloch tinha desaparecido - provavelmente estava na cadeia ou para lá fora enviado.

As pessoas iam chegando. Eu conhecia muito poucas. Fui ter com a minha senhoria ao pátio das traseiras. Ela veio à porta.

«Vou dar uma grande festa, Mrs. O'Keefe. Gostaria que a senhora e o seu marido viessem. Cerveja em abundância, *pretzels* e batatas fritas.»

«Oh, meu Deus, não!»

«Qual é o problema?»

«Vi as pessoas que entraram! Com aquelas barbas, aqueles cabelos e aquela roupa esfarrapada! Com pulseiras e pérolas... mais parecem um bando de comunistas! Como é que você suporta gente assim?»

«Mas eu também não suporto aquela gente, Mrs. O'Keefe. Nós apenas bebemos cerveja e conversamos. Nada mais.»

«Olhe bem para eles. São do género de roubar as canalizações!»

Ela fechou a porta.

Lydia chegou tarde. Entrou pela porta como uma actriz. A primeira coisa em que reparei foi no seu enorme chapéu de *cowboy*, com uma pena cor de lavanda espetada de lado. Não me falou, mas sentou-se logo ao lado de um jovem empregado de livraria, com quem se pôs a conversar animadamente. Comecei a beber de forma desenfreada, e parte do humor e energia desapareceram da minha conversa.

O empregado de livraria, que tentava tornar-se escritor, não era de todo aborrecido.

Chamava-se Randy Evans, e estava demasiado ligado a Kafka para conseguir escrever algo de interessante.

Bebi a minha cerveja e dei uma volta pela sala. Depois fui para a varanda de trás, sentei-me no jardim e vi um enorme gato preto que tentava saltar para um caixote de lixo.

Caminhei ao seu encontro. Quando me aproximei, ele saltou do caixote. Ficou quase a um metro de mim, e olhava-me. Tirei a tampa do caixote. O fedor era horrível. Vomitei para dentro do caixote. Deixei cair a tampa no passeio. O gato saltou, pôs-se com as quatro patas no rebordo do caixote, hesitou ainda e, depois, brilhante sob a meia lua, saltou para dentro.

Lydia ainda falava com Randy e reparei que, sob a mesa, um dos pés dela tocava num dos dele. Abri outra cerveja.

Sammy fazia rir os convidados. Eu era um pouco melhor do que ele quando queria fazer rir as pessoas, mas nessa noite não me sentia bem. Havia quinze ou dezasseis homens e duas mulheres - Lydia e April. April era gorda e estava sob o efeito de ATD. Estava estendida no chão. Ao fim de uma hora ou pouco mais, levantou-se e saiu com Cari, um *speedfreak* completamente chanfrado. Ficaram então catorze ou quinze homens e Lydia.

Encontrei uma garrafa de *whisky* na cozinha, levei-a para a varanda das traseiras e de quando em quando dava goles.

À medida que a noite avançava os tipos iam partindo. Até mesmo Randy Evans saiu. Por fim ficou apenas Sammy, Lydia e eu. Lydia falava com Sammy. Sammy disse algumas coisas engraçadas. Eu estava com vontade de rir.

Depois ele disse que tinha de se ir embora.

«Por favor não vás, Sammy», disse Lydia.

«Deixa ir o puto», disse eu.

«Pois, tenho de ir», disse Sammy.

Depois de Sammy ter saído, Lydia disse: «Não tinhas nada que o obrigar a sair. O

Sammy é engraçado, é de facto engraçado. Tu magoaste-o.»

«Mas eu quero falar contigo a sós, Lydia.»

«Eu gosto dos teus amigos. Não tenho oportunidades como tu de me encontrar com pessoas. Eu gosto das pessoas!»

«Eu, não.»

«Eu sei. Mas eu gosto. As pessoas vêm ver-te. Se elas não viessem ver-te, talvez gostasses muito mais delas.»

«Não, quanto menos as vejo, mais gosto delas.»

«Tu feriste os sentimentos de Sammy.»

«Oh, merda, ele foi para casa da mãe.»

«És ciumento, és inseguro. Pensas que vou para a cama com todos os homens com quem falo.»

«Não, não penso. Escuta, que tal uma bebida?»

Levantei-me e preparei-lhe uma. Lydia acendeu um longo cigarro e beberricava.

«Ficas muito bem com esse chapéu», disse eu. «Essa pluma púrpura é bonita.»

«É o chapéu do meu pai.»

«Ele não dará pela falta dele?»

«Ele morreu.»

Puxei Lydia até ao sofá e dei-lhe um longo beijo. Ela falou-me do pai. Tinha morrido e deixado um pouco de dinheiro às suas quatro irmãs. O que lhes permitira alguma independência e a Lydia divorciar-se do marido. Disse-me também que tinha tido uma depressão e que havia passado um tempo numa casa de loucos.

Beijei-a de novo. «Olha», disse-lhe, «vamo-nos deitar na cama. Estou cansado.»

Para minha surpresa, seguiu-me até ao quarto. Estendi-me na cama e senti-a sentar-se. Fechei os olhos, mas sabia que ela estava a descalçar as botas. Ouvi cair uma bota no chão, depois a outra. Comecei a despir-me na cama. Alcancei a luz do tecto e desliguei-a.

Continuei a despir-me. Beijámo-nos.

«Há quanto tempo não tens uma mulher?»

«Há quatro anos.»

«Quatro anos?»

«Sim.»

«Penso que tens direito a um pouco de amor», disse ela. «Sonhei contigo. Eu abri o teu peito como se fosse um armário, com portas, e quando abri as portas vi todo o género de coisas agradáveis dentro de ti - ursos de peluche, pequeninos animais felpudos, todas essas coisas suaves e ternas. Depois sonhei com outro homem. Ele encaminhou-se para mim e estendeu-me algumas folhas de papel. Era escritor. Agarrei nas folhas e olhei para elas. E as folhas tinham cancro. A sua escrita tinha cancro. Continuei a sonhar. Tens direito a um pouco de amor.»

Beijámo-nos.

«Ouve», disse ela, «depois de enfiares isso dentro de mim, retira antes de te vires.

OK?»

«Compreendo.»

Saltei-lhe para cima. Era bom. Passava-se qualquer coisa, qualquer coisa de real, com uma rapariga vinte anos mais nova do que eu e na verdade, acima de tudo, muito bonita. Fui e vim dez vezes - e vim-me dentro dela.

Ela deu um salto.

«Filho da puta! Vieste-te dentro de mim!»

«Lydia, já foi há tanto tempo... foi tão bom... Não consegui evitar. Pôs-me fora de mim! Juro por Deus, não pude evitar.»

Ela correu para a casa-de-banho e pôs a água a correr na banheira. Pôs-se em frente ao espelho para pentear os seus compridos cabelos castanhos. Estava mesmo bonita.

«Filho da puta! Meu Deus, que truque estúpido de menino de liceu! É a merda do liceu! E não podia ter acontecido na pior altura! Bem, agora vivemos juntos! Agora vivemos juntos!»

Aproximei-me dela. «Lydia, eu amo-te.»

«Vai-te embora! Desaparece!»

Empurrou-me, fechou a porta e eu fiquei cá fora, no corredor, a ouvir a água do banho que corria.

Não vi Lydia durante dois dias, mas durante este período tentei telefonar-lhe umas seis ou sete vezes.

Depois veio o fim-de-semana. O seu ex-marido, Gerald, costumava ficar com as crianças, durante os fins-de-semana.

Nesse sábado de manhã, dirigi-me de carro para casa dela, aonde cheguei por volta das onze, e bati à porta. Ela trazia uns *jeans* apertados, botas e uma blusa cor de laranja. Os seus olhos pareciam de um castanho mais escuro que o habitual, *e* ao sol, assim que abriu a porta, reparei no tom ruivo dos seus cabelos escuros. Foi surpreendente. Deixou-me beijá-

la, fechou a porta à chave e fomos para o meu carro. Tínhamos decidido ir à praia não para tomar banho, estávamos em pleno Inverno - mas para passar tempo.

Fomos andando. Era bom ter Lydia no carro ao pé de mim.

«Aquilo é que foi uma festa», disse ela. «Chamas àquilo uma festa de colagens? Foi uma festa de copulação, foi o que foi. Uma festa de copulação!»

Eu conduzia com uma mão e pousei a outra no interior da coxa dela. Não consegui evitar. Lydia fez como se nada fosse. À medida que guiava a minha mão avançava por entre as suas pernas. Ela continuava a falar. De repente, disse:

«Tira a mão da minha gata!»

«Desculpa», respondi.

Nenhum de nós falou até chegarmos ao parque de estacionamento da praia Venice.

«Queres uma sanduíche e uma Coca ou outra coisa?», perguntei-lhe. «Está bem», respondeu.

Entrámos numa pequena charcutaria de judeus para fazermos as compras, que levámos para um pequeno monte coberto de ervas, sobranceiro ao mar.

Tínhamos sanduíches, *pickles,* batatas fritas e bebidas sem álcool. A praia estava quase deserta e a comida estava boa.

Lydia estava calada. Comia tão depressa que fiquei espantado. Trincava selvaticamente a sanduíche, dava grandes goladas de Coca, numa trincadela comia metade dos *pickles* e enchia a mão com batatas fritas. Eu, pelo contrário, sou muito lento a comer.

Paixão, pensei, é a paixão.

«Que tal essa sanduíche?», perguntei.

«Bastante boa. Eu estava com fome.»

«Eles fazem boas sanduíches. Queres mais alguma coisa?»

«Sim, queria uma barra de chocolate.»

«De que marca?»

«Oh, qualquer uma. Mas que seja boa.»

Dei uma dentada na minha sanduíche, um trago de Cola, pousei tudo e dirigi-me à loja. Comprei duas barras de chocolate para que ela pudesse escolher. Quando regressava, um preto enorme dirigia-se para o pequeno monte. Estava um dia frio mas ele tinha tirado a camisa. O seu corpo era musculoso. Parecia andar pela casa dos vinte. Andava muito lentamente e direito. Tinha um pescoço comprido e elegante e uma argola de ouro na orelha esquerda. Passou em frente de Lydia, caminhando sobre a areia que separava o montículo do oceano.

«Viste aquele tipo?», perguntou-me.

«Sim.»

«Meu Deus; e aqui estou eu contigo, e tu com mais vinte anos do que eu. Eu poderia ter um tipo assim. O que é que se passa comigo?»

«Toma. Tens aqui duas barras de chocolate. Escolhe uma.»

Ela escolheu uma, arrancou o papel, deu uma trinca e olhou para o jovem negro enquanto ele andava pela praia.

«Estou cansada da praia», disse, «vamos para minha casa.»

Não nos vimos durante uma semana. Depois, numa tarde, passei por casa de Lydia.

Estávamos a beijar-nos, na sua cama. Lydia afastou-se.

«Tu não sabes nada sobre mulheres, pois não?»

«O que queres dizer?»

«O que quero dizer é que, lendo os teus poemas e as tuas histórias, vê-se que não sabes nada sobre mulheres.»

«Diz-me mais coisas.»

«Pois bem, para que um homem me interesse, tem de me comer a gata. Já alguma vez comeste uma gata?»

«Não.»

«Tens mais de cinquenta anos e nunca comeste uma gata?»

«Não.»

«Ê muito tarde.»

«Porquê?»

«Não consegues ensinar novos truques a um cão velho.»

«Claro que posso.»

«Não, é muito tarde para ti.»

«Sempre fui um lento corredor.»

Lydia levantou-se e dirigiu-se para a outra sala. Voltou com um lápis e um bocado de papel. «Presta atenção, quero mostrar-te uma coisa.» Começou a desenhar no papel.

«Isto é uma cona, e aqui está algo de que provavelmente nada sabes - o clitóris. E onde está toda a sensibilidade. O clitóris esconde-se, vês, sai de quando em quando, é cor-de-rosa e muito sensível. Por vezes esconder-se-á de ti e tu terás de o encontrar, tocando-o apenas com a ponta da tua língua...»

«OK», disse, «já percebi.»

«Não acredito que o consigas fazer. Já te disse, não se consegue ensinar novos truques a um cão velho.»

«Vamo-nos despir e deitar.»

Despimo-nos e estendemo-nos. Comecei a beijar Lydia. Desci dos seus lábios para o pescoço, do pescoço para os seios. Depois desci até ao umbigo. E ainda mais abaixo.

«Não, não consegues», disse ela. «O sangue e o mijo saem por aí, pensa nisso, o sangue e o mijo...»

Cheguei lá abaixo e comecei a lamber. O seu desenho era fiel à realidade. Tudo estava no seu devido lugar. Ouvi a sua respiração acelerar, e depois gemidos. Aquilo excitava-me. Entesei-me. O clitóris saiu mas não era exactamente cor-de-rosa, era rosa púrpura. Brinquei com o clitóris. Os líquidos apareceram e misturaram-se com os pêlos da cona. Lydia gemia cada vez mais. Então ouvi abrir e fechar-se a porta da frente. Ouvi passos. Olhei para cima. Um rapazito negro com cerca de 5 anos ficou em pé, ao lado da cama.

«O que é que tu queres?», perguntei-lhe.

«Tem garrafas vazias?», perguntou-me ele.

«Não, não tenho garrafas vazias», disse eu. Saiu do quarto, atravessou a sala da frente e saiu porta fora.

«Meu Deus», disse Lydia, «pensei que a porta da frente estivesse fechada à chave.

Era o filho de Bonnie.»

Lydia levantou-se e fechou a porta à chave. Voltou e deitou-se. Eram cerca de quatro horas de sábado. Mergulhei de novo na sua gata.

Lydia gostava de festas. E Harry era um excelente anfitrião. Portanto, fomos para casa de Harry Ascot. Harry era o editor de *Retort*, uma pequena revista. A sua mulher vestia longos vestidos transparentes, mostrava as suas calcinhas aos homens e andava descalça.

«A primeira coisa que eu gostei em ti», disse Lydia, «foi não teres uma televisão em tua casa. O meu ex-

marido via televisão todas as noites e durante todo o fim-de-semana.

Tínhamos até que fazer amor em função dos horários dos programas.»

«Hum...»

«Outra coisa que me agradou em tua casa foi a imundície. Garrafas de cerveja pelo chão. Montes de lixo por toda a parte. Pratos sujos, detritos de merda na casa-de-banho e gordura na banheira. E todas aquelas enferrujadas lâminas de barbear espalhadas no lavatório. Eu sabia que tu havias de comer a gatinha.»

«Tu julgas um homem pelo que está à sua volta, não é?»

«Claro. Quando vejo um homem com uma casa limpa, sei que há qualquer coisa que está mal. E se for demasiado limpa, é porque é bicha.»

Chegámos e saímos do carro. O apartamento era no primeiro andar. A música estava alta. Toquei a campainha. Harry Ascot veio abrir a porta. Tinha um sorriso doce e generoso. «Entrem.»

Toda a fauna literária estava presente, a beber vinho, cerveja, a conversar em pequenos grupos, Lydia estava excitada. Olhei em volta e sentei-me. O jantar ia ser servido.

Harry era um bom pescador, era melhor pescador que escritor, e muito melhor pescador do que editor. Os Ascot viviam da pesca, enquanto esperavam que os talentos literários de Harry começassem a trazer algum dinheiro.

Diana, sua mulher, entrou com os pratos de peixe e passou-os à volta. Lydia sentou-se ao pé de mim.

«Olha, é assim que se come peixe. Sou uma rapariga do campo. Repara.»

Abriu o peixe, e fez qualquer coisa na espinha com a faca. O peixe separou-se em dois bocados escorreitos.

«Oh, surpreendente», disse Diana. «De onde é que disse que era?»

«De Utah, Muleshead, Utah. Com cem habitantes. Cresci num rancho. O meu pai era bêbado. Já morreu. Talvez por isso eu esteja com ele...» Ela apontou com o dedo para mim.

Comemos.

Após ter-se comido o peixe, Diana levou as espinhas. Depois veio bolo de chocolate e um forte (e barato) vinho tinto.

«Oh, este bolo é óptimo», disse Lydia, «posso comer outra fatia?.»

«Claro, querida», respondeu Diana.

«Senhor Chinaski», disse uma rapariga de cabelos escuros, do outro lado da sala, «li traduções dos seus livros na Alemanha. Você é muito conhecido na Alemanha.»

«Ainda bem», disse. «Espero que eles me enviem algum dinheiro dos direitos...»

«Por favor», disse Lydia, «não vamos falar sobre essas merdas literárias. Façamos qualquer coisa!» Ela deu um pulo e pôs-se a menear as ancas. «VAMOS DANÇAR!»

Harry Ascot pôs o seu meigo e generoso sorriso, e foi aumentar o som da aparelhagem. Pôs o máximo.

Lydia dançava à volta da sala, e um jovem rapaz loiro com caracóis que se colavam à testa juntou-se a ela.

Começaram a dançar juntos. Outros levantaram-se para dançar. Eu fiquei sentado.

Randy Evans estava sentado ao meu lado. Pude ver que também ele olhava para Lydia. Começou a falar. Falava sem parar. Felizmente eu não conseguia ouvi-lo, a música estava muito alta.

Eu olhava para Lydia a dançar com o rapaz dos caracóis. Lydia estava num frenesim. Os seus movimentos eram quase sexuais. Olhei para as outras raparigas e não me pareceu que dançassem da mesma maneira, mas, pensei eu, é porque eu conheço Lydia e não conheço as outras.

Randy continuava a falar, embora eu não lhe respondesse. A dança terminou e Lydia veio sentar-se ao meu lado.

«Oh, estou arrasada! Acho que não estou em forma.»

Um outro disco caiu no prato, Lydia levantou-se e juntou-sea o rapaz de caracóis loiros. Continuei a beber cerveja e vinho.

Havia muitos discos. Lydia e o rapaz dançavam sem parar no centro da sala, enquanto os outros dançavam à volta deles. E cada dança era mais íntima que a anterior.

Eu continuei a beber cerveja e vinho.

Começou uma dança barulhenta e selvagem... O rapaz de caracóis loiros levantou as duas mãos acima da sua cabeça. Lydia colou-se a ele. Era espectacular, erótico. Levantaram ambas as mãos acima das suas cabeças e colaram os seus corpos, um contra o outro. Corpo contra corpo. Ele dançava, um após outro, os pés para trás. Lydia imitava-o. Olhavam-se nos olhos. Eu tinha que admitir que eles eram bons. O disco continuava. Por fim, acabou.

Lydia veio sentar-se ao pé de mim. «Estou mesmo arrasada.»

«Creio que bebi de mais. Talvez devêssemos sair daqui», disse eu.

«Eu vi-te a emborcar.»

«Vamos embora. Há-de haver outras festas.»

Levantámo-nos para sair. Lydia foi dizer qualquer coisa a Harry e Diana. Quando regressou, dirigimo-nos para a porta. No momento em que eu a abria, o rapaz dos caracóis loiros encaminhou-se para mim.

«Eh, ouve lá, o que é que achas de mim e da tua miúda?»

«São porreiros.»

Quando chegámos cá fora comecei a vomitar, saiu toda a cerveja e todo o vinho.

Saía a jorros e espalhava-se pelo silvado ao longo do passeio - uma golfada ao luar.

Finalmente recompus-me e limpei a boca com a mão.

«Aquele tipo chateou-te, não foi?», perguntou ela.

«Sim.»

«Porquê?»

«Aquilo mais parecia uma foda, ou talvez melhor.»

«Aquilo não queria dizer nada, foi apenas *dançar.*»

«Imagina que eu agarrava uma mulher na rua daquela maneira. Julgas que a música justificava isso?»

«Tu não entendes. Cada vez que eu acabava de dançar, eu vinha sentar-me ao pé de *ti*.»

«OK, OK», disse. «Espera um pouco.» Vomitei outra golfada sobre outro silvado, que estava a morrer. Descemos a colina e deixámos Echo Park em direcção a Hollywood Boulevard.

Entrámos para o carro. Arrancámos e descemos de Hollywood para oeste, em direcção a Vermont.

«Sabes como chamamos a gajos como tu?»

«Não.»

«Chamamos arrasa-festas.»

Começámos a descer sobre Kansas City, o piloto disse que a temperatura era de vinte graus abaixo de zero e eu encontrava-me de casaco e camisa desportivos, calças leves e sapatos de Verão, sem esquecer os buracos nos sapatos. Assim que aterrámos e parámos junto da rampa de desembarque, toda a gente agarrava em sobretudos, luvas, chapéus e cachecóis. Deixei que todos saíssem antes de me abalançar para as escadas. Lá estava Frenchy, que me esperava encostado a uma parede. Frenchy ensinava Arte Dramática e coleccionava livros, sobretudo os meus. «Bem-vindo a Kansas City, Chinaski!», disse ele estendendo-me uma garrafa de tequilha. Dei uma grande golada e segui-o até ao parque de estacionamento. Eu não trazia bagagem, a não ser uma pasta cheia de poemas. Dentro do carro estava quente e agradável e passávamos a garrafa entre nós.

As estradas estavam cobertas de neve.

«Não é toda a gente que pode guiar sobre esta puta de neve», disse Frenchy. «Tem de se saber o que se está a fazer.»

Abri a pasta e comecei a ler a Frenchy um poema que Lydia me tinha dado no aeroporto:

«... o teu caralho púrpura inclinado como um...»

«... quando eu espremo as tuas borbulhas, jactos de pus como esperma...»

«Oh! MERDA!», bramiu Frenchy. O carro deu um pião. Frenchy agarrou-se ao volante.

«Frenchy», disse eu, agarrando na garrafa de tequilha e dando um trago, «não vamos conseguir lá chegar.»

Saímos da estrada e caímos num fosso com um metro que separava as duas vias da auto-estrada. Passei-lhe a garrafa.

Saímos do carro e trepámos o fosso. Pedimos boleia enquanto partilhávamos o que ainda restava na garrafa. Por fim, parou um carro. Um tipo com os seus vinte e cinco anos, bêbedo, estava ao volante.

«Para onde vão?»

«Para uma leitura de poesia», respondeu Frenchy.

«Leitura de poesia?»

«Sim, na Universidade.»

Ele era vendedor de bebidas alcoólicas. O assento de trás do seu carro estava apinhado de caixas de cerveja.

«Bebam uma cerveja», disse ele, «e dêem-me também uma.»

Chegámos. Levou-nos até ao centro do *campus* e estacionou no relvado em frente ao auditório. Estávamos atrasados apenas quinze minutos. Saí, vomitei, e entrámos os três.

Parámos para comprar uma garrafa de *vodka* que me havia de ajudar na leitura.

Li durante vinte minutos, e pousei os poemas. «Esta merda chateia-me», disse,

«falemos uns com os outros.»

Acabei por gritar coisas para a audiência, e eles respondiam-me do mesmo modo. A audiência não era má. Eles faziam aquilo de boa vontade. Ao fim de meia hora, dois professores tiraram-me da sala. «Temos um quarto para si, Chinaski», disse um deles, «no dormitório das mulheres.»

«No dormitório das mulheres?»

«Exactamente, um quarto óptimo.»

... Era verdade. No terceiro andar. Um dos professores tinha trazido uma garrafa de *whisky*. O outro deu-me um cheque pela leitura e pelo bilhete de avião. Sentámo-nos a beber o *whisky* e conversámos. Perdi

os sentidos. Quando retomei a consciência, todos tinham partido, e ainda havia metade do *whisky*. Fiquei ali a beber e a pensar, eh, tu és Chinaski, a lenda Chinaski. Tens uma imagem. E agora estás no dormitório das mulheres.

Centenas de mulheres entre estas paredes, *centenas*.

Tinha apenas vestidos os meus calções e meias. Saí para o corredor e dirigi-me para a porta mais próxima. Bati.

«Eh, eu sou Henry Chinaski, o escritor imortal! Abram! Quero mostrar-vos uma coisa!»

Ouvi as risadinhas das raparigas.

«OK», disse eu, «quantas são aí dentro? Duas? Três? Não importa. Aguento-me com três! Não há problema! Estão a ouvir-me? Abram! Tenho uma enorme coisa vermelha!

Oiçam, vou bater à porta com ela!»

Fechei o punho e bati na porta. Elas continuavam aos risinhos.

«Pronto. Não querem deixar entrar o Chinaski, ha? Então VÃO-SE FODER!»

Tentei na porta seguinte. «Eh, miúdas! Aqui está o melhor poeta dos últimos dezoito séculos! Abram a porta! Vou mostrar-vos uma coisa! Um doce alimento para os lábios das vossas vaginas!»

Tentei na porta seguinte.

Tentei em todas as portas desse andar antes de descer as escadas até ao segundo e bater em todas, para depois tentar nas do primeiro. Tinha o *whisky* comigo, mas fiquei cansado.

Parecia que se tinham passado horas depois de eu ter saído do meu quarto. Bebia enquanto caminhava. Sem sorte.

Tinha-me esquecido onde era o meu quarto e em que andar se situava. Por fim, tudo o que eu desejava era voltar para o quarto. Tentei de novo todas as portas, desta vez silenciosamente, muito consciente dos meus calções e meias. Sem sorte. «Os maiores homens são os mais solitários.»

De volta ao terceiro andar, rodei a maçaneta e a porta abriu-se. Lá estava a pasta dos poemas... os copos vazios, os cinzeiros repletos de beatas... as minhas calças, a camisa, os sapatos e o casaco. Foi uma visão maravilhosa. Fechei a porta, sentei-me na cama e acabei com a garrafa de *whisky* que trazia comigo.

Acordei. Era dia. Eu estava num sítio estranho e limpo, com duas camas, cortinas, televisão e uma banheira. Parecia ser um quarto de motel. Levantei-me e abri a porta. Lá fora havia neve e gelo. Fechei a porta e olhei em volta. Não havia explicação. Não fazia ideia onde me encontrava. Estava com uma terrível ressaca e deprimido. Agarrei no telefone e pedi uma chamada para Los Angeles, para o número de Lydia.

«Querida, não sei onde estou!»

«Pensava que tinhas ido para Kansas City!»

«E vim. Mas agora não sei onde estou, percebes? Abri a porta e olhei e não vi senão estradas geladas, gelo, neve!»

«Onde é que ficaste alojado?»

«A última coisa de que me lembro é que eu tinha um quarto no dormitório das mulheres.»

«Bem, tu provavelmente fizeste uma asneira e puseram-te num motel. Não te preocupes. Alguém irá cuidar de ti.»

«Meu Deus, tu não te preocupas com a minha situação?»

«Fizeste uma asneira, com certeza. Geralmente, fazes sempre asneiras.»

«O que queres dizer com ”geralmente sempre”?»

«Não passas dum bêbedo nojento», disse Lydia. «Toma um banho quente.»

Desligou.

Dirigi-me para a cama e estendi-me. Era um bonito quarto de motel, mas faltava-lhe personalidade. Preferia ficar chateado do que tomar um banho. Pensei em ligar a televisão.

Por fim, adormeci...

Bateram à porta. Lá fora estavam dois jovens muito catitas, prontos a levarem-me para o aeroporto. Sentei-me na borda da cama para me calçar.

«Temos tempo para meter um ou dois no bar do aeroporto antes da partida?», perguntei.

«Claro, Mr. Chinaski», disse um deles, «tudo o que quiser.»

«OK», disse eu. «Então vamo-nos pirar daqui.»

Regressei, fiz amor com Lydia bastantes vezes, discuti com ela, e numa manhã parti do aeroporto de L. A., para fazer uma leitura em Arkansas. Tive a sorte de ter só para mim uma fila inteira de lugares. Se bem entendi, o comandante de bordo apresentou-se como sendo o comandante Winehead. Quando as hospedeiras apareceram, pedi uma bebida.

Tinha a certeza de que conhecia uma das hospedeiras. Ela vivia em Long Beach, lera alguns dos meus livros e tinha-me escrito uma carta acompanhada de uma fotografia e do seu número de telefone. Reconhecia-a pela fotografia. Nunca tivera a oportunidade de a encontrar, mas telefonei-lhe algumas vezes, e numa noite de bebedeira gritámos ao telefone.

Ela ficou à frente, fingindo que não me via, enquanto eu fixava o seu traseiro, as suas pernas e os seus seios.

Almoçámos, vimos a partida de basebol da semana. O vinho que eu tinha bebido depois do almoço queimou-me a garganta, e pedi dois *Bloody Mary.*

Depois de chegarmos a Arkansas, entrei para um pequeno bimotor. Quando as hélices começaram a girar, as asas puseram-se a vibrar, a tremer. Parecia que iam cair.

Descolámos e a hospedeira perguntou se alguém queria uma bebida. Todos nós precisávamos. Ela vacilava e ziguezagueava entre as filas a vender bebidas. Depois, disse bem alto: «ACABEM AS VOSSAS BEBIDAS! VAMOS ATERRAR!». Bebemos e aterrámos. Quinze minutos depois, estávamos de novo no ar. A hospedeira perguntou se alguém queria beber. Todos nós precisávamos de uma. Depois, ela gritou bem alto:

«ACABEM AS VOSSAS BEBIDAS! VAMOS ATERRAR!».

O professor Peter James e a sua mulher, Selma, estavam à minha espera. Selma parecia uma vedeta de cinema, mas com muito mais classe.

«Você está com bom aspecto», disse Pete.

«A sua mulher é que está.»

Pete guiou até casa. Era um edifício de dois andares, e o quarto dos convidados ficava no andar de baixo. Mostraram-me o meu quarto, no rés-do-chão. «Quer comer?», perguntou Pete. «Não, tenho a impressão de que vou vomitar.» Subimos ao primeiro andar.

Atrás do palco, pouco antes da leitura, Pete encheu um jarro com *vodka* e sumo de laranja. «E uma senhora idosa que se encarrega das leituras. Ela teria ficado lixada se soubesse que estiveste a beber. É uma mulher simpática, mas ainda pensa que a poesia deve ser lida sobre crepúsculos e pombas a voar.»

Entrei em cena e li. A sorte acompanhava-me. Eles eram como qualquer outra audiência: não sabiam como receber os bons poemas e dos outros riam-se no momento errado. Continuei a ler e a esvaziar o jarro.

«O que está a beber?»

«Isto», respondi, «é sumo de laranja misturado com vida.»

«Tem namorada?»

«Sou virgem.»

«Porque quis tornar-se escritor?»

«A pergunta seguinte, por favor.»

Li um pouco mais. Disse-lhes que tinha voado com o comandante Winehead e que tinha visto o jogo de basebol da semana. Disse-lhes que, quando estava na posse das minhas capacidades intelectuais, comia uma refeição e que lavava o prato imediatamente a seguir. Li mais alguns poemas. Li até que o jarro ficasse vazio. Depois disse-lhes que a leitura tinha terminado. Distribuí alguns autógrafos e fomos para

uma festa em casa de Pete...

Executei a minha dança indiana, a minha dança do ventre e a dança de eu ao léu. É

difícil beber quando se dança. É difícil dançar, quando se bebe. Pete sabia o que estava a fazer. Ele tinha posto sofás e cadeiras alinhadas para separar os que dançavam dos que bebiam. Cada um podia entregar-se à sua actividade preferida sem chatear os outros.

Pete levantou-se. Olhou para as mulheres presentes na sala. «Qual delas queres?», perguntou. «É tão fácil quanto isso?» «É a hospitalidade sulista.»

Havia uma em que eu tinha reparado, mais velha que as outras, com os dentes saídos. Mas os seus dentes saíam com graciosidade - puxando os lábios para a frente, como uma aberta e apaixonada flor. Eu queria a minha boca sobre aquela boca. Ela vestia uma mini-saia e os *collants* revelavam óptimas pernas que não paravam de se cruzar e descruzar, enquanto lia, bebia e puxava a saia que não queria descer.

Sentei-me ao seu lado. «Eu sou...», comecei por dizer.

«Sei quem você é. Estive na sua leitura.»

«Obrigado. Gostaria de comer a tua gata. Tornei-me muito bom nisso. Deixar-te-ei louca.»

«O que pensa de Allen Ginsberg?»

«Olha, não tentes mudar de conversa. Eu quero a tua boca, as tuas pernas, o teu eu.»

«Está bem», disse ela.

«Até já. Estou no quarto do rés-do-chão.»

Levantei-me e deixei-a para ir beber outro copo. Um tipo novo - com, pelo menos, um metro e noventa - aproximou-se de mim. «Ouve, Chinaski, não acredito nessas tretas de que vives nos subúrbios e conheces todos os *dealers*, chulos, putas, drogados, rufias, brigões e bêbedos...»

«E verdade, em parte.»

«Tretas», disse e pôs-se a andar. Um crítico literário.

Nesse momento, uma loira com dezanove anos e de óculos sem aro aproximou-se de mim. O seu sorriso não se apagava. «Eu quero foder contigo», disse. «E por causa da tua cara.»

«O que tem a minha cara?»

«É magnífica. Quero destruí-la com a minha cona.»

«Pode acontecer o contrário.»

«Não te fies nisso.»

«Tens razão. As conas são indestrutíveis.»

Voltei para o sofá para acariciar as pernas da tipa da mini-saia e de húmidos lábios como uma flor, que se chamava Lillian.

A festa terminou e desci com Lilly. Despimo-nos e sentámo-nos contra as almofadas a beber *vodka* e *cocktails* de *vodka*. Havia um rádio que estava ligado. Lilly disse-me que tinha trabalhado durante anos para permitir que o seu marido acabasse os estudos e que, logo que ele tinha obtido o diploma, se tinha divorciado dela.

«É nojento», disse eu.

«Foste casado?»

«Sim.»

«O que aconteceu?»

«"Crueldade mental", segundo os papéis do divórcio.»

«Foi verdade?», perguntou ela.

«Claro: dos dois lados.»

Beijei Lilly. Era tão bom como havia imaginado. A boca-flor estava aberta.

Enlaçámo-nos e suguei-lhe os dentes. Separámo-nos.

«Penso», disse ela fixando em mim os seus grandes e magníficos olhos, «que tu és um dos dois ou três melhores escribas contemporâneos.»

Desliguei rapidamente a luz da cabeceira. Beijei-a um pouco mais, acariciei-lhe os seios e o corpo, e depois desci mais abaixo. Eu estava bêbedo, mas acho que me saí bem.

Mas depois disto, não consegui mais nada. Andei às voltas, às voltas. Estava com tesão, mas não consegui vir-me. Por fim, caí para o lado e adormeci...

De manhã, Lilly ressonava de costas para baixo. Fui à casa-de-banho mijar, lavar os dentes e a cara. Depois voltei para a cama. Virei-a para mim e comecei a mexer-lhe no sexo. Sempre que estou com ressaca fico cheio de apetite - não para comer, mas para foder.

Foder é o melhor remédio para ressacas. Põe tudo a funcionar de novo. Mas o seu hálito era tão mau, que não quis a sua boca-flor. Montei-a. Ela soltou um pequeno gemido.

Para mim era óptimo. Penso que não lhe dei mais de vinte mocadas, antes de me vir.

Passado um momento, ouvi-a levantar-se e dirigir-se à casa-de-banho. Lillian.

Quando voltou, já lhe tinha virado as costas e estava quase a adormecer.

Passado um quarto de hora, ela saiu da cama e começou a vestir-se.

«Qual é o problema?»

«Tenho de me ir embora. Tenho que levar os meus filhos à escola.»

Lillian fechou a porta e subiu as escadas a correr.

Levantei-me, fui à casa-de-banho e durante um momento olhei para o meu rosto no espelho.

Às dez horas subi para o pequeno-almoço. Encontrei-me com Pete e Selma. Selma estava esplêndida. O que se pode fazer para arranjar uma Selma? Os cães acabam sempre com cães. Selma serviu-nos o pequeno-almoço. Ela era bela e pertencia a um homem, a um professor da faculdade. Não era muito justo. Os sedutores bem educados. A educação era o novo deus, e os homens educados os novos senhores do mundo.

«Foi um pequeno-almoço excepcional», disse-lhes. «Obrigado.»

«Que tal foi Lilly?», perguntou Pete.

«Lilly foi muito boa.»

«Sabes que tens de ler esta noite outra vez. Será numa universidade mais pequena, mais conservadora.»

«Está bem. Terei cuidado.»

«O que vais ler?»

«Coisas velhas, acho.»

Terminámos o café e fomo-nos sentar na sala da frente. O telefone tocou, Pete atendeu, falou e virou-se para mim.

«Um tipo do jornal local que te quer entrevistar. O que é que lhe digo?»

«Diz-lhe que está bem.»

Pete deu-lhe a resposta e depois foi buscar um exemplar do meu último livro e uma caneta. «Pensei que quisesses escrever qualquer coisa para a Lilly.»

Abri o livro na página do título. «Querida Lilly», escrevi. «Farás sempre parte da minha vida. Henry Chinaski.»

Eu e Lydia discutíamos sempre. Ela era uma sedutora e isso irritava-me. Quando íamos jantar a qualquer sítio, eu podia ter a certeza que ela fazia olhinhos a um tipo do outro lado da sala. Quando os meus amigos me vinham visitar e Lydia estava presente, apercebia-me que a sua conversa se tornava cada vez mais íntima e sensual. Ela sentava-se sempre ao pé dos meus amigos, colocando-se o mais perto possível deles. O meu gosto pela bebida irritava-a. Ela gostava de sexo e esse meu pendor não me ajudava nada. «Ou porque estás demasiado bêbedo para foder à noite, ou porque estás demasiado doente para o fazer

de manhã», dizia ela. Lydia podia enfurecer-se se eu bebesse uma garrafa de cerveja à sua frente. Nós separávamo-nos, pelo menos, uma vez por semana - «Para sempre» -, mas arranjávamos sempre maneira de nos encontrarmos. Ela tinha acabado de esculpir a minha cabeça e ofereceu-ma. Quando nos separávamos, punha a cabeça no meu carro, a meu lado, no banco da frente, ia até a casa dela e deixava-a frente à porta, cá fora. Depois telefonava-lhe de uma cabine pública: «A puta da cabeça está em frente da tua porta!». Aquela cabeça ia e vinha sem parar...

Tínhamos acabado de nos separar uma vez mais e eu tinha lá ido deixar a cabeça.

Era um homem livre e bebia. Eu tinha um jovem amigo, Bobby, um puto porreiro que trabalhava numa livraria de livros porno e que, nas horas livres, fazia fotografia. Vivia dois quarteirões depois de mim. Bobby tinha problemas com a mulher, Valerie. Numa noite telefonou-me para dizer que me ia levar Valerie, para passar a noite comigo. Era óptimo o que eu acabava de ouvir. Valerie tinha vinte e dois anos, era absolutamente adorável, com longos cabelos loiros, loucos olhos azuis e um corpo magnífico.

Como Lydia, ela tinha estado numa casa de doidos. Passado um bocado, ouvi-os chegar e parar em frente ao meu apartamento. Valerie saiu do carro. Lembrei-me de que Bobby me havia contado que, quando ele apresentou Valerie aos seus pais, estes tinham feito um reparo sobre o seu vestido - que gostavam muito dele - e que ela havia dito: «Sim, e o que dizem do resto?». Ela levantou o vestido acima das ancas. E não trazia cuecas.

Valerie bateu à porta. Ouvi o carro de Bobby afastar-se. Fi-la entrar. Estava com óptimo aspecto. Preparei dois *whiskies* com água. Nenhum de nós falou. Acabámos de beber e preparei outros dois. Depois, disse eu: «Vamos a um bar». Entrámos no meu carro.

O Glue Machine ficava precisamente à esquina da rua. No início da semana tinham-se recusado a servir-me, mas desta vez nada disseram quando entrámos. Sentámo-nos e pedimos as bebidas. Continuámos sem dizer palavra. Eu olhava apenas para aqueles loucos olhos azuis. Estávamos sentados lado a lado e beijei-a. A sua boca estava fresca e aberta.

Beijei-a outra vez e as nossas pernas apertaram-se mutuamente. Bobby tinha uma mulher espantosa. Bobby era louco em passá-la deste modo.

Decidimos jantar. Pedimos um bife cada um e bebemos e beijámo-nos enquanto esperávamos. A empregada disse: «Oh, estão apaixonados!», e rimo-nos os dois. Quando chegaram os bifes, Valerie disse: «Não tenho vontade de comer o meu».

«Eu também não quero o meu», disse eu.

Passámos uma hora a beber e decidimos depois voltar a minha casa. No momento em que eu parava o carro em frente do meu relvado, vi uma mulher na rua. Era Lydia.

Tinha um envelope na mão. Saí do carro com Valerie e Lydia olhou para nós. «Quem é?», perguntou Valerie. «É a mulher que eu amo», respondi-lhe.

«Quem é essa puta?», gritou Lydia.

Valerie deu meia volta e correu rua abaixo. Eu podia ouvir os seus saltos altos sobre o passeio. «Entra»,

disse à Lydia. Ela seguiu-me.

«Vim cá para te dar esta carta e parece-me que cheguei na melhor altura. Quem era ela?»

«A mulher de Bobby. Somos apenas amigos.»

«Ias foder com ela, não é?»

«Eu disse-lhe que *te* amo.»

«Ias foder com ela, não é?»

«Espera, querida...»

De repente, ela deu-me um empurrão. Eu estava de pé, em frente à mesa de café, colocada frente ao sofá. Caí para trás, sobre a mesa, depois no intervalo que separava a mesa do sofá. Ouvi a campainha da porta. E quando me levantei, ouvi o motor do carro de Lydia. Ela arrancou.

Filho da puta, pensei, há um minuto tinhas duas mulheres *e* agora nenhuma.

Fiquei surpreendido, na manhã seguinte, quando April bateu à porta. April era a rapariga do ATD que tinha estado na festa de Harry Asco t e que saiu com *ofreak*. Eram onze horas da manhã. April entrou e sentou-se.

«Sempre admirei o teu trabalho», disse ela.

Trouxe uma cerveja para ela e outra para mim.

«Deus é um isco no céu», disse ela.

«Perfeitamente», respondi.

April era gorda, mas não demasiado. Ela tinha grandes ancas e um eu enorme, e os seus cabelos caíam direitos.

A sua corpulência tinha algo de simiesco. As suas deficiências intelectuais agradavam-me porque ela não fazia jogos. Cruzou as pernas, mostrando-me enormes flancos brancos.

«Plantei sementes de tomate na cave do prédio em que vivo», disse ela.

«Irei buscar alguns quando crescerem», disse eu.

«Nunca tive carta de condução», disse April. «A minha mãe vive em New Jersey.»

«A minha morreu», disse eu. Levantei-me para me ir sentar no sofá, ao pé dela.

Enlacei-a e beijei-a. Enquanto a beijava, ela olhou-me fixamente nos olhos. Parei. «Vamos foder», disse eu.

«Tenho uma infecção», disse April.

«O que é?»

«É uma espécie de fungos. Nada de grave.»

«Corro o risco de apanhar?»

«É uma espécie de corrimento leitoso.»

«Corro o risco de apanhar?»

«Acho que não.»

«Então vamos foder.»

«Não sei se me apetece foder.»

«Há-de ser bom. Vamos para a cama.»

April caminhou para o quarto e começou a tirar as roupas. Eu tirei as minhas.

Metemo-nos debaixo dos lençóis. Comecei a brincar com o seu sexo e beijei-a. Montei-a.

Foi muito estranho. Era como se a sua cona estivesse na horizontal! Eu sabia que estava lá dentro, tinha de facto a impressão de estar lá dentro, mas continuei a escorregar para a esquerda. Continuei a foder. Era excitante. Acabei e caí para o lado.

Mais tarde levei-a de carro a casa e subi com ela. Falámos durante bastante tempo e antes de partir anotei a sua direcção e o número do apartamento. À entrada do prédio reconheci as caixas do correio. Eu tinha distribuído ali muito correio, quando trabalhei como carteiro. Saí, entrei para o carro e parti.

Lydia tinha dois filhos: Tonto, um rapaz de oito anos, e Lisa, a miúda de cinco anos que tinha interrompido a nossa primeira foda. Uma noite, estávamos todos à mesa, a jantar.

As coisas corriam muito bem entre mim e Lydia, eu ficava quase todas as noites para jantar, passava as noites com ela e regressava a casa por volta das onze da manhã para ler o correio e escrever. As crianças dormiam no quarto ao lado, num colchão de água. Era uma velha e pequena casa que Lydia tinha alugado a um velho lutador japonês, agora reconvertido em imobiliário. Ele estava obviamente interessado em Lydia. Não havia problema. Era uma velha e bonita casa.

«Tonto», disse eu enquanto comíamos, «sabes que, quando a tua mãe grita de noite, não sou eu que bato nela. Tu sabes quem está *realmente* em apuros?»

«Sim, sei.»

«Então, porque não vens em meu auxílio?»

«Ui ui. Eu conheço-a.»

«Escuta, Hank», disse Lydia, «não ponhas as crianças contra mim.»

«Ele é o homem mais feio do *mundo*», disse Lisa.

Eu gostava de Lisa. Ela havia de ser *super sexy,* uma *super sexy* com personalidade.

Depois do jantar, eu e Lydia fomos para o quarto e estendemo-nos. Lydia tinha um fraco por pontos negros e borbulhas. Eu tinha o rosto estragado. Ela virou a lâmpada para o meu rosto e começou. Eu gostava daquilo. Fazia-me formigueiro e por vezes entesava-me.

Muito íntimo. Às vezes, entre duas espremidelas, Lydia dava-me um beijo. Ela começava sempre pelo meu rosto para em seguida passar para as costas e o peito.

«Tu amas-me?»

«Sim.»

«Oh, olha só este!»

Era um ponto negro com uma comprida cauda amarela.

«Nada mal», disse eu.

Ela estava esticada sobre mim. Parou de espremer e olhou para mim.

«Hei-de assistir ao teu enterro, seu grande cabrão.»

Ri-me. Lydia beijou-me.

«Eu hei-de mandar-te de volta para o manicómio», disse-lhe.

«Vira-te. Deixa-me ver as tuas costas.»

Virei-me. Ela espremeu-me no pescoço. «Oh, está aqui um bom! Ele saltou!

Atingiu-me o olho!»

«Devias trazer óculos de protecção.»

«Vamos fazer um pequeno *Henry* Pensa nisso, um pequeno Henry Chinaski!»

«Vamos esperar um pouco.»

«Eu quero um bebé *agora!*»

«Vamos esperar.»

«Tudo o que fazemos é dormir, comer, passear e fazer amor. Parecemos lesmas.

Chamo a isto amor lesma.»

«Eu gosto.»

«Dantes escrevias aqui. Estavas ocupado. Trazias tinta e fazias desenhos. Agora vais para casa e fazes lá todas as coisas interessantes. Aqui só comes e dormes, e vais-te logo embora de manhã. E embrutecedor.»

«Eu gosto.»

«Há meses que não vamos a uma festa! Eu gosto de ver pessoas! Estou *fartai* Tão farta que hei-de enlouquecer! Eu quero fazer coisas! Quero dançar! Eu quero *viver!*»

«Oh, merda.»

«Estás demasiado velho. Só queres estar sentado e criticar tudo e todos. Não queres fazer nada. Nada é bom para ti!»

Rolei sobre a cama e levantei-me. Comecei a enfiar a camisa.

«O que estás a fazer?», perguntou-me.

«Vou-me pôr a andar.»

«Lá estás tu outra vez! Desde que as coisas não corram como tu queres, pulas e corres porta fora. Nunca queres falar sobre as coisas. Vais para casa, embebedas-te e no dia seguinte estás tão doente que julgas que vais morrer. *Então*, telefonas-me!»

«Vou-me embora desta merda!»

«Mas porquê?»

«Não quero ficar onde não sou desejado. Não quero ficar quando sinto que não gostam de mim.»

Lydia esperou. Depois disse: «Está bem. Anda, deita-te. Apagamos a luz e ficamos juntos».

Eu esperei. Depois disse: «Bem, está bem».

Despi-me completamente antes de me enfiar nos lençóis. Encostei o meu flanco contra o de Lydia. Estávamos os dois de costas. Eu ouvia os grilos. Era uma óptima vizinhança. Passaram-se alguns minutos. Disse então Lydia: «Vou ser célebre».

Não respondi. Passaram-se alguns minutos mais. Lydia saltou para fora da cama.

Ela estava nua. Lançou as duas mãos em direcção ao tecto e gritou: «VOU SER

CÉLEBRE! VOU SER MESMO CÉLEBRE! NINGUÉM SABE ATÉ QUE PONTO HEI-DE SER CÉLEBRE!».

«Está bem», disse eu.

Depois, disse numa voz mais baixa: «Tu não percebes. Vou ser célebre. Tenho *mais potencial do* que tu!».

«O potencial», disse eu, «não quer dizer nada. Tu tens de o fazer. quase todos os bebés de têm um potencial mais elevado que o meu.»

«Mas eu VOU conseguir! VOU SER MESMO CÉLEBRE.»

«Está bem. Mas entretanto vem para a cama.»

Lydia deitou-se. Não nos beijámos. Não íamos fazer sexo. Sentia-me fatigado.

Escutei os grilos. Não sei quanto tempo passou. Não tinha adormecido completamente quando Lydia, de repente, se sentou direita na cama. E gritou. Era um grito altíssimo.

«O que se passa?», perguntei. «Cala-te.»

Esperei. Lydia continuou sentada, imóvel, durante dez minutos. Depois encostou-se na almofada.

«Eu vi Deus», disse ela, «acabei de ver Deus.»

«Ouve, sua puta, tu pões-me maluco!»

Levantei-me e comecei a vestir-me. Estava louco. Não conseguia encontrar as calças. Que vão para o diabo, pensei. Deixei-as ficar. Tinha vestido toda a roupa e estava sentado na cadeira a pôr os sapatos nos meus pés nus.

«O que estás a fazer?», perguntou Lydia.

Não consegui responder. Dirigi-me para a porta da frente. O meu casaco estava pousado na cadeira, agarrei-o e vesti-o. Lydia correu para a porta. Tinha posto o seu robe azul e umas calcinhas. Estava descalça. Lydia tinha os tornozelos grossos. Habitualmente usava botas para os esconder.

«TU NÃO TE VAIS EMBORA!», gritou-me.

«Merda, vou-me embora daqui.»

Ela saltou para cima de mim. Atacava-me quando eu estava bêbedo. Eu estava sóbrio. Desviei-me e ela aterrou no chão, de costas. Passei por cima dela para me dirigir à porta. Estava com uma raiva demente, rosnava, arreganhava os dentes. Parecia um leopardo. Olhei para ela estendida. Senti-me seguro com ela por terra. Ela emitiu um rugido e no momento em que me ia embora ergueu o braço e enfiou as unhas na manga do meu casaco, puxou e arrancou-a do meu braço, à altura do ombro.

«Meu Deus», disse eu, «vê o que fizeste ao meu novo casaco! Acabei de o comprar!»

Abri a porta e saí com um braço despido. Tinha acabado de abrir a porta do carro quando ouvi os seus pés nus no asfalto, por trás de mim. Meti-me no carro e tranquei a porta. Pus o motor a trabalhar.

«VOU MATAR ESTE CARRO!», gritava ela. «VOU MATAR ESTE CARRO!»

Os seus punhos batiam na capota, no tejadilho, no pára-brisas. Retirei o carro muito lentamente para não magoar Lydia. O meu Mercury Comet de 62 tinha pifado e tinha comprado recentemente um Volks de 67.

Mantinha-o brilhante e encerado. Tinha até um espanador no porta-luvas. Enquanto me afastava, Lydia continuava a bater no carro com os punhos. Quando estava já afastado dela, meti a segunda. Olhei para o retrovisor e vi-a de pé, sozinha ao luar, imóvel no seu roupão azul e de calcinhas. O meu estômago começou a crispar-se e a girar. Senti-me doente, inútil, triste. Estava apaixonado por ela.

Fui para casa e comecei a beber. Liguei o rádio e encontrei música clássica. Tirei do escritório a minha lanterna Coleman. Apaguei todas as luzes e sentei-me a brincar com a lanterna. Podem-se fazer proezas com uma lanterna Coleman. Como por exemplo apagá-la e depois acendê-la e ver o calor da mecha reacendê-la. Eu gostava também de bombear a lanterna para aumentar a pressão. E havia simplesmente o prazer de olhar para ela. Eu bebia a olhar para a lanterna, ouvia música e fumava um cigarro.

O telefone tocou. Era Lydia.

«O que estás a fazer?», perguntou. «Estou sentado.»

«Estás sentado a beber, a ouvir uma sinfonia e a brincar com essa maldita lanterna Coleman!» «Isso.»

«Tu voltas?»

«Não.»

«Está bem, bebe, BEBE! MATA-TE! ESTOU-ME CAGANDO!»

Lydia desligou, assim como eu. Algo me dizia que ela estava mais preocupada com a sua próxima foda do que com a minha possível morte. Mas eu precisava de férias. Tinha necessidade de repouso. Lydia gostava de foder pelo menos cinco vezes por semana. Eu preferia três. Levantei-me para ir para a cozinha, onde estava pousada na mesa a minha máquina de escrever. Acendi a luz, sentei-me e dactilografei uma carta de quatro páginas para Lydia. Depois fui procurar à casa-de-banho uma lâmina de barbear, voltei, sentei-me e tomei outra bebida. Agarrei na lâmina e cortei o dedo médio da mão direita. O sangue correu. Assinei o meu nome em letras de sangue.

Fui até à caixa de correio da esquina e enfiei a carta. O telefone tocou várias vezes.

Era Lydia. Ela gritava.

«Vou sair e DANÇAR! Não vou ficar sentada enquanto bebes.»

Eu disse-lhe: «Ages como se, ao beber, eu saísse com outra mulher».

«E pior!»

Ela desligou.

Continuei a beber. Não me apetecia dormir. Veio a meia-noite, depois a uma, as duas da manhã. A lanterna continuava a arder...

Às três e meia da manhã o telefone tocou. Lydia outra vez.

«Continuas a beber?»

«Claro.»

«Seu filho da puta!»

«Quando ligaste, eu preparava-me para tirar o celofane duma garrafa de Cutty Sark.

É linda. Devias ver!»

Desligou violentamente. Servi outra bebida. Havia boa música na rádio. Instalei-me.

Sentia-me bem.

A porta abriu-se violentamente e Lydia entrou de rompante na sala. Ela arfava. A garrafa estava na mesa de café. Ela viu-a e arrebatou-a. Dei um pulo e agarrei Lydia.

Quando eu estava bêbedo e ela com a crise ficávamos em pé de igualdade.

Ela mantinha a garrafa no ar, longe de mim, e tentava sair com ela. Agarrei o braço que sustinha a garrafa e tentei arrancar-lha.

«SUA PUTA! NÃO TENS O DIREITO! DÁ-ME A MERDA DA GARRAFA!»

Depois encontrámo-nos na varanda, a lutar. Tropeçámos nas escadas antes de cairmos no chão. A garrafa voou e partiu-se no cimento. Lydia ergueu-se e correu. Ouvi o carro a trabalhar. Eu, estendido no chão, olhava para a garrafa partida. Estava a meio passo de mim. Lydia arrancou. A lua ainda estava alta. No fundo que restava da garrafa vi um trago de *whisky*. Ainda deitado, estendi o braço e levantei-o à altura da boca. Um grande caco de vidro quase me entrou num dos olhos quando bebia o resto do *whisky*. Depois levantei-me e entrei em casa. Tinha uma sede terrível. Andei à procura de garrafas de cerveja e bebi os restos. Às tantas, fiquei com a boca cheia de cinza, pois muitas das vezes utilizava as garrafas de cerveja como cinzeiro. Eram quatro e catorze da manhã. Sentei-me a olhar para o relógio. Era como se estivesse de novo a trabalhar nos correios. O tempo era quase imóvel, enquanto a existência se transformava numa insuportável pulsação.

Esperava. Esperava. Esperava. Esperava. Por fim, eram seis horas. Dirigi-me para a loja das bebidas da esquina. Um empregado estava a abri-la. Deixou-me entrar. Comprei outra garrafa de Cutty Sark Regressei a casa, fechei a porta à chave e telefonei para Lydia.

«Tenho aqui uma garrafa de Cutty Sark e estou a retirar-lhe o celofane. Vou beber um copo. E a loja de bebidas ficará aberta durante vinte horas.»

Ela desligou. Servi-me dum copo e depois fui para o quarto, estendi-me na cama sem me despir.

Uma semana mais tarde, descia eu de carro Hollywood Boulevard com Lydia. Um jornal semanário de espectáculos que se publicava na altura na Califórnia tinha-me pedido que escrevesse um artigo sobre a vida de um escritor em Los Angeles. Escrevi-o e ia entregá-lo aos escritórios do jornal. Parei o carro no parque de estacionamento de Mosley Square. Mosley Square era um grupo de *bungalows* transformados em escritórios pelas editoras de música, por agentes, promotores, etc. As rendas eram muito elevadas.

Entrámos num *bungalow*. Uma bela rapariga, educada e calma, estava atrás da secretária.

«Eu sou Chinaski», disse, «e aqui está o meu artigo.»

Atirei-o para cima da secretária.

«Oh, senhor Chinaski, sempre admirei muito o seu trabalho.»

«Tem algo que se beba?»

«Um momento...»

Ela subiu uma escada alcatifada e regressou com uma garrafa de vinho tinto bastante caro. Abriu-a e tirou copos de um bar escondido. Como gostava de a levar para a cama, pensei. Mas não havia hipótese. Portanto, alguém havia de ir para a cama com ela regularmente.

Sentámo-nos e bebemos o vinho.

«Dar-lhe-emos em breve a nossa opinião sobre o artigo. Mas tenho a certeza que ficamos com ele... Você não imagina a ideia que eu tinha de si...»

«O que quer dizer?»

«A sua voz é tão doce. Tem um ar tão simpático.»

Lydia riu-se. Acabámos de beber o vinho e partimos.

Quando nos dirigíamos para o meu carro ouvi uma voz: «Hank!».

Voltei-me e vi Dee Bronson sentada num Mercedes novo. Fui ao seu encontro.

«Como vai isso, Dee Dee?»

«Bastante bem. Deixei a Capitol Records. Agora dirijo aquela casa, acolá.» E

apontou. Era uma outra casa discográfica, bastante conhecida, que tinha a sede em Londres.

Dee Dee ia muitas vezes a minha casa com o seu namorado, quando ele e eu éramos colunistas de um jornal marginal de Los Angeles.

«Meu Deus, estás com um ar porreiro», disse eu.

«Sim, só que...»

«Só que o quê?»

«Só que preciso de um homem. Um tipo fixe.»

«Bem, dá-me o teu número de telefone e talvez te encontre um.»

«Está bem.»

Dee Dee escreveu o seu número de telefone numa tira de papel que pus na minha carteira. Lydia e eu regressámos ao meu velho Volks. «Vais telefonar-lhe», disse Lydia.

«Vais servir-te desse número.»

Pus o carro a trabalhar e fui por Hollywood Boulevard.

«Vais servir-te desse número. Tenho a certeza de que te vais servir desse número.»

«Pára com essa merda!», respondi.

Mais uma péssima noite em perspectiva.

Tivemos outra zanga. Mais tarde regressei a casa, mas não me apetecia ficar ali sozinho a beber.

Havia corridas nocturnas a trote atrelado. Agarrei numa garrafa e fui para as corridas. Cheguei cedo e escolhi os meus cavalos. Quando acabou a primeira corrida já se tinha ido mais de metade da garrafa. Misturei o resto com café quente e aquilo escorregava bem.

Ganhei três das quatro primeiras corridas. Depois ganhei uma *exacta* e ao fim da quinta corrida tinha perto de duzentos dólares. Fui ao bar e consultei o quadro dos prémios.

Nessa noite tive direito ao que eu chamava «um bom prémio». Lydia teria ficado louca de raiva se me tivesse visto arrebatai" toda aquela massa. Ela não gostava quando eu ganhava, sobretudo quando era ela a perder.

Continuei a beber e a ganhar. Ao fim da nona, tinha mais novecentos e cinquenta dólares e estava bastante bêbedo. Pus a carteira num bolso interior e dirigi-me devagar para o carro.

Sentei-me nele a ver os que perderam deixarem o parque de estacionamento. Fiquei ali sentado até o trânsito escassear e só então pus o motor a trabalhar. Mesmo à saída da pista de corridas havia um supermercado. Vi, numa das saídas do parque de estacionamento, uma cabine telefónica iluminada, dirigi-me para lá, saí, e marquei o número de Lydia.

«Escuta», disse eu, «escuta minha puta. Esta noite fui às corridas de atrelado e ganhei novecentos e cinquenta dólares. Ganhei! Sempre fui um vencedor! Pronto, acabou-se! Quero acabar! É isso! Não preciso de ti e dos teus jogos de merda! Entendes? Recebeste a mensagem? Ou será que a tua cabeça é mais espessa que os tornozelos?»

«Hank...»

«Sim?»

«Não sou a Lydia. Sou a Bonnie. Estou a tomar conta dos filhos dela. Ela saiu.»

Desliguei e voltei para o carro.

Lydia telefonou-me de manhã. «Sempre que estiveres bêbedo saio para ir dançar.

Ontem à noite fui a Red Umbrella e convidei homens para dançarem comigo. Uma mulher tem o direito de fazer isso.»

«Es uma puta.»

«Ah, sim? Bem, se há algo pior que uma puta é um chato.»

«Se há algo pior que um chato é uma puta chata.»

«Se não queres a minha rata, ofereço-a a outro.»

«E tua obrigação.»

«Depois de ter dançado, fui ver o Marvin. Queria pedir-lhe a direcção da namorada para ir visitá-la. Francine. Tu mesmo foste vê-la numa noite.»

«Ouve, nunca fodi com ela. Depois da festa estava demasiado bêbedo para conduzir.

Nem sequer nos beijámos. Ela deixou-me dormir no sofá e de manhã fui para casa.»

«De qualquer modo, depois de estar com Marvin, perdi todo o interesse em perguntar-lhe a direcção de Francine.»

Os pais de Marvin tinham dinheiro. Ele tinha uma casa à beira-mar. Marvin escrevia poesia melhor do que muitos. Eu gostava dele.

«Espero que tenhas passado uma noite agradável», e desliguei.

Mal desliguei o telefone tocou outra vez. Era Marvin. «Eh, imagina quem cá veio a noite passada? Lydia. Bateu à janela e deixei-a entrar. Deixou-me...»

«OK, Marvin. Compreendo. Não te culpo.»

«Não estás bêbedo?»

«Para ti, não»

«Bom, então...»

Agarrei na escultura e meti-a no carro. Fui para casa de Lydia e pus a cabeça à porta das escadas. Não toquei à campainha. Ia-me embora quando ela saiu.

«Porque és tão cretino?», perguntou-me.

Virei-me. «Não sabes escolher. Para ti qualquer um te serve. Não aturo mais a tua estupidez.»

«Nem eu!», gritou e fechou a porta.

Voltei para o carro e liguei. Meti a primeira. Não se mexeu. Tentei a marcha-atrás.

O carro recuou. Travei e tentei mais uma vez a primeira. Não se mexeu. Eu ainda estava furioso com Lydia e pensei, bem, vou de marcha-atrás até casa. Depois pensei nos polícias que haviam de mandar-me parar para perguntar que raio estava eu a fazer. Pois, senhor guarda, tive uma zanga com a minha namorada e esta era a única maneira de eu regressar a casa.

Já não me sentia enfurecido com Lydia. Saí do carro e dirigi-me à sua porta. Ela tinha levado a cabeça. Bati. Lydia abriu a porta. «És feiticeira?», perguntei.

«Não, sou puta, lembras-te?»

«Tens de me levar a casa. O meu carro só anda para trás. Aquela porcaria está enfeitiçada.»

«Estás a falar a sério?»

«Anda, eu mostro-te.»

Lydia seguiu-me. «A caixa de velocidades funcionava perfeitamente. E de repente, o carro recusa-se a andar, só anda de marcha-atrás. Ia para casa assim.»

Entrei. «Repara.»

Liguei o carro, meti a primeira e larguei a embraiagem. O carro avançou. Meti a segunda e acelerou. Meti a terceira. Andou perfeitamente. Dei meia volta e parei do outro lado da rua. Lydia aproximou-se.

«Ouve», disse eu, «tens de acreditar em mim. Há um minuto não andava senão em marcha-atrás e agora está bem. Por favor, acredita.»

«Acredito. Deus é culpado. Acredito em coisas deste género.»

«Isto deve querer dizer qualquer coisa.»

«Claro.»

Saí do carro. Entrámos em casa.

«Tira a camisa e os sapatos», disse ela, «e estende-te na cama. Quero espremer os teus pontos negros.»

O antigo lutador japonês vendeu a casa de Lydia. Ela tinha de sair. Lydia, Tonto, Lisa e o cão, *Bugbutt*. Em Los Angeles, a maior parte dos proprietários afixam o mesmo aviso: SÓ ADULTOS. Com duas crianças e um cão era muito difícil. Só o seu aspecto poderia ajudá-la. Era necessário encontrar *um* proprietário.

Andei com eles por toda a cidade. Sem resultado. Depois escondi-me no carro. Não resultou. Enquanto guiava, Lydia gritava pela janela: «Não há *ninguém* nesta cidade que alugue uma casa a uma mulher com duas crianças e um cão?».

Inesperadamente, vagou um apartamento ao pé de mim. Vi as pessoas mudarem-se e fui logo falar com Mrs. O’Keefe.

«Escute, a minha namorada precisa de um sítio para viver.

Ela tem dois filhos e um cão, e são bem comportados. Deixa mudarem-se para cá?»

«Já vi essa mulher. Ainda não reparou nos seus olhos? Ela é maluca.»

«Bem sei que é maluca. Mas preocupo-me com ela. Tem boas qualidades, a sério.»

«Ela é muito nova para si. O que é que você vai fazer com uma mulher tão nova assim?»

Ri-me.

Mr. O'Keefe apareceu por trás da mulher. Olhou-me através da porta de rede. «É

uma fodilhona de primeira, é tudo. É só isso, é uma fodilhona de primeira.»

«O que tem isso?», perguntei.

«Está bem», disse Mrs. O'Keefe. «Que venha...»

Lydia alugou uma camioneta e ajudei-a a mudar-se. Era sobretudo roupas, todas as cabeças que tinha esculpido e uma enorme máquina de lavar.

«Não gosto de Mrs. O'Keefe», disse-me ela. «O marido parece simpático, mas não gosto dela.»

«É uma boa católica. E tu precisas dum sítio para viver.»

«Não te quero a beber com aquela gente. Querem destruir-te.»

«Só pago oitenta e cinco dólares de renda. Eles tratam-me como um filho. Tenho que beber uma cerveja com eles de vez em quando.»

«Filho, uma *merda* Es tão velho quanto eles.»

Passaram-se quase três semanas. Era um fim de manhã de sábado. Não tinha ido dormir na noite anterior a casa de Lydia. Tomei banho, bebi uma cerveja e vesti-me.

Detestava os fins-de-semana. Estava toda a gente nas estradas. Jogavam pingue-pongue ou aparavam a relva, limpavam os canos ou iam ao supermercado, iam para a praia ou para o parque. Gente por todo o lado. Segunda-feira era o meu dia preferido. Toda a gente regressava ao trabalho e tornava-se invisível. Decidi ir às corridas de cavalos, apesar da multidão. Talvez ajudasse a matar o sábado. Comi um ovo cozido, bebi outra cerveja, saí e fechei a porta à chave. Lydia estava cá fora a brincar com o cão, *Bugbutt*.

«Olá», disse ela.

«Olá. Vou às corridas.»

Lydia veio ter comigo. «Sabes qual o efeito das corridas sobre ti.»

Ela queria dizer que eu, depois das corridas, estava sempre demasiado cansado para fazer amor.

«Estavas bêbedo ontem à noite. Foste horrível. Assustaste a Lisa. Tive que te pôr lá fora.»

«Vou às corridas.»

«Está bem, continua e vai às corridas. Mas se fores, não estarei cá quando voltares.»

Entrei para o carro que estava estacionado em frente do relvado. Abri as janelas e liguei o motor. Lydia estava em pé, no passeio. Disse-lhe adeus e parti. Estava um belo dia de Verão. Dirigi-me para Hollywood Park. Tinha um novo sistema. Cada novo sistema aproximava-me cada vez mais da riqueza. Era simplesmente uma questão de tempo.

Perdi quarenta dólares e regressei a casa. Estacionei o carro no relvado e saí.

Quando ia a contornar a varanda para a minha porta, Mrs. O'Keefe veio ao meu encontro.

«Ela foi-se embora!»

«O quê?»

«A sua namorada. Foi-se embora!»

Não respondi.

«Ela alugou uma camioneta e carregou as coisas. Estava furiosa. Sabe, aquela enorme máquina de lavar?»

«Sim.»

«Bem, aquela coisa é pesada. Não consegui levantá-la. Ela recusou a ajuda do rapaz.

Ela ergueu aquilo e pôs dentro da camioneta. Depois fez subir os miúdos, o cão e partiu.

Tinha ainda direito a uma semana.»

«Está bem, Mrs. O'Keefe. Obrigado.»

«Vem beber um copo esta noite?»

«Não sei.»

«Tente aparecer.»

Abri a porta e entrei. Tinha-lhe emprestado um aparelho de ar condicionado. Estava em cima de uma cadeira, fora da despensa. Havia um bilhete e umas calcinhas azuis. O

bilhete era uma gatafunhada feroz:

Cabrão, aqui está o teu ar condicionado. Parti. Parti para meu bem, seu filho da puta! Quando te sentires

só podes menear-te com estas calcinhas.

Lydia.

Fui ao frigorífico buscar uma cerveja. Bebi-a e dirigi-me ao ar condicionado.

Agarrei nas calcinhas e perguntava-me se aquilo havia de resultar. Depois disse «Merda!» e lancei-as ao chão.

Fui ao telefone e marquei o número de Dee Dee Bronson. Ela estava em casa. «Está lá?»

«Dee Dee, é o Hank...»

Dee Dee vivia em Hollywood Hills. Dee Dee partilhava a casa com uma amiga, outra executiva, Bianca. Bianca ocupava o primeiro andar e Dee Dee o de baixo.

Toquei à campainha. Eram oito e meia quando Dee Dee abriu a porta. Tinha cerca de quarenta anos, cabelo rapado e negro, era judia, bem informada, *freak*. Adorava Nova Iorque, conhecia toda a gente: os melhores editores, os melhores poetas, os mais talentosos caricaturistas, os revolucionários mais conhecidos, não importava quem, toda a gente.

Fumava erva constantemente e comportava-se como se estivesse no início dos anos sessenta, na época do Amor, quando era menos conhecida e muito mais bonita.

Uma longa série de más relações amorosas tinham acabado com ela. Agora estava em frente à sua porta. Era ainda um bom pedaço. Era pequena mas bem fornecida de carnes e bastantes raparigas haviam de gostar de ter a sua figura.

Entrei. «Então a Lydia deixou-te?», perguntou Dee Dee.

«Penso que foi para Utah. A dança de 4 de Julho em Muleshead é em breve. Ela nunca falta.»

Sentei-me na cozinha enquanto Dee Dee desarrolhava uma garrafa de vinho tinto.

«Sentes a falta dela?»

«Meu Deus, claro. Tenho vontade de chorar. Tenho a barriga às voltas. Talvez não consiga suportar o golpe.»

«Hás-de conseguir. Vamos fazer esquecer-te de Lydia. Vamos ajudar-te a saíres dessa.»

«Sabes como me sinto?»

«Isso já nos aconteceu algumas vezes.»

«Aquela puta nunca se preocupou comigo.»

«Claro que se preocupou e ainda se preocupa.»

Pensei que era muito melhor estar ali, na enorme casa de Dee Dee, em Hollywood Hills, do que estar sentado e só no meu apartamento a matutar.

«Eu não devo saber relacionar-me com mulheres», disse eu.

«Sabes dar-te muito bem com as mulheres. E és um escritor formidável», disse Dee Dee.

«Gostaria de saber relacionar-me com mulheres.»

Dee Dee estava a acender um cigarro. Esperei que o fizesse, debrucei-me sobre a mesa e dei-lhe um beijo. «Sinto-me bem ao pé de ti. Lydia estava sempre a contra-atacar.»

«Isso não quer dizer o que pensas.»

«Mas pode tornar-se desagradável.»

«De acordo.»

«Já encontraste um namorado?»

«Ainda não.»

«Gosto desta casa. Como consegues mante-la limpa e arrumada?»

«Temos uma criada.»

«Sim?»

«Hás-de gostar dela. E uma preta enorme, e mal eu saio, faz o trabalho o mais depressa que pode. Depois vai para a cama, come bolinhos e vê televisão. Encontro todas as noites migalhas na cama. Amanhã de manhã, antes de eu sair, pedir-lhe-ei que te prepare o pequeno-almoço.»

«Está bem.»

«Sabes, acho que estive sempre apaixonada por ti.»

«O quê?»

«Há anos. Sabes, quando eu ia a tua casa, primeiro com o Bernie e depois com o Jack, já te desejava. Mas nunca reparaste em mim. Estavas sempre a beber cerveja ou obcecado com qualquer coisa.»

«Doido, penso, quase doido. E a loucura dos serviços postais. Desculpa-me por nunca ter reparado em ti.»

«Agora podes fazê-lo.»

Dee Dee encheu outro copo de vinho. Era um vinho óptimo. Eu gostava dela. Era bom ter um lugar para onde ir quando as coisas estavam mal. Lembrei-me das primeiras vezes em que as coisas iam mal e não tinha sítio para onde ir. Talvez isso me tenha feito bem. Dantes era assim. Mas agora não estava

interessado no que era bom para mim. Estava sobretudo interessado em como me sentia e em como evitar sofrer quando as coisas corriam mal. Sobretudo como sentir-me bem de novo.

«Não quero foder-te, Dee Dee. Nem sempre fui bom para as mulheres.»

«Já te disse que te amo.»

«Não faças isso. Não me ames.»

«Está bem», disse ela, «não te amarei. Amar-te-ei quase. Está bem assim?»

«Melhor assim.»

Acabámos de beber o vinho e fomos para a cama...

De manhã, Dee Dee levou-me a tomar o pequeno-almoço a Sunset Strip. O

Mercedes era negro e brilhava ao sol. Passámos os cartazes publicitários, os clubes nocturnos e os restaurantes de luxo. Estendido no meu lugar, tossia por causa do cigarro.

Pensei, bem, as coisas já estiveram pior. Uma ou duas cenas passaram-me pela cabeça.

Num Inverno, em Atlanta, eu estava enregelado, era meia-noite, não tinha dinheiro, lugar para dormir, e subi as escadas duma igreja na esperança de entrar e de me aquecer. Doutra vez, em El Paso, estava a dormir num banco de jardim e fui acordado por um polícia que batia com o cacete nas solas dos meus sapatos. Continuava a pensar em Lydia. Os melhores momentos da nossa relação pareciam um rato que andava a roer o interior do meu estômago.

Dee Dee parou em frente de um restaurante de luxo. Havia um pátio ensolarado com mesas e cadeiras em que as pessoas se sentavam a comer, a conversar e a beber café.

Passámos diante de um preto com *botas, jeans* e um pesado fio de prata à volta do pescoço.

O seu capacete de motorizada, óculos e luvas estavam em cima da mesa. Estava acompanhado por uma rapariga elegante e loira que vestia uma camisola cor de menta e chupava o seu pequeno dedo. O restaurante estava cheio. As pessoas tinham um ar jovem, lavado e doce. Ninguém olhou para nós. Toda a gente conversava calmamente.

Entrámos e um rapaz magro e pálido de nádegas pequenas, metido numas calças prateadas, com um cinto enorme e de camisa dourada, conduziu-nos à mesa. Tinha nas orelhas perfuradas pequenos brincos azuis. O bigode fino como um traço de lápis parecia de cor violeta.

«Dee Dee, o que se passa?», perguntou ele.

«Pequeno-almoço, Donny.»

«Uma bebida, Donny», disse eu.

«Sei do que ele precisa, Donny. Traz-lhe um *Golden Flower* duplo.»

Encomendámos o pequeno-almoço e Dee Dee disse: «Vai demorar um pouco. Aqui fazem tudo na altura».

«Não gastes muito, Dee.»

«Gasto sempre muito.»

E tirou um pequeno livro negro. «Agora, vejamos. Com quem vou almoçar? Elton John?»

«Penso que ele está em África...»

«Oh!, tens razão. Então que tal o Cat Stevens?»

«Quem é?»

«Não conheces?»

«Não.»

«Bem, fui eu quem descobriu. Tu serás Cat Stevens.»

Donny trouxe a bebida e ficou a conversar com Dee Dee. Parecia conhecerem as mesmas pessoas. Eu não conhecia ninguém. Era necessário muito para me excitar. Não me preocupava.

Eu não gostava de Nova Iorque. Não gostava de Hollywood. Não gostava de rock.

Não gostava de nada. Talvez tivesse medo. É isso - tinha medo. Queria sentir-me sozinho num quarto com os estores fechados. Eu era doido. E Lydia tinha partido.

Acabei de beber e Dee Dee pediu outra. Comecei a sentir-me na pele de chulo e era agradável. Cortou-me a tristeza. Não há nada pior do que estar-se mal e ser-se deixado pela mulher. Sem nada para beber, sem trabalho, apenas as paredes, olhar para elas e pensar. É

assim que elas regressam, mas isto também as magoa e enfraquece.

O pequeno-almoço foi óptimo. Ovos guarnecidos com vários frutos... ananás, pêssego, pêra... nozes raspadas, bem preparado. Foi um pequeno-almoço óptimo.

Acabámos de comer e Dee Dee pediu-me outra bebida. Não deixava de pensar em Lydia, embora Dee Dee fosse simpática. A sua conversa era encantadora e cheia de espírito.

Conseguiu mesmo fazer-me rir, o que eu precisava. O meu riso estava todo dentro de mim à espera duma ocasião para sair. Ah, ah, ah, ah! ai meu Deus, ai meu Ah, ah, ah, ah! Fazia tão bem quando me ria. Dee Dee sabia que isso acontecia a toda a gente.

As nossas vidas não eram assim tão diferentes - mesmo que gostássemos de assim pensar.

A dor é uma coisa estranha. Um gato que mata um pássaro, um acidente de automóvel, um incêndio... A dor chega, BANG, e eis que ela te atinge. E real. E aos olhos de qualquer pessoa pareces um estúpido. Como se te tornasses, de repente, num idiota. E

não há cura para isso, a menos que encontres alguém que compreenda o que sentes e te saiba ajudar.

Voltámos para o carro. «Sei precisamente o que fazer para te levantar o moral», disse Dee Dee. Não respondi. Preocupavam-se comigo como se fosse inválido. O que afinal era.

Pedi-lhe que parasse num bar. Num dos seus. O *barman* conhecia-a.

«É aqui que a maior parte dos argumentistas se pavoneiam. E alguns actores secundários.»

Detestei-os logo, com os seus tiques e ares superiores. Eles diminuíam-se uns aos outros. A pior coisa para um escritor é conhecer outro escritor, e pior do que isso, conhecer muitos escritores. São como moscas em cima de merda.

«Vamos arranjar uma mesa», disse eu. Lá estava eu, um escritor de sessenta e cinco dólares por semana, sentado com outros escritores, de mil dólares por semana. Lydia, pensei, continuo a subir. Terás muita inveja. Um dia, hei-de frequentar restaurantes de luxo e ser reconhecido. Terão uma mesa reservada para mim, ao fundo da sala, perto da cozinha.

Tomámos as bebidas e Dee Dee olhou para mim. «Tu lambes muito bem. De todos os homens que conheci, és tu quem melhor sabe fazer minete.»

«Lydia ensinou-me. Depois acrescentei alguns toques pessoais.»

Um jovem rapaz escuro deu um salto e veio para a nossa mesa. Era de Nova Iorque, escrevia para o *Village Voice* e outros jornais de Nova Iorque. Ele e Dee Dee trocaram algumas direcções e nomes e depois perguntou-lhe: «O que faz o teu marido?».

«Tenho um ginásio», respondi. «De *boxeurs*. Quatro bons rapazes mexicanos. E um negro, um verdadeiro dançarino. Quanto pesas?»

«Setenta e nove. Foste *boxeur?* Tens cara de quem levou alguns.»

«Levei, de facto. Posso meter-te na categoria dos 67. Preciso de um peso ligeiro esquerdino.»

«Como sabes que eu era esquerdino?»

«Porque tens o cigarro na mão esquerda. Aparece por lá no ginásio de Main Street.

Segunda de manhã. Começamos logo com o teu treino. Nada de cigarros. Deita fora essa merda!»

«Olha, meu, eu sou escritor. Sirvo-me da máquina de escrever. Nunca leste coisas minhas?»

«Só leio jornais regionais - assassínios, violações, resultados dos combates, fraudes, desastres de avião e os conselhos de Ann Landers.»

«Dee Dee», disse ele, «daqui a meia hora tenho uma entrevista com o Rod Stewart.

Tenho de ir.» Partiu.

Dee Dee pediu outra rodada. «Porque é que não és simpático para as pessoas?»

«Medo», respondi.

«Cá estamos», disse ela ao entrarmos de carro no cemitério de Hollywood.

«Bonito», disse eu, «é de facto bonito. Tinha-me esquecido da morte completamente.»

Demos uma volta de carro. A maior parte das sepulturas situavam-se acima do nível do chão. Pareciam pequenas casas com pilares e escadas. Tinham uma porta de ferro. Dee Dee estacionou e saímos. Experimentou uma das portas. Olhei para o seu traseiro a agitar-se enquanto tentava abri-la. Pensei em Nietzsche. Um duo sagrado: um cavalo germânico e uma égua judia. A Alemanha havia de me adorar.

Entrámos para o Mercedes Benz e Dee Dee parou-o frente a um dos maiores sectores. Os mortos estavam todos enfiados nas paredes. Filas e filas deles. Alguns tinham flores em pequenos vasos, mas a maior parte delas estavam secas. A maioria dos nichos não tinha flores. Em alguns casos, marido e mulher repousavam lado a lado. Noutros, estavam vazios, à espera. De qualquer modo, era sempre o marido que estava morto.

Dee Dee agarrou-me na mão e levou-me para mais longe. Quase ao fundo, lá estava ele, Rudolfo Valentino.

Morto em 1926. Não viveu muito tempo. Decidi viver pelo menos até aos oitenta.

Imagino-me com 80 anos e a foder uma miúda de dezoito. Se havia alguma maneira de intrujar a morte, era esta.

Dee Dee levantou um dos vasos e meteu-o no seu saco, o truque clássico. Roubar tudo o que não esteja fixo no chão. Tudo pertencia a todos. Saímos e Dee Dee disse:

«Quero sentar-me no banco de Tyrone Power. Era o meu preferido. Amei-o!».

Fomo-nos sentar no banco de Tyrone, ao lado da sua sepultura. Depois levantámo-nos para ir visitar a de Douglas Fairbanks Sénior. Era bonita. Com uma piscina em frente, que reflectia a sepultura. A piscina estava coberta de nenúfares e girinos. Subimos algumas escadas e atrás da sepultura havia um lugar para nos sentarmos. Sentámo-nos. Reparei numa brecha na parede do túmulo com pequenas formigas encarnadas que saíam e entravam. Olhei para elas durante algum tempo e depois abracei-me a Dee Dee e dei-lhe um longo beijo, íamos ser bons amigos.

Dee Dee tinha de ir esperar o seu filho ao aeroporto. Ele vinha de Inglaterra, de férias. Tinha dezassete anos, disse-me ela, e o pai fora pianista. Mas viciou-se em *speed* e cocaína, e mais tarde queimou os dedos num acidente. Nunca mais pôde tocar piano.

Divorciaram-se há já algum tempo.

O filho chamava-se Renny. Dee Dee tinha-lhe falado de mim aquando de várias conversas transatlânticas ao telefone. Chegámos ao aeroporto no momento em que os passageiros do voo de Renny desembarcavam. Dee Dee e Renny abraçaram-se. Ele era alto, magro e pálido. Uma mecha de cabelo cobria-lhe um dos olhos. Apertámos as mãos.

Fui buscar a bagagem enquanto eles conversavam. Ele chamava-lhe «Mamã».

Quando regressámos ao carro, ele sentou-se atrás e disse: «Mamã, compraste-me a bicicleta?».

«Já a encomendei. Vamos buscá-la amanhã.»

«E uma boa bicicleta, mamã? Quero uma com dez velocidades, travão de mão e pedais com correias.»

«É uma óptima bicicleta, Renny.»

«Tens a certeza que ela há-de lá estar?»

Fomos para casa dela. Passei lá a noite. Renny tinha o seu quarto.

Na manhã seguinte, sentámo-nos todos na cozinha à espera que a criada chegasse.

Por fim, Dee Dee levantou-se para nos preparar o pequeno-almoço. Renny perguntou:

«Mamã, como se parte um ovo?». Dee Dee olhou para mim. Sabia o que eu estava a pensar.

Não abri a boca.

«Vem cá, Renny, para eu te mostrar.»

Renny aproximou-se dela. Dee Dee agarrou num ovo.

«Vês, basta partires a casca na borda da frigideira... assim... e deixar cair o ovo na frigideira... assim...»

«Oh...»

«É simples.»

«E como se cozinha?»

«Fritando-o em manteiga.»

«Mamã, eu não quero esse ovo.»

«Porquê?»

«Porque a gema partiu-se.»

Dee Dee virou-se e olhou para mim. Os seus olhos diziam: «Hank, não digas nada, por favor...».

Alguns dias mais tarde encontrámo-nos de novo à mesa do pequeno-almoço.

Comíamos enquanto a criada trabalhava. Dee disse a Renny: «Já tens a bicicleta. Quero que vás buscar uma embalagem de Coca-Cola. Quando chegar a casa pode apetecer-me beber uma ou duas».

«Mas, mamã, as Coca-Cola são pesadas! Não podes tu trazê-las?»

«Renny, trabalho todo o dia e fico cansada. Vais tu buscá-las.»

«Mas, mamã, há uma colina. Tenho que pedalar para trepar a colina.»

«Não há colina nenhuma. Qual colina?»

«Não consegues vê-la com os teus olhos, mas existe...»

«Renny, vais buscar as Coca-Cola, entendeste?» Renny levantou-se, foi para o seu quarto e fechou a porta. Dee Dee desviou o olhar. «Ele está a experimentar-me. Quer saber se gosto dele.»

«Vou eu buscá-las», disse eu.

«Não há problema, vou eu buscá-las», respondeu ela.

Por fim, nenhum de nós as foi buscar...

Dee Dee e eu estávamos em minha casa, alguns dias mais tarde, para ver o correio e dar uma vista de olhos, quando o telefone tocou. Era Lydia. «Olá», disse ela, «estou em Utah.»

«Li o bilhete.»

«Como tens passado?», perguntou-me.

«Está tudo bem.»

«Utah é bonito no Verão. Devias cá vir. íamos acampar. Estão cá todas as minhas irmãs.»

«Agora não posso ir aí.»

«Porquê?»

«Bem, estou com Dee Dee.»

«Dee Dee?»

«Sim...»

«Eu sabia que havias de te servir desse número de telefone. Eu disse-te que o havias de usar.»

Dee Dee estava de pé, ao meu lado. «Por favor diz-lhe que me dê até Setembro», pediu Dee Dee.

«Esquece-a», disse Lydia. «Manda-a pró inferno. E tu vem cá ver-me.»

«Não vou deitar tudo fora só porque me telefonas. Além disso, vou ficar com Dee Dee até Setembro.»

«Setembro?»

«Sim.»

Lydia gritou. Um alto e longo grito. Depois desligou.

Depois disto, Dee Dee fazia os possíveis para me afastar da minha casa. Uma vez, quando lá fomos buscar o correio, reparei no telefone fora do gancho. «Não voltes a fazer isso», disse-lhe eu.

Dee Dee levava-me para longos passeios pela costa. Levava-me a passear às montanhas, íamos a leilões, ao cinema, a concertos de rock, a igrejas, ver amigos, a jantares e almoços, a espectáculos de magia, a piqueniques e ao circo. Os amigos dela fotografavam-nos juntos.

A viagem a Catalina foi horrível. Esperava no cais com Dee Dee. Eu estava ressacado. Dee Dee deu-me Alka-Seltzer e um copo de água. A única coisa que me ajudou a melhorar foi uma rapariga sentada do outro lado da sala de espera. Tinha um corpo fabuloso, boas e esguias pernas, e trazia uma mini-saia. E vestia meias compridas, com ligas, e sob a saia, cuecas cor-de-rosa. Calçava sapatos de salto alto.

«Estás a olhar para ela, não estás?», perguntou Dee Dee.

«Não posso evitar.»

«E uma desavergonhada.»

«Evidente.»

A desavergonhada levantou-se para jogar *flipper*, meneando o seu traseiro para ajudar a descer a bola. Depois veio sentar-se, mostrando quase tudo.

O hidroavião chegou vazio, fomos para o cais e esperámos pelo embarque. O

hidroavião era vermelho, modelo 1936, com dois motores, um piloto e oito ou dez lugares.

Se eu não vomitar nessa coisa, pensei, serei um herói.

A rapariga da mini-saia não embarcava.

Porque será que quando se vê uma mulher assim está-se sempre com outra?

Entrámos e apertámos os cintos.

«Oh!», disse Dee Dee, «estou tão excitada! Vou sentar-me ao pé do piloto.»

«OK.»

Descolámos e Dee Dee estava lá à frente com o piloto. Reparei que conversava com ele. Ela amava a vida, ou pelo menos dava essa impressão. Passado algum tempo, aquilo não fazia grande sentido para mim - quero dizer, o entusiasmo e excitação de Dee Dee -, irritava-me um pouco, mas a maior parte das vezes deixava-me indiferente. Nunca me chateou.

Voámos e aterrámos, a amaragem foi difícil, voámos rente a falésias, embatemos na água e a espuma saltou. Era como estar num barco a alta velocidade. Aproximámo-nos doutro cais e Dee Dee voltou para me contar tudo sobre o hidroavião, o piloto e a conversa que tiveram. Em frente, havia um enorme buraco

no chão e ela perguntou ao piloto:

«Estamos seguros?» e ele respondeu: «Não faço a mínima ideia».

Dee Dee tinha arranjado um quarto no último andar de um hotel que dava para o mar. Como não havia frigorífico, ela arranjou uma banheira de plástico para as minhas cervejas, e encheu-a de gelo. Havia um televisor a preto e branco e casa-de-banho. Uma categoria.

Fomos passear à beira-mar. Havia duas espécies de turistas uns muito velhos e outros bastante novos. Os velhos passeavam aos pares, homem e mulher, em sandálias, óculos escuros, chapéu de palha, calções e camisas berrantes. Eram gordos e pálidos, com veias azuis nas pernas e os rostos inchados e brancos ao sol. Eram balofos, pregas e bolsas de pele pendiam dos malares.

Os jovens eram magros e pareciam feitos de borracha maleável. As raparigas não tinham seios, os traseiros eram pequenos e os rapazes tinham rostos doces e ternos, sorridentes e corados, e riam-se. Mas pareciam todos contentes, os jovens liceais e os velhos. Não tinham muito para fazer, passeavam ao sol, aparentemente satisfeitos.

Dee Dee entrava nas lojas. Ela adorava lojas, comprar pérolas, cinzeiros, cães de peluche, postais, colares, *bibelots* - e parecia feliz com tudo. «Oh, olha!» Falava com os proprietários das lojas. Parecia gostar deles. Prometeu escrever a uma senhora quando regressasse ao continente. Tinham um amigo comum percursionista num grupo de *rock*.

Comprou uma gaiola com dois pássaros apaixonados e regressámos ao hotel. Abri uma cerveja e liguei a TV. A programação era desinteressante.

«Vamos dar outra volta», disse Dee Dee. «Está tão agradável lá fora.»

«Vou ficar a descansar.»

«Não te importas se for sem ti?»

«Claro que não.»

Beijou-me e saiu. Desliguei a TV e abri outra cerveja. Não havia nada para fazer nesta ilha senão embebedar-me. Fui à janela. Lá em baixo, na praia, Dee Dee estava sentada ao lado dum tipo novo, a conversar alegremente, sorrindo e gesticulando com as mãos. O jovem retribuía-lhe o sorriso. Era bom estar fora deste tipo de coisas... Sentia-me contente por não estar apaixonado, por não estar contente com o mundo. Gosto de estar em desacordo com tudo. As pessoas apaixonadas tornam-se muitas vezes susceptíveis, perigosas. Perdem o sentido da realidade. Perdem o sentido de humor. Tornam-se nervosas, psicóticas, chatas. Tornam-se, mesmo, assassinas.

Dee Dee tinha saído há duas ou três horas. Vi um pouco de televisão e dactilografei dois ou três poemas numa máquina portátil. Poemas de amor - para Lydia. Escondi-os na minha mala. Bebi algumas cervejas mais.

Dee Dee bateu à porta e entrou. «Oh, diverti-me imenso! Primeiro andei num barco com o fundo de vidro. Viam-se todos os peixes, tudo! Depois, descobri outro barco que leva as pessoas até aos ancoradoiros. Um tipo deixou-me ficar durante horas só por um dólar! As suas costas estavam queimadas pelo sol e eu

pus-lhe uma loção! As costas estavam terrivelmente queimadas. Levámos pessoas para esses barcos! Sobretudo velhos, velhas encarquilhadas com raparigas jovens. Todas elas traziam botas, estavam bêbedas e gemiam. Alguns velhos estavam com rapazes, mas a maioria estava com raparigas, às vezes duas, três ou quatro raparigas. Todos os barcos fediam a óleo, a álcool e sexo. Foi fantástico!»

«Deve ter sido. Quem me dera ter o teu jeito para encontrar gente interessante.»

«Podes ir amanhã. Podes passar o dia a bordo por um dólar.»

«Está bem.»

«Escreveste hoje?»

«Um pouco.»

«E é bom?»

«Só se sabe passados dezoito dias.»

Dee Dee foi ver os pássaros e falou com eles. Era uma mulher óptima. Gostava dela.

Ela interessava-se por mim, queria que eu me sentisse bem, que escrevesse bem, que fodesse bem, tivesse bom aspecto.

Eu sentia isso. Era porreiro. Talvez fôssemos, um dia, ao Hawai. Aproximei-me dela, por trás, e beijei-lhe o lobo da orelha direita.

«Oh, Hank!»

De regresso a L. A., depois da semana passada em Catalina, estávamos em minha casa, à noite, o que não acontecia com frequência. Era tarde. Estendemo-nos na cama, nus, quando o telefone tocou na sala ao lado.

Era Lydia.

«Hank?»

«Sim?»

«Onde tens estado?»

«Em Catalina.»

«Com ela?»

«Sim.»

«Quase enlouqueci depois de me teres falado nela. Tive uma ligação. Com um homossexual. Foi um fiasco.»

«Senti a tua falta, Lydia.»

«Quero regressar a L. A.»

«Será óptimo.»

«Se eu regressar, tu deixa-la?»

«Ela é uma mulher formidável, mas se voltares, deixo-a.»

«Então vou. Amo-te, velho.»

«Também te amo.»

Continuámos a falar. Não sei quanto tempo falámos. Depois voltei ao quarto. Dee Dee parecia adormecida. «Dee Dee?» Levantei-lhe um braço. A carne parecia borracha.

«Pára de brincar, Dee Dee, sei que não estás a dormir.»

Não se mexeu. Olhei em volta e reparei que o frasco dos comprimidos para dormir estava vazio. Na véspera, estava cheio. Eu tinha experimentado aqueles comprimidos.

Bastava um para pôr a dormir; mais parecia um K.O. do que um medicamento.

«Tomaste os comprimidos...»

«Eu... não... me importo... que voltes para ela... eu não... me importo...»

Corri à cozinha e trouxe uma panela que pus no chão, do seu lado. Depois coloquei a cabeça e os ombros acima do rebordo da cama e enfiei-lhe os meus dedos na garganta.

Ela vomitou.

Amparei-a e deixei-a respirar um pouco, e voltei a repetir. Fi-lo várias vezes.

Continuou a vomitar. Numa das vezes, quando eu a levantava, os seus dentes saíram da boca. Caíram sobre a colcha - os de cima e os de baixo.

«Oh... os meus dentes», disse ela. Ou tentou dizê-lo.

«Não te preocupes com os dentes.»

Enfiei-lhe de novo os meus dedos na garganta. Depois deitei-a.

«Não quero que vejas os meus dentes...»

«São perfeitos, Dee Dee. Não são nada maus.»

Com esforço, consegui pôr-lhe os dentes no lugar.

«Leva-me a casa, quero ir para casa.»

«Eu fico contigo. Não quero deixar-te só, esta noite.»

«Mas tu vais acabar por me deixar?»

«Vamo-nos vestir», disse eu.

Valentino teria ficado com Lydia e Dee Dee. Foi por isso que morreu tão novo.

Lydia voltou e encontrou um belo apartamento em Burbank. Ela parecia preocupar-se muito mais comigo do que antes da sua partida. «O meu marido tinha um enorme caralho e era tudo o que tinha. Não tinha personalidade nem vibrações. Apenas um enorme caralho e pensava ele que era tudo quanto precisava. Meu Deus, como era estúpido!

Contigo, continuo a ter vibrações... este *feedback* eléctrico nunca pára.» Estávamos os dois na cama.

«E nem sequer sabia que ele tinha um grande caralho, porque o dele foi o primeiro que vi.» Ela examinou-me cuidadosamente. «Pensei que todos fossem assim.»

«Lydia...»

«O que foi?»

«Tenho que dizer-te uma coisa.»

«O quê?»

«Tenho de ir ver Dee Dee.»

« *Vais ver a Dee Dee?*»

«Não brinques. Há um motivo.»

«Disseste que tinha acabado.»

«E acabou. Simplesmente não quero que ela ande mal. Quero explicar-lhe o que se passou. As pessoas são muito frias umas para as outras. Não quero que ela volte, quero apenas tentar explicar-lhe o que se passou, para que ela compreenda.»

«Tu queres fodê-la.»

«Não, não quero fodê-la. Quis ardentemente fodê-la quando estava com ela. Quero simplesmente explicar-lhe.»

«Não gosto disso. Cheira-me a gato.»

«Deixa-me fazer isso. Por favor. Só quero esclarecer a situação. Volto logo.»

«Está bem. Mas despacha-te.»

Entrei para o Volks. Cortei em Fountain, andei alguns quilómetros, virei para norte, em Bronson, e cortei para o bairro de luxo. Estacionei cá fora, saí. Subi as escadas e toquei à campainha. Bianca abriu a porta. Lembro-me de uma noite ela ter-me aberto a porta, nua, abracei-me a ela e, enquanto nos beijávamos, Dee Dee desceu e disse: «Mas que raio se está aqui a passar?».

Mas desta vez foi diferente. «O que queres?», perguntou Bianca.

«Quero ver Dee Dee. Quero falar-lhe.»

«Ela está doente. Muito doente. Acho que não deves vê-la depois de a teres tratado daquele modo. És um filho da puta de primeira.»

«Só quero falar-lhe por momentos, explicar-lhe a situação.»

«Está bem. Ela está no quarto.»

Percorri o corredor até ao quarto. Dee Dee estava estendida na cama, em calcinhas.

Um dos braços cobria os olhos. Os seus seios eram fabulosos. Havia uma garrafa de *whisky* vazia junto à cama e um bacio. O bacio cheirava a vómito e a álcool.

«Dee Dee...»

Ela levantou o braço.

«O quê? Hank, voltaste?»

«Não, espera, quero apenas falar contigo...»

«Oh! Hank, senti tanto a tua falta.» Pôs-se a chorar.

«Estive quase a enlouquecer, a dor foi horrível...»

«Eu quero torná-la mais fácil. Foi por isso que vim. Talvez seja idiota, mas não acredito na crueldade gratuita...»

«Não imaginas por que passei...»

«Imagino, sim. Também passei por isso.»

«Queres uma bebida?», perguntou.

Agarrei na garrafa vazia e pousei-a tristemente.

«Há muita frieza neste mundo», disse eu. «Se as pessoas aceitassem falar nos seus problemas, isso facilitava as coisas.»

«Fica comigo, Hank. Não voltes para ela, por favor. Por favor. Vivi o suficiente para saber como tornar-me numa mulher prestável. Sabes isso. Serei boa para ti, só para ti.»

«Estou preso a Lydia. Não consigo explicar.»

«Ela é uma leviana. É impulsiva. Ela deixar-te-á.»

«Talvez seja por isso que ela me atrai.»

«Tu queres uma puta. Tens medo do amor.»

«Talvez tenhas razão.»

«Beija-me. Será muito pedir-te que me beijes?»

«Não.»

Estendi-me ao lado dela. Beijámo-nos. A boca dela cheirava a vómito. Ela beijou-me, beijámo-nos, apertava-me contra ela. Desembaracei-me o mais gentilmente possível.

«Hank, fica comigo! Não voltes para ela! Repara, *tenho pernas bonitas*»

Dee Dee levantou uma perna para ma mostrar.

«E tenho bonitos tornozelos! Olha!» Mostrou-me os tornozelos.

Eu estava sentado na borda da cama. «Não posso ficar contigo, Dee Dee.»

Ela sentou-se e começou a bater-me. Os seus punhos eram duros como pedra. As suas duas mãos esmurravam-me. Continuei sentado sem me mexer. Atingiu-me acima do olho, no olho, na testa e nas maçãs do rosto. «Oh, tu, meu cabrão! Cabrão, cabrão, cabrão!

ODEIO-TE!»

Agarrei-lhe nos punhos. «Pronto, Dee Dee, já chega.» Caiu na cama quando me levantei para partir. Atravessei o corredor e saí.

No meu regresso, Lydia estava sentada num sofá. O seu rosto estava sombrio.

«Foste há bastante tempo. Olha para mini. *Tufodeste-a,* não foi?»

«Não.»

«Foste há uma quantidade de tempo. Olha, arranhou-te a cara.»

«Já te disse, não aconteceu nada.»

«Despe a camisa. Quero ver as tuas costas!»

«Oh, merda, Lydia.»

«Despe a camisa e a camisola interior.» Despi-as. Andou à minha volta.

«Que arranhão é este nas tuas costas?»

«Qual arranhão?»

«Há aqui um enorme... é duma unha de mulher.»

«Se ele está aí, foste tu quem o fez...»

«Está bem. Conheço um modo de descobrir.»

«Como?»

«Vamos para a cama.»

«OK!»

Passei no teste com sucesso, mas de seguida pensei: como pode um homem testar a fidelidade da mulher? Isto parecia-me injusto.

Recebia sem descanso cartas de uma senhora que vivia a um ou dois quilómetros de mim. Assinava-as com o nome de Nicole. Dizia ter lido com prazer alguns dos meus livros.

Respondi-lhe a uma das cartas e ela convidou-me a visitá-la. Uma tarde, sem dizer nada a Lydia, fui a casa dela, de Volks. Ela vivia num apartamento, por cima duma tinturaria, em Santa Monica Boulevard. A sua porta dava directamente para a rua e eu via uma escada através do vidro. Toquei à campainha. «Quem é?», respondeu-me uma voz de mulher por um pequeno intercomunicador metálico. «Chinaski», respondi. A campainha soou e eu empurrei a porta.

Em pé, no cimo da escada, Nicole olhava-me. Tinha um rosto cultivado, quase trágico, e trazia um longo vestido verde. O seu corpo parecia perfeito. Ela observava-me com os seus enormes olhos castanhos-escuros. Tinha imensas rugas pequenas à volta dos olhos, talvez de muito chorar ou beber.

«Está sozinha?», perguntei.

«Sim, suba», e sorriu.

Subi. Era espaçosa, com dois quartos, e muito pouca mobília. Reparei numa pequena estante e numa arca com discos de música clássica. Sentei-me no sofá. Ela sentou-se perto de mim. «Acabei de ler *The Life ofPicasso»,* disse ela.

Havia imensos exemplares do *The New Yorker* sobre a mesa de café.

«Deseja uma chávena de chá?», perguntou Nicole.

«Vou comprar qualquer coisa para beber.»

«Não é necessário. Tenho alguma coisa.»

«O quê?»

«Um bom vinho tinto?»

«Aceito.»

Nicole levantou-se para ir à cozinha. Vi-a levantar-se. Sempre tive um fraco por mulheres com vestidos compridos.

Ela deslocava-se graciosamente. Parecia ter muita classe. Regressou com dois copos já cheios e a garrafa. Ofereceu-me um Benson and Hedges. Acendi-o.

«Você lê o *New Yorker?* Eles publicam boas histórias.»

«Não concordo.»

«O que critica neles?»

«São demasiado educados.»

«Gosto deles.»

«Então merda.»

Ficámos a beber e a fumar.

«Gosta do meu apartamento?»

«Sim, é bonito.»

«Faz-me lembrar alguns sítios que habitei quando estive na Europa. Gosto de espaço, de luz.»

«Europa, há?»

«Sim, a Grécia, Itália... Sobretudo a Grécia.»

«E Paris?»

«Oh! sim, adorei Paris. Mas não Londres.»

Depois falou-me dela. A sua família sempre viveu em Nova Iorque. O pai era comunista, a mãe trabalhava como costureira. A sua mãe tinha direito ao trabalho mais difícil, era a melhor de todas, a costureira número um. Amável e dura de roer. Nicole aprendeu à sua custa, cresceu em Nova Iorque, casou-se com um médico célebre, com quem viveu dez anos antes de se divorciar. Agora, recebia apenas quatrocentos dólares por mês de pensão alimentar, e tinha dificuldades em governar-se. O apartamento está acima das suas posses, mas ela gosta muito dele para o deixar.

«A sua escrita é tão crua. E como uma martelada, contudo tem humor e ternura...»

«Sim.»

Pousei o copo e olhei para ela. Agarrei-lhe no queixo e puxei-a para mim. Dei-lhe um pequeno beijo.

Nicole continuou a falar. Contou-me algumas histórias interessantes, algumas das quais decidi utilizar, quer em histórias, quer em poemas. Eu olhava para os seus seios quando se debruçava para encher os copos. É como no cinema, pensei, como num filme pornográfico. Pareceu-me engraçado. Sentia-me como se fosse uma câmara. Gostava. Era melhor que as corridas de cavalos, melhor que os combates de boxe. Continuámos a beber.

Nicole abriu outra garrafa. Continuava a falar. Era fácil ouvi-la falar. Havia sabedoria e humor em cada uma das suas histórias. Impressionava-me muito mais do que ela poderia supor. Isso inquietava-me.

Fomos para a varanda com os copos para ver o tráfego da tarde. Ela falava-me de Huxley e de Lawrence em Itália. Que merda. Disse-lhe que Knut Hamsun tinha sido o maior escritor do mundo. Olhou para mim, espantada por eu o conhecer, e concordou.

Beijámo-nos na varanda, e sentia o cheiro do fumo dos escapes dos carros que passavam.

Era bom ter o seu corpo contra o meu. Eu sabia que não íamos foder imediatamente, mas sabia que havia de voltar. Nicole sabia-o também.

Angela veio de Utah para ver a nova casa da sua irmã, Lydia. Lydia tinha comprado uma pequena casa e as mensalidades eram baratas. Foi uma boa compra. O homem que a tinha vendido pensava que ia morrer, e por isso propôs um preço bastante baixo. Havia um quarto no primeiro andar para as crianças e atrás um imenso quintal com árvores e uma pequena mata de bambus.

Angela era a mais velha das irmãs, a mais sensível, com o melhor corpo e era a mais realista. Vendia imóveis. Mas havia o problema de alojar Angela. Não tínhamos lugar.

Lydia pensou em Marvin.

«Marvin?», perguntei.

«Sim, Marvin», disse Lydia.

«Está vem, vamos lá.»

Entrámos todos na *Coisa* cor de laranja de Lydia. Era assim que chamávamos ao carro. Parecia um carro de assalto, muito velho e feio. A noite ia avançada. Telefonámos a Marvin. Ele disse-nos que ficava em casa toda a noite.

Descemos à praia e lá estava a sua pequena casa à beira-mar. «Oh, mas que casa tão gira», disse Angela.

«E ele é rico», disse Lydia.

«E escreve boa poesia», disse eu.

Saímos da *Coisa*. Marvin vivia lá dentro com os seus reservatórios de água salgada para os peixes e com a sua pintura. Não pintava mal. Para um tipo rico tinha sabido sobreviver, tinha-se safado bem. Fiz as apresentações. Angela andava a ver quadros dele.

«Oh! Tão bonito.»

Angela também pintava, mas não era bem dotada.

Eu tinha trazido alguma cerveja e uma garrafa de *whisky* escondida no bolso do casaco, que beberricava de quando em quando. Marvin trouxe mais algumas garrafas de cerveja e entre ele e Angela começou a desenhar-se um engate. Marvin estava muito interessado, mas Angela tinha mais vontade de gozar com ele. Ela gostava dele, mas não o suficiente para foder logo com ele. Bebemos e conversámos. Marvin tinha um bongo, um piano e erva. E uma bela e confortável casa. Numa casa assim, pensei, eu escreveria muito melhor, seria mais feliz. Ouvia-se o mar e não havia vizinhos para se queixarem do barulho da máquina de escrever.

Continuei a beberricar do meu *whisky*. Ficámos umas duas ou três horas e depois partimos. Lydia apanhou a auto-estrada, no regresso.

«Lydia, fedeste com o Marvin, não é?» «O que estás para aí a dizer?» «Daquela vez que lá estiveste, à noite.» «Raios te partam, não quero ouvir falar nisso.» «Então é verdade, fedeste com ele!» «Olha, não suporto esse género de insinuações!» «Fodeste comigo.»

Angela parecia assustada. Lydia parou o carro na berma da auto-estrada e abriu a porta do meu lado. «Sai!»

Saí. O carro arrancou. Caminhei ao longo da berma. Tirei a garrafa e dei um gole.

Andei durante cinco minutos quando a *Coisa* parou a meu lado. Lydia abriu a porta.

«Entra.» Entrei. «Não digas nada.» «Fodeste com ele. Sei que sim.» «Oh! Meu Deus!»

Lydia encostou à berma e abriu de novo a porta. «Sai!» Eu saí. Caminhei ao longo da berma. Depois cheguei a uma espécie de rampa que dava para uma rua deserta. Desci primeiro a rampa e depois a rua. Estava muito escuro. Olhei para as janelas de algumas casas. Aparentemente, eu estava num bairro de negros. Num cruzamento, apercebi-me de que havia luz à minha frente. Era uma loja de cachorros quentes. Aproximei-me. Um negro estava atrás do balcão. Não havia mais ninguém à volta. Pedi um café. «Malditas mulheres», disse eu. «São completamente doidas. A minha miúda largou-me na auto-estrada. Queres um gole?»

«Claro», disse ele.

Deu uma grande golada e devolveu-me a garrafa.

«Tens telefone? Eu pago.»

«E uma chamada local?»

«Sim.»

«E de borla.»

Tirou o telefone debaixo do balcão e estendeu-mo. Dei uma golada e passei-lhe a garrafa. Ele deu outra.

Chamei um Yellow Cab Co e disse-lhe onde estava. O meu amigo tinha uma cara amável e inteligente. Às

vezes encontra-se a bondade no meio do inferno. A garrafa ia e vinha, enquanto esperava pelo táxi. Quando chegou, fui para trás e dei-lhe a direcção de Nicole.

Perdi os sentidos depois disto. Acho que bebi muito mais *whisky* do que pensava.

Não me lembro de ter chegado a casa de Nicole. Acordei de manhã, com as costas a tocarem em alguém, numa cama estranha. Olhei para a parede em frente de mim, e estava lá um enorme A^ desenhado. Um *N* de Nicole. Senti-me mal. Fui à casa-de-banho. Servi-me da escova de dentes dela. Lavei a cara, penteei-me, mijei e caguei, lavei as mãos e bebi litros de água. Depois fui para a cama. Nicole levantou-se para se vestir, mas acabou por vir deitar-se ao meu lado. Beijámo-nos e acariciámo-nos.

Lydia, sou inocente à minha maneira, pensei. Sou-te fiel à minha maneira.

Sentia-me mal do estômago para lhe fazer um minete. Montei a ex-mulher do célebre médico. A culta viajante do mundo tinha as Irmãs Brontè sobre a mesa de cabeceira. Ambos gostávamos de Carson McCullers, *The Heart is a Lonely Hunter.* Dei-lhe três ou quatro de seguida e ela gemeu. Ela conhecia, finalmente, um escritor em carne e osso. Não um escritor célebre, é evidente, mas lá me arranjava para pagar sempre a renda.

Isso surpreendia-me. Um dia ela havia de entrar num dos meus livros. Eu estava a foder uma puta culta. Senti aproximar-se o orgasmo. Enfiei a língua na sua boca, beijei-a, e vim-me. Caí para o lado e senti-me estúpido. Ela ficou algum tempo nos meus braços e foi depois para a casa-de-banho. Talvez tenha fodido melhor na Grécia. A América era uma merda para foder.

Depois disto, passei a visitá-la duas ou três vezes por semana, à tarde. Bebíamos vinho, conversávamos e fazíamos amor uma vez por outra. Descobri que ela não me interessava muito, mas ajudava-me a passar o tempo. Lydia e eu reconciliámo-nos no dia seguinte. Ela perguntava-me várias vezes para onde ia eu à tarde. «Fui ao supermercado», dizia-lhe, e era verdade. Ia primeiro ao supermercado.

«Nunca passaste tanto tempo no supermercado.»

Numa noite embebedei-me e disse-lhe que conhecia uma tal Nicole. Dei-lhe a morada, precisando-lhe que «não se passava nada de especial». O motivo que me levou a contar-lhe tudo isto não era muito claro, mas quando se bebe há momentos em que não se é claro...

Uma tarde, vinha eu de uma loja de bebidas e bati à porta de Nicole. Trazia duas embalagens de cerveja e uma garrafa de *whisky.* Eu e Lydia tínhamos discutido e decidi dormir em casa de Nicole. Andava sozinho, um pouco bêbedo, quando ouvi alguém correr atrás de mim. Voltei-me. Era Lydia. «Ah!», dizia, «ah!»

Arrancou-me os sacos da mão e pôs-se a tirar as cervejas. Lançou-as para o passeio uma a uma. Rebentavam ruidosamente. Santa Monica Boulevard é muito movimentada. O

tráfego da tarde começava a aumentar. A cena passou-se mesmo em frente da casa de Nicole. Lydia arrancou-me depois a garrafa de *whisky.* Levantou-a no ar e gritou-me: «Ah!

Ias beber tudo isto e depois ias FODER com ela!». Lançou a garrafa ao chão.

A porta de Nicole estava aberta e Lydia subiu as escadas, quatro a quatro. Nicole estava ao cimo das

escadas. Lydia começou a bater nela com o seu enorme saco que tinha correias. Lydia dava socos o mais violentamente possível. «Ele é o meu homem! Ele é o *meu* homem! Afasta-te do meu homem!»

Lydia desceu as escadas a correr, passou por mim e foi para a rua.

«Meu Deus, quem era?», perguntou Nicole.

«Era Lydia. Dá-me uma vassoura e um saco de papel.»

Fui para a rua varrer o vidro partido e colocá-lo dentro do saco de papel. Desta vez a puta foi longe de mais, pensei. Irei comprar mais bebidas. Passarei a noite com Nicole, talvez duas noites.

Estava inclinado a apanhar os bocados de vidro quando ouvi um ruído estranho atrás de mim. Voltei-me para trás. Era Lydia com a *Coisa*. Ela fez a *Coisa* subir o passeio e dirigiu-se para mim a cinquenta à hora. Desviei-me para o lado e o carro passou a alguns centímetros de mim. O carro continuou até ao fim do quarteirão, ressaltou ao descer o passeio, continuou em frente, virou à direita no cruzamento seguinte e desapareceu.

Pus-me a apanhar os bocados de vidro. Varri e pus tudo no lixo. Após o que deitei a mão ao fundo do saco e descobri uma garrafa intacta. Parecia em perfeito estado. Precisava mesmo dela. Quando estava para tirar a tampa arrancaram-ma das mãos.

Era Lydia de novo. Correu para a porta de Nicole com a garrafa e atirou-a contra o vidro. Atirou-a com tal força que a garrafa atravessou o vidro como uma bala, deixando um buraco redondo, sem o partir por completo.

Lydia foi-se embora a correr e eu subi as escadas. Nicole não se mexeu. «Por amor de Deus, Chinaski, vai procurá-la antes que mate toda a gente!»

Fiz meia volta e desci as escadas. Lydia estava sentada dentro do carro estacionado junto ao passeio, com o motor a trabalhar. Abri a porta e entrei. Ela arrancou. Nenhum de nós falou.

Comecei a receber cartas duma rapariga que vivia em Nova Iorque. Chamava-se Mindy. Ela adorou dois ou três livros meus, mas o melhor das suas cartas era o facto de ela não falar de literatura excepto para dizer que não era escritora. Falava de tudo e mais alguma coisa, mas sobretudo de homens e sexo. Mindy tinha vinte e cinco anos, a mão fácil e uma escrita regular, razoável e alegre. Eu respondia às suas cartas e ficava sempre contente ao encontrar uma das dela na caixa do correio. A maior parte das pessoas contam muito melhor as suas vidas numa carta do que numa conversa; algumas são capazes de escrever cartas artísticas, inventivas, mas tornam-se pretensiosas quando tentam um poema, uma novela ou um romance.

Mindy enviou depois fotografias. Se elas eram fiéis, Mindy era de facto bela.

Escrevemo-nos durante algumas semanas e disse que ia ter duas semanas de férias.

Porque não dás um salto até cá?, sugeri-lhe.

Está bem, respondeu.

Começámos a telefonarmo-nos. Por fim, ela disse-me o dia da sua chegada a L. A.

Lá estarei no aeroporto, disse-lhe eu, nada me impedirá.

Fixei a data. Já não havia qualquer problema em separar-me de Lydia.

Eu era um solitário por natureza, que se contentava em viver com uma mulher, em comer com ela, dormir com ela e sair à rua com ela. Não queria conversas, nem sair, a não ser para ir às corridas de cavalos ou aos combates de boxe. Não gostava de TV. E achava estúpido gastar dinheiro para me ir sentar numa sala de cinema com outras pessoas e partilhar as suas emoções. As festas punham-me doente. Detestava as falsas aparências, os jogos sujos, os namoricos, os bêbedos amadores e os chatos. Mas as festas, dançar, pequenas conversas, encantavam Lydia. Ela considerava-se muito *sexy*. Mas dava um pouco nas vistas. Por isso as nossas discussões nasciam da minha posição de *ninguém, mesmo ninguém* contra a dela, *quanto mais pessoas melhor.*

Dois dias antes da chegada de Mindy comecei a discussão. Estávamos os dois na cama.

«Por amor de Deus, Lydia, porque és tão estúpida? Não percebeste que sou um solitário? Um recluso? Não consigo escrever doutro modo.»

«Como podes aprender algo sobre as pessoas, se te recusas a estar com elas?»

«Já sei tudo sobre elas.»

«Mesmo quando vamos a um restaurante, ficas de cabeça baixa e não *olhas* para ninguém.»

«Para quê pôr-me mal disposto?»

«Eu *observo* as pessoas. Estudo-as.»

«Merda!»

«Tu tens medo das pessoas!»

«Odeio-as.»

«Como podes ser escritor? Não *observai*

«Pronto, não olho para as pessoas, mas pago a renda com o que escrevo. E melhor do que olhar para carneiros.»

«Mas tu não estás a ir até ao fim. Jamais conseguirás fazer alguma coisa. Estás a fazer tudo errado.»

«Precisamente por isso, hei-de lá chegar.»

«Hás-de lá chegar? Quem te conhece? Es célebre como o *Mailerí* Como o *Capotei»*

«Eles não sabem escrever.»

«Mas tu sabes! Só tu, Chinaski, sabes escrever!»

«Claro, é o que sinto.»

«Es célebre? Se fosses para Nova Iorque, quem te conhecia?»

«Não me preocupo com isso. Só quero continuar a escrever. Não preciso de trombetas.»

«Havias de querer todas as que pudesses.»

«Talvez.»

«Ages corno se já fosses célebre.»

«Sempre agi assim, mesmo antes de escrever.»

«És o homem célebre mais desconhecido que já vi.»

«E porque não sou ambicioso.»

«Sim, mas és preguiçoso. Queres tudo sem trabalho. E quando é que escreves?

Quando escreves, ha? Estás sempre na cama, ou bêbedo, ou nas corridas de cavalos.»

«Não sei. Não é importante.»

«Então o que é importante?»

«Diz-me tu.»

«Bem, então dir-te-ei o que é importante!», disse Lydia. «Já não vamos a uma festa há imenso tempo. Não vejo ninguém há imenso tempo! Eu GOSTO de pessoas! As minhas irmãs ADORAM festas. São capazes de andar mil quilómetros para ir a uma festa! Foi assim que fomos habituadas em Utah! Não há nada de mal em relação às festas. As pessoas vão e passam um bom bocado! Meteste essa louca ideia na cabeça. Pensas que divertir implica *logo foder!*. Meu Deus, as pessoas são *decentes!* Tu é que és incapaz de te divertires!»

«Não gosto de pessoas.»

Lydia saltou para fora da cama. «Meu Deus, pões-me *doente!*»

«Está bem, então deixo-te o quarto livre.»

Pus as pernas fora da cama e comecei a calçar-me.

«O quarto livre?», perguntou Lydia. «O que queres dizer com ”quarto livre”?»

«Quero dizer que me vou pôr a andar daqui!»

«OK, mas ouve *isto:* se passares da porta, não me tornas a ver outra vez!»

«Já chega», disse eu.

Levantei-me, dirigi-me para a porta, abri-a, fechei-a e fui para o carro. Liguei o motor e parti. Tinha conseguido arranjar tempo para Mindy.

Sentei-me na sala de espera do aeroporto. Nunca se pode contar apenas com o que mostram as fotografias. Eu estava nervoso. Tinha vontade de vomitar. Acendi um cigarro e retive o vómito. Porque fazia eu destas coisas? Não queria vê-la. E Mindy vinha de Nova Iorque. Eu conhecia muitas mulheres. Porquê sempre mais mulheres? O que estava a tentar fazer? Uma nova ligação era excitante, mas também era uma coisa difícil. O primeiro beijo, a primeira foda têm algo de dramático. As pessoas são interessantes à primeira vista.

Depois, lenta mas seguramente, todos os seus defeitos e loucura se manifestam. Sentia-me cada vez mais afastado delas; e elas cada vez menos me interessam.

Eu era velho e feio. Talvez por isso eu tivesse tanto prazer em enfiá-lo nas raparigas. Eu era o King Kong e elas eram doces e ternas. Tentava eu arranjar um caminho para lá da morte? Andando com raparigas novas, esperava não envelhecer nem sentir-me velho? Eu não queria envelhecer mal, partir simplesmente, estar morto antes que a própria morte chegasse.

O avião de Mindy aterrou e deslizou ao longo da pista. Sentia-me em perigo. As mulheres já me conheciam porque tinham lido os meus livros. Eu havia-me exposto. Por outro lado, nada sabia delas. Eu era um autêntico jogador. Podia ser morto, podiam cortar-me os tomates. Chinaski sem tomates. *Lovepoems ofa Eunuch.*

Estava de pé à espera de Mindy. Os passageiros saíam do corredor.

Oh, espero que não seja esta.

Nem aquela.

Ou muito menos aquela.

Devia ser aquela! Olhem para aquelas pernas, aquele eu, aqueles olhos...

Uma delas dirigiu-se a mim. Esperei que fosse ela. Era a melhor de todo aquele grupo. Não podia ter essa sorte. Ela aproximou-se de mim e sorriu.

«Sou a Mindy.»

«Estou contente por seres a Mindy.»

«Estou contente por seres o Chinaski.»

«Tens de esperar pela bagagem?»

«Sim, trouxe o suficiente para uma longa estada!»

«Vamos esperar no bar.»

Entrámos e encontrámos uma mesa. Mindy pediu um *vodka* tónico. Eu, um *vodka 7.*

Ah, quase sintonizados. Acendi-lhe o cigarro. Ela tinha bom aspecto. Quase virginal. Era difícil acreditar. Era pequena, loira e perfeita, mais natural do que sofisticada. Era agradável olhar para os seus olhos azuis esverdeados. Trazia dois pequenos brincos. E

saltos altos. Disse a Mindy que os saltos altos excitavam-me.

«Então estás assustado?»

«Agora não tanto. Gosto de ti.»

«Es muito melhor do que nas fotografias. Acho que não és nada feio.»

«Obrigado.»

«Oh, eu não quis dizer que eras bonito, no sentido em que as pessoas acham o que é belo. O teu rosto é simpático. Mas os teus olhos são bonitos. São selvagens, loucos, como os de um animal a fugir duma floresta em fogo. Meu Deus, qualquer coisa assim parecida.

As palavras não são o meu forte.»

«Acho que és linda. E muito simpática. Sinto-me bem contigo. Acho óptimo estarmos juntos. Bebe. Precisamos doutra bebida. És como as tuas cartas.»

Tomámos a segunda bebida e fomos procurar a bagagem. Sentia-me orgulhoso de estar com ela. Caminhava com elegância. E tantas mulheres com corpos bonitos caminhavam como se trouxessem pesos. Mindy flutuava.

Continuei a pensar que era demasiado bom para ser verdade.

Já em minha casa, Mindy tomou um banho e mudou de roupa. *Trazia,* um luminoso vestido azul. Tinha mudado ligeiramente de penteado. Sentámo-nos lado a lado no sofá com os *vodkas* com soda. «Bom, ainda estou com medo. Acho que me vou embebedar um pouco.»

«O teu apartamento é precisamente como eu imaginava.»

Olhava para mim a sorrir-se. Estendi o braço e pousei a mão na sua nuca, empurrei-a para mim e beijei-a ao de leve.

O telefone tocou. Era Lydia.

«O que estás a fazer?»

«Estou com uma pessoa.»

«É uma mulher, não é?»

«Lydia, a nossa relação acabou. Tu sabes isso.»

«É UMA MULHER, NÃO É?»

«Sim.»

«Pronto, está bem.»

«Está bem. Adeus.»

«Adeus.»

A voz de Lydia acalmou-se de repente. Sentia-me melhor. A sua violência assustava-me. Dizia sempre que o ciumento era eu, e fui muitas vezes ciumento, mas quando eu via que as coisas se viravam contra mim, eu tornava-me triste e isolava-me.

Lydia era diferente. Ela reagia. Era a campeã da violência.

Mas pela sua voz eu sabia que ela tinha desistido e que não estava furiosa. Eu conhecia aquela voz.

«Era a minha ex», disse eu a Mindy.

«Acabou?»

«Sim.»

«Ela ainda te ama?»

«Creio que sim.»

«Então não acabou.»

«Acabou.»

«Posso cá ficar?»

«Claro. Por favor.»

«Não estás a servir-te de mim? Li todos esses poemas de amor... para Lydia.»

«*Estive* apaixonado. E não estou a servir-me de ti.»

Mindy encostou o seu corpo ao meu e beijou-me. Foi um longo beijo. Entesei-me.

Eu havia tomado recentemente uma boa dose de vitamina E. Tinha as minhas ideias sobre sexo. Andava teso e masturbava-me constantemente. Fazia amor com Lydia e quando chegava a casa de manhã masturbava-me. Pensar no sexo como coisa interdita lançava-me num estado de excitação próximo do delírio. Como um animal que submete o outro, lançando-o ao chão.

Quando me vinha tinha a sensação de o fazer sobre o rosto de tudo o que era decente, o branco esperma pingando sobre as cabeças e as almas dos meus pais já mortos.

Se eu tivesse nascido mulher, seria certamente prostituta. Mas como nasci homem, desejava constantemente mulheres, e quanto mais decadentes, melhor. E contudo as mulheres -- as mulheres respeitáveis assustavam-me porque elas queriam apossar-se da alma e eu queria manter o que restava da minha. Eu desejava essencialmente prostitutas, mulheres decadentes, porque elas eram mortais, insensíveis e não pediam nada. Quando se iam embora, não perdíamos nada. Ao mesmo tempo desejava uma mulher doce e gentil, apesar do preço a pagar. De qualquer dos modos, eu estava perdido. Um homem forte conseguiria as duas coisas. Eu não era forte. Por isso continuei a lutar com mulheres, com a ideia das mulheres.

Mindy e eu acabámos a garrafa e fomos para a cama. Beijei-a durante um bocado, depois desculpei-me e retirei-me. Eu estava demasiado bêbedo para agir. Que amante dos diabos. Prometi-lhe toda uma série de experiências inesquecíveis num futuro próximo, e depois adormeci com o seu corpo encostado ao meu.

De manhã acordei doente. Olhei para Mindy, nua ao meu lado. Mesmo depois da bebedeira da véspera, ela era um verdadeiro milagre. Nunca tinha conhecido um rapariga tão bela e ao mesmo tempo tão gentil e inteligente. Quem tinham sido os seus amantes?

Porque é que falharam?

Fui para a casa-de-banho tentar lavar-me. A pasta de dentes fez-me vomitar.

Barbeei-me e pus uma loção para depois da barba. Molhei o cabelo e penteei-me. Fui ao frigorífico, tirei uma 7-Up e bebi.

Voltei ao quarto. Mindy estava quente, o seu corpo estava quente. Parecia estar a dormir. Eu gostava daquilo. Rocei docemente os meus lábios contra os dela. O meu caralho levantou-se. Senti os seus seios contra mim. Agarrei num e chupei-o. Senti o mamilo endurecer. Mindy mexeu-se. Desci até ao ventre e depois até à cona. Comecei a esfregá-la, lentamente.

Era como estar a abrir um botão de rosa, pensei. Isto faz sentido. E óptimo. Como dois insectos num jardim que se aproximam lentamente um do outro. O macho faz a sua lenta magia. A fêmea abre-se lentamente. Gosto disto, gosto disto. Depois percevejos.

Mindy abre-se, começa a ficar molhada. Ela é bonita. Depois montei-a. Com a minha na sua boca, enfiei-lha.

Bebemos durante todo o dia e nessa noite tentei de novo fazer amor com ela. Fiquei estupefacto e desgostoso ao descobrir que ela tinha uma rata enorme. Uma rata super grande. Na noite anterior não tinha reparado. Era uma tragédia. O maior pecado da mulher.

Trabalhei arduamente. Mindy estava imóvel como se estivesse a gozar. Eu pedia a Deus que sim. Comecei a transpirar. As costas doíam-me. Sentia-me tonto, doente. A sua rata parecia tornar-se maior. Eu não conseguia sentir nada. Era como tentar foder um enorme saco de papel. Eu tocava apenas nos lados da sua cona. Era a agonia, um trabalho desmesurado sem a minha recompensa. Eu estava fodido. Não quis ferir-lhe os sentimentos.

Eu queria vir-me desesperadamente. Não era apenas da bebida. Mesmo quando bebia era muito melhor do que a maioria. Ouvi o meu coração. Senti o meu coração. Senti-o no meu peito. Senti-o na garganta.

Senti-o na garganta. Senti-o na cabeça. Insuportável. Caí para o lado a arfar.

«Desculpa, Mindy. Meu Deus, desculpa.»

«Não há problema, Hank.»

Fiquei de barriga para baixo. Eu tresandava a suor. Levantei-me e preparei duas bebidas. Sentámo-nos na cama, lado a lado, e bebemos. Não conseguia perceber como tinha tido um orgasmo da primeira vez. Tínhamos um problema. Toda aquela beleza, toda aquela gentileza, toda aquela bondade e tínhamos um problema. Não era capaz de dizer a Mindy o que tinha sido. Não sabia como dizer-lhe que tinha uma rata enorme. Talvez nunca ninguém lhe tivesse dito.

«Será muito melhor quando beber menos», disse eu.

«Por favor, não te preocupes, Hank.»

«OK.»

Adormecemos ou fingimos adormecer. Por fim consegui...

Mindy ficou cerca de uma semana. Apresentei-a aos meus amigos, íamos a vários sítios. Mas nada foi resolvido. Eu não conseguia vir-me. Ela parecia não importar-se. Era estranho.

Uma noite, por volta das onze menos um quarto, Mindy estava na sala da frente a beber e a ler uma revista. Eu estava deitado na cama em calções, bêbedo, a fumar, com um copo pousado na cadeira. Eu olhava para o tecto azul, sem sentir nem pensar.

Bateram à porta da entrada. Mindy disse: «Posso ir abrir?». «Claro, vai.»

Ouvi Mindy abrir a porta. Depois ouvi a voz de Lydia. «Só vim para ver a concorrência.»

Oh!, pensei, isto é *óptimo*. Vou oferecer-lhes um copo e bebemos e conversamos todos juntos. Gosto que as minhas mulheres se entendam.

Ouvi depois Lydia dizer: «És *muito jeitosa*, não és?». Ouvi Mindy gritar. Depois Lydia. Ouvi barulhos de luta, grunhidos e copos a voar. A mobília estava virada. Mindy gritou outra vez - o grito de quem está a ser atacada. Lydia gritou um tigre-fêmea ao ataque.

Saltei da cama. Ia separá-las. Corri em calções para a sala da frente. Puxavam os cabelos, cuspiam, arranhavam, uma cena triste. Corri para ir separá-las. Tropecei num dos meus sapatos e caí pesadamente sobre o tapete. Mindy fugiu de casa e Lydia seguiu-lhe atrás.

Correram do passeio para a rua. Ouvi outro grito.

Passaram-se alguns minutos. Levantei-me e fechei a porta. Evidentemente que Mindy tinha fugido, porque de repente entrou Lydia. Sentou-se numa cadeira perto da entrada. Olhou para mim.

«Desculpa. Mijei-me.»

Era verdade. Havia uma mancha escura na coxa e uma perna das calças estava encharcada.

«Está bem», disse eu.

Ofereci-lhe uma bebida e ela ficou ali sentada, em silêncio, com o copo na mão. Eu nem sequer um copo podia segurar. Nenhum de nós falou. Pouco tempo depois bateram à porta. Levantei-me e abri. A minha enorme barriga, branca e mole, saía acima dos calções.

Estavam dois polícias à porta.

«Olá», disse eu.

«Estamos aqui porque nos chamaram por causa de um distúrbio.»

«Apenas um pequeno problema familiar.»

«Temos alguns detalhes», disse o polícia que estava mais próximo de mim. «Há duas mulheres.»

«Há habitualmente», respondi.

«Está bem», disse o primeiro polícia. «Só lhe quero fazer uma pergunta.»

«OK.»

«Qual das duas quer você?»

«Esta aqui.» Apontei para Lydia, sentada na cadeira, toda mijada.

«Muito bem, senhor. Tem a certeza?»

«Tenho a certeza.»

Os polícias partiram e lá estava eu de novo com Lydia.

Na manhã seguinte o telefone tocou. Lydia tinha ido para casa. Era Bobby, o miúdo que vivia mesmo ao lado e que trabalhava numa livraria de pornografia.

«Mindy está aqui. Ela quer que venhas cá para falares com ela.»

«Está bem.»

Fui para lá com três garrafas de cerveja. Mindy trazia saltos e um conjunto preto transparente da Frederick's. Parecia um vestido de boneca e podiam ver-se as calcinhas pretas. Não trazia *soutien*. Valerie não estava lá. Sentei-me, abri as garrafas e passei-as.

«Vais voltar para Lydia, Hank?», perguntou Mindy.

«Desculpa, sim. Vou voltar.»

«Foi desagradável o que aconteceu. Pensei que tu e Lydia tivessem acabado.»

«Eu também pensei que sim. Estas coisas são muito estranhas.

«As minhas roupas estão todas em tua casa. Tenho de lá ir buscá-las.»

«Claro.»

«Tens a certeza de que ela se foi embora?»

«Sim.»

«Aquela mulher julga-se um touro ou um dique.»

«Não penso que ela o seja.»

Mindy levantou-se para ir à casa-de-banho. Bobby olhou para mim. «Fodi-a», disse ele. «Não a culpes. Ela não tinha outro sítio para onde ir.»

«Eu não a culpo.»

«Valerie levou-a ao Fredericks para animá-la. Conseguiu-lhe um conjunto novo.»

Mindy saiu da casa-de-banho. Ela tinha estado a chorar.

«Mindy, tenho de ir.»

«Passarei por lá mais tarde para ir buscar as roupas.»

Levantei-me e saí. Mindy veio atrás de mim.

«Abraça-me», disse ela.

Abracei-a. Ela estava a chorar.

«Não te esquecerás de mim... Nunca!»

Entrei em casa, pensativo, a perguntar-me se Bobby a tinha fodido. Bobby e Valerie entregavam-se a coisas novas e estranhas. Eu não me preocupava que eles não fossem ternos um para o outro. Era o modo como faziam tudo sem a mais pequena emoção. Do mesmo modo como alguém boceja ou frita uma batata.

Para acalmar Lydia, aceitei ir a Muleshead, Utah. A sua irmã estava acampada na montanha. As irmãs tinham agora um grande pedaço de terra. Tinha sido herdado do pai delas. Glendoline, uma das irmãs, tinha montado a tenda na floresta. Ela andava a escrever um romance, *The Wild Woman ofthe Mountains*. As outras irmãs deviam chegar a qualquer momento. Eu e Lydia chegámos primeiro. Tínhamos uma tenda pequena. Na primeira noite ficámos espremidos lá dentro e connosco os mosquitos. Foi terrível.

No dia seguinte de manhã, sentámo-nos à volta do fogo. Glendoline e Lydia preparavam o pequeno-almoço. Comprei por quarenta dólares comida e algumas embalagens de cerveja que pus a refrescar numa nascente da montanha. Acabámos o pequeno-almoço. Ajudei-as a lavar a loiça e Glendoline foi buscar o romance e leu-nos.

Não era verdadeiramente mau, mas faltava-lhe profissionalismo e precisava de muito aperfeiçoamento. Glendoline parecia presumir que o leitor estava tão fascinado quanto ela pela sua própria vida - o que constituía um erro fatal. Os outros erros fatais que ela havia cometido eram numerosos para os enumerar.

Fui à nascente e regressei com três garrafas de cerveja. As raparigas disseram que não, que não queriam nenhuma. Eram muito anticerveja. Falámos sobre o romance de Glendoline. Disse para comigo que era necessário desconfiar de todos os que liam os seus romances em voz alta para os amigos. Se isto não era o beijo da morte, nada mais o era.

A conversa desviou-se e as raparigas puseram-se a falar sobre os homens, as festas, a dança e o sexo. Glendoline tinha uma voz estridente, ria-se nervosa e constantemente.

Andava pela casa dos quarenta e picos, era muito gorda e muito porca. Tirando isto, ela era precisamente como eu, feia.

Glendoline deve ter falado ininterruptamente durante uma hora, e só sobre sexo.

Comecei a ficar farto. Ela levantava os braços sobre a cabeça, «SOU A MULHER

SELVAGEM DA MONTANHA! OH ONDE ESTÁ OH ONDE ESTÁ O HOMEM, O

VERDADEIRO HOMEM COM CORAGEM PARA ME LEVAR?».

Bem, ele não está certamente aqui, pensei.

Olhei para Lydia. «Vamos dar uma volta?»

«Não», disse ela, «quero ler este livro.» Chamava-se *Loveand OrgasmlA Revolutionary Guide to Sexual Fulfillment*.

«Está bem, irei sozinho.»

Subi até à nascente. Agarrei noutra cerveja, abri-a e sentei-me para a beber. Fui apanhado nas montanhas e florestas por duas mulheres malucas. Elas tiveram todo o prazer da foda ao falarem dela durante todo o dia. Eu também gostava de feder, mas não era a minha religião. Havia muitas coisas trágicas e ridículas sobre isso. As pessoas pareciam não saber como lidar e faziam disso um brinquedo. Brinquedo que as destruía. O essencial, decidi, era encontrar a mulher certa.

Mas como? Eu tinha comigo um caderno vermelho e uma caneta.

Rabisquei um poema meditativo. Depois subi até ao lago. Vance Pastures, assim se chamava o lugar. Quase tudo pertencia às irmãs. Tive vontade de cagar. Tirei as calças e acocorei-me nas silvas, no meio de moscas e mosquitos. Em qualquer altura eu podia deixar de usar as retretes da cidade. Tive que me

limpar com folhas. Fui até ao lago e pus os pés na água. Era gelo.

Sê homem, meu velho. Entra.

A minha pele era branca como marfim. Senti-me muito velho e débil. Entrei na água gelada. A água subiu-me até à cintura, inspirei profundamente e mergulhei. Assim é que era! A lama redemoinhava vinda do fundo e encheu-me os ouvidos, a boca e os cabelos.

Fiquei ali na água lamacenta, a bater os dentes.

Esperei bastante tempo para que a água clareasse. Depois saí. Vesti-me e fiz o caminho ao longo da borda do lago. Quando cheguei ao fim do lago, ouvi um ruído de cascata. Meti-me pela floresta, caminhando em direcção ao som. Tinha que trepar algumas pedras numa ravina. O som tornava-se cada vez mais perto. As moscas eram enormes, ferozes e esfomeadas, muito maiores do que as das cidades, e reconheciam uma refeição quando a viam.

Abri caminho através de um espesso silvado e lá estava: dei com a minha primeira e verdadeira cascata de água. A água corria sobre a montanha e saltava por cima dum rebordo de pedra. Era bonito. Continuava a cair. Aquela água vinha de algum sítio. Havia três ou quatro torrentes que deviam dirigir-se para o lago.

Por fim, fiquei cansado de olhar e decidi voltar, mas tomar um caminho diferente, um atalho. Desci em direcção oposta à da margem do lago e cortei em direcção ao acampamento. Sabia mais ou menos onde era. Ainda tinha o meu caderno encarnado. Parei e escrevi outro poema, menos meditativo, e prossegui. Continuei a andar. O acampamento não aparecia. Andei um pouco mais. Olhei em volta à procura do lago. Não encontrei o lago, não sabia onde era. De repente caí em mim: eu estava PERDIDO. Aquelas duas putas ninfomaníacas fizeram-me perder a cabeça e agora eu estava PERDIDO. Olhei em redor.

Havia ao fundo as montanhas e à minha volta árvores e matagal. Não encontrava um centro, um ponto e partida, nada por onde pudesse orientar-me. Senti medo, verdadeiro medo. Porque é que as deixei trazerem-me para longe da minha cidade, da minha Los Angeles? Lá um tipo podia chamar um táxi, podia telefonar. Havia soluções razoáveis para problemas razoáveis.

Vance Pastures estendia-se à minha volta por quilómetros e quilómetros. Deitei fora o meu caderno. Que maneira de morrer para um escritor! Podia já ver a notícia no jornal: HENRY CHINASKI, POETA MENOR, ENCONTRADO MORTO NUMA FLORESTA DE UTAH

Ontem à tarde, o corpo de Henry Chinaski, carteiro que se tornou escritor, foi encontrado, em estado de avançada decomposição, pelo guarda florestal W. K. Brooks Jr.

Ao pé do cadáver foi encontrado um pequeno caderno vermelho, contendo, sem dúvida, os últimos escritos do senhor Chinaski.

Continuei a andar. Em breve estava numa zona encharcada de água. Aqui e acolá, uma das minhas pernas enterrava-se até ao joelho na terra esponjosa e eu devia sair dali.

Caí numa vedação de arame farpado. Apercebi-me logo de que não devia transpor aquela vedação. Sabia que era errado fazê-lo, mas não havia alternativa. Saltei a vedação e, pondo as mãos em redor da boca,

gritei: «LYDIA!».

Não houve resposta.

Tentei outra vez: «LYDIA!».

A minha voz soava tristemente. A voz dum cobarde.

Pus-me a andar. Seria óptimo, pensei, estar lá com as irmãs, ouvi-las rir sobre sexo e homens, sobre dança e festas. Seria tão bom ouvir a voz de Glendoline. Seria tão bom passar a minha mão pelos cabelos de Lydia. Havia sinceramente de a levar a todas as festas da cidade. Hei-de mesmo dançar com todas as mulheres e fazer anedotas de tudo. Hei-de tolerar com um sorriso todos os condutores de merda anormais. Quase podia ouvir-me: «Ei, isto é *porreiro* para dançar? Quem quer mesmo zr? Quem quer divertir-se?».

Continuei a caminhar no lodaçal. Por fim, alcancei terra seca. Encontrei uma estrada. Um antigo caminho de terra batida, mas que estava em bom estado. Conseguia ver marcas de pneus e de cascos. Por cima da minha cabeça havia mesmo cabos eléctricos que levavam electricidade para algum sítio. Tudo o que tinha a fazer era seguir aqueles cabos.

Caminhei pela estrada. O sol estava alto no céu, devia ser meio-dia. Continuei a andar sentindo-me estúpido.

Fui dar com um portão que fechava de lado a lado a rua. O que significava aquilo?

Havia uma pequena entrada num dos lados do portão. Evidentemente que o portão era para o gado. Mas onde estava o gado? Onde estava o dono do gado? Talvez ele só viesse de seis em seis meses.

O cimo da cabeça começou a doer-me. Passei com a mão e senti o sítio onde, trinta anos antes, em Filadélfia, levei uma tareia. A cicatriz lá estava. Agora, aquecida pelo sol, a pele da cicatriz estava inchada. Parecia-se com um pequeno corno. Arranquei um bocado e deitei-o fora.

Caminhei mais uma hora e depois decidi voltar para trás. Mesmo que implicasse fazer todo o caminho no sentido contrário, era a única coisa sensata a fazer. Tirei a camisa e amarrei-a à volta da cabeça. Parei uma ou duas vezes para gritar «LYDIA!». Não houve resposta.

Um pouco depois cheguei ao portão. Bastava-me contorná-lo, mas havia qualquer coisa no caminho. Estava em frente do portão, a cerca de cinco metros de mim. Era uma pequena corça, uma cria de corça ou qualquer outra coisa.

Aproximei-me lentamente. Não se mexeu. Ia deixar-me passar? Aparentemente, não tinha medo de mim. Acho que ele sentia a minha confusão, a minha cobardia. Aproximei-me cada vez mais. Ele não queria afastar-se do meu caminho. Tinha grandes e magníficos olhos castanhos, mais belos do que os de todas as mulheres que eu havia visto. Não queria acreditar. Eu estava a menos de um metro, quase a voltar para trás, quando ele saltou.

Correu pela estrada e enfiou-se pelo bosque. Tinha uma figura soberba, corria como uma flecha.

Ao avançar pela estrada, ouvi um ruído de água que corria. Eu precisava de água.

Não se pode viver muito tempo sem água. Deixei a estrada e encaminhei-me para o ruído da água. Havia uma pequena colina coberta de erva e no alto da colina lá estava: a água corria de várias canalizações em cimento que ligavam a barragem a uma espécie de reservatório. Sentei-me na borda do reservatório, tirei os sapatos e as peúgas, arregacei as calças e enfiei as pernas na água. Depois deitei água por cima da cabeça. E bebi - mas em pequena quantidade e lentamente - exactamente como vi fazerem no cinema.

Depois de recuperar um pouco, reparei num molhe que atravessava o reservatório.

Passei o molhe e dei com uma enorme caixa de metal aferrolhada à parede do dique. Estava fechada com um cadeado. Lá dentro havia provavelmente um telefone. Eu poderia pedir socorro.

Encontrei uma pedra grande e comecei a bater contra o cadeado. Ele não cedeu.

Meu Deus, o que teria feito Jack London? O que teria feito Hemingway? E Jean Genet?

Continuei a bater no cadeado. Às vezes falhava e a minha mão batia no cadeado ou na caixa metálica.

Pele rasgada e sangue a correr. Reuni as minhas últimas energias para dar a última pancada. O cadeado cedeu. Tirei-o e abri a caixa. Não havia telefone. Apenas uma série de botões e grossos cabos. Estendi a mão, toquei num dos cabos e apanhei um choque terrível.

Depois carreguei num botão. Ouvi o barulho da água. Gigantescos jactos de água branca foram disparados de três ou quatro buracos da barragem. Carreguei noutro botão. Outros três ou quatro buracos abriram-se, libertando toneladas de água. Carreguei num terceiro botão e abriram-se todos os buracos. Fiquei ali a ver a água correr. Talvez eu tivesse provocado uma inundação e viessem *cowboys* a cavalo ou em pequenos camiões para me salvarem. Eu já imaginava as parangonas:

HENRY CHINASKI, POETA MENOR, INUNDA O CAMPO DE UTAH PARA

CONSERVAR O SEU TRASEIRO DE HABITANTE DE LOS ANGELES.

Decidi que não valia a pena. Voltei a pôr todos os botões na posição inicial, fechei a caixa e coloquei o cadeado estragado. Deixei o reservatório para trás, encontrei outra estrada que subia e segui-a. Esta parecia mais frequentada que a outra. Andei. Nunca me tinha sentido tão cansado. Via dificilmente. De repente, dei de caras com uma miudinha com cerca de cinco anos. Vestia uma pequeno vestido azul e sapatos brancos. Quando ela me viu, parecia assustada. Tentei pôr um ar gentil e amigável enquanto me aproximava dela.

«Não fujas, miúda. Não te quero fazer mal. ESTOU PERDIDO!», gritei. «Onde estão os teus pais? Leva-me aos teus pais!»

A miúda apontou com a mão. Vi um carro com caravana estacionado um pouco mais longe. «Eh! ESTOU PERDIDO!»

«MEU DEUS! ESTOU CONTENTE POR TE TER ENCONTRADO.»

Lydia saiu detrás da caravana. Os seus cabelos estavam cobertos de rolos vermelhos. «Anda, citadino. Segue-me até casa.»

«Estou tão contente por te ver, querida, beija-me!»

«Não. Segue-me.»

Lydia pôs-se a correr à minha frente. Foi difícil segui-la.

«Perguntei a estas pessoas se tinham visto por aí um rapaz da cidade», disse ela por cima do ombro. «Disseram que não.»

«Lydia, *amo-te.-"*

«Anda! És vagaroso!»

«Espera, Lydia, espera!»

Ela saltou por cima do arame farpado. Era demasiado alto para mim. Vi-me enredado no arame. Não me podia mexer. Parecia uma vaca enlaçada. «LYDIA!»

Ela voltou atrás, com os seus rolos vermelhos, e começou a desembaraçar-me do arame. «Segui a tua pista. Encontrei o teu caderno vermelho. Perdeste-te deliberadamente porque estavas bêbedo.»

«Não, perdi-me por ignorância e porque tinha medo. Não sou uma pessoa completa

- sou um citadino atrofiado. Mais ou menos um falhado, um merda sem nada para oferecer.»

«Meu Deus», disse ela, «pensas que *eu* não sabia?»

Libertou-me do último arame. Eu cambaleava atrás dela. Uma vez mais, eu estava com Lydia.

Três ou quatro dias antes de partir para Houston, onde ia fazer uma leitura, fui às corridas de cavalos, bebi e parei num bar de Hollywood Boulevard. Entrei em casa às nove ou dez da noite. Enquanto atravessava o quarto para me dirigir à casa-de-banho, tropecei no fio do telefone. Embati no canto da base da cama - uma aresta de metal cortante como uma lâmina. Ao erguer-me apercebi-me de que tinha feito um golpe profundo, mesmo acima do tornozelo. O sangue corria sobre o tapete, deixei atrás de mim um rasto ensanguentado quando fui para a casa-de-banho. O sangue corria sobre os ladrilhos, deixava em todo o lado marcas de pés vermelhas.

Bateram à porta e deixei entrar Bobby. «Meu Deus, o que aconteceu, homem?»

«E a MORTE. Estou a esvair-me até morrer...»

«Ê melhor fazeres qualquer coisa a essa perna.»

Valerie bateu à porta. Abri-lhe a porta. Ela gritou. Servi-lhes um copo e preparei outro para mim. O telefone tocou. Era Lydia.

«Lydia querida, estou a esvair-me em sangue!»

«Ê mais uma das tuas fitas dramáticas?»

«Não. Pergunta a Valerie.»

Valerie agarrou no telefone. «É verdade, ele abriu o tornozelo. Há sangue por todo o lado e ele recusa-se a fazer o que quer que seja. Seria melhor vires cá...»

Quando Lydia chegou eu estava sentado no sofá. «Olha, Lydia, A MORTE!» Veios minúsculos dependuravam-se da ferida como esparguete. Arranquei alguns. Agarrei no meu cigarro e deitei a cinza na ferida. «Eu sou um HOMEM! Merda, eu sou um HOMEM!»

Lydia saiu e trouxe água oxigenada e deitou-a sobre a ferida. Era engraçado. Da ferida saiu espuma branca. Aquilo crepitava e fazia bolhinhas. Lydia deitou um pouco mais.

«E melhor ires ao hospital», disse Bobby.

«Não preciso da merda do hospital. Isto há-de curar-se por si...»

Na manhã seguinte a ferida estava horrível. Ainda estava aberta e parecia estar a formar uma bonita crosta. Fui à farmácia comprar mais água oxigenada, algumas ligaduras e sulfato de magnésio. Comecei a imaginar-me com uma só perna. Isso trazia algumas vantagens:

HENRYCHINASKI É, SEM DÚVIDA ALGUMA, O MAIOR POETA UNIJÂMBICO DO MUNDO.

À tarde, Bobby passou por lá. «Sabes quanto custa amputar uma perna?»

«Doze mil dólares.»

Depois de Bobby ter saído, telefonei ao meu médico.

Fui sóbrio para a leitura que se realizou no Museu de Arte Moderna. Li alguns poemas e alguém da assistência perguntou-me:

«Como é que não está bêbedo?»

«Henry Chinaski não pôde vir. Eu sou irmão dele,”

Li outro poema e depois disse a verdade sobre os antibióticos. Disse-lhes também que era contra a regra dos museus beber dentro do edifício. Alguém da assistência trouxe-me uma cerveja. Bebi-a antes de continuar a ler. Veio outra pessoa trazer-me mais uma cerveja. Os poemas saíam muito melhor.

Depois houve um jantar e uma festa num café. Sentada à minha frente, encontrava-se, sem dúvida, a rapariga mais bonita que já tinha visto. Parecia-se com a Katherine Hepburn quando jovem. Tinha cerca de 22 anos e irradiava beleza. Eu não parava de dizer piadas, chamando-a Katherine Hepburn. Ela parecia gostar. Não esperava nada dali. Ela estava com uma amiga. Quando chegou a altura de partir, eu disse à directora do museu, uma mulher chamada Nana, em casa de quem ia ficar: «Vou sentir a falta dela. É

demasiado bonita para ser verdade».

«Ela vem connosco.»

«Não acredito.»

... Mais tarde, lá estava ela no meu quarto, em casa da Nana. Tinha uma camisa de noite transparente, sentou-se na ponta da cama a pentear os seus compridos cabelos e a sorrir-se para mim.

«Como te chamas?»

«Laura.»

«Bem, escuta Laura. Vou chamar-te Katherine.»

«Está bem.»

Os seus cabelos eram ruivos e bastante compridos. Era pequena mas bem proporcionada. O rosto era o que tinha de mais belo.

«Queres beber alguma coisa?», perguntei.

«Oh, não, eu não bebo! Não gosto.»

Agora, ela assustava-me. Não conseguia perceber o que estavá ela a fazer ali comigo. Ela não parecia ser uma fã de *rock*. Fui à casa-de-banho, voltei e apaguei a luz.

Senti-a deitar-se ao meu lado. Tomei-a nos braços e beijámo-nos.

Eu não conseguia acreditar na minha sorte. Que direito tinha eu para fazer aquilo?

Como podiam alguns livros de poemas originar isto? Era de facto incompreensível. Mas não ia deixar passar a ocasião. Senti-me estimulado. De repente ela desceu e pôs o meu caralho na boca. Observei os lentos movimentos da sua cabeça e do seu corpo ao luar. Ela não era tão boa como algumas, mas o que me espantava era ela estar a fazer-me aquilo.

Precisamente quando estava para me vir, enfiei a minha mão naquela massa de belos cabelos para os expor ao luar, e vim-me na sua boca.

Lydia esperava-me no aeroporto. Ela estava com tesão, como sempre.

«Meu Deus, estou com *tusa!* Masturbo-me, mas não me faz nada.»

Fomos para minha casa de carro.

«Lydia, a minha perna ainda está num estado lamentável. Não sei se consigo com a perna assim.»

«O *quê?*

«E verdade. Acho que não consigo foder com a perna neste estado.»

«Então, em que és bom?»

«Bem, posso fritar ovos e fazer truques.»

«Não sejas engraçado. Estou a perguntar-te em que é que és bom.»

«A perna há-de curar-se. Senão, hão-de cortá-la. Tem paciência.»

«Se não estivesses bêbedo, não terias caído e ferido a perna. É *sempre* a garrafa!»

«Não é sempre a garrafa, Lydia. Podemos cerca de quatro vezes por semana. Para a minha idade não está mal.»

«Às vezes penso que nem mesmo tens prazer.»

«Lydia, o sexo não é *tudo!* És obcecada. Por amor de Deus, descansa um pouco.»

«Descansar até que a tua perna fique curada? Entretanto o que faço?»

«Jogamos ao Scrabble.»

Lydia gritou. O carro começou a ziguezaguear. «FILHO DA PUTA! EU MATO-TE!»

Atravessou a dupla linha amarela a grande velocidade, na direcção dos carros que vinham em sentido contrário. As buzinas tocaram e os carros dispersaram-se. Continuámos em sentido contrário, os carros aproximavam-se de nós e batiam à esquerda e à direita.

Abruptamente, Lydia cruzou a linha dupla para a faixa que tínhamos deixado.

Onde está a polícia?, pensei. Porque será que, quando Lydia faz qualquer coisa, a polícia nunca aparece?

«Muito bem», disse ela. «Vou levar-te a casa e pronto. Já decidi. Vou vender a minha casa e mudar-me para Phoenix. Glendoline vive lá agora. As minhas irmãs bem me tinham dito que eu não devia viver com um cabrão como tu.»

Fizemos o percurso sem dizer palavra. Quando chegámos a minha casa, tirei a mala, olhei para Lydia e disse: «Adeus». Ela chorava silenciosamente, o seu rosto estava molhado. Partiu em direcção a Western Avenue. Entrei no pátio. De regresso de mais uma leitura...

Verifiquei o correio e depois telefonei para Katherine, que vivia em Austin, no Texas. Parecia estar verdadeiramente satisfeita por ouvir-me, e era bom escutar aquele acento do Texas, aquela gargalhada estridente. Disse-lhe que queria que ela viesse visitar-me e que lhe pagaria o bilhete de ida e volta, de avião. Que iríamos às corridas de cavalos, a Malibu. Que irí... tudo o que ela quisesse.

«Mas, Hank, tu não tens uma namorada?»

«Não, nenhuma. Sou um eremita.»

«Mas tu nos teus poemas falas sempre de mulheres.»

«É o passado. Agora é o presente.»

«E Lydia?»

«Lydia?»

«Sim, falaste-me nela.»

«O que te disse?»

«Contaste-me como ela arrumou duas mulheres. Vais deixá-la bater-me? Não sou muito grande, tu sabes.»

«Isso não pode acontecer. Ela foi para Phoenix. Digo-te, Katherine, és de facto *A* mulher excepcional de que eu andava à procura. Por favor, confia em mim.»

«Vou ter que fazer preparativos. Vou ter que encontrar alguém que me cuide do gato.»

«OK. Mas quero que saibas que deste lado está tudo claro como água.»

«Mas não te esqueças, Hank, do que me disseste a propósito das tuas mulheres.»

«O que disse eu?»

«Que elas voltavam sempre.»

«Isso é conversa de machão.»

«Então irei. Mal tenha as coisas acertadas, faço uma reserva e dar-te-ei os detalhes.»

Quando estive no Texas, Katherine contou-me a sua vida.

Eu era apenas o terceiro homem com quem ela tinha dormido. Houve o marido, um campeão de atletismo, alcoólico, e eu. O seu ex-marido, Arnold, estava ligado ao *show-business* e ao mundo da arte. Não soube o que fazia concretamente. Assinava constantemente contratos com estrelas do rock, pintores, etc. O negócio tinha 60.000

dólares de débito, mas florescia. É uma daquelas situações em que, quanto mais dívidas se tiver, em melhor posição se fica.

Não sei o que se passou com o atleta. Acho que deve ter cavado. E depois Arnold entregou-se à coca. Em alguns dias, a coca transformou-o. Katherine afirmava que era incapaz de o reconhecer. Foi terrível. Corridas de ambulância para o hospital. Depois voltava ao seu escritório como se nada tivesse acontecido. Joanna Dover entrou no filme.

Uma mulher alta, rica. Culta e maluca. Ela e Arnold meteram-se em negócios. Joanna Dover ocupava-se das artes como outros da prospecção industrial. Ela descobria artistas desconhecidos em vias de se tornarem célebres, comprava-lhes as telas a baixo preço e vendia-as a preços altíssimos quando se tornavam conhecidos. Tinha olho para aquilo. E

um corpo magnífico de um metro e oitenta. Começou a encontrar-se frequentemente com Arnold. Numa noite Joanna foi procurar Arnold, com um luxuoso vestido. Katherine percebeu que Joanna era o verdadeiro negócio. Se bem que ela os acompanhasse quando saíam. Formavam um trio. Arnold era muito pouco dado ao sexo, por isso Katherine não se preocupava com aquilo. Preocupava-se, sim, com

os negócios. Quando Joanna saiu de cena, Arnold entregou-se cada vez mais à coca. As corridas de ambulância tornaram-se mais frequentes. Katherine acabou por pedir o divórcio. Contudo, continuava a encontrar-se com ele. Todas as manhãs, às dez e meia, ela ia ao escritório beber um café para justificar o dinheiro, que ele lhe dava, e que lhe permitia manter a casa. Jantavam de quando em quando, mas nada de sexo. Ele precisava dela e ela sentia instintos protectores em relação a ele. Katherine acreditava na alimentação racional e só comia galinha e peixe. Era uma mulher bonita.

Um ou dois dias mais tarde, por volta da uma da tarde, bateram à minha porta. Era um pintor, Monty Riff, foi o que me disse. E acrescentou que eu me embebedava regularmente com ele quando eu vivia em DeLongpre Avenue.

«Não me lembro de ti», disse eu. «Ia muitas vezes com Dee Dee.» «Ah, sim? Então entra». Monty trazia uma embalagem de cervejas e uma alta e fabulosa mulher.

«Esta é a Joanna Dover.»

«Não fui à sua leitura em Houston», disse ela.

«Laura Stanley falou-me de si.»

«Você conhece-a?»

«Sim. Mas mudei-lhe o nome para Katherine, por causa da Katherine Hepburn.»

«Você *conhece-a* mesmo?»

«Bastante bem.»

«Como, bastante bem?»

«Ela vem visitar-me dentro de um ou dois dias.»

«Verdade?»

«Sim.»

Acabámos as cervejas e saí para ir buscar mais. Quando voltei, Monty tinha partido.

Joanna disse-me que ele tinha um encontro. Conversámos sobre pintura e mostrei-lhe algumas das minhas telas. Ela olhou para elas e disse que gostaria de comprar duas telas.

«Quanto?», perguntou ela.

«Bem, quarenta dólares pela pequena e sessenta pela maior.»

Joanna passou-me um cheque de cem dólares. Depois disse: «Quero que viva comigo».

«O quê? Isso é rápido de mais.»

«Mas rentável. Tenho dinheiro. Mas não me pergunte quanto. Já encontrei um certo número de razões que fazem com que devamos viver juntos. Quer ouvi-las?»

«Não.»

«Se vivermos juntos, levo-o a Paris.»

«Detesto viajar.»

«Mostrar-lhe-ia um Paris de que havia de gostar.»

«Dê-me tempo para pensar.»

Inclinei-me e dei-lhe um beijo. Voltei a beijá-la demoradamente. «Merda, vamos para a cama», disse eu.

«Está bem.»

Despimo-nos antes de nos deitarmos. Ela media um metro e oitenta. Eu estava habituado a mulheres pequenas. Era estranho em cada sítio que tocava parecia ser mais mulher que o habitual. Excitámo-nos. Fiz-lhe um minete de 3 ou 4 minutos e depois montei-a. Ela era boa, era mesmo boa. Lavámo-nos, vestimo-nos e levou-me a jantar a Malibu. Disse-me que vivia em Galveston, no Texas. Deu-me a direcção e o número de telefone, dizendo-me que fosse visitá-la. Disse-lhe que sim. Disse-me que tinha falado a sério sobre Paris e o resto. Tinha sido uma boa foda e o jantar fora excelente.

No dia seguinte, Katherine telefonou-me. Disse que já tinha os bilhetes e que o avião chegava a Los Angeles na sexta-feira, às duas e meia da manhã.

«Katherine, tenho de te dizer uma coisa.»

«Hank, não me queres ver?»

«Quero ver-te mais do que nunca.»

«Então o que é?»

«Bem, lembras-te da Joanna Dover...»

«Joanna Dover?»

«Aquela... tu sabes... o teu marido...»

«O que há com ela, Hank?»

«Bem, ela veio ver-me.»

«Queres dizer que ela foi a tua casa?»

«Sim.»

«O que aconteceu?»

«Conversámos. Comprou-me dois quadros.»

«Não aconteceu mais nada?»

«Sim.»

Katherine ficou silenciosa. Depois disse: «Hank, não sei se ainda me apetece ver-te».

«Compreendo. Olha, porque não pensas primeiro e telefonas-me depois? Desculpa, Katherine. Lamento que tenha acontecido. É tudo o que posso dizer.»

Ela desligou. Não vai telefonar, pensei. A melhor mulher que alguma vez conheci e foi tudo pelos ares. Eu mereço a derrota, mereço morrer sozinho num hospício.

Sentei-me perto do telefone. Li o jornal, a secção de desporto, a secção económica, a banda desenhada. O telefone tocou. Era Katherine. «FODER Joanna Dover!», disse a rir-se. Nunca tinha ouvido Katherine blasfemar daquela maneira.

«Então vens?»

«Sim. Sabes a que horas chega o avião?»

«Sei. Estarei lá.»

Despedimo-nos. Ela vinha, vinha para ficar pelo menos uma semana, com o seu rosto, o seu corpo, os seus cabelos, os seus olhos, o sorriso...

Saí do bar e consultei o quadro das chegadas. O avião vinha a horas e Katherine, no ar, vinha ao meu encontro. Sentei-me à espera. À minha frente, uma mulher elegante lia um belo livro de bolso. A sua saia estava levantada até às coxas, mostrando o flanco, a perna envolta em *nylon*. Porque insistiu ela em fazer aquilo? Eu tinha um jornal, mas olhava para cima, para as coxas. Tinha umas coxas soberbas. Quem gozava com aquilo? Sentia-me idiota a olhar por entre as suas coxas, mas não conseguia evitar. Era bem feita. Tinha sido uma rapariguinha e um dia estaria morta, mas agora mostrava-me as pernas. Pernão dos diabos, dava-lhe cem, dava-lhe dezassete centímetros de palpitações violáceas! Cruzou as pernas e a saia subia um pouco mais. Levantou os olhos do livro. O seu olhar encontrou o meu, por cima do jornal. O seu rosto era inexpressivo. Tirou da carteira uma caixa de pastilhas elásticas, tirou o papel e pôs uma pastilha na boca. Uma pastilha verde. Ela mascava, eu olhava para a sua boca. Não baixou a saia. Sabia que eu estava a olhar. Eu não podia fazer nada. Abri o meu porta-moedas e tirei duas notas de cinquenta dólares. Ela levantou os olhos, viu as notas e baixou-os.

Depois um homem gordo veio pôr-se ao meu lado. O seu rosto era muito vermelho e tinha um nariz enorme. Vestia um fato de montar castanho-claro. Peidou-se. A mulher baixou a saia e eu pus as notas na carteira. Desentesei-me e levantei-me para ir beber à fonte.

Na pista de aterragem o avião de Katherine estacionava perto da rampa de saída.

Fiquei à espera. Katherine, adoro-te.

Katherine desceu a rampa, soberba, com os seus cabelos ruivos, corpo elegante, um vestido azul

apertado, sapatos brancos, tornozelos finos, jovem. Trazia um chapéu branco de abas inclinadas com bastante gosto sobre os seus enormes e sorridentes olhos castanhos.

Tinha charme. Ela nunca mostraria o eu numa sala de espera de aeroporto.

E lá estava eu, cento e três quilos, permanentemente perdido e confuso, curto de pernas e como um macaco da cintura para baixo, sem pescoço, uma cabeça enorme, olhos lacrimejantes, cabelos despenteados, um metro e oitenta de bonomia à espera dela.

Katherine avançou para mim. Aqueles longos cabelos ruivos. As mulheres do Texas são tão descontraídas, naturais. Beijei-a e perguntei se tinha bagagem. Depois, propus-lhe uma passagem pelo bar. As empregadas traziam curtos vestidos vermelhos, que deixavam ver as calcinhas brancas com folhos. Os vestidos eram decotados e deixavam ver os seios.

Elas mereciam de facto os salários e as gorjetas até à última moeda. Viviam nos subúrbios e odiavam os homens. Viviam com as mães, os irmãos e apaixonavam-se pelos seus psiquiatras.

Acabámos de beber e fomos procurar a bagagem dela. Muitos homens tentaram chamar a sua atenção, mas ela caminhava ao meu lado, agarrando-me o braço. Há muito poucas mulheres bonitas que aceitam mostrar em público que pertencem a alguém. Tinha conhecido mulheres suficientes para perceber isto. Eu aceitava-as por aquilo que eram e o amor chegava rara e dificilmente.

Quando aparecia, era habitualmente por razões erradas. Simplesmente porque as pessoas se cansam de recusar o amor e deixam-se ir porque *precisam* de ir para algum lugar. Depois, começam os problemas.

Em minha casa, Katherine abriu a sua mala e tirou um par de luvas de borracha.

Riu-se.

«O que é isso?», perguntei.

«Darlem - a minha melhor amiga - viu-me a fazer a mala e disse-me: ”Que diabo estás a fazer?” e eu disse-lhe: ”Nunca vi a casa de Hank, mas *sei* que não poderei cozinhar, viver e dormir lá sem limpá-la!”.»

Depois deu uma daquelas alegres gargalhadas do Texas. Foi à casa-de-banho e pôs um par *dejeans* e uma blusa cor de laranja, voltou descalça e foi para a cozinha com as suas luvas de borracha.

Também fui à casa-de-banho mudar de roupa. E decidi que se Lydia aparecesse não a deixaria tocar em Katherine. Lydia? Onde estava ela? O que estava a fazer?

Dirigi uma pequena oração aos deuses para que velassem por mim: por favor, mantenham-na afastada. Deixem-na chupar os cornos dos *cowboys* e dançar até às 3 da manhã - mas, por favor, mantenham-na afastada...

Quando saí, Katherine, de joelhos, esfregava dois bons anos de gordura do chão da cozinha.

«Katherine, vamos sair para a cidade. Vamos jantar. Isto não é maneira de começar.»

«Está bem, Hank, mas tenho de acabar primeiro este chão. Depois vamos.»

Sentei-me à espera. Estava sentado no sofá à espera, quando ela apareceu. Inclinou-se sobre mim e beijou-me, rindo-se: «És um velho porco!». Depois foi para o quarto. Eu estava outra vez apaixonado, estava outra vez com problemas...

Depois do jantar, voltámos para casa e conversámos. Ela estava completamente doida pela dietética, os seus pratos favoritos eram galinha e peixe. Aquilo resultava certamente com ela.

«Hank, amanhã limpo a tua casa-de-banho.»

«Está bem.»

«E tenho de fazer os meus exercícios todos os dias. Isso chateia-te?»

«Não, não.»

«Conseguirás escrever enquanto ando por aí?»

«Não há problema.»

«Eu posso ir dar umas voltas.»

«Não, sozinha neste quarteirão, não.»

«Não quero interferir com o teu trabalho.»

«Não consigo parar de escrever, é uma espécie de loucura.»

Katherine veio sentar-se ao meu lado, no sofá. Ela mais parecia uma adolescente do que uma mulher. Pousei o copo para a beijar, um longo e voluptuoso beijo. Os seus lábios eram doces e frescos. Os seus cabelos ruivos fascinavam-me. Separei-me para servir outro copo. Ela baralhava-me. Ela baralhava-me. Eu estava habituado a desprezar prostitutas bêbedas.

Conversámos mais uma hora. «Vamos dormir», disse eu, «estou cansado.»

«Está bem. Vou-me preparar primeiro.»

Continuei sentado, a beber. Precisava de beber mais. Ela era de facto incrível.

«Hank, já estou na cama.»

Fui despir-me à casa-de-banho, lavar os dentes, a cara e as mãos. Ela fez todo este caminho, do Texas, pensei, tomou o avião unicamente para me ver, e agora está na minha cama, espera-me.

Não pus o pijama. Fui para a cama. Ela estava em camisa de noite. «Hank, temos mais ou menos seis dias de segurança à nossa frente, depois teremos de pensar noutra coisa.»

Entrei para a cama. A pequena rapariga-mulher estava pronta. Puxei-a para cima de mim. A sorte estava

de novo comigo, os deuses eram-me favoráveis. Os nossos beijos tornaram-se mais violentos. Pus a sua mão no meu caralho e puxei a sua camisa de noite para cima. Comecei a mexer-lhe na cona. Katherine com uma cona? O clitóris saiu e toquei-o doce e insistentemente. Por fim, montei-a. O meu caralho entrou até metade. Era muito estreita. Eu ia e vinha e depois empurrava. O resto do meu caralho escorregou.

Glorioso. Ela arranhou-me. Eu mexia-me e ela arranhava-me mais. Tentava controlar-me.

Parei de a comer e esperei que acalmasse. Beijei-a, entreabri-lhe os lábios, chupei-lhe o superior. Vi os seus cabelos espalhados na almofada. Depois renunciei a dar-lhe prazer e fodi-a simplesmente, fodia-a viciosamente. Era como um assassínio. Não me preocupei; o meu caralho estava louco. Todo aquele cabelo, o seu jovem e belo rosto. Era como violar a Virgem Maria. Vim-me. Vim-me dentro dela, agonizando, sentindo o meu esperma entrar no seu corpo, ela nada podia, e disparei o meu esperma ao mais fundo dos seus órgãos -

corpo e alma - sem parar...

Mais tarde, adormecemos. Mais exactamente, Katherine adormeceu. Eu abraçava-a por trás. Pela primeira vez pensei no casamento. Sabia que ela certamente tinha defeitos que ainda não tinham vindo à superfície. O princípio de uma relação é sempre o mais fácil.

Depois as máscaras caíam uma a uma, sem parar. Contudo, pensei no casamento. Pensei numa casa, num cão e num gato, em compras nos supermercados. Henry Chinaski estava a perder os tomates. E não se preocupava.

Por fim adormeci. Quando acordei, de manhã, Katherine estava sentada na borda da cama a escovar aqueles metros de cabelos ruivos. Os seus enormes olhos castanhos olharam para mim. «Olá Katherine, queres casar comigo?»

«Por favor, não peças isso. Não gosto disso.»

«A sério.»

«Oh, *merda,* Hank.»

«O quê?»

«Eu disse *merda,* e se continuas, apanho o primeiro avião.»

«OK.»

«Hank?»

«Sim?»

Olhei para ela. Continuava a escovar os cabelos. Os seus olhos castanhos olharam para mim, ela sorria-se. «É só *sexo,* Hank, é *apenas sexol»* Riu-se. Não era um riso sardónico, era um riso alegre. Ela escovava os cabelos, pus o meu braço em redor da sua cintura e pousei a cabeça na sua perna. Já não estava seguro de nada.

Eu levava as mulheres ou aos combates de boxe ou às corridas de cavalos. Na quinta-feira à noite, levei Katherine a um combate de boxe, ao auditório olímpico. Ela nunca tinha assistido a um combate ao vivo. Chegámos antes do primeiro assaltos e sentámo-nos ao pé do ringue. Enquanto esperávamos, bebia cerveja e fumava.

«É estranho, toda esta gente sentada à espera que dois homens subam para o ringue e se batim até caírem», disse eu.

«Deve ser horrível.»

«Isto foi construído há bastante tempo», disse-lhe enquanto ela olhava a antiga arena. «Há só duas casas-de-banho, uma para homens, outra para mulheres, e são pequenas.

Por isso, tenta ir antes ou depois do intervalo.»

«Está bem.»

O público do auditório olímpico era constituído sobretudo por latino-americanos e operários brancos, algumas estrelas de cinema e outras celebridades. Por vezes havia bons lutadores mexicanos que lutavam com o coração. Os únicos combates maus eram entre brancos e pretos, sobretudo na categoria de pesos pesados.

Era estranho estar ali com Katherine. As relações humanas eram assim. Quero dizer, está-se com alguém durante algum tempo, comemos, dormimos, vive-se com ela, amamo-la, ralamos com ela, saímos com ela e de repente tudo acaba. Segue-se um pequeno período em que não se está com ninguém, e depois aparece outra mulher, comemos com ela, fodemos com ela, e parece tudo normal, como se estivéssemos à sua espera e ela de nós.

Nunca me senti bem sozinho: às vezes era bom, mas nem sempre.

Ò primeiro combate foi bom, cheio de sangue e coragem. Assistir a um combate de boxe ou ir às corridas de cavalos trazia qualquer coisa para a escrita. A mensagem não era muito clara, mas ajudava-me. Aliás, era o ponto mais importante: a mensagem não era clara. Era sem palavras, como uma casa a arder, um tremor de terra ou uma inundação, ou ainda uma mulher a mostrar as pernas ao sair do carro. Não sabia do que precisavam os outros escritores; estava-me nas tintas, porque de qualquer dos modos não conseguia lê-los.

Eu estava enclausurado nos meus próprios hábitos, nos meus preconceitos. Não era mau ser-se estúpido *desde que* a ignorância fosse verdadeiramente nossa. Eu sabia que um dia havia de escrever sobre Katherine e que isso seria muito difícil. Era fácil escrever sobre putas, mas escrever sobre uma mulher como ela era muito mais difícil.

O segundo combate também foi bom. A multidão gritava, rugia e bebia cerveja.

Estas pessoas escapavam temporariamente às fábricas, aos matadouros, aos armazéns, às garagens de lavagens - no dia seguinte estariam cativos, mas *agora* estavam livres, estavam bêbedos de liberdade. Não pensavam na escravatura da pobreza. Nem na escravatura da assistência social e das senhas de racionamento. Nós podíamos estar seguros até os pobres aprenderem a fabricar bombas atómicas nas

suas caves.

Os combates foram todos bons. Levantei-me para ir à casa-de-banho. Quando voltei, Katherine estava silenciosa. Mais parecia estar a ver um *balletou* um concerto.

Parecia tão delicada e contudo era uma foda maravilhosa.

Continuei a beber, e Katherine agarrava-me na mão quando um combate se tornava particularmente violento. A multidão adorava K.O. Gritavam quando um dos lutadores ia ao tapete. Eram *eles* que davam os socos. Talvez estivessem a esmurrar os seus patrões ou as suas mulheres. Quem sabe? Quem se preocupava? Mais cerveja.

Sugeri a Katherine que partíssemos antes do último assalto. Já tinha visto o suficiente.

«Está bem.»

Subimos a coxia estreita, através do ar azul de fumo. Não houve assobios nem gestos obscenos. As cicatrizes e costuras do meu rosto às vezes serviam para alguma coisa.

Dirigimo-nos para o pequeno parque de estacionamento, sob a auto-estrada. O meu VV azul de 67 não estava lá. O modelo de 67 foi o último Volks bom - e os rapazes sabiam-no.

«Hepburn, roubaram a merda do carro.»

«Oh, Hank, é impossível!»

«Foi-se. Estava aqui.» Apontei. «Agora foi-se.»

«O que fazemos, Hank?»

«Vamos apanhar um táxi. Sinto-me bastante mal.»

«Porque é que as pessoas fazem isto?»

«Têm de o fazer. É a maneira de se sentirem livres.»

Entrámos num café e telefonei a pedir um táxi. Pedimos café e *donnuts*. Enquanto víamos os combates, fizeram uma ligação directa. Eu tinha um ditado: «Leva a minha mulher, mas deixa o meu carro em paz». Não mataria nunca um homem que me levasse a mulher, mas talvez matasse o homem que me levasse o carro.

O táxi chegou. Felizmente, havia cerveja e *vodka* em minha casa. Abandonei toda a esperança de ficar suficientemente lúcido para fazer amor. E Katherine sabia-o. Andava de um lado para o outro a falar do meu W azul de 67. O último modelo aproveitável. Nem sequer podia avisar a polícia: estava demasiado bêbedo. Tinha de esperar até ao dia seguinte, até ao meio-dia. «Hepburn, não tens culpa, não foste tu que roubaste!» «Quem me dera ter sido, porque já o tinhas.» Imaginei dois ou três putos a acelerar a minha querida azul na auto-estrada marginal, a fumarem erva, a rirem-se, a abrirem cada vez mais. Depois pensei em todos os depósitos de ferro-veIho ao longo da Santa Fe Avenue. Montanhas de pára-choques, pára-brisas, maçanetas de portas, motores, limpa pára-brisas, peças de motores, pneus, jantes, capotas,

macacos, molas de bancos, rolamentos, borrachas de travões, rádios, pistões, válvulas, carburadores, árvores de carnes, caixas de velocidades, eixos o meu carro em breve transformado em peças soltas.

Nessa noite adormeci de encontro a Katherine, mas o meu coração estava triste e frio.

Felizmente, eu tinha um seguro que me pagou um carro novo. Por isso pude levar Katherine às corridas de cavalos. Sentámo-nos ao sol, em Hollywood Park, perto da curva da chegada. Katherine disse que não queria apostar, mas levei-a lá para dentro para mostrar-lhe o quadro dos resultados e os *guichets* das apostas.

Pus cinco dólares numa aposta de 7 contra 2, num cavalo de arranque rápido, que são os meus preferidos. Eu dizia sempre que, se tivesse que perder, seria melhor perder na frente. Tinha-se a corrida ganha antes de alguém nos derrotar. O meu cavalo fez a corrida na frente antes de atrasar o galope até à meta. Rendeu 9,40 dólares. Eu tinha 17,50 dólares de lucro.

Na corrida seguinte ela ficou sentada, enquanto fui fazer a minha aposta. Quando voltei, ela apontou para um homem que estava duas filas mais abaixo. «Vês aquele homem acolá?» «Sim.»

«Ele disse-me que ontem ganhou dois mil dólares e que tinha vinte e cinco mil dólares a mais para hoje.»

«Não queres apostar? Talvez possamos ganhar todos.» «Oh, não, não percebo nada disso.»

«É simples: dás-lhe um dólar que te rende 48 cêntimos. É a chamada taxa. O estado e as organizações dividem a diferença. Estão-se nas tintas para *quem* ganha a corrida, porque a taxa é retirada da totalidade das apostas.»

Na segunda corrida o meu cavalo favorito, em 8 contra 5, chegou em segundo lugar.

Foi batido por um *outsider.* Rendeu 45,80 dólares.

O homem que estava duas filas mais abaixo virou-se para fazer sinal a Katherine.

«Tenho dez sobre ele.» «Oh», fez ela sorrindo-se, «é óptimo.»

Absorvi-me com a terceira corrida, reservada aos potros e castrados de dois anos. A cinco minutos da partida consultei o quadro dos resultados e fui apostar. Enquanto me afastava, vi o tipo virar-se para falar com Katherine. Havia todos os dias uma boa dúzia de tipos que diziam a mulheres bonitas que ganhavam constantemente, à espera que elas acabassem nas suas camas. Talvez nem pensassem nisso; talvez esperassem vagamente que se passasse qualquer coisa, sem saberem muito bem o quê. Eram vazios e estúpidos como um lutador K.O. Quem podia odiá-los? Grandes ganhadores, mas se os víssemos a apostar, faziam-no habitualmente nos *guichets* de dois dólares, com os sapatos nas lonas e as roupas sujas. Os mais pelintras.

O meu potro ganhou por 6 e rendeu 4 dólares. Não era muito, mas eu tinha apostado dez dólares. O tipo voltou-se e olhou para Katherine. «Tenho aquele, a dez dólares.»

Ela virou a cara. «Tem o rosto amarelo, Hank. Viste os olhos dele? Está doente.»

«O sonho é que o põe doente. É o sonho que nos deixa a todos doentes. É por isso que estamos aqui.»

«Vamo-nos embora, Hank.»

«Está bem.»

Nessa noite, ela esvaziou meia garrafa de vinho tinto, de bom vinho tinto, estava calma e triste. Eu sabia que ela me metia no mesmo saco dos tipos das corridas a cavalo e dos combates de boxe. E era verdade, eu estava com eles, era um deles. Katherine sabia que em mim havia algo de mau, quer nos meus actos, quer no meu ser. Tudo o que era mau atraía-me: gostava de beber, era preguiçoso, não defendia nenhum deus, nenhuma opinião política, nenhuma ideia, nenhum ideal. Eu estava instalado no vazio, na inexistência, e aceitava isso. Tudo isso fazia de mim uma pessoa desinteressante. Mas eu não queria ser interessante, era muito difícil. A única coisa que desejava verdadeiramente era um espaço doce e nebuloso para viver, e que me deixassem em paz. Por outro lado, quando me embebedava, gritava, tornava-me louco, perdia a cabeça. Os dois comportamentos não se coadunavam. Estava-me na tintas.

Nessa noite a foda foi formidável, mas foi a noite em que a perdi. Não podia fazer nada. Caí para o lado, limpei-me ao lençol, enquanto ela se dirigiu ao quarto-de-banho.

Sobre nós, um helicóptero da polícia sobrevoava Hollywood.

Na noite seguinte Bobby e Valerie fizeram-me uma visita. Tinham acabado de mudar-se do meu prédio e viviam agora do outro lado do pátio. Bobby trazia uma camisa de malha. Tudo lhe ficava bem, as calças eram justas, os sapatos estavam na moda e os cabelos cuidadosamente cortados. Também Valerie se vestia à moda, mas de maneira menos consciente. As pessoas chamavam-lhe «Barbie Dolls». Valerie era porreira quando estava só, era inteligente, cheia de energia e demasiado honesta. Também Bobby era mais humano quando conversávamos a sós, mas quando havia uma nova mulher por ali ao pé, tornava-se demasiado óbvio e estúpido. Toda a sua atenção e conversa recaíam sobre ela, como se a sua presença fosse coisa interessante e maravilhosa, o que não impedia que a sua conversa se tornasse monótona e parva. Perguntava-me como Katherine ia reagir.

Sentaram-se. Eu estava numa cadeira ao pé da janela e Valerie no sofá, entre Bobby e Katherine. Bobby começou o seu número. Ignorando Valerie, debruçou-se para a frente e concentrou a sua atenção em Katherine.

«Gosta de Los Angeles?»

«Sim», respondeu Katherine.

«Vai cá ficar por mais tempo?»

«Um pouco mais.»

«Você é do Texas?»

«Sim.»

«Os seus pais também?»

«Sim.»

«E por lá, há coisas interessantes na televisão?»

«Mais ou menos como aqui.»

«Tenho um tio no Texas.»

«Oh.»

«Sim, vive em Dálias.»

Katherine não respondeu. Depois disse: «Desculpem-me, vou fazer uma sanduíche.

Desejam alguma coisa?».

Dissemos todos que não. Katherine levantou-se para ir à cozinha. Bobby levantou-se e seguiu-a. Não ouvíamos muito bem o que ele dizia, mas devia continuar a fazer perguntas. Valerie estava com os olhos fixos no chão. Katherine e Bobby ficaram bastante tempo na cozinha. De repente, Valerie levantou a cabeça e pôs-se a falar. Falava rápida e nervosamente.

«Valerie», interrompi-a, «não precisamos de ralar, não é indispensável.»

Baixou de novo a cabeça.

Depois eu disse: «Eh, vocês já aí estão há bastante tempo. Estão a limpar o chão?».

Bobby riu-se e começou a bater com o pé no chão. Por fim, Katherine voltou, seguida por Bobby. Ela avançou para mim, mostrando-me a sanduíche: manteiga de amendoim e rodelas de banana, polvilhada com sementes de sésamo sobre uma bolacha de trigo.

«Tem bom aspecto», disse eu.

Sentou-se para comer. O ambiente acalmou-se. Bobby disse: «Bem, acho melhor irmo-nos embora...». Partiram. Quando a porta se fechou, Katherine olhou para mim e disse: «Não penses nada, Hank. Ele só estava a tentar impressionar-me».

«Desde que o conheço, ele faz isso com todas as mulheres.»

O telefone tocou. Era Bobby.

«Olha lá, o que fizeste à minha mulher?»

«Qual é o problema?»

«Ela está aqui sentada, completamente deprimida e não quer falar!»

«Não fiz nada à tua mulher.»

«Não percebo.»

«Boa noite, Bobby.»

Desliguei.

«Era Bobby. A mulher está deprimida.»

«Está mesmo?»

«Parece que sim.»

«Tens a certeza de que não queres uma sanduíche?»

«Podes fazer-me uma igual à tua?»

«Oh, claro.»

«Então, está bem.»

Katherine ficou mais quatro ou cinco dias. Tínhamos chegado ao dia do mês em que para Katherine era perigoso foder.

Eu não suportava camisas de vénus. Ela comprou uma espécie de geleia como contraceptivo. Entretanto, a polícia tinha encontrado o meu W. Fomos procurá-lo. Estava intacto e em perfeito estado, excepto a bateria, que estava em baixo. Fi-lo transportar para uma garagem de Hollywood, onde foi reparado. Depois do último adeus na cama, levei Katherine ao aeroporto noVolksazulTRV469.

Para mim não foi um dia feliz. Ficámos sentados, em silêncio. Depois anunciaram o seu voo e beijámo-nos.

«Toda a gente viu esta jovem rapariga a beijar este velho.»

«Não condeno...»

Katherine beijou-me outra vez.

«Vais perder o avião.»

«Vai visitar-me, Hank. Tenho uma bela casa. Vivo sozinha. Vai visitar-me.»

«Irei.»

«Escreve!»

«Prometido...»

Katherine passou a porta de embarque e desapareceu.

Voltei ao parque de estacionamento, entrei para o Volks, a pensar, ao menos restame isto. Diabo, não perdi tudo.

Arranquei.

Comecei a beber nessa noite. Não ia ser fácil sem Katherine. Encontrei algumas coisas de que ela se tinha esquecido - brincos, uma bracelete.

Tenho de me ir sentar em frente à máquina de escrever, pensei. A arte requer disciplina. Qualquer cretino consegue apanhar uma galinha. Bebia a pensar nisso.

As duas e dez da manhã o telefone tocou. Estava a beber a minha última cerveja.

«Está lá?»

«Está?» Era a voz duma mulher, duma mulher jovem.

«Sim?»

«Você é Henry Chinaski?»

«Sim.»

«A minha namorada adora os seus livros. Hoje é o aniversário dela e eu disse-lhe que ia telefonar para si. Ficámos surpreendidas por encontrar o seu número na lista telefónica.»

«Sim, estou lá.»

«Bem, como é o aniversário dela, pensei que seria giro se pudéssemos ir aí.»

«Está bem.»

«Eu disse a Arlene que você provavelmente teria a casa cheia de mulheres.»

«Sou um eremita.»

«Então podemos ir aí?»

Dei-lhe a morada e indicações.

«Só uma coisa, estou sem cerveja.»

«Nós levamos alguma cerveja. Chamo-me Tammie.»

«Já passa das duas horas.»

«Havemos de encontrar cerveja. Os decotes podem fazer maravilhas.»

Vinte minutos mais tarde, elas chegaram, decotadas mas sem cerveja.

«Aquele filho da puta», disse Arlene, «nunca se recusou a servir-nos. Mas desta vez parece que teve medo.»

«Que se vá foder», disse Tammie.

Sentaram-se antes de dizerem as idades.

«Tenho trinta e dois anos», disse Arlene.

«Tenho vinte e três», disse Tammie.

«Juntem as vossas idades e terão a minha.»

Arlene tinha longos cabelos negros. Sentada na cadeira perto da janela, penteava-se e maquilhava-se, olhando-se num grande espelho de prata, e falava. Tinha, sem dúvida, tomado comprimidos. Tammie tinha um corpo quase perfeito e compridos cabelos ruivos, naturais. Também tinha tomado comprimidos, mas não voava tanto.

«Custar-lhe-á cem dólares um pouco do eu», disse-me Tammie.

«Passo.»

Tammie tinha a dureza da maior parte das mulheres com menos de vinte e cinco anos. Tinha um rosto de tubarão.

Antipatizei logo com ela.

Foram-se embora cerca das três e meia e fui sozinho para a cama.

Dois dias mais tarde, cerca das quatro horas da manhã, bateram à porta.

«Quem é?»

«É uma ruiva perdida.»

Deixei entrar Tammie. Sentou-se e abri duas garrafas de cerveja.

«Tenho mau hálito por causa destes dois dentes podres. Não me podes beijar.»

«Está bem.»

Conversámos. Ou melhor, escutei. Tammie estava sob *speed*. Eu escutava e olhava para os seus compridos cabelos ruivos, e quando ela estava absorvida com o que dizia, eu olhava e remirava o seu corpo. Quase fazia rebentar as costuras, tal era o desejo de sair. Ela falava ininterruptamente. Não a toquei.

Às seis horas da manhã, Tammie deu-me a sua direcção e o número do telefone.

«Tenho de ir.»

«Acompanho-te até ao carro.»

Era um Camaro vermelho vivo, completamente destruído. A parte da frente estava amachucada, um dos lados esventrado e sem vidros. Lá dentro havia farrapos, camisas e caixas de Kleenex, jornais,

embalagens de leite, garrafas de Coca-Cola, fio de ferro, uma corda, guardanapos de papel, revistas, copos de papel, sapatos e palhinhas coloridas partidas ao meio. Só havia um pequeno espaço para o condutor.

Tammie pôs a cabeça fora da janela e beijámo-nos.

Depois arrancou da beira do passeio e quando chegou ao cruzamento já ia nos oitenta. Ela carregou nos travões e o Camaro parecia soluçar. Voltei para dentro de casa.

Fui para a cama e pensei nos seus cabelos. Nunca tinha visto uma verdadeira ruiva.

Era fogo.

Como um relâmpago vindo do céu, pensei.

De certo modo, o seu rosto já não me parecia tão duro...

Telefonei-lhe. Era uma da manhã. Fui a casa dela. Tammie vivia num pequeno *bungalow*, atrás duma casa.

Deixou-me entrar.

«Não faças barulho. Não acordes a Dancy. É a minha filha. Tem seis anos e dorme no quarto.»

Levei uma embalagem de cerveja. Tammie levou-as para o frigorífico e trouxe duas garrafas.

«A minha filha não deve ver nada. Ainda tenho os dois dentes estragados que me causam mau hálito. Não nos podemos beijar.»

«Está bem.»

A porta do quarto estava fechada.

«Olha», disse ela, «tenho de tomar alguma vitamina B. Vou ter de baixar as calças e picar-me a mim própria no eu. Olha para outro lado.»

«OK.»

Vi-a encher a seringa. Depois desviei o olhar.

«Tenho de a dar toda», disse ela.

Quando acabou, ligou um pequeno rádio vermelho.

«Tens aqui uma linda casa.»

«Não pago a renda há um mês.»

«Oh!»

«Não há problema. Com o proprietário - que vive aqui em frente - eu faço o que quero.»

«Ainda bem.»

«É casado, o cabrão. E sabes o que penso?»

«Não.»

«No outro dia, a mulher saiu não sei para onde, e o cabrão convidou-me para lá ir.

Fui lá, sentei-me, e sabes o que aconteceu?»

«Tirou-a cá para fora?»

«Não, projectou filmes pornográficos. Pensou que aquilo me excitava.»

«E não te excitou?»

«Eu disse: Mr. Miller, tenho de ir agora. Tenho de ir buscar a Dancy à escola.»

Tammie deu-me uma anfetamina. Falámos muito. E bebemos cerveja.

Às seis horas da manhã Tammie abriu o sofá onde estávamos sentados. Havia um cobertor. Tirámos os sapatos e instalámo-nos sobre o cobertor completamente vestidos.

Abracei-a por trás, o meu corpo mergulhado em todo aquele cabelo ruivo. Entesei-me.

Enfiei-o por trás, através da roupa. Ouvi as suas unhas cravarem-se na borda do sofá.

«Tenho de ir», disse eu.

«Olha, só tenho de preparar o pequeno-almoço para a Dancy e levá-la à escola. Não há problema se ela te vir. Espera aqui até eu voltar.»

«Não, vou andando.»

Dirigi-me a casa, bêbedo. O sol já estava alto, doloroso e amarelo...

Há vários anos que eu dormia num horrível colchão, cujas molas me magoavam.

Nessa tarde, quando acordei, tirei o colchão da cama, arrastei-o para fora de casa e encostei-o ao caixote do lixo.

Entrei em casa e deixei a porta aberta.

Eram duas horas da tarde e fazia calor.

Tammie entrou e sentou-se no sofá.

«Tenho de sair», disse-lhe eu. «Tenho de sair para ir comprar um colchão.»

«Um colchão? Bem, então vou-me embora.»

«Não. Tammie, espera. Por favor. Levo cerca de quinze minutos. Espera aqui e bebe uma cerveja.» «Está bem.»

A três quarteirões de minha casa, em Western Avenue, havia uma loja de reparações de colchões. Parei em frente à loja e entrei a correr.

«Amigos! Preciso de um colchão... DEPRESSA!»

«Para que género de cama?»

«Cama de casal.»

«Temos este por trinta e cinco dólares.»

«Fico com ele.»

«Consegue levá-lo no seu carro?»

«Tenho um Volks.»

«Então levamo-lo nós. Qual é a direcção?»

Quando regressei, Tammie ainda lá estava.

«Onde está o colchão?»

«Está a chegar. Bebe outra cerveja. Tens um comprimido?»

Deu-me uma anfetamina. A luz reflectia através dos seus cabelos ruivos.

Tammie tinha sido eleita Miss Sunny Bunny na feira agrícola de Orange, em 1973.

Tinham-se passado quatro anos, mas ainda tinha charme. Ela era grande e roliça nos sítios certos.

O homem das entregas era uma boa alma. Ajudou-me a colocar o colchão na cama.

Ele viu Tammie sentada no sofá. Sorriu-se. «Olá», disse para ela.

«Muito obrigado», disse-lhe. Dei-lhe três dólares e foi-se embora.

Fui ver o colchão na cama. Tammie seguiu-me. O colchão estava embrulhado em celofane. Comecei a arrancá-lo. Tammie deu-me uma ajuda.

«Olha como é bonito», disse Tammie.

«É, sim.»

Era brilhante e colorido. Rosas, troncos, folhas, vinhas ondulantes. Parecia o Jardim do Éden por 35

dólares.

Tammie olhava para ele. «Este colchão excita-me. Quero estreá-lo. Quero ser a primeira mulher a foder-te neste colchão.»

«Pergunto-me quem será a segunda.»

Tammie foi para a casa-de-banho. Houve um silêncio. Depois ouvi o chuveiro. Pus lençóis e fronhas limpas, despi-me e meti-me na cama. Tammie saiu, jovem e húmida, cintilava. Os pêlos do púbis eram da mesma cor dos cabelos: vermelhos, como fogo.

Parou frente ao espelho e encolheu o estômago. Os seus enormes seios levantaram-se até ao espelho. Podia vê-la de frente e por trás, simultaneamente.

Ela veio estender-se nos lençóis.

Começámos a excitar-nos lentamente.

Fomos depois directamente ao assunto, todo aquele cabelo ruivo sobre a almofada, enquanto lá fora tocavam as sirenes e os cães ladravam.

Tammie passou lá a noite. Parecia estar cheia de anfetaminas.

«Quero champanhe», disse ela.

«OK.»

Estendi-lhe uma nota de vinte.

«Até já», disse ela, caminhando para a porta.

De seguida tocou o telefone. Era Lydia. «Perguntava-me apenas como tens passado...»

«Está tudo bem...»

«Por aqui não. Estou grávida.»

«O quê?»

«E não sei quem é o pai.»

«Como?»

«Conheces o Dutch, o gajo que está sempre no bar onde agora trabalho?»

«Sim, o careca.»

«Pois, é um tipo mesmo porreiro. Está apaixonado por mim. Traz-me flores e chocolate. Quer casar comigo. Tem sido de facto porreiro. E uma noite *fui* para casa com ele. Podemos.»

«Está bem.»

«E depois há o Barney, é casado, mas gosto dele. De todos os gajos que frequentam o bar, foi o único que nunca tentou engatar-me. Isso fascinou-me. Sabes, agora ando a tentar vender a minha casa. Ele foi vê-la numa tarde. Só de passagem. Disse-me que queria vê-la para um dos amigos. Deixei-o entrar. Bem, chegou na altura exacta. Os miúdos estavam na escola e deixei-o avançar... Depois, numa noite, entrou um estranho no bar.

Propôs-se acompanhar-me até casa. Recusei. Depois disse-me que só queria sentar-se ao meu lado, no carro, e falar comigo. Disse que sim. Sentámo-nos no carro, conversámos.

Depois fumámos um charro. Beijou-me. Foi o beijo que me fez decidir. Se ele não me tivesse beijado, não teria nunca dormido com ele. E agora que estou grávida, não sei quem é o pai. Tenho de esperar e ver com quem é parecida a criança.»

«Está bem, Lydia, boa sorte.»

«Obrigada.»

Desliguei. Um minuto depois, o telefone voltou a tocar. Era Lydia.

«Oh, e ÍM como vais?»

«Sempre na mesma, cavalos e pifos.»

«Então está tudo bem contigo?»

«Nem tudo.»

«Então o que há?»

«Bem, mandei uma mulher buscar champanhe...»

«Uma mulher?»

«Bem, rapariga...»

«Uma rapariga?»

«Dei-lhe vinte dólares para comprar champanhe e ainda não voltou. Penso que fui levado.»

«Chinaski, não quero ouvir falar nas tuas mulheres. Compreendes?»

«Muito bem.»

Lydia desligou. Bateram à porta. Era Tannie. Vinha com o champanhe e o troco.

No dia seguinte, perto do meio-dia, o telefone tocou. Era Lydia outra vez.

«Então, ela voltou com o champanhe?»

«Quem?»

«A tua puta.»

«Sim, voltou...»

«E o que se passou?»

«Bebemos o champanhe. Era bom.»

«E depois o que aconteceu?»

«Ora merda, tu sabes...»

Ouvi um longo e louco gemido, como um carcaju abatido na neve do Árctico, e deixado abandonado a agonizar e a perder sangue...

Ela desligou.

Dormi quase toda a tarde, e à noite fui às corridas.

Perdi 32 dólares, voltei ao carro e fui para casa. Estacionei, caminhei até à sacada e pus as chaves na porta. As luzes estavam todas acesas. Olhei à volta. As gavetas estavam viradas no chão, assim como as colchas. Todos os livros tinham desaparecido da estante, mesmo os que eu tinha escrito e que rondavam os vinte. E desaparecera a máquina de escrever, a torradeira, o rádio e os quadros.

Lydia, pensei.

A única coisa que deixou foi o televisor, porque ela sabia que eu nunca via televisão.

Saí e deparou-se-me o carro dela, mas Lydia não estava lá dentro. «Lydia! Eh, miúda!»

Subi e desci a rua antes de lhe ver os dois pés que saíam por detrás de uma pequena árvore junto ao muro dum prédio.

Avancei para a árvore e disse: «Ouve, o que se passa contigo?».

Lydia continuou escondida. Tinha dois sacos de compras cheios de livros meus e quadros.

«Olha, tenho de reaver os meus quadros e os meus livros. Pertencem-me.»

Lydia saiu de trás da árvore - a gritar. Tirou as pinturas do saco e começou a rasgá-

las. Atirava os pedaços ao ar e saltava por cima deles quando caíam no chão. Ela trazia as botas de *cow-girl*.

Depois tirou os livros do saco e começou a lançá-los à volta, para a estrada, para o relvado, para todo o lado.

«Aqui estão as tuas pinturas! Aqui estão os teus livros! E NÃO ME FALES NAS

TUAS MULHERES! NÃO ME FALES NAS TUAS MULHERES!»

Depois, correu para o meu jardim com o meu último livro nas mãos, *The Selected Works ofHenry Chinaski*. Gritava: «Com que então queres os teus livros? Com que então queres os teus livros? Aqui estão a merda dos livros! E NÃO ME FALES NAS TUAS

MULHERES!».

Começou a partir os vidros da minha porta de entrada. Com o *The Selected Works ofHenry Chinaski* na mão, começou a partir os vidros um a um, e gritava: «Queres os teus livros de volta? Aqui estão a merda dos livros! E NÃO ME FALES NAS TUAS

MULHERES! NÃO QUERO OUVIR FALAR NAS TUAS MULHERES!».

Fiquei ali parado, enquanto ela gritava e partia os vidros.

Onde estará a polícia?, pensei. Onde?

Lydia desceu depois o jardim, deu um pontapé com o pé esquerdo no caixote de lixo, e meteu-se pelo caminho de acesso ao prédio vizinho. Por detrás de um pequeno arbusto estava a minha máquina de escrever, o meu rádio e a torradeira.

Lydia agarrou na máquina e correu para o meio da rua. Era uma máquina antiga e pesada. Lydia levantou-a com as duas mãos acima da cabeça e lançou-a para o chão. O rolo e várias peças voaram. Agarrou outra vez na máquina, levantou-a acima da cabeça e gritou:

«NÃO ME FALES NAS TUAS MULHERES!», e lançou-a outra vez ao chão.

Depois saltou para o carro e partiu.

Quinze minutos depois, o carro da polícia apareceu.

«É um Volks cor de laranja. Chama-se a *Coisa* e parece um tanque. Não me lembro da matrícula, mas as letras são HZY, como HAZY, percebeu?»

«E a direcção?»

Dei-lhes a direcção...

Como esperava, trouxeram-na de volta.

Quando pararam, ouvi-a no banco de trás, a chorar.

«FICA AÍ», disse um polícia ao sair do carro. Seguiu-me até casa. Entrou e afastou com os pés os pedaços de vidro. Por qualquer razão, dirigiu o foco da sua lanterna para o tecto e para os seus ornamentos.

«Quer fazer uma participação?»

«Não. Ela tem filhos. Não quero que ela perca os miúdos. O ex-marido anda a tentar recuperá-los. Mas *por favor* diga-lhe que as pessoas não podem andar por aí a fazer coisas destas.»

«OK, agora assine isto.»

Ele tinha anotado tudo num pequeno livro de notas. Dizia que eu, Henry Chinaski, renunciava de participar contra Lydia Vance.

Assinei e ele foi-se embora.

Tranquei o que restava da porta, fui-me deitar e tentei adormecer.

Passado mais ou menos uma hora, o telefone tocou. Era Lydia. Tinha regressado a casa.

«SEU FILHO DA PUTA, SE VOLTARES A FALAR NAS TUAS MULHERES, VOLTAREI A FAZER O MESMO!»

E desligou.

Duas noites depois, passei por casa de Tammie, em Rustic Court. Bati à porta. Não havia luz. O apartamento parecia vazio. Vi a sua caixa de correio. Tinha correio lá dentro.

Escrevi um bilhete, «Tammie, tentei telefonar-te várias vezes. Passei por cá e tu não estavas. Estás bem? Telefona-me... Hank».

No dia seguinte de manhã, por volta das onze horas, voltei a passar por lá. O carro dela não estava. O meu bilhete continuava debaixo da porta. Contudo, toquei à campainha.

As cartas continuavam na caixa do correio. Deixei um bilhete dentro da caixa:

«Tammie, por onde andas? Contacta-me... Hank».

Percorri de carro todo o quarteirão, à procura do Camaro vermelho já desfeito.

Voltei nessa noite. Chovia. Os meus bilhetes estavam molhados. Havia mais correio na caixa. Deixei-lhe um livro meu de poemas, com dedicatória. Regressei ao meu W. Tinha pendurada no retrovisor uma cruz de Malta. Tirei a cruz e fui pendurá-la na maçaneta da porta de Tammie.

Não conhecia a direcção de nenhum dos seus amigos, nem da sua mãe, nem dos seus amantes.

Fui para casa e escrevi alguns poemas de amor.

Eu estava sentado com um anarquista de Beverley Hills, Ben Solvnag, que andava a escrever a minha biografia, quando ouvi os passos dela no jardim. Conhecia o som - sempre vivos, frenéticos e *sexy* - dos seus pequenos pés. Eu vivia quase ao fundo do jardim. A minha porta estava aberta. Tammie entrou a correr.

Atirámo-nos aos braços um do outro, abraçámo-nos e beijámo-nos.

Ben Solvnag disse adeus e partiu.

«Aqueles filhos da puta tiraram-me tudo, tudo! Sob o pretexto de que eu não podia pagar a renda! Aquele porco filho da puta!»

«Vou até lá e parto-lhe o eu. Havemos de reaver as tuas coisas.»

«Não, ele tem armas! Toda a espécie de armas!»

«Oh!»

«A minha filha está em casa da minha mãe.»

«Queres beber alguma coisa?»

«Claro.» «O quê?»

«Champanhe extra-seco.» «OK.»

A porta continuava aberta e a luz da tarde atravessava-lhe o cabelo - eram tão compridos e vermelhos que ardiam. «Posso tomar banho?», perguntou. «Claro.» «Espera por mim.»

No dia seguinte de manhã, conversámos sobre a sua situação económica. Esperava receber algum dinheiro: a pensão da filha, subsídio de desemprego e mais algum ainda.

«Há um apartamento vago, lá atrás, precisamente por cima de mim.»

«Quanto é?»

«Cento e cinco dólares, com metade das despesas pagas.» «Oh, merda, posso alugar.

Aceitam crianças? Uma criança?» «Hão-de aceitar. Tenho influência. Conheço os proprietários.»

No domingo seguinte, ela mudou-se. Vivia mesmo por cima de mim. Ela podia olhar para dentro da minha cozinha, onde eu passava as minhas coisas à máquina, na mesa do canto.

Nessa terça-feira à noite, eu, Tammie e o seu irmão, Joy, estávamos sentados a beber, em minha casa. O telefone tocou. Era Bobby.

«Louie e a mulher estão aqui, e ela gostava de estar contigo.» Louie era o tipo que tinha deixado o apartamento onde agora vivia Tammie. Ele tocava com grupos de jazz em pequenos clubes e não andava com muita sorte.

Mas ele era interessante.

«Vai ser difícil, Bobby.»

«Louie ficará triste se não vieres cá vê-lo.»

«OK, Bobby, mas levo dois amigos.»

Fomos até lá e depois das apresentações Bobby trouxe algumas das suas cervejas de segunda. A aparelhagem estava a tocar bastante alto.

«Li a tua história na *Knight*», disse Louie. «Era muito estranha. Nunca fedeste uma mulher morta, pois não?»

«Por vezes tive a impressão de que algumas estavam mortas.»

«Percebo o que queres dizer.»

«Detesto esta música», disse Tammie.

«E como vai a música, Louie?»

«Bem, agora tenho um grupo novo. Se conseguirmos ficar juntos bastante tempo, talvez consigamos qualquer coisa.»

«Tenho vontade de chupar alguém», disse Tammie, «acho que vou chupar a do Bobby, acho que vou chupar o Louie, acho que vou chupar a do meu irmão!»

Tammie trazia um conjunto comprido, que parecia metade um vestido de noite e a outra metade uma camisa de noite.

Valerie, a mulher de Bobby, estava no trabalho. Trabalhava como empregada de bar, duas noites por semana. Louie e a mulher, Paula, já tinham estado a beber com Bobby.

Louie deu uma golada de cerveja de segunda, começou a sentir-se mal, deu um salto e correu para a porta da frente. Tammie saltou e correu para a porta, atrás dele. Passado um bocado, voltaram os dois.

«Vamo-nos embora daqui», disse Louie para Paula.

«Está bem», disse ela.

Levantaram-se e foram-se embora.

Bobby saiu para ir buscar mais cerveja. Eu e Joy falámos sobre qualquer coisa. De repente, ouvi Bobby:

«Não me culpes! Eh, meu, não me culpes!»

Olhei. Tammie tinha a sua cabeça no regaço de Bobby e a mão nos tomates, depois levou-a mais acima para agarrar-lhe o

caralho e segurá-lo firmemente, sem deixar de olhar para mim. Bebi um pouco de cerveja, pousei-a, levantei-me e saí.

No dia seguinte, quando eu ia comprar o jornal, vi Bobby frente à sua casa.

«Louie telefonou e contou-me o que lhe tinha acontecido», disse ele.

«Ah, sim?»

«Ele saiu para vomitar e enquanto vomitava, Tammie agarrou-lhe no caralho e disse: ”Vamos lá para cima e eu faço-te um broche. Depois pomos o teu caralho num ovo da Páscoa”. Ele disse-lhe que não e ela disse, ”Qual é o problema? Não és homem? Não consegues conter o teu leite? Vamos lá acima que eu te chupo tudo!”.»

Fui até à esquina da rua comprar o jornal. No regresso, olhei para os resultados das corridas, li os mexericos, as notícias sobre violações e assassínios.

Bateram à porta. Abri a porta. Era Tammie. Entrou e sentou-se.

«Escuta, desculpa ter-te ferido ao agir daquela maneira, mas só por isso te peço desculpa. O resto só a mim me diz respeito.»

«Está bem», disse eu, «mas feriste a Paula quando correste atrás do Louie. Eles vivem juntos, sabes.»

«MERDA!», gritou-me, «NÃO CONHEÇO A PAULA.»

Nessa noite levei Tammie às corridas de cavalos. Sentámo-nos na segunda tribuna.

Trouxe-lhe um programa que ela olhou por algum tempo. (Nas corridas de trote atrelado, as actuações anteriores vêm impressas no programa.)

«Ouve, eu tomei comprimidos. E quando tomo comprimidos, às vezes fico a voar e perco-me. Vai deitando um olho.»

«Está bem. Eu vou apostar. Queres alguns dólares para apostar?»

«Não.»

«Pronto, eu volto já.»

Dirigi-me ao *guichet* e apostei cinco dólares no cavalo n.° 7. Quando voltei, Tammie já lá não estava. Deve ter ido à casa-de-banho, pensei.

Sentei-me a ver a corrida. O sete ganhou cinco contra um. Ganhei 25 dólares.

Tammie nunca mais vinha. Os cavalos saíam para a corrida seguinte. Decidi não apostar. Decidi ir à procura de Tammie.

Fui primeiro à tribuna superior, depois percorri todas as coxias, os lugares reservados, o bar. Nada.

A segunda corrida começou e já iam na curva. Ouvi os gritos dos apostadores na recta da chegada enquanto descia em direcção ao recinto das corridas. Procurei por todo o lado aquele corpo maravilhoso e aquele cabelo ruivo. Não consegui encontrá-la.

Fui até à enfermaria. Estava um homem sentado, a fumar. Perguntei-lhe: «Por acaso não está aqui uma rapariga ruiva? Talvez tenha desmaiado... está doente».

«Aqui não está nenhuma ruiva, senhor.»

Estava cansado dos pés. Voltei para a segunda tribuna e comecei a pensar na próxima corrida.

Ao fim da oitava corrida, eu tinha cento e trinta e dois dólares. Contava apostar cinquenta dólares no cavalo n.° 4, na última corrida. Levantei-me para ir apostar e vi Tammie de pé à entrada duma sala de refeições, entre um porteiro negro com uma vassoura e outro muito bem vestido. Parecia um chulo dum filme. Tammie sorriu e fez-me adeus.

Aproximei-me. «Andei à tua procura. Pensei que tivesses tomado uma overdose.»

«Não, está tudo bem, estou bem.»

«Ainda bem. Boa noite, ruiva...»

Afastei-me em direcção ao *guichet*. Ouvi-a correr atrás de mim. «Eh! Para onde vais?»

«Quero apostar tudo no n.° 4.»

Apostei. O 4 perdeu por um palmo. As corridas acabavam. Eu e Tammie, juntos, dirigimo-nos para o parque de estacionamento. Enquanto caminhávamos, ela dava-me golpes de anca.

«Preocupaste-me», disse eu.

Encontrámos o carro e entrámos. No caminho para casa, Tammie fumou 6 ou 7

cigarros, fumou-os até metade, e depois esmagou-os no cinzeiro. Ligou o rádio. Subiu e baixou o volume, mudou de estações e fez estalidos com os dedos enquanto ouvia a música.

Mal chegámos, ela correu para a sua casa e fechou a porta.

A mulher de Bobby trabalhava duas noites por semana e quando isso acontecia ele telefonava-me. Eu sabia que às terças e quintas à noite ele estava só.

Era terça-feira quando o telefone tocou. Era Bobby. «Eh, meu, chateias-te se eu for aí beber umas cervejas?»

«Está bem, Bobby.»

Eu estava sentado numa cadeira em frente a Tammie, que estava no sofá. Bobby chegou e sentou-se no sofá. Abri-lhe uma cerveja. Bobby conversava com Tammie. A conversa era tão chocha que desliguei. Mas de vez em quando ouvia algumas passagens.

«De manha», dizia Bobby, «tomo um banho de chuveiro frio. Faz-me acordar mesmo.»

«Eu também tomo um banho frio de manhã», disse Tammie.

«Tomo um banho frio e depois limpo-me», continuava Bobby, «e depois leio uma revista ou outra coisa qualquer. Então estou pronto para o dia.»

«Eu tomo banho, mas não me limpo, deixo as pequenas gota de água onde estão.»

Bobby continuava: «Às vezes tomo um banho mesmo *quente*. A água está tão quente que tenho de entrar muito lentamente».

Bobby levantou-se para mostrar como entrava no banho.

A conversa passou para o cinema e programas de televisão. Ambos pareciam adorar cinema e programas de TV.

Falaram ininterruptamente durante duas ou três horas. Depois, Bobby levantou-se.

«Bem, tenho de ir.»

«Oh, por favor não vás, Bobby», disse Tammie.

«Não, tenho de ir.»

Valerie ia chegar do trabalho.

Na terça-feira à noite, Bobby telefonou de novo.

«Eh, meu, o que fazes?»

«Nada de especial.»

«Posso ir aí beber algumas cervejas?»

«Preferia não receber ninguém esta noite.»

«Oh, anda lá, meu, é só o tempo de beber umas cervejas...»

«Não, não me apetece.»

«ENTÃO VAI-TE FODER!», gritou.

Desliguei e fui para a outra sala.

«Quem era?», perguntou Tammie.

«Alguém que queria cá vir.»

«Era o Bobby, não era?»

«Sim.»

«Não és nada simpático com ele. Ele sente-se só quando a mulher vai para o trabalho. Que diabo se passa contigo?»

Tammie deu um pulo, correu para o quarto e marcou o número. Eu tinha acabado de lhe comprar meia

garrafa de champanhe. Ela ainda não a tinha aberto. Agarrei nela e fui escondê-la na despensa.

«Bobby», disse ela ao telefone, «é a Tammie. Foste tu que acabaste de telefonar?

Onde está a tua mulher? Olha, eu vou até aí.»

Desligou e saiu do quarto. «Onde está o champanhe?»

«Vai-te foder, não penses que o vais levar para ir beber com ele.» Tammie tirou um maço de cigarros da mesa de café e correu porta fora.

Fui buscar a garrafa de champanhe, abri-a e servi-me dum copo. Nunca mais escrevi poemas de amor. Na verdade, não escrevia nada. Não tinha vontade de escrever.

O champanhe escorregava facilmente. Bebia copo atrás de copo. Depois tirei os sapatos e dirigi-me a casa de Bobby. Espreitei através das persianas. Sentados muito perto um do outro, no sofá, conversavam.

Regressei a casa. Acabei com o champanhe e comecei com a cerveja.

O telefone tocou. Era Bobby. «Escuta, não queres cá vir beber uma cerveja connosco?»

Desliguei.

Continuei a beber cerveja e fumei um ou dois cigarros baratos. Estava cada vez mais bêbedo. Fui a casa de Bobby. Bati à porta. Ele abriu-ma.

Ao fundo do sofá, Tammie cheirava coca numa colher da Mc Donald's. Bobby pôs-me uma cerveja na mão.

«O problema», disse-me ele, «é que tu és inseguro, não tens confiança em ti.»

Eu bebia a cerveja.

«É verdade, o Bobby tem razão», disse Tammie.

«Há qualquer coisa dentro de mim que me magoa.»

«Sentes-te inseguro, é muito simples», disse Bobby.

Eu tinha dois números de telefone da Joanna Dover. Tentei o de Galveston. Ela atendeu.

«Sou eu, Henry.»

«Pareces bêbedo.»

«Estou. Quero ir visitar-te.»

«Quando?»

«Amanhã.»

«Está bem.»

«Vais esperar-me ao aeroporto?»

«Claro, querido.»

«Vou procurar um voo e depois telefono-te.»

Eu devia apanhar o voo 707, que partia do aeroporto de LA no dia seguinte, às 12.15. Telefonei para Joanna a dizer-lhe. Disse-me que estaria lá à minha espera.

O telefone tocou. Era Lydia.

«Achei que devia dizer-te que vendi a casa. Vou para Phoenix. Vou de manhã.»

«Está bem, Lydia. Boa sorte.»

«Abortei. Quase que morria, foi horrível. Perdi muito sangue. Mas não te quis chatear com isso.»

«E agora estás bem?»

«Sim, estou. Só quero sair desta cidade. Estou farta desta cidade.»

Despedimo-nos.

Abri outra cerveja. A porta de entrada abriu-se e Tammie entrou. Anda às voltas, a olhar para mini.

«A Valerie já chegou a casa?», perguntei. «Curaste a solidão do Bobby?»

Tammie continuava a andar às voltas. Ficava muito bem com o seu vestido comprido, quer tenha ou não fodido.

«Desaparece», disse eu.

Deu mais uma volta, correu para a porta e foi para casa. Não consegui dormir.

Felizmente, havia mais cerveja. Continuei a beber e acabei a última garrafa por volta das 4.30 da manhã. Sentei-me e esperei pelas seis horas para ir comprar mais cerveja.

O tempo passava lentamente. Andei às voltas. Não me sentia bem, mas comecei a cantarolar. Cantava e andava às voltasda casa-de-banho para o quarto, da sala para a cozinha, voltava, sempre a cantar.

Olhei para o relógio. 11.15. O aeroporto ficava a uma hora, de carro. Estava vestido. Estava calçado, mas não tinha peúgas. Agarrei num par de óculos para ler, que enfiei no bolso da camisa. Saí a correr, sem bagagem.

O W estava estacionado em frente da casa. Entrei. A luz do dia estava fortíssima.

Pousei a cabeça no volante, durante um momento. Ouvi uma voz que vinha do jardim.

«Para onde é que ele pensa que vai naquele estado?»

Pus o carro a trabalhar, liguei o rádio e arranquei. Tive problemas de condução. O

carro queria a todo o momento passar a dupla linha amarela, em direcção ao trânsito que vinha em sentido contrário. Buzinaram-me e voltei para a faixa certa.

Cheguei ao aeroporto. Restavam-me quinze minutos. Ultrapassei sinais vermelhos, sinais de paragem, excedi o limite de velocidade, durante todo o caminho. Tinha catorze minutos. O parque de estacionamento estava cheio. Era impossível encontrar um lugar. De repente vi um lugar em frente dum elevador, com espaço suficiente para o Volks. Havia um sinal vermelho, PROIBIDO ESTACIONAR. Estacionei. Enquanto trancava o carro, os óculos caíram do bolso e partiram-se no chão.

Desci a escadaria e atravessei a rua a correr até ao balcão das reservas. Fazia um calor tórrido. O suor escorria por mim. «Reserva em nome de Henry Chinaski...» O

empregado preencheu o bilhete e paguei. «A propósito», disse o empregado, «li os seus livros.»

Corri em direcção aos serviços de segurança. O aparelho deu sinal. Demasiadas moedas, sete chaves e o meu canivete de bolso. Coloquei-os num prato e passei de novo.

Cinco minutos. Porta 42.

Estava toda a gente a bordo. Entrei. Três minutos. Encontrei o lugar e apertei os cintos. O comandante de voo estava a falar pelo intercomunicador.

Rolámos pela pista e levantámos voo. Virámos sobre o oceano e fizemos meia volta.

Fui o último a sair do avião, e lá estava Joanna Dover.

«Meu Deus!», riu-se. «Estás com um ar *horrível*

«Joanna, vamos emborcar um *Bloody Mary* enquanto esperamos pela minha bagagem. Oh, merda, não *tenho* bagagem nenhuma. De qualquer modo, vamos beber um *Bloody Mary*.»

Entrámos no bar e sentámo-nos.

«Assim nunca irás a Paris.»

«Não sou doido por franceses. Nasci na Alemanha, lembra-te.»

«Espero que gostes da minha casa. É simples. São dois andares e montes de espaço.»

«Desde que fiquemos na mesma cama.»

«Tenho tintas.»

«Tintas?»

«Se quiseres podes pintar.»

«Merda! Mas contudo, obrigado. Interrompi alguma coisa?»

«Não. Havia um mecânico. Mas acabou, pouco a pouco. Não gostava da minha casa.»

«Sê gentil comigo, Joanna, foder e fazer broche não é tudo.»

«Foi por isso que te comprei as tintas. Para quando estiveres a descansar.»

«És de facto uma grande mulher, esquecendo a tua altura.»

«Pensas que eu não sabia?»

Gostei da casa. Todas as portas e janelas tinham rede. As janelas eram grandes e abriam-se. No chão não havia tapetes, duas casas de banho, mobília antiga e mesas por todo o lado, grandes e pequenas. Era simples e confortável.

«Toma um banho», disse Joanna.

Ri-me. «Esta é a única roupa que eu tenho para vestir.»

«Amanhã vamos comprar mais alguma. Depois de tomares banho, vamos sair para comer marisco. Conheço um sítio óptimo.»

«Servem bebidas?»

«Pareces uma pipa sem fendo.»

Não tomei banho de chuveiro, mas de imersão.

Andámos um bom bocado. Nunca tinha percebido que Galveston era uma ilha.

«Os traficantes de droga têm assaltado nestes últimos dias os barcos de pesca de camarão. Matam toda a gente a bordo e embarcam as suas mercadorias, É uma das razões por que subiu o preço do camarão - tornou-se uma ocupação perigosa. E o teu trabalho, como vai?»

«Não tenho escrito. Acho que para mim acabou.»

«E desde quando é que não escreves?»

«Há seis ou sete dias.»

«Cá está o sítio...»

Joanna meteu-se para o parque de estacionamento. Conduzia depressa, mas não o fazia para infringir a lei. Ela conduzia depressa como se lhe tivesse sido dado esse direito.

Havia uma diferença e isso agradava-me.

Encontrámos uma mesa afastada das pessoas. A sala era fresca, calma e escura. Eu gostava assim. Fui para a lagosta. Joanna escolheu qualquer coisa estranha. Pediu em francês. Ela era sofisticada, muito viajada. Em certa medida, e mesmo que eu fosse contra, a boa educação ajudara quando se olhava para um menu, ou se procurava um emprego, mas sobretudo quando se olhava para um menu. Sempre me senti inferior em relação aos empregados de mesa. Cheguei muito atrasado e com muito pouco. Todos eles liam Truman Capote. Eu lia os resultados das corridas.

O jantar foi bom, e lá fora, no golfo, navegavam os barcos de pesca de camarão, as vedetas da polícia e os piratas. A lagosta soube-me bem e empurrei-a com um bom vinho.

Boa amiga. Sempre gostei de ti, perigosa e lenta, com a tua casca avermelhada.

De regresso a casa de Joanna Dover, tínhamos uma garrafa de um delicioso vinho tinto. Sentámo-nos às escuras a ver passar os carros na rua, lá embaixo. Estávamos calmos.

Depois Joanna começou a falar.

«Hank?»

«Sim?»

«Foi por causa de uma mulher que cá vieste?»

«Sim.»

«Acabaste com ela?»

«Gostaria de assim pensar. Mas se dissesse não...»

«Então não tens a certeza?»

«De facto, não.»

«Será que alguém sabe?»

«Acho que não.»

«E isso que faz cheirar tudo tão mal.»

«De facto, cheira.»

«Vamos foder.»

«Bebi demasiado.»

«Vamos para a cama.»

«Quero beber mais.»

«Assim não serás capaz...»

«Eu sei. Espero que me deixes ficar por mais quatro ou cinco dias...»

«Isso dependerá das tuas actuações.»

«Parece-me bastante justo.»

Quando acabámos o vinho, muito dificilmente fui para a cama. Eu já dormia quando Joanna saiu do quarto de banho...

Acordei, levantei-me, servi-me da pasta de dentes de Joanna, bebi dois copos de água, lavei as mãos e a cara e voltei para a cama. Joanna voltou-se e a minha boca encontrou a sua. Comecei a entesar-me. Pus a sua mão no meu caralho. Agarrei-lhe no cabelo e puxei-lhe a cabeça para trás, beijando-a violentamente. Acariciei-lhe a cona. Mexi-lhe no clitóris durante algum tempo. Estava completamente molhada. Montei-a e enfiei-o.

Fiquei com ele lá dentro. Senti a resposta de Joanna. Fui capaz de a montar durante bastante tempo. Por fim, não consegui reter mais. Eu estava suado e o meu coração batia tão depressa, que conseguia ouvi-lo.

«Não estou em grande forma», disse-lhe eu.

«Gostei. Vamos fumar um charro.»

Tirou um charro já feito. Passámos um ao outro.

«Joanna, apetece-me dormir. Posso dormir mais uma hora?»

«Claro. Logo que acabarmos o charro.»

Acabámos e estendemo-nos outra vez na cama. Adormeci.

Nessa noite, depois do jantar, Joanna apareceu com mescalina. «Já experimentaste isto?»

«Não.»

«Queres experimentar?»

«Está bem.»

Joanna tinha posto sobre a mesa pincéis, papel e algumas tintas. Nesse momento, lembrei-me que ela coleccionava quadros. E que tinha comprado algumas pinturas minhas.

Tínhamos estado a beber Heineken durante quase toda a noite, mas ainda estávamos sóbrios.

«Isto é uma droga muito forte.»

«E o que é que faz?»

«Dá-te uma sensação muito estranha. E podes ficar doente. Quando se vomita a sensação é ainda mais estranha, mas eu prefiro não vomitar, por isso vamos tomar com um pouco de bicarbonato de sódio. Acho

que o único efeito da mescalina é o medo.»

«Já senti isso sem ajuda nenhuma.»

Comecei a pintar. Joanna pôs um disco a tocar. Era uma música muito estranha, mas eu gostava. Olhei à volta mas Joanna tinha partido. Não me preocupei. Pintei um homem que acabara de se suicidar, tinha-se pendurado com a corda numa viga. Utilizei tudo.

«Hank...»

Estava precisamente atrás de mim. Levantei-me da cadeira. «MEU DEUS! OH, MEU DEUS DE MERDA!»

Pequenas bolhas geladas subiam dos meus pulsos para os ombros e desciam pelas costas. Eu tremia todo. Voltei-me. Joanna estava ali, de pé.

«Não me voltes a fazer isso», disse eu. «Não me voltes a assustar assim ou mato-te!»

«Hank, mas eu saí para comprar cigarros.»

«Olha para este quadro.»

«Oh, que maravilha. Gosto mesmo muito.»

«É a mescalina, suponho.»

«Claro que é.»

«Muito bem, dê-me um cigarro, minha senhora.»

Joanna riu-se e acendeu dois. Recomecei a pintar.

Desta vez consegui: um enorme lobo verde a foder uma ruiva, com o cabelo puxado para trás, enquanto o lobo verde enfiava por entre as pernas levantadas na vertical. Ela estava desamparada e submissa. O lobo ia e vinha e por cima a noite ardia, era ao relento, estrelas de longos braços e a lua observavam. Era quente, quente e cheio de cor.

«Hank...»

Dei um salto. Voltei-me. Era Joanna atrás de mim. Agarrei-a pelo pescoço. «Já te disse, sua cabra, *para não me assustares...*»

Fiquei cinco dias e cinco noites. Depois não suportei mais. Joanna levou-me ao aeroporto. Comprou-me uma mala e roupas novas. Eu detestava o aeroporto de Dálias, Forth Worth. O aeroporto mais desumano dos Estados Unidos.

Joanna fez-me adeus e eu já voava...

A viagem para Los Angeles decorreu sem incidentes. Desembarquei, interrogando-me sobre o Volks. Fui

pela escada rolante até ao parque de estacionamento e não o vi.

Calculei que tivesse sido levado. Depois fui até ao outro lado do parque - lá estava ele. Só tinha de pagar o bilhete de estacionamento.

Fui para casa. O apartamento estava na mesma - garrafas e lixo por todo o lado.

Tinha de o limpar um pouco. Se alguém o visse naquele estado, eu teria sido preso.

Alguém bateu à porta. Abri-a. Era Tammie. «Olá!», disse ela.

«Olá!»

«Devias estar muito apressado quando partiste. As portas estavam todas abertas. A de trás estava completamente aberta. Prometes não divulgar o que te vou dizer?»

«Prometo.»

«A Arlene veio cá fazer uma chamada interurbana.»

«Está bem.»

«Tentei impedir mas não consegui. Ela tinha tomado comprimidos.»

«Está bem.»

«Onde estiveste?»

«Em Galveston.»

«Porque partiste daquela maneira? És doido.»

«E no sábado parto outra vez.»

«Sábado? Que dia é hoje?»

«Quinta-feira.»

«Para onde vais?»

«Nova Iorque.»

«Para quê?»

«Para uma leitura. Enviaram-me os bilhetes há duas semanas. E tenho percentagem sobre as entradas.»

«Oh, leva-me contigo! Deixo a Dancy com a minha mãe. Quero ir.»

«Não tenho dinheiro para te levar. Levar-me-ia todo o dinheiro que tenho.

Ultimamente tenho gasto muito.»

«Serei *boa!* Serei *tão* boazinha! Estarei sempre a teu lado! Senti muito a tua falta.»

«Não posso, Tammie.»

Foi ao frigorífico buscar uma cerveja. «Estás-te na tintas! Todos aqueles poemas de amor são falsos.»

«Quando os escrevi, não.»

O telefone tocou. Era o meu editor.

«Por onde andaste?»

«Estive em Galveston. Em pesquisas.»

«Ouvi dizer que tens uma leitura no sábado, em Nova Iorque.»

«Sim, e Tammie, a minha miúda, quer ir.»

«Tu leva-la?»

«Não, não tenho dinheiro.»

«Quanto custa a passagem?»

«Ida e volta, 316 dólares.»

«Queres mesmo levá-la?»

«Sim, acho que sim.»

«Está bem, que vá. Envio-te um cheque.»

«A sério?»

«Sim.»

«Não sei o que dizer...»

«Esquece. Mas lembra-te do Dylan Thomas.»

«A mim não me matam.»

Despedimo-nos. Tammie chupava a cerveja.

«Bem», disse eu, «tens dois ou três dias para fazeres a mala.»

«Queres dizer que vou?»

«Sim, o meu editor paga-te a passagem.»

Tammie deu um salto e agarrou-se a mim. Beijou-me, agarrou-me os tomates e tirou-me o caralho. «És o cabrão mais meigo!»

Nova Iorque. Tirando Dálias, Houston, Charleston e Atlanta, é o pior sítio em que já estive. Tammie colou-se a mim e o meu caralho entesou-se. Joanna Dover não tinha esgotado as minhas reservas...

O nosso avião partia de L. A. às três e meia de sábado. As duas horas, subi e fui bater à porta de Tammie. Ela não estava. Desci, entrei em casa e sentei-me. O telefone tocou. Era ela. «Escuta», disse eu, «temos de começar a pensar em partir. Há pessoas à minha espera no aeroporto Kennedy. Onde estás?»

«Faltam-me 6 dólares para aviar uma receita. Quero comprar Quaaludes.»

«Onde estás?»

«Estou a um quarteirão mais abaixo, no cruzamento de Santa Monica Boulevard e da Western. Não te podes enganar.»

Desliguei, entrei para o Volks e arranquei. Parei um quarteirão mais abaixo, no cruzamento da Santa Monica Boulevard e da Western, saí para procurar. Não havia farmácia nenhuma.

Voltei para o carro e parti à procura do seu Camaro vermelho. Encontrei-o cinco quarteirões mais abaixo. Estacionei e entrei na farmácia.

Tammie estava sentada numa cadeira. Dancy correu para mim.

«Não podemos levar a miúda.»

«Eu sei. Vamos levá-la a casa da minha mãe.»

«A casa da tua mãe? Ela vive a cinco quilómetros em sentido contrário ao do aeroporto.»

«É a caminho do aeroporto.»

«Desculpa, é no sentido contrário.»

«Tens os seis dólares?»

Dei-lhe os seis dólares.

«Encontramo-nos em tua casa. Fizeste a mala?»

«Sim, estou pronta.»

Voltei a casa e esperei. Depois ouvi-as chegar.

«Mãezinha», dizia Nancy, «eu quero um sino!»

Subiram as escadas. Esperei que descessem. Nunca mais desciam. Fui lá acima. Ela tinha a mala feita,

mas estava de joelhos a puxar o fecho para um e outro lado.

«Olha», disse eu, «vou levando as outras coisas para o carro.»

Ela tinha dois enormes sacos de papel, completamente cheios, e três vestidos em cabides. Para além da sua bagagem.

Levei os sacos e os vestidos para o carro. Quando voltei ainda estava a puxar o fecho da mala.

«Tammie, vamo-nos embora.»

«Um momento.»

Ela puxava o fecho da esquerda para a direita, de cima para baixo. Não olhava para a mala. Puxava simplesmente o fecho para cima e para baixo.

«Mãezinha, eu quero um sino.»

«Anda, Tammie, vamo-nos embora.»

«Oh, está bem.»

Agarrei na mala e elas seguiram-me.

Segui o Camaro até a casa da sua mãe. Entrámos. Tammie especou-se em frente da cómoda da mãe e começou a abrir e a fechar todas as gavetas. Cada vez que abria uma, metia lá a mão e revolvia tudo. Depois fechava violentamente a gaveta e passava à seguinte. A mesma coisa.

«Tammie, o avião está quase a partir.»

«Oh, não, temos muito tempo. *Detesto* andar às voltas nos aeroportos.»

«O que vais fazer da Dancy?»

«Vou deixá-la aqui, logo que a minha mãe chegar do trabalho.»

Dancy começou a chorar. Por fim ela sabia, chorava, as lágrimas corriam, e depois parou e fechou os punhos e gritou: «EU QUERO UM SINO!».

«Escuta, Tammie, vou esperar dentro do carro.»

Saí e esperei. Esperei cinco minutos e depois voltei a entrar em casa. Tammie continuava a abrir e a fechar gavetas.

«Por favor, Tammie, vamos embora!»

«Está bem.»

Virou-se para Dancy. «Escuta, ficas aqui até a vovó chegar. Deixa a porta fechada e não deixes entrar *ninguém* a não ser a vovó!»

Dancy começou a chorar outra vez. Depois gritou, «ODEIO-TE!».

Tammie seguiu-me e entrámos para o Volks. Pus o motor a trabalhar. Ela abriu a porta e saiu. «TENHO DE IR BUSCAR UMA COISA AO MEU CARRO!»

Tammie correu até ao Camaro. «Oh, merda, tranquei as portas e não tenho a chave!

Tens um cabide?»

«Não», gritei, «não tenho nenhum cabide!»

«Já volto!»

Correu para a casa da mãe. Ouvi abrir-se a porta. Dancy chorava e gritava. Depois ouvi bater a porta, e Tammie trazia um cabide. Dirigiu-se ao Camaro e arrombou a porta.

Encaminhei-me para o carro dela. Tammie tinha subido para o banco de trás e andava pelo meio daquela incrível confusão roupas, sacos de papel, copos de papel, jornais, garrafas de cerveja, embalagens vazias - tudo ali empilhado. Por fim encontrou: a sua máquina fotográfica, a Polaroid que eu lhe havia oferecido pelos anos.

Enquanto eu guiava o Volks, como se eu fosse ganhar o Grande Prémio, Tammie pendurou-se em mim.

«Tu amas-me mesmo, não é?»

«Sim.»

«Quando chegarmos a Nova Iorque, vou foder-te como *nunca* na vida foste fodido!»

«A sério?»

«Sim.»

Agarrou-me no caralho e encostou-se a mim. A minha primeira e única ruiva. Eu tinha sorte...

Subimos a rampa a correr. Eu trazia os vestidos dela e os sacos. Da escada rolante, Tammie viu a máquina de seguros de voo.

«Por favor», disse eu, «só temos cinco minutos para o apanhar.»

«Quero que a Dancy receba o dinheiro.»

«Está bem.»

«Tens duas moedas de 25 cernimos?»

Dei-lhe as moedas. Ela enfiou-as na ranhura e saltou um cartão da máquina.

«Tens uma caneta?»

Tammie preencheu o cartão e agarrou num envelope. Pôs o cartão no envelope.

Depois tentou metê-lo na ranhura da máquina.

«Esta coisa não entra.»

«Vamos perder o avião.»

Continuou a tentar meter o envelope na máquina. Não conseguiu.

Ela ficou ali a tentar meter o envelope. O envelope já estava dobrado em dois e as pontas todas amarrotadas.

«Vou enlouquecer», disse-lhe eu. «Não suporto isto.»

Tentou mais algumas vezes. Não entrava. Olhou para mim. «OK, vamos.»

Subimos pela escada rolante com os vestidos e os sacos.

Encontrámos a porta de embarque. Arranjámos dois lugares atrás. Apertámos os cintos. «Vês», disse ela, «eu disse-te que tínhamos tempo.»

Olhei para o relógio. O avião começou a rolar...

Estávamos no ar há vinte minutos quando ela tirou um espelho da sua carteira e começou a maquilhar-se, sobretudo nos olhos. Maquilhava os olhos com uma escova, concentrando-se nas pestanas. Enquanto fazia isso arregalava os olhos e mantinha a boca aberta. Eu observava-a e comecei a entesar-me.

Os seus lábios estavam tão carnudos, arredondados e abertos. Continuava a ocupar-se das pestanas. Pedi duas bebidas.

Tammie parou para beber e continuou depois. Um gajo novo, sentado à nossa direita, começou a masturbar-se. Tammie continuou a olhar para o espelho, mantendo a boca aberta. Parecia que ela sabia, de facto, chupar com aquela boca.

Continuou assim durante uma hora. Depois arrumou o espelho e a escova, encostou-se a mim e adormeceu.

À nossa esquerda, estava sentada uma mulher. Tinha uns quarenta e tais. Ao meu lado, Tammie dormia.

A mulher olhou para mim.

«Que idade tem ela?», perguntou-me.

De repente fez-se silêncio no avião. As pessoas que estavam perto de nós, escutavam.

«Vinte e três.»

«Parece ter dezassete.»

«Tem vinte e três.»

«Passou duas horas a maquilhar-se e agora adormece.»

«Foi mais ou menos uma hora.»

«Vão para Nova Iorque?», perguntou a senhora.

«Sim.»

«Ela é sua filha?»

«Não, não sou nem pai nem avô dela. Não tenho nenhum laço de parentesco com ela. É minha namorada e vamos para Nova Iorque.» Já lia as parangonas nos olhos dela: UM PERVERSO DE HOLLYWOOD DROGA RAPARIGA DE DEZASSETE

ANOS, LEVA-A PARA NOVA IORQUE, ONDE A VIOLA. E VENDE-A DEPOIS A VÁRIOS VAGABUNDOS

A senhora do interrogatório desistiu. Estendeu-se no assento e fechou os olhos. A sua cabeça escorregou para o meu lado. Parecia que estava sobre o meu estômago.

Agarrado a Tammie, eu olhava para aquela cabeça. Perguntei-me se ela se importaria que eu lhe pregasse nos lábios um grande beijo. Entesei-me outra vez.

Estávamos prestes a aterrar. Tammie parecia muito mole.

Aquilo preocupou-me. Apertei-lhe o cinto.

«Tammie, já estamos em Nova Iorque! Vamos aterrar! Tammie, *acordai* Nenhuma resposta.

Uma *overdose!*

Agarrei-lhe no pulso. Não senti nada.

Olhei para os seus enormes seios. Queria ver se ela respirava. Os seios não se mexiam. Levantei-me e encontrei uma hospedeira.

«Por favor, senhor, volte para o seu lugar. Vamos aterrar.»

«Escute, estou preocupado. A minha namorada não acorda.»

«Acha que ela está morta?», murmurou ela.

«Não sei», sussurrei em resposta.

«Está bem. Assim que aterrarmos vou lá.»

O avião começou a descer. Fui até à retrete e molhei algumas toalhas de papel.

Voltei a sentar-me ao lado de Tammie e esfreguei-lhe a cara. Desapareceu toda a maquilhagem. Tammie não reagiu.

«Acorda, sua puta!»

Pus as toalhas entre os seus seios. Nada. Nenhum gesto. Desisti. Teria de enviar o seu corpo para L. A. Teria de dar explicações à mãe. Vai odiar-me.

Aterrámos. Os passageiros levantaram-se e fizeram bicha para descer. Continuei sentado. Abanei-a e belisquei-a. «É Nova Iorque, Ruiva. A maçã podre. Acaba com essa merda.»

A hospedeira veio e abanou Tammie.

«O que se passa, querida?»

Tammie começou a reagir. Mexeu-se. Depois abriram-se-lhe os olhos. Só por causa duma nova voz. Ninguém dá atenção a uma voz familiar. As vozes familiares tornam-se parte integrante da pessoa, como uma unha.

Tammie tirou o espelho e começou a pentear-se. A hospedeira dava-lhe pancadinhas no ombro. Levantei-me para tirar os vestidos do compartimento por cima de nós. Os sacos também lá estavam. Tammie continuou a olhar-se ao espelho e a pentear-se.

«Tammie, estamos em Nova Iorque. Vamos sair.»

Levantou-se logo. Eu levava os dois sacos e os vestidos. Ela saiu do avião a abanar o traseiro. Segui-a.

Gary Benson, o nosso homem, esperava-nos. Também escrevia poesia e guiava um táxi. Era bastante gordo, mas pelo menos não parecia um poeta, nem tinha o estilo North Beach ou East Village, nem ar de professor de Inglês, o que ajudava bastante, porque nesse dia estava bastante calor em Nova Iorque, perto de 40 graus. Agarrámos nas bagagens e entrámos no seu carro, não no seu táxi, e ele explicou-nos porque era muito melhor alugar um carro em Nova Iorque. Por isso é que havia tantos táxis. Saímos do aeroporto e começou a conversar. Os condutores eram precisamente como a cidade de Nova Iorque ninguém dava o mais pequeno espaço. Não havia nem compaixão nem cortesia: pára-choque contra pára-choque, avançavam. Eu percebia: alguém que cedesse um palmo provocaria um engarrafamento, um acidente ou um assassínio. O tráfego fluía compactamente, como cagalhões num esgoto. Era maravilhoso ver, nenhum dos condutores estava zangado, estavam simplesmente resignados com os factos.

Mas Gary adorava falar da profissão. «Se estiveres de acordo, gostaria de gravar para um programa da rádio e também de te entrevistar.»

«Está bem, Gary, fazemos isso amanhã, depois da leitura.»

«Vou levar-te para veres o coordenador das leituras. Tem tudo organizado. Ele vai mostrar-te o sítio em que vais ficar, etc. Chama-se Marshall Benchy e não lhe digas que eu detesto as decisões dele.»

Andámos um pouco mais e vimos Marshall Benchy de pé, em frente a uma casa de tijolo vermelho. Era impossível estacionar. Ele saltou para dentro do carro e Gary arrancou.

Benchy parecia um poeta, um poeta que vivia do seu dinheiro e que nunca tinha trabalhado para viver - isso percebia-se. Era afectado e meloso - uma pérola.

«Vamos levá-lo ao hotel», disse ele.

Orgulhosamente, recitou uma longa lista de pessoas que tinham estado no meu hotel. Eu conhecia alguns dos nomes, outros não.

Gary parou em frente ao Chelsea Hotel. Saímos. Gary disse, «Vejo-te na leitura. Até amanhã.»

Marshall levou-nos para dentro e conduziu-nos à recepção. O Chelsea não era nada de especial, talvez o seu encanto viesse daí.

Marshall virou-se e estendeu-me a chave. «É o quarto 1010, o antigo quarto dajanis Joplin.»

«Obrigado.»

«Muitos e grandes artistas ficaram no 1010.»

Ele acompanhou-nos até ao pequeno elevador.

«A leitura é às 8. Venho buscar-vos às sete e meia. Estamos a vender alguns lugares em pé, mas tenho tido cuidado por causa das saídas de emergência.»

«Marshall, onde é a loja de bebidas mais próxima?»

«No rés-do-chão, à direita.»

Despedimo-nos de Marshall e subimos de elevador.

Na noite da leitura, que teve lugar na igreja de St. Mark, estava muito calor. Eu e Tammie estávamos sentados no vestiário. Tammie encontrou um grande espelho na parede e começou a pentear-se. Marshall levou-me para o fundo da igreja. Nas traseiras, havia um cemitério. Pequenas lápides em cimento estavam por terra e tinham inscrições gravadas.

Marshall levou-me a dar uma volta e mostrou-me as inscrições. Antes duma leitura eu ficava sempre nervoso, muito tenso e infeliz. Vomitava quase sempre. Foi o que fiz.

Vomitei sobre uma das campas.

«Você acaba de vomitar sobre Peter Stuyvesant», disse Marshall.

Voltei ao vestiário. Tammie continuava a mirar-se ao espelho. Olhava para o rosto e para o corpo, mas estava sobretudo preocupada com os seus cabelos. Puxava-os até acima da cabeça, olhava para eles e deixava-os cair.

Marshall meteu a cabeça no vestiário. «Vamos, estão à espera!»

«A Tammie ainda não está pronta», disse-lhe eu.

Uma vez mais, ela puxou os cabelos até acima da cabeça e mirou-se. Depois deixou-os cair. Aproximou-se do espelho e olhou para os seus olhos.

Marshall bateu à porta e entrou. «Vamos, Chinaski!»

«Vamos, Tammie, anda.»

«Está bem.»

Saí com Tammie atrás de mini. Começaram a aplaudir. A merda do velho Chinaski ainda funcionava. Tammie desceu para a sala e comecei a ler. Eu tinha muitas cervejas num balde com gelo. Li poemas antigos e novos. Não podia falhar. St. Mark na cruz ajudou-me.

Voltámos para o 1010. Já tinha o cheque. Disse na recepção que não queríamos ser incomodados. Tammie e eu sentámo-nos a beber. Eu tinha lido cinco ou seis poemas de amor que lhe diziam respeito.

«Eles sabiam que era eu», disse ela. «Ri-me, por vezes. Foi embaraçoso.»

Eles não fizeram uma grande descoberta ao saberem que se tratava dela.

Resplandecia sexo por todos os poros. Mesmo as baratas, as formigas e as moscas queriam fodê-la.

Bateram à porta. Duas pessoas intrometeram-se, um poeta e a sua mulher. O poeta chamava-se Morse Jenkins, natural de Vermont. A sua mulher era Sadie Everet. Trazia consigo quatro garrafas de cerveja.

Ele calçava sandálias e vestia uns *jeans* velhos; trazia braceletes de turquesa, um colar à volta do pescoço; tinha barba e cabelos compridos e uma camisa cor de laranja.

Falava ininterruptamente. E andava às voltas pelo quarto.

Há um problema com os escritores. Se o que ele escreve se vende bastante, muitos exemplares, ele pensa que é um génio. Se o que ele escreve se vende medianamente, ele diz-se genial. Se o que ele escreve é publicado mas se vende mal, ele diz-se genial. Se o que ele escreve não é publicado e não tem dinheiro suficiente para publicar ele próprio, então diz que é mesmo genial. A verdade, contudo, é que há muito pouco génio. E quase inexistente, invisível. Mas podemos ter a certeza de que os piores escritores têm uma confiança inabalável neles próprios. Em todo o caso, os escritores são uma raça a evitar, eu tento evitá-los, mas é quase impossível. Eles têm esperança numa espécie de fraternidade, numa espécie de conivência. Nenhum deles tem a ver com a escrita, nenhum deles é útil frente a uma máquina de escrever.

«Eu joguei boxe com o Clay antes de se ter tornado Ali», disse Morse. Dava murros no ar, a dançar. «Ele era muito bom, mas eu dei-lhe um murro.»

A sombra de Morse lutava no quarto.

«Olha para as minhas pernas! Tenho pernas formidáveis!»

«O Hank tem melhores pernas do que tu», disse Tammie.

Tornando-me num especialista de pernas, concordei.

Morse sentou-se. Apontou com uma cerveja para Sadie. «Ela trabalha como enfermeira. Sustenta-me. Mas um dia hei-de conseguir. Hão-de ouvir falar de mim.»

Morse não havia de precisar nunca de um micro para as suas leituras.

Olhou para mim. «Chinaski, és um dos dois ou três melhores poetas vivos. Tu conseguiste. Escreves com garra. Mas eu também hei-de lá chegar! Deixa-me ler-te as minhas merdas. Sadie, passa-me os poemas.»

«Não», disse eu, «espera! Não quero ouvi-los.»

«Porquê, meu? Porque não?»

«Já houve demasiada poesia esta noite, Morse. Só me apetece estender-me e esquecer tudo isto.»

«Pronto, está bem... Escuta, nunca respondeste às minhas cartas.»

«Não sou *snob*, Morse. Mas eu recebo 75 cartas por mês. Se eu respondesse a todas, passava o tempo nisso.»

«Aposto que respondes às mulheres.»

«Isso depende...»

«Está bem, meu, não fico ferido. Continuo a gostar das tuas coisas. Talvez eu nunca seja famoso, mas penso que hei-de ser e acho que ficarás contente por me teres encontrado.

Anda, Sadie, vamos...»

Acompanhei-os à porta. Morse agarrou-me na mão. Não a apertou, e nenhum de nós se olhou. «És um velho porreiro», disse ele.

«Obrigado, Morse...»

E depois partiram.

Na manhã seguinte, Tammie encontrou uma receita no seu saco. «Tenho de aviar isto», disse ela. «Olha para isto.»

A receita estava amarrotada e a tinta estava esborratada.

«O que aconteceu?»

«Bem, conheces o meu irmão, virou-se para os comprimidos.»

«Conheço o teu irmão. Deve-me vinte notas.»

«Pois, ele tentou arrancar-me a receita. Tentou estrangular-me. Pus a receita dentro da boca e engoli-a. Ou melhor, *fingi* ter engolido. Ele não tinha a certeza, foi daquela vez em que te telefonei para te pedir que o pusesses na rua. Ele cavou. Mas continuei com a receita na boca. Ainda não a utilizei. Mas posso

aviá-la cá. O pior é tentar.»

«Está bem.»

Apanhámos o elevador para sair. Estava mais de 40 graus. Caminhava com dificuldade. Tammie pôs-se a andar, eu segui atrás dela, ela serpenteava de um lado para o outro do passeio.

«Anda!», disse ela. «Depressa!»

Ela tinha tomado qualquer coisa - devia ser tranquilizantes.

Estava embriagada. Parou frente a um quiosque e começou a ver uma revista. Penso que era a *Variety*. Ficou ali especada. Parei ao lado dela. Era chato e absurdo. Ela fixava apenas a *Variety*.

«Ouve, irmã, ou compras essa porcaria ou desanda!» Era o homem do quiosque.

Tammie afastou-se. «Meu Deus, Nova Iorque é um sítio horrível! Eu só queria ver se havia alguma coisa sobre a leitura!»

Tammie caminhava aos ziguezagues, oscilando de um lado para o outro do passeio.

Em Hollywood, os carros teriam parado ao lado dela, os pretos ter-lhe-iam feito propostas, ela teria sido assediada, cortejada, aplaudida. Em Nova Iorque era diferente; é uma cidade cansada, deprimida e que desdenha a carne.

Fomos para a zona dos negros. Eles olhavam-nos: a ruiva de compridos cabelos, pedrada, e o velho com a barba cinzenta atrás dela, fatigado. Eu observava-os, sentado nos degraus; tinham caras simpáticas. Eu gostava deles. Gostava mais deles do que dela.

Segui Tammie até ao fundo da rua. Havia uma loja de mobílias. Em frente, no passeio, uma cadeira de secretária partida. Tammie dirigiu-se para a cadeira e ficou a olhá-

la. Parecia hipnotizada.

Continuava a lixar a cadeira. Tocou-a com o dedo. Os minutos passavam. Depois, sentou-se nela.

«Olha», disse eu, «vou regressar ao hotel. Tu faz o que entenderes.»

Ela nem sequer levantou o olhar. As suas mãos deslizavam para a frente e para trás sobre os restos dos braços da cadeira. Ela estava no seu mundo. Dei meia volta e caminhei em direcção ao Chelsea.

Comprei alguma cerveja e subi de elevador. Despi-me, tomei um banho, pus duas almofadas entre a cabeça e a cabeceira da cama e bebi a cerveja. As leituras deitavam-me abaixo. Chupavam-me a alma. Acabei uma cerveja e abri outra. As leituras, por vezes, levam-nos a procurar uma tipa comestível. As estrelas do rock têm gajas comestíveis; os lutadores também; os toureiros têm virgens. Mas só os toureiros merecem isso.

Bateram à porta. Levantei-me para a entreabrir. Era Tammie. Empurrou a porta.

«Encontrei um judeu filho da puta. Queria doze dólares para aviar a receita! Na costa são só 6 notas. Disse-lhe que só tinha

dólares. Não quis saber. Um judeu porco a viver em Harlem! Posso beber uma cerveja?»

Tammie agarrou numa cerveja e sentou-se na janela, com uma perna dentro e a outra de fora, mantendo a janela aberta com o braço.

«Quero ver a Estátua da Liberdade. Quero ver Coney Island», disse ela.

Fui buscar outra cerveja.

«Oh, é gira a vista! É gira e suave.»

Tammie debruçou-se à janela, para ver.

Depois gritou.

A mão que tinha estado a segurar a janela escorregou. Vi quase todo o corpo a sair pela janela. Depois voltou. Conseguiu voltar para dentro. Sentou-se, atordoada.

«Esteve perto! Teria feito um bom poema. Perdi muitas mulheres de várias maneiras, mas esta teria sido nova.»

Tammie foi para a cama. Deitou-se de barriga para baixo. Apercebi-me de que ainda estava pedrada. De repente, caiu da cama. Aterrou de costas. Não se mexeu. Fui levantá-la e Pu-la de novo na cama. Agarrei-a pelo cabelo e beijei-a violentamente.

«Eh... o que estás a fazer?»

Lembrei-me de que ela havia prometido uma foda com as pernas no ar. Empurrei-a até ao fim da cama com o estômago para baixo, levantei-lhe o vestido, tirei-lhe as calcinhas. Subi para cima dela e tentei encontrar-lhe a cona. Fui metendo. Entrava cada vez mais. Já a tinha pronta. Ela fez pequenos sons. O telefone tocou. Tirei-a, levantei-me e atendi. Era Gary Benson.

«Vou para aí com o gravador para aquela entrevista para a rádio.»

«Quando?»

«Dentro de 45 minutos.»

Desliguei e virei-me para Tammie. Ainda estava teso.

Agarrei-lhe os cabelos e dei-lhe outro beijo violento. Os seus olhos estavam fechados, a boca sem vida. Montei-a de novo. Lá fora, eles estavam sentados nas escadas de incêndio. Quando o sol começava a desaparecer e apareciam as primeiras sombras, eles saíam para apanhar fresco. Os habitantes de Nova Iorque sentavam-se lá fora para beber cerveja, soda e água gelada. Eles aguentavam e fumavam cigarros. Apenas estar vivo era uma vitória. Decoravam as escadas de incêndio com plantas. Faziam-no com o que encontravam.

Meti-o até ao osso. Como um cão. Os cães têm sempre razão.

Era bom não estar nos correios. O seu corpo saltava e tremia.

Apesar dos comprimidos, ela tentava falar. «Hank...», disse ela. Por fim, vim-me e fiquei dentro ela. Estávamos encharcados em suor. Virei-me para o lado, levantei-me, despi-me e fui tomar banho. Mais uma vez, eu tinha fodido aquela ruiva, 32 anos mais nova do que eu. Senti-me bem, sob o chuveiro. Tinha a intenção de viver até aos oitenta para poder foder uma rapariga de dezoito anos. O ar condicionado não funcionava, mas funcionava o chuveiro. Senti-me mesmo bem. Estava pronto para a entrevista.

De regresso a L. A., tive quase uma semana de paz. O telefone tocou. Era o dono dum clube nocturno de Manhattan Beach, Marty Seavers. Já lá tinha feito uma ou duas leituras. O clube chamava-se Smack-Hi.

«Chinaski, quero que leias durante uma semana, a partir sexta-feira. Podes arrecadar cerca de 450 dólares.»

«Está bem.»

Actuavam lá grupos de rock. Era um público diferente do das faculdades. Eram tão odiosos como eu e insultávamo-nos entre um e outro poema. Eu preferia assim.

«Chinaski», disse Marty, «tu pensas que tens problemas com mulheres. Deixa-me contar-te. A tipa que eu tenho agora tem uma relação estranha com as janelas. Enquanto durmo, ela aparece no quarto por volta das 3 ou 4 da manhã. Abana-me. Fica ali em pé e diz-me: ”Só queria ter a certeza de que estavas a dormir sozinho”!».

«Morte e transfiguração.»

«Uma outra noite, estava eu sentado quando bateram à porta. Sabia que era ela. Abri a porta e ela não estava lá. São onze da noite e estou em calções. Estive a beber e estou preocupado. Saio a correr em calções. Eu ofereci-lhe 400 dólares em vestidos no seu aniversário. Saio a correr e lá estavam os vestidos, sobre o tejadilho do meu novo carro, e estavam em fogo, estavam a arder! Corri para os tirar de lá e ela aparece de trás de um arbusto e começa a gritar. Os vizinhos espreitaram e lá estava eu em calções, a queimar as mãos, a tentar tirar os vestidos do tejadilho.»

«Ela parece uma das minhas», disse eu.

«OK, disse então para mim que estava tudo acabado entre nós. Duas noites depois, estou aqui sentado, tinha trabalhado no clube nessa noite, e estou aqui sentado, às 3 da manhã, bêbedo e em calções. Bateram à porta. Reconheci o modo de bater, era ela. Abri-a e ela não estava lá. Saio para ir ver o carro e ela tinha embebido mais vestidos em gasolina e ardiam. Só que desta vez ardiam sobre o *capot*. Ela aparece não sei donde e desata a gritar.

Os vizinhos espreitavam. Lá estava eu mais uma vez em calções, a tentar tirar aqueles vestidos a arder do *capot*.»

«Ê fantástico, quem me dera que tivesse acontecido comigo.»

«Devias ver o meu novo carro. Tem bolhas de tinta a cobrir o *capote o* tejadilho.»

«E agora, onde está ela?»

«Estamos juntos outra vez. Ela vem aí dentro de meia hora. Então, posso contar contigo para a leitura?»

«Claro.»

«Vais deitar abaixo os grupos de rock Nunca vi nada assim. Gostaria de ter-te lá todas as sextas e sábados à noite.»

«Isso não resultaria, Marty. Pode-se cantar a mesma canção dezenas de vezes, mas com os poemas querem sempre algo de novo.»

Marty riu-se e desligou.

Levei Tammie. Chegámos um pouco cedo e fomos a um bar do outro lado da rua.

Arranjámos uma mesa.

«Agora não bebas muito, Hank. Sabes como pronuncias mal as palavras e saltas versos quando estás demasiado bêbedo.»

«Finalmente», disse eu, «estás a falar bem.»

«Estás com medo do público, não estás?»

«Sim, mas não é medo do palco. É que estou ali como um bobo. Eles querem verme a comer a minha merda. Mas isso dá para pagar a conta da luz e permite-me ir às corridas de cavalos. Não tenho outras justificações a dar por fazer isto.»

«Eu vou beber um Stinger», disse Tammie.

Pedi à empregada para trazer um Stinger e um Bud.

«Vou-me portar bem esta noite», disse ela, «não te preocupes comigo.»

Tammie bebeu o Stinger dum só trago.

«Estes Stinger não são grande coisa. Vou beber outro.»

Pedimos outro Stinger e outro Bud.

«De facto, parece que eles não põem nada nestas bebidas. É melhor eu beber outra», disse Tammie.

Tammie bebeu cinco Stingers em quarenta minutos.

Batemos à porta das traseiras do Smack-Hi. Um dos enormes guarda-costas de Marty deixou-nos entrar. Ele tinha estes tipos com deficiências na tiróide para manter a lei e a ordem entre os putos, *osfreaks* cabeludos, os snifadores de cola, os cabeças de ácido, os amadores da erva, os alcoólicos - todos os miseráveis, todos os danados, os chateados e os pretensiosos.

Preparava-me para vomitar e vomitei. Desta vez encontrei um caixote de lixo e vomitei aí. Da última vez, despejei tudo frente ao escritório do Marty. Agradou-lhe a mudança.

«Queres beber alguma coisa?», perguntou Marty.

«Bebo uma cerveja», disse eu.

«Para mim um Stinger», disse Tammie.

«Arranja-lhe um lugar e não tires os olhos de cima dela», disse eu a Marty.

«Está bem. Vamo-nos ocupar dela. Estamos cheios. Já recusámos cento e cinquenta pessoas, e só temos meia hora antes de começares.»

«Eu quero apresentar o Chinaski ao público», disse ela.

«Estás de acordo?», perguntou Marty.

«Sim.»

Estava um puto no palco com uma guitarra, Dinky Summers, e o público estava a pô-lo em fanicos. Oito anos antes, Dinky tinha tido um disco de ouro, mas depois disso não fez mais nada.

Marty aproximou-se dum telefone e marcou um número. «Escuta», perguntou, «esse tipo é tão mau como parece?»

Ouviu-se uma voz de mulher ao telefone. «Ele é horrível.»

Marty desligou.

«Queremos o Chinaski!», gritavam eles.

«OK», ouviu-se Dinky, «Chinaski é a seguir.»

Começou outra vez a cantar. Estavam bêbedos. Assobiavam e apupavam. Dinky continuou. Acabou a sua actuação e saiu do palco. Era difícil de prever. Em certos dias, o melhor era ficar na cama com os cobertores até cá acima.

Bateram à porta. Era Dinky nos seus ténis vermelhos, brancos e azuis, *T-shirt* branca, calças de bombazina e chapéu de feltro castanho. O chapéu assentava numa massa de caracóis loiros. A *T-shirt* dizia «Deus É Amor».

Dinky olhou para nós. «Fui assim tão mau? Quero saber. Fui *de facto* tão mau assim?»

Ninguém respondeu.

Dinky olhou para mim. «Hank, fui assim tão mau?»

«A assistência está bêbeda. É o carnaval.»

«Quero saber se fui mau ou não.»

«Bebe um copo.»

«Tenho de ir procurar a minha miúda», disse Dinky. «Está sozinha lá fora.»

«Olha, não falemos mais nisso.»

«Claro», disse Marty, «vai indo.»

«Eu vou apresentá-lo», disse Tammie. Saí com ela. Assim que nos aproximámos do palco, eles viram-nos e começaram a gritar e a blasfemar.

As garrafas caíram das mesas. Houve luta. Os tipos do correio não haviam de acreditar nisto.

Tammie dirigiu-se ao microfone. «Senhores e senhoras, Henry Chinaski não pôde vir esta noite...» Houve um silêncio.

Depois ela disse: «Senhores e senhoras, Henry Chinaski!»

Entrei. Eles gritavam. Ainda não tinha feito nada. Agarrei no microfone. «Olá, sou Henry Chinaski...»

A sala tremeu com o barulho. Eu não precisava de fazer nada. Eles encarregavam-se disso. Mas tinha de ter cuidado. Bêbedos como estavam, podiam detectar imediatamente qualquer gesto em falso, o mais pequeno lapso. Não se deve nunca subestimar uma audiência. Eles pagaram para entrar; pagaram para beber; eles queriam *qualquer coisa* em troca e se não se lhes dá nada, estão prontos a lançarem-nos ao mar.

Havia um frigorífico no palco. Abri-o. Devia haver lá dentro perto de 40 garrafas de cerveja. Tirei uma, abri-a, bebi um pouco. Eu precisava.

Na primeira fila um homem gritou: «Eh, Chinaski, nós pagamos para beber!».

Era um tipo gordo, com uma farda de carteiro.

Fui buscar uma outra cerveja. Depois encaminhei-me para ele e estendi-lhe a cerveja. Voltei outra vez ao frigorífico para ir buscar mais cerveja. Dei-as às pessoas da primeira fila.

«Eh, e nós?» Era uma voz ao fundo da sala. Agarrei numa garrafa e lancei-a ao ar.

Lancei algumas mais para o fundo da sala. Eles eram óptimos. Eles apanharam-nas todas.

Uma escorregou-me das mãos e bateu no tecto. Ouvi-a partir-se. Decidi parar. Já estava a ver uma queixa contra mim: fractura de crânio.

Restaram umas vinte garrafas.

«Bem, estas são *minhas!*»

«Vais ler durante toda a noite?»

«Não, vou beber durante toda a noite.»

Aplausos, gritos, arrotos...

«SEU MONTE DE MERDA!», gritou um tipo.

«Obrigado, tia Tilly», respondi.

Sentei-me, aproximei o micro e comecei a ler o primeiro poema. O ambiente acalmou. Agora eu estava só na arena, com o touro.

Senti algum pânico. Mas eu tinha escrito os poemas. E li-os. Era melhor começar suavemente, com um poema de escárnio. Acabei e as paredes abanaram. Quatro ou cinco pessoas lutaram durante os aplausos. Tudo o que eu tinha a fazer era parar por ali.

Não se pode nem subestimá-los nem beijar-lhes o eu. Tinha de se encontrar um meio termo.

Li outros poemas, bebia a cerveja. Fiquei bêbedo. As palavras tornavam-se difíceis de pronunciar. Saltei linhas, deixei cair poemas ao chão. Depois parei e fiquei ali sentado a beber.

«É porreiro», disse eu, «vocês pagam para me verem beber.»

Fiz um esforço e li-lhes mais alguns poemas. Por fim, li-lhes alguns bem porcos e parei.

«Pronto», disse eu.

Gritaram por mais.

Os rapazes dos matadouros, os rapazes de Sears Roebuck, todos os rapazes de todos os sítios em que trabalhei quando era miúdo e já adulto, não teriam nunca acreditado nisto.

No escritório havia mais bebidas e imensos charros, autênticas bombas. Marty agarrou no telefone para saber como corriam as coisas à porta.

Tammie olhava para Marty.

«Não gosto de ti. Não gosto mesmo nada dos teus olhos», disse ela.

«Não te preocupes com os olhos dele», disse eu. «Vamos buscar o dinheiro e vamo-nos embora.»

Marty preencheu o cheque e passou-mo. «Aqui está, duzentos dólares...»

«Duzentos dólares!», gritou-lhe Tammie. «Seu filho da puta!»

Li o cheque. «Ele está a brincar», disse eu, «acalma-te.»

Ela ignorou-me. «Duzentos dólares, seu filho...»

«Tammie», disse eu, «são quatrocentos...»

«Assina o cheque», disse Marty, «e dou-te já o dinheiro.»

«Fiquei mesmo bêbeda», disse-me Tammie. «Perguntei a este gajo: ”Posso encostar-me a ti?” e ele disse OK.»

Assinei e Marty deu-me um maço de notas. Guardei-o no bolso.

«Olha, Marty, acho melhor irmo-nos embora.»

«Odeio os teu olhos», disse-lhe Tammie.

«Porque não ficam e conversamos um pouco?»

«Não, temos de ir.»

Tammie levantou-se. «Tenho de ir à casa-de-banho.»

Saiu. Fiquei sentado com Marty. Passaram-se dez minutos. Marty levantou-se e disse: «Espera, já venho».

Fiquei sentado à espera, cinco, dez minutos. Saí do escritório e da boíte, pela porta de trás. Dirigi-me ao parque de estacionamento e sentei-me dentro do Vòlks. Passaram-se quinze minutos, 20, 25.

Dou-lhe mais cinco minutos e depois vou-me embora, pensei. Nesse preciso momento, Marty e Tammie saíram pela porta de trás e meteram-se pela álea.

Marty apontou. «Lá está ele.» Tammie veio ao meu encontro. As suas roupas estavam numa grande desordem. Ela saltou para o banco de trás e enrolou-se.

Na auto-estrada perdi-me duas ou três vezes. Por fim, cheguei a casa. Acordei Tammie. Ela saiu, subiu as escadas a correr até a casa dela e bateu com a porta.

Foi numa quarta-feira à noite, por volta da meia-noite e meia, eu estava muito doente. O meu estômago estava em carne viva, mas consegui mesmo assim enfiar algumas cervejas. Tammie estava comigo e parecia compreensiva.

Foi bom eu estar doente, passei um bom momento - estávamos só os dois, juntos.

Bateram à porta. Abri. Era o irmão de Tammie, Jay, e um tipo novo, Filbert, um pequeno porto-riquenho. Sentaram-se e ofereci uma cerveja a cada um.

«Vamos ver um filme pornográfico», disse Jay.

Filbert ficou ali sentado. Tinha um bigode preto cuidadosamente arranjado e um rosto sem grande expressão. Não transmitia nenhuma vibração. Pensei em palavras como vazio, estúpido, morto e por aí diante.

«Porque não dizes nada, Filbert?», perguntou Tammie.

Ele não respondeu.

Levantei-me e fui vomitar na banca da cozinha. Voltei e sentei-me. Agarrei noutra cerveja. Eu sentia-me mesmo mal quando o meu estômago recusava a cerveja. Eu tinha estado bêbedo durante dias e noites seguidos. Precisava de descanso. Mas precisava também de beber. Só cerveja. Normalmente, eu teria suportado a cerveja. Bebi imensa.

O meu estômago não aguentou a cerveja. Fui para a casa-de-banho. Tammie bateu à porta. «Hank, estás bem?»

Lavei a boca e abri a porta. «Estou doente, é só.»

«Queres que eu me desembarace deles?»

«Claro.»

Ela foi ter com eles. «Olhem, amigos, porque não vamos para minha casa?»

Eu não esperava aquilo.

Tammie não tinha pago a conta da luz, ou não quis pagar, e sentaram-se à luz da vela. Ela havia levado a garrafa de *cocktail* margarita que eu tinha comprado nesse dia.

Sentei-me e bebi sozinho. A cerveja seguinte não saiu do estômago.

Eu conseguia ouvi-los lá em cima, a conversarem.

O irmão de Tammie partiu. Vi-o dirigir-se para o carro, ao luar.

Tammie e Filbert estavam sós lá em cima, à luz da vela.

Sentei-me a beber, com as luzes apagadas. Passou-se uma hora. Eu conseguia ver as chamas vacilantes das velas no escuro. Olhei em volta. Tammie tinha-se esquecido dos sapatos. Agarrei neles e subi as escadas. A porta estava aberta e ouvi-a dizer a Filbert...

«Por isso, de qualquer dos modos, o que eu queria dizer era...»

Ela ouviu-me a subir as escadas. «És *tu*, Henry?»

Atirei os sapatos para o topo das escadas. Aterraram perto da sua porta.

«Esqueceste-te dos sapatos», disse eu.

«Oh, Deus te abençoe», disse ela.

Na manhã seguinte, cerca das l O e 30, Tammie bateu à porta. Abri-a. «Sua puta.»

«Pára de falar assim», disse ela.

«Queres uma cerveja?»

«Sim.»

Sentou-se. «Pois bem, bebemos a garrafa de margarita. E depois o meu irmão foi-se embora. O Filbert era *adorável*. Ele ficou sentado e falou pouco. "Como vais para casa?", perguntei-lhe. "Tens carro?", e ele disse que não. Ele ficou ali sentado, a olhar para mim e eu disse: "Bem, eu tenho carro, levo-te a casa". E levei-o a casa. Depois, quando lá cheguei, fui para a cama com ele. Eu estava muito bêbeda, mas ele não me tocou. Disse que tinha de ir trabalhar de manhã.» Tammie riu-se. «De vez em quando, durante a noite, tentou aproximar-se de mim. Pus a almofada sobre a cabeça e pus-me a rir. Continuei com a almofada na cara e a rir-me. Ele desistiu. Depois de ele ter ido para o trabalho, fui a casa da minha mãe e levei a Dancy para a escola. E agora aqui estou...»

No dia seguinte, Tammie estava anfetaminada. Ela entrava e saía da minha casa. Por fim, disse-me: «Volto logo à noite. Vejo-te logo à noite!».

«À noite, não.»

«O que se passa contigo? Imensos homens ficariam felizes por me verem à noite.»

Tammie saiu e bateu com a porta. Estava uma gata grávida a dormir na minha varanda.

«Desaparece daqui, Ruiva!»

Agarrei na gata e atirei-a em direcção a Tammie. Falhei por meio centímetro e a gata foi parar a um arbusto vizinho.

Na noite seguinte, Tammie estava com *speed*. Eu estava bêbedo. Tammie e Dancy gritavam-me pela janela de cima.

«Vá lá seu estúpido, vá lá.»

«Ih, seu estúpido, seu estúpido! Ah, ah, ah!»

«Ah, balões!», respondi, «a tua mãe tem uns balões enormes!»

«Vá comer ratos, seu parvo!»

«Seu parvo, seu estúpido, seu parvo! Ah, ah, ah!»

«Sua cabeça de mosca», respondi, «vem cá tirar-me o algodão do umbigo!»

«Tu...», começou Tammie.

De repente houve vários tiros ali ao pé, na rua, ao fundo do jardim e por detrás do apartamento ao lado. Muito perto. Era um quarteirão pobre, com muitas prostitutas, tráfico de drogas, e de quando em quando um assassínio.

Dancy começou a gritar à janela, «HANK! HANK! SOBE, HANK! HANK!

HANK! HANK! DEPRESSA, HANK!».

Subi as escadas quatro a quatro. Tammie estava deitada sobre a cama, com os seus magníficos cabelos ruivos espalhados na almofada. Ela viu-me.

«Fui atingida», disse a esmorecer. «Fui atingida.»

Apontou para uma mancha *nosjeans*. Não estava a brincar. Estava aterrorizada.

De facto, havia uma mancha vermelha, mas estava seca. Tammie gostava de usar as minhas tintas. Baixei-me e toquei na mancha seca. Ela estava bem, apesar de ter tomado *speed*.

«Escuta», disse-lhe eu, «não estás ferida, não te preocupes...»

Quando ia a sair pela porta, Bobby subia as escadas, com toda a velocidade.

«Tammie, Tammie, o que se passa? Estás bem?»

Bobby teve, evidentemente, de se vestir, o que explicava o seu atraso.

Afastou-se do meu caminho e eu disse-lhe: «Meu Deus, homem, estás sempre onde estou».

Ele entrou a correr no apartamento de Tammie, seguido pelo vizinho, um excêntrico vendedor de carros usados.

Alguns dias mais tarde, Tammie apareceu com um envelope.

«Hank, a administradora acaba de me enviar uma notificação de despejo.»

Mostrou-me a carta.

Li-a com atenção. «Parece que é a sério», disse eu.

«Disse-lhe que pagava a renda em atraso, mas ela respondeu-me: ”Nós não a queremos cá, Tammie!”.»

«Não devias tê-la feito esperar tanto tempo.»

«Escuta, eu tenho o dinheiro. Só não gosto de pagar.»

Tammie infringia constantemente todas as regras. O seu carro não tinha sido declarado, a licença tinha caducado há muito, e conduzia sem carta. Deixava o carro durante dias e dias em zonas amarelas, vermelhas, brancas, em parques reservados...

Cada vez que a polícia a prendia e ela estava bêbeda, pedrada ou sem o bilhete de identidade, ela conversava com eles e deixavam-na sempre em paz. Rasgava os bilhetes dos parques de estacionamento, quando os tinha.

«Vou procurar o número de telefone do senhorio.» (Ele não vivia no prédio.) «Eles não me põem o eu fora de casa. Tens o número de telefone deles?»

«Não.»

Nesse preciso momento, Irv, dono de um bordel e encarregado do salão de massagens do quarteirão, apareceu. Media um metro e noventa e estava sob o efeito de ATD. Tinha muito melhor cabeça que a maioria das pessoas com que nos cruzamos nos passeios.

Tammie saiu a correr, «Irv, Irv!».

parou e virou-se. Tammie ofegava, «Irv, tens o número do telefone do senhorio?».

«Não, não tenho.»

«Irv, preciso do número do telefone. Dá-me o número e eu faço-te um broche!»

«Não tenho o número.»

Dirigiu-se para a sua porta e meteu a chave na fechadura.

«Anda lá, Irv, faço-te um broche se mo deres!»

«A sério?», perguntou, hesitante, a olhar para ela.

Tammie foi bater a outra porta. Richard abriu-a cautelosamente, ainda com a corrente. Era careca, vivia só, era religioso, tinha cerca de 45 anos e ficava todo o dia em frente à televisão. Era limpo e rosado como uma mulher. Queixava-se constantemente do barulho que se fazia em minha casa - não conseguia dormir, dizia ele. O proprietário aconselhou-o a mudar-se. Ele odiava-me. E agora, uma das minhas mulheres estava à sua porta. Continuou com a corrente na porta.

«O que deseja?», sibilou.

«Escuta, querido, quero o número do telefone do senhorio... Vives aqui há muitos anos. Sei que tens o número do telefone. Preciso dele.»

«Vá-se embora», disse ele.

«Olha, querido, serei simpática contigo... Um beijo, um grande beijo para ti!»

«Prostituta!», disse ele. «Meretriz!»

Richard fechou-lhe a porta.

Tammie voltou para minha casa.

«Hank?»

«Sim.»

«O que é meretriz? Sei o que é uma trombeta, mas o que é uma meretriz?[1]»

«Uma meretriz, minha querida, é uma puta.»

«Aquele filho da puta!»

Tammie voltou a sair e continuou a bater nas portas dos outros apartamentos.

Algumas das pessoas ou não estavam, ou não respondiam. Voltou. «Não é justo! Porque é que eles me querem fora daqui? O que fiz eu?»

«Não sei. Tenta lembrar-te. Talvez haja qualquer coisa.»

«Não consigo lembrar-me de nada.»

«Vem cá comigo.»

«Não consegues manter a criança.»

«Tens razão.»

Passaram-se dias. O proprietário continuou invisível. Ele não gostava de negociar com os inquilinos. A administradora entrincheirou-se por detrás da notificação de despejo.

Mesmo Bobby tornou-se menos visto, jantava em frente do televisor, rumava a sua erva e ouvia a sua música. «Eh, meu», disse-me ele, «eu nem sequer *gosto* da tua amiga! Ela está a destruir a nossa amizade, meu!»

«Tens razão, Bobby...»

Fui ao supermercado para arranjar caixas de cartão. Cathy, a irmã de Tammie, perdeu o juízo em Denver - depois de perder o amante - e Tammie tinha de ir visitá-la, com Dancy. Levei-as até à estação. Pu-las dentro do comboio.

69

Nessa noite o telefone tocou. Era Mercedes. Eu tinha-a encontrado depois de uma leitura de poesia em Venice Beach. Tinha cerca de 28 anos, um corpo agradável, pernas muito bonitas, era loira, media à volta de um metro e sessenta e tinha olhos azuis. Tinha 1Trocadilho entre *strumpet* e *trumpet*. *(N. do T.)* cabelos compridos, ligeiramente ondulados e fumava sem parar. A sua conversa era estúpida e o riso, a maior parte das vezes, era estridente e falso.

Depois da leitura, fui até a casa dela. O seu apartamento dava para a marginal.

Toquei piano e ela bongos. Havia uma bilha de Red Mountain. Havia charros. Fiquei demasiado bêbedo para conduzir. Nessa noite dormi lá e saí de manhã.

«Olha», disse Mercedes, «agora trabalho no teu quarteirão. Pensei que podia ir aí para te ver.»

«Claro.»

Desliguei. O telefone voltou a tocar. Era Tammie.

«Decidi mudar-me. Estarei em casa dentro de dois dias. Vai buscar ao apartamento o meu vestido amarelo, aquele de que tu gostas e os meus sapatos verdes. O resto é lixo.

Deixa.»

«OK.»

«Ouve, estou sem cheta. Não temos nenhum dinheiro para a comida.»

«Amanhã de manhã envio-te 40 dólares. Western Union.»

«Es tão querido...»

Desliguei. Quinze minutos depois apareceu Mercedes. Trazia uma saia muito curta, sandálias e uma blusa decotada. E pequenos brincos azuis.

«Queres fumar erva?», perguntou.

«Claro.»

Tirou a erva e o papel da carteira e começou a enrolar os charros. Eu trouxe cerveja e sentámo-nos no sofá, a beber e a fumar. Não falámos muito. Eu apalpei-lhe as pernas, bebemos e fumámos durante bastante tempo.

Por fim despimo-nos e fomos para a cama - primeiro Mercedes, depois eu.

Começámos a beijar-nos e acariciei-lhe a cona. Ela agarrou-me no caralho. Montei-a.

Mercedes enfiou-o. A sua gata agarrou-o com firmeza, apertou-o. Irritei-a um pouco, pondo-o quase todo

cá fora e mexendo com a cabeça para trás e para a frente. Depois enterrei-o fundo, lentamente, sem pressas. De repente dei-lhe quatro ou cinco estocadas, a sua cabeça balançava na almofada. «Arrrrggg...» disse ela. Depois acalmei-me e fodi-a.

Era uma noite muito quente e ambos suávamos. Mercedes estava pedrada com os charros e a cerveja. Decidi acabar em beleza. Mostrar-lhe duas ou três coisas.

Eu ia e vinha. Cinco minutos. Mais dez minutos. Não consegui vir-me. Comecei a enfraquecer, estava a perder o tesão.

Mercedes ficou preocupada. «Continua!» ela suplicava. «Oh, *continua,* querido!»

Nem isso me ajudou. Caí para o lado.

Era uma noite insuportável, de tão quente que estava. Agarrei no lençol para limpar o suor. Ali, deitado, conseguia ouvir o meu coração a bater. Era um som estranho.

Perguntava-me o que estava Mercedes a pensar.

Fiquei ali morto, o caralho mole.

Mercedes virou o rosto para mim. Beijei-a. Beijar é muito mais íntimo do que foder.

E por isso que nunca gostei que as minhas namoradas beijassem outros homens. Preferia que fodessem com eles.

Continuei a beijá-la, e como eu era muito sensível aos beijos, entesei-me de novo.

Subi para cima dela, beijando-a, como se aquela fosse a minha última hora de vida.

O meu caralho entrou.

Desta vez sabia que ia conseguir. Eu pressentia o milagre.

Ia vir-me na cona daquela puta. Ia esporrar-me dentro dela e ela nada podia fazer para me impedir.

Ela era minha. Eu era um exército conquistador, um violador, eu era o seu dono, eu era a morte.

Ela estava desamparada. A sua cabeça agitava-se, agarrava-me e arfava enquanto fazia sons...

«Arrrgg, uuggg, oh oh... ooo... oooooh!»

O meu caralho comia-a.

Fiz um som estranho e depois vim-me.

Passados cinco minutos, ela ressonava. Ambos ressonávamos.

De manhã tomámos banho e vestimo-nos. «Convido-te para o pequeno-almoço», disse eu.

«Está bem», respondeu ela. «A propósito, fodemos ontem à noite?»

«Meu Deus/Não te lembras? Devemos ter fodido durante 50 minutos!»

Eu não podia acreditar. Mercedes não parecia convencida.

Fomos a um sítio ao pé da esquina. Pedi ovos com *bacon*, café e pão torrado.

Mercedes pediu panquecas, presunto *e* café.

Á empregada trouxe-nos as coisas. Comi um bocado de ovo. Mercedes deitou xarope sobre as panquecas.

«Tens razão», disse ela, «deves ter-me fodido. Sinto o esperma a escorregar pela perna abaixo.»

Decidi não voltar a vê-la.

Fui a casa de Tammie com as minhas caixas de cartão. Pus primeiro as coisas que ela havia pedido. Depois encontrei outras coisas - outros vestidos e blusas, sapatos, um ferro de engomar, um secador, roupas da Dancy, pratos, uma baixela, um álbum de fotografias. Havia também uma pesada cadeira de rotim que lhe tinha pertencido. Levei tudo para minha casa.

Tinha oito ou dez caixas cheias de coisas. Encostei-as contra a parede da sala da frente.

No dia seguinte fui buscar Tammie e Dancy à estação.

«Estás com óptimo aspecto», disse Tammie.

«Obrigado.»

«Vamos viver com a minha mãe. Podes levar-nos até lá. Não posso fazer nada contra o despejo. Aliás, quem quer ficar onde não é desejado?»

«Tammie, já tirei a maior parte das tuas coisas. Estão em caixas de cartão, em minha casa.»

«Está bem. Posso lá deixá-las durante alguns dias?»

«Claro.»

A mãe de Tammie partiu para Denver, para ver a irmã, e na noite da sua partida embebedei-me em casa dela. Tammie tinha tomado comprimidos. Eu não quis. Quando ia na quarta embalagem de cervejas, eu disse: «Tammie, não sei o que vês no Bobby. Ele é uma nulidade».

Ela cruzou as pernas, e balançava o pé para trás e para a frente. «Ele acha encantador o que diz», disse eu.

Ela continuava a balançar o pé.

«Filmes, TV, erva, banda desenhada, fotos pornográficas, e nada mais.»

Tammie balançava o pé.

«Sua puta!», disse eu.

Dirigi-me para a porta, bati com ela, e entrei no Volks. Meti-me no meio do trânsito, andei aos esses, lixando a embraiagem e a caixa de velocidades.

Quando cheguei a minha casa, comecei a carregar as caixas para o carro. Sem me esquecer dos discos, cobertores e brinquedos. O carro, claro, não levava muita coisa.

Acelerei para a casa dela. Estacionei em segundas vias e liguei o pisca-pisca. Tirei as caixas do carro e empilhei-as na varanda. Cobri com os cobertores os brinquedos, toquei a campainha e parti.

Quando voltei com o segundo carregamento, já as outras caixas tinham desaparecido. Fiz um novo monte, toquei a campainha e pirei-me como um míssil.

Ao terceiro carregamento, quando cheguei, já tinha desaparecido o segundo. Fiz um novo monte e toquei a campainha. Parti quando já amanhecia.

Já em casa, servi-me de um *vodka* com água e olhei para o que restou. Havia a pesada cadeira de rotim e o secador de cabelo. Só podia fazer mais uma leva. Ou ia a cadeira ou o secador. O carro não podia levar as duas coisas.

Decidi-me pela cadeira. Eram quatro horas da manhã. Parei em segundas vias e liguei o pisca-pisca. Acabei de beber o *vodka*. Estava a ficar cansado e bêbedo. Agarrei na cadeira, era mesmo pesada, e levei-a pela álea até ao carro. Pousei-a, abri a porta direita da frente. Empurrei a cadeira lá para dentro. Depois tentei fechar a porta. A cadeira ficava de fora. Tentei tirá-la. Estava presa. Amaldiçoei-a e empurrei-a para dentro. Uma das pernas atravessou o pára-brisas, virada para o céu. A porta continuava a não fechar. Tentei tirar a perna da cadeira pelo pára-brisas para poder fechar a porta. Não se mexeu. A cadeira estava bem presa. Tentei tirá-la. Não se mexeu. Desesperado, empurrava, puxava, empurrava e puxava. Se a polícia aparecesse, eu estava lixado. Passado algum tempo, cansei-me. Sentei-me ao volante. Não havia um lugar vago na rua. Levei o carro para o parque de estacionamento da pizzaria, com a porta aberta, a bater. Deixei-o ficar ali, com a porta aberta e a luz acesa. (Era impossível apagá-la.) O pára-brisas estava partido e a perna da cadeira bem visível ao luar. Era um espectáculo indecente, louco. Sugeria homicídio. Meu belo carro.

Desci a rua em direcção a minha casa. Servi-me doutro *vodka* com água e telefonei a Tammie.

«Escuta, querida, estou numa alhada. A tua cadeira está presa no meu pára-brisas e é impossível metê-la ou tirá-la e a porta não fecha. O pára-brisas está partido. O que posso fazer? Ajuda-me, por amor de Deus!»

«Hás-de encontrar alguma solução, Hank.»

Ela desligou.

Liguei outra vez. «Querida...»

Ela desligou. Quando voltei a ligar, o telefone estava fora do gancho: bzzzz, bzzzz, bzzzz...

Estendi-me na cama. O telefone tocou.

«Tammie...»

«Hank, é a Valerie. Acabo de chegar a casa. Quero prevenir-te de que o teu carro está parado em frente da pizzaria, com a porta aberta.»

«Obrigado, Valerie, mas não consigo fechar a porta. Há uma cadeira cravada no pára-brisas.»

«Oh, não reparei nisso.»

«Obrigado pela tua chamada.»

Adormeci. Tive um sono agitado. Eles iam levar-me o *Volks*.

Levantei-me às seis e vinte da manhã, vesti-me e fui à pizzaria. O carro ainda estava lá. O sol estava a nascer.

Entrei no carro e puxei a cadeira. Não se mexeu. Eu estava furioso, comecei a puxá-

la por todos os lados e blasfemava. Quanto mais difícil parecia, mais louco eu ficava. De repente ouvi a madeira rachar-se. Senti-me com forças e inspirado. Um bocado de madeira partiu-se nas minhas mãos. Olhei para ele, lancei-o para a rua e voltei ao trabalho. Partiu-se um outro bocado. Os dias passados na fábrica, os dias passados a descarregar vagões, a transportar caixas de peixe congelado, a carregar aos ombros gado assassinado, estavam longe. Eu sempre fui forte, mas igualmente preguiçoso. Agora estava a fazer a cadeira em bocados. Consegui por fim tirá-la do carro. Acabei por destruí-la no parque de estacionamento. Parti-a aos bocados, fi-la em pedaços. Apanhei os pedaços e empilhei-os em frente dum jardim.

Entrei para o Volks e encontrei um lugar vazio perto da minha casa. Tudo o que tinha a fazer era procurar uma casa de acessórios, em Santa Fe Avenue, e comprar um novo pára-brisas. Isso podia esperar. Entrei em casa, bebi dois copos de água gelada e fui para a cama.

Passaram-se quatro ou cinco dias. O telefone tocou. Era Tammie.

«O que queres?», perguntei.

«Escuta, Hank. Conheces aquela pequena ponte que se atravessa para ir para casa da minha mãe?»

«Sim.»

«Bem, mesmo ao lado, há uma loja de leilões. Fui lá e vi uma máquina de escrever.

São só vinte notas e está em bom estado. Por favor, compra-ma, Hank.»

«Para que queres uma máquina de escrever?»

«Bom, eu nunca te disse, mas sempre quis ser escritora.»

«Tammie...»

«Por favor, Hank, é a última coisa que te peço. Serei sempre tua amiga.»

«Não.»

«Hank.»

«Oh, merda, bem, está bem.»

«Encontro-te na ponte dentro de quinze minutos. Quero despachar-me antes que alguém a compre. Encontrei um novo apartamento e Filbert e o meu irmão estão a ajudar-me na mudança...»

Tammie não estava na ponte nem em quinze nem em vinte e cinco minutos. Entrei para o carro e fui até a casa da mãe dela. Filbert estava a carregar caixas para o carro de Tammie. Não me viu. Parei um pouco mais à frente.

Tammie saiu de casa e viu o meu Volks. Filbert entrou para o seu carro. Tinha um Volks amarelo. Tammie fez-lhe sinal e disse: «Até logo!».

Desceu a rua ao meu encontro. Quando estava perto do meu carro, estendeu-se no meio da estrada e ali ficou. Depois levantou-se, caminhou até ao meu carro e entrou.

Arranquei. Filbert estava sentado no seu carro. Fiz-lhe adeus quando parti. Não me respondeu. Os seus olhos estavam tristes. Para ele, era o começo.

«Sabes», disse Tammie, «agora estou com o Filbert.»

Ri-me. Escapou-me.

«É melhor apressarmo-nos. A máquina pode ser vendida.»

«Porque não deixas o Filbert comprar-te a merda da máquina?»

«Olha, se não quiseres comprá-la, o melhor é parares e deixares-me sair!»

Parei o carro e abri a porta.

«Seu filho da puta, *prometeste-me* comprar a máquina! Se não a compras, começo a gritar e a partir os vidros!»

«Está bem. A máquina é tua.»

Fomos até à loja. A máquina ainda lá estava.

«Esta máquina passou a maior parte do tempo num asilo de loucos», disse-nos a senhora.

«Vai para a pessoa certa», retorqui.

Dei as vinte notas à senhora e regressámos. Filbert tinha partido.

«Queres entrar um bocado?», perguntou Tammie.

«Não, tenho de ir.»

Ela podia muito bem carregar a máquina sem ajuda. Era portátil.

Na semana seguinte, bebi todos os dias. Bebi dia e noite e escrevi vinte e cinco ou trinta poemas fúnebres sobre o amor perdido.

Na sexta-feira à noite, o telefone tocou. Era Mercedes.

«Casei-me com o Little Jack. Conheceste-o naquela festa à noite, quando foste ler a Venice. E um tipo porreiro e tem dinheiro. Vamo-nos mudar para Valley.»

«Muito bem, Mercedes, muitas felicidades.»

«Mas sinto falta das nossas noites de copos e conversas. Posso ir aí esta noite!»

«Está bem.»

Quinze minutos depois, ela enrolava charros e bebia da minha cerveja.

«Little Jack é um tipo porreiro. Somos felizes.»

Eu beberricava a minha cerveja.

«Não quero foder», disse ela, «estou cansada de abortar, completamente farta de fazer abortos...»

«Vamos pensar noutra coisa.»

«Só quero fumar, conversar e beber.»

«Para mim não chega.»

«Vocês, os gajos, só querem foder.»

«Gosto.»

«Pois, mas não posso foder, não quero foder.»

«Acalma-te.»

Estávamos sentados no sofá. Não nos beijámos. Mercedes não era grande conversadora. Não estava interessada. Mas tinha as suas pernas, o seu traseiro, o seu cabelo e a sua juventude. Deus sabe quantas mulheres interessantes já encontrei, mas ela não estava no topo da lista.

A cerveja corria e os charros circulavam. Ela ainda tinha o mesmo emprego no Hollywood Institute of Human Relationships. Tinha problemas com o seu carro. Little Jack tinha a pica curta mas grossa. Ela andava a ler *Grapefruitde* Yoko Ono. E estava cansada de abortar. Valley era bonito, mas ela sentia a falta de Venice. Tinha saudades dos seus passeios de bicicleta pela marginal.

Não sei durante quanto tempo conversámos, ou conversou ela, mas mais, muito mais tarde, ela disse que estava demasiado bêbeda para conduzir até casa.

«Despe-te e vai para a cama», disse-lhe eu.

«Mas nada de fodas», disse ela.

«Não tocarei na tua cona.»

Ela despiu-se e foi para a cama. Despi-me e fui para a casa-de-banho. Ela viu-me chegar com um frasco de vaselina.

«O que vais fazer?»

«Calma, querida, tem calma.»

Esfreguei o caralho com vaselina. Depois apaguei a luz e fui para a cama.

«Põe-te de costas», disse eu.

Passei-lhe um braço por baixo e apalpei-lhe um dos seios, antes de passar o outro braço por baixo e agarrar-lhe no outro. Senti-me bem com a cara no seu cabelo. Entesei-me e levei-o até ao eu. Agarrei-a pela cintura e puxei-lhe o eu contra mim, num golpe seco, e enfiei-lho. «Ooooohh», disse ela.

Comecei a trabalhar. Enfiei-o mais fundo. As bochechas do seu eu eram grandes e macias. Comecei a transpirar enquanto a comia. Depois, deitei-a de barriga para baixo e enfiei-lho mais. Estava a tornar-se mais apertado. Toquei-lhe na extremidade do cólon e ela gritou.

«Cala-te! Raios te partam!»

Ela era muito apertada. Enfiei-o ainda mais fundo. O seu eu prendia-me duma maneira inacreditável. Enquanto a fodia, senti inesperadamente uma dor de lado, uma ardente e terrível dor, mas continuei. Eu dobrava-a a meio, pela espinha dorsal. Gritei como um louco e vim-me.

Fiquei a descansar por cima dela. A dor de lado era atroz. Ela chorava.

«Raios te partam, qual é o teu problema? Não toquei na tua cona.»

Caí para o lado.

De manhã, Mercedes pouco falou, vestiu-se e foi para o trabalho.

Bem, pensei, lá se vai mais uma ao ar.

Na semana seguinte, bebi menos. Fui às corridas para apanhar ar, ver o pôr-do-sol e andar a pé. À noite bebi, perguntando-me porque ainda estava eu vivo, como funcionava tudo isto. Pensei em Katherine, Lydia e Tammie. Não me sentia muito bem.

Nessa sexta-feira à noite tocou o telefone. Era Mercedes.

«Hank, gostava de ir aí. Mas só para conversar, beber e fumar charros. Nada mais.»

«Se quiseres, vem.»

Meia hora depois, lá estava ela. Para grande surpresa minha, achei-a boa. Nunca tinha visto uma mini-saia tão curta como a sua e as suas pernas eram óptimas. Beijei-a com alegria. Ela fugiu.

«Depois daquela noite, não pude andar durante dois dias. Não me enrabes nunca mais.»

«Está bem, prometo nunca mais.»

Era sempre a mesma coisa. Sentámo-nos no sofá com o rádio ligado, conversámos, bebemos cerveja, fumámos. Beijei-a constantemente. Não conseguia parar. Ela comportava-se como se tivesse vontade, e depois insistia em dizer que não. Little Jack amava-a, o amor significava muito neste mundo.

«Claro que te ama», disse eu.

«Tu não me amas.»

«Es uma mulher casada.»

«Eu não amo Little Jack, mas preocupo-me muito com ele e ele ama-me.»

«Parece-me óptimo.»

«Já amaste?»

«Quatro vezes.»

«O que aconteceu? O que é feito delas?»

«Uma morreu. As outras três estão com outros homens.»

Nessa noite conversámos bastante tempo e fumámos muitos charros. Por volta das duas da manhã, disse a Mercedes: «Estou demasiado pedrado para guiar. Posso estampar-me».

«Despe-te e vai para a cama.»

«Está bem, mas tive uma ideia.»

«O que é?»

«Quero ver-te a bateres uma punheta! Quero vê-la a *esguichar**.»

«Está bem, combinado.»

Ela despiu-se e foi para a cama. Despi-me e fiquei em pé, ao lado da cama. «Senta-te, assim vês melhor.»

Mercedes sentou-se na beira da cama. Cuspi para a mão e comecei a esfregar o caralho.

«Oh», disse ela, «está a *crescer!*»

«Uh... huh...»

«Está a ficar enorme!»

«Uh... huh...»

«Oh, é toda púrpura com veias grandes! Está *a.palpitar**. E feia!»

«Ih!»

Enquanto batia à punheta, aproximei o caralho da cara dela. Ela olhava. Quando estava prestes a vir-me, parei.

«Oh», disse ela.

«Olha, tive uma ideia muito melhor...»

«Qual?»

«Bate tu.»

«Está bem.»

Começou a bater. «Estou a fazer bem?»

«Um pouco mais depressa. E cospe para a mão. E agarra-a toda, não só ao pé da cabeça.»

«Está bem... Oh, meu Deus, *olha* só... Quero vê-la esguichar.»

«Continua, Mercedes. OH! MEU DEUS!»

Estava quase a vir-me. Tirei-lhe a mão do caralho. «Oh, merda!», disse ela.

Ela inclinou-se e meteu-o na boca. Começou a chupar e a bater, percorrendo-o com a língua de cima a baixo.

«Oh, sua puta!»

Depois tirou a boca.

«Continua! Continua! Acaba!»

«Não!»

«Bem, tu assim quiseste!»

Atirei-a sobre a cama e saltei-lhe para cima. Beijei-a violentamente e enfiei-o. Fodia com violência, sem parar. Gemi e vim-me. Vim-me dentro dela, senti o esperma a entrar, a fumegar dentro dela.

Tinha de ir a Illinois, para fazer uma leitura na Universidade. Eu odiava leituras, mas ajudavam-me a pagar a renda e, talvez, a vender livros. Fizeram-me sair de Hollywood, fizeram-me viajar com homens de negócios, hospedeiras, bebidas geladas, pequenos guardanapos, e os amendoins para matar o mau hálito.

Eu devia encontrar-me com William Keesing, um poeta com quem me escrevia desde 1966. Tinha lido primeiro o seu trabalho nas páginas de *Buli*, publicada por Dong Fazzick, uma das primeiras revistas em *stencil*, e talvez a pioneira na revolução desse processo. Nenhum de nós fazia parte de círculos literários propriamente ditos: Fazzick trabalhava numa plantação de borracha, Keesing tinha combatido na Coreia com os Marines e era sustentado pela mulher, Cecelia. Eu trabalhava onze horas de noite como carteiro. Foi também nessa altura que Marvin apareceu com os seus estranhos poemas sobre demónios. Marvin Woodman era sem dúvida o melhor escritor maldito dos Estados Unidos.

Talvez mesmo em Espanha e no Peru. Por essa altura eu escrevia cartas. Escrevia cartas de 4 ou 5 páginas para toda a gente, pintava os envelopes e as folhas com cores extravagantes.

Foi quando comecei a escrever a William Keesing, ex-marine, ex-criminoso e drogado (estava virado sobretudo para a codeína).

Agora, anos mais tarde, William Keesing tinha encontrado um lugar temporário de professor na Universidade. Conseguiu uma ou duas licenciaturas, nos intervalos das suas prisões por uso de drogas. Avisei-o de que era um trabalho perigoso para quem quisesse escrever. Mas pelo menos ensinava Chinaski aos seus alunos.

Keesing e a mulher esperavam-me no aeroporto. Como tinha a bagagem comigo, fomos directamente para o carro.

«Meu Deus», disse Keesing, «nunca vi ninguém sair dum avião nesse estado.»

Eu trazia o antigo sobretudo do meu pai, que me estava bastante grande. As calças eram demasiado compridas, as dobras tapavam os sapatos, e isso era óptimo porque as peúgas não eram iguais e as solas dos sapatos estavam gastas. Eu detestava barbeiros e por isso cortava eu o meu cabelo, quando não tinha uma mulher para o fazer. Não gostava de fazer a barba, nem gostava dela comprida e por isso cortava-a com tesoura, de duas em duas ou de três em três semanas. A minha vista era má, mas não gostava de usar óculos senão para ler. Os dentes eram meus, mas restavam poucos. O meu rosto e nariz eram vermelhos por causa da bebida, a luz feria-me os olhos e por isso franzia as pálpebras. (Eu havia de ter um sítio não importa em que cidade.)

«Esperávamos uma pessoa completamente diferente», disse Cecelia.

«Ah, sim?»

«Quero dizer, a tua voz é tão suave e pareces simpático. Bill esperava que desembarcasses bêbedo, a blasfemar, a engatar todas as mulheres...»

«Nunca exibo a minha vulgaridade. Espero o momento certo.»

«Lês amanhã à noite», disse Bill.

«Óptimo, vamo-nos divertir esta noite e esquecer tudo.»

Partimos.

Nessa noite, Keesing foi tão interessante como as suas cartas e poemas. Teve o bom senso de não falar em literatura, a não ser uma vez por outra. Falámos sobre outras coisas.

Pessoalmente não tinha muita sorte com os poetas, mesmo quando as suas cartas e poemas eram bons. Encontrei-me com Douglas Fazzick e foi uma decepção. O melhor era estar longe dos escritores e fazer, ou não, o seu trabalho.

Cecelia retirou-se cedo. Tinha de ir trabalhar no dia seguinte. «Cecelia pediu-me o divórcio», disse Bill. «Não a culpo. Está farta das minhas drogas, das minhas doenças, de tudo. Aturou-me durante anos. Agora, já não suporta. Já não consigo foder com ela. Ela anda com um rapaz. Não a culpo. Mudei-me, arranjei um quarto. Podemos ir lá dormir, ou vou só eu e tu ficas aqui, ou ficamos aqui os dois, como queiras.»

Keesing tirou dois comprimidos e tomou-os.

«Ficamos aqui os dois», respondi.

«Tu bebes bem.»

«Não se faz mais nada.»

«Deves ter tripas de ferro.»

«Nem por isso. Um dia, foram-se abaixo. Mas quando as tripas estão tapadas, parecem ser mais resistentes do que a melhor soldadura.»

«Quanto tempo pensas viver?», perguntou-me.

«Tenho tudo planeado. Vou morrer no ano 2000, quando tiver 80 anos.»

«Estranho», disse Keesing. «É precisamente o ano em que vou morrer. 2000. Até sonhei com o dia e a hora da minha morte. De qualquer modo, é no ano 2000.»

«É um bonito número, redondo. Gosto dele.»

Bebemos durante uma ou duas horas. Fiquei no quarto dos hóspedes. Keesing dormiu no sofá. Aparentemente, Cecelia queria mesmo divorciar-se dele.

Acordei na manhã seguinte às dez e meia. Havia um resto de cerveja. Consegui beber uma. Estava na segunda quando apareceu Keesing.

«Meu Deus, como consegues? Pareces um rapaz de 18 anos.»

«Tenho manhãs más. Esta não é uma delas.»

«Tenho uma aula de Inglês à uma hora. Tenho de estar apresentável.»

«Toma um gin.»

«Preciso de comer.»

«Come dois ovos cozidos, com um pouco de chili ou paprica.»

«Posso cozer dois?»

«Sim, obrigado.»

O telefone tocou. Era Cecelia. Bill falou-lhe durante algum tempo e desligou. «Está-

se a aproximar um tornado. Um dos maiores da história deste estado. Deve dirigir-se para aqui.»

«Acontece sempre qualquer coisa quando leio poemas.»

Apercebi-me que começava a escurecer.

«Talvez suspendam as aulas. É difícil prever. O melhor é eu comer.»

Bill pôs os ovos na água.

«Não te percebo», disse ele, «nem sequer pareces ressacado.»

«Todas as manhãs estou ressacado. E o meu estado normal. Estou habituado.»

«Ainda escreves coisas boas, apesar dessas bebedeiras.»

«Vamos parar com isso. Talvez seja pela quantidade de ratas. Não cozas demasiado esses ovos.»

Fui cagar à casa-de-banho. A prisão de ventre não era um dos meus problemas. Ia a sair quando ouvi Bill gritar: «Chinaski!».

Depois ouvi-o a vomitar no pátio. Voltou.

O pobre-diabo estava mesmo doente.

«Toma um pouco de bicarbonato de sódio. Tens Valium?»

«Não.»

«Então espera dez minutos depois de tomares o bicarbonato e bebe uma cerveja quente. Deita-a já num copo para apanhar ar.»

«Tenho um benzedrine.»

«Toma-o.»

Estava a escurecer cada vez mais. Quinze minutos depois do benzedrine Bill tomou um banho de chuveiro. Quando saiu, estava com bom aspecto. Comeu uma sanduíche de manteiga de amendoim com banana às rodelas. Ia ficar bem.

«Ainda amas a tua mulher, não é?», perguntei.

«Claro que sim.»

«Eu sei que isto não ajuda, mas tenta perceber que isso já aconteceu a todos nós, pelo menos uma vez.»

«Isso não me serve de nada.»

«Desde que uma mulher se vire contra ti, esquece-a. Elas podem amar-nos, mas de repente algo muda nelas. Podem ver-te morrer numa valeta, debaixo dum carro, e cospem-te em cima.»

«Cecelia é uma mulher fabulosa.»

Continuava a escurecer. «Vamos beber algumas cervejas», disse eu.

Sentámo-nos e bebemos. Estava mesmo escuro e fazia um vento forte. Não falámos muito. Eu estava contente por nos termos encontrado. Ele era um tipo porreiro. Estava cansado, talvez isso o ajudasse. Nunca teve sorte, nos Estados Unidos, com os seus poemas.

Gostavam dele na Austrália. Aqui talvez o descobrissem um dia, ou talvez não. Talvez no ano 2000. Era um tipo duro, forte, que dava tudo por tudo, dava-se pela sua presença.

Agradava-me.

Bebíamos calmamente quando tocou o telefone. Era outra vez Cecelia. O tornado tinha passado ou talvez tivesse passado ao lado. Bill ia dar a aula. Eu ia ler nessa noite.

Assustador. Estava tudo a correr bem. Éramos trabalhadores a tempo inteiro.

Por volta do meio-dia e meia Bill pôs os seus livros de apontamentos e tudo o que precisava num saco, montou-se na bicicleta e partiu para a universidade.

Cecelia chegou a casa a meio da tarde. «O Bill saiu bem disposto?» «Sim, foi de bicicleta. Estava bem.» «Bem, como? Esteve a fumar *merda!*» «Parecia estar bem. Comeu e tudo.» «Eu ainda o amo, Hank. Só que já não suporto mais.» «Claro.»

«Não sabes quanto é importante para ele a tua presença. Ele lia-me todas as tuas cartas.» «Porcas, ha?»

«Não, engraçadas. Fazia-nos rir.» «Vamos foder, Cecelia.» «Hank, agora estás a fazer o teu jogo.» «Es tão atraente. Deixa-me meter-to.» «Estás bêbedo, Hank.» «Tens *razão*. Esquece.»

Nessa noite, dei uma leitura péssima. Não me preocupava. Eles não se preocupavam. Se o John Cage podia arrebatar mil dólares para comer uma maçã, eu aceitava quinhentos, mais bilhete de ida e volta em avião, para espremer um limão.

A mesma história de sempre. As pequenas estudantes, com os seus corpos lúbricos e olhos como faróis, vinham pedir-me autógrafos. Gostaria de ter fodido umas cinco numa noite, e mandá-las depois dar uma volta.

Dois professores vieram para se rirem de mim, tomando-me pelo macaco da festa.

Isso deve ter-lhes feito bem, devem ter pensado que eles também tinham agora a sua oportunidade frente à máquina de escrever.

Agarrei no cheque e saí. Estava prevista uma pequena e selecta reunião em casa de Cecelia. Isso não fazia parte do contrato assinado. Haveria raparigas, mas em casa de Cecelia eu tinha poucas possibilidades. Sabia isso. Como era de esperar, no dia seguinte acordei na minha cama, sozinho.

Bill estava outra vez doente. Tinha mais uma aula duma hora e antes de partir disse:

«Cecelia levar-te-á ao aeroporto. Vou agora. Nada de despedidas emocionais».

«Está bem.»

Bill pôs o saco às costas e saiu com a bicicleta.

Eu tinha regressado a L. A há uma semana e meia. Era noite. O telefone tocou. Era Cecelia, estava a chorar. «Hank, o Bill morreu. És a primeira pessoa a saber.»

«Meu Deus, Cecelia, não sei o que dizer.»

«Estou tão contente por me teres visitado. Depois da tua partida, o Bill falava constantemente em ti. Não podes saber o que a tua visita significou para ele.»

«O que aconteceu?»

«Ele disse que se sentia muito mal, levámo-lo para o hospital e duas horas depois estava morto. Sei que as pessoas vão pensar que foi uma *overdose,* mas não foi. Apesar de eu querer divorciar-me dele, amava-o.»

«Acredito em ti.»

«Não te quero chatear com tudo isto.»

«Nada disso, o Bill teria compreendido. Só não sei o que dizer para te ajudar. Estou sob o choque. Deixa-me telefonar-te mais tarde para saber se estás bem.»

«Telefonas mesmo?»

«Claro.»

É este o problema com a bebida, pensei, enquanto me servia dum copo. Se acontece algo de mau, bebe-se para esquecer; se acontece algo de bom, bebe-se para celebrar, e se nada acontece, bebe-se para que aconteça qualquer coisa.

Doente e infeliz como ele estava, não tinha cara de quem ia morrer. Havia muitas mortes assim e, apesar de conhecermos a morte e de nela pensarmos quase todos os dias, quando alguém morre subitamente e se trata de alguém excepcional, amável, é duro, muito duro, mesmo quando muitas pessoas tenham já morrido, boas, más ou desconhecidas.

Nessa noite telefonei a Cecelia. Voltei a telefonar-lhe nas duas noites seguintes e depois parei de lhe telefonar.

Passou-se um mês. R. A. Dwight, o editor da *Dogbite Press*, escreveu-me para me pedir um prefácio para uma escolha de poemas de Keesing. Graças à sua morte, ia finalmente ser conhecido para além da Austrália.

Cecelia telefonou. «Hank, vou a San Francisco para estar com R. A. Dwight. Mas antes gostaria de passar um ou dois dias em L. A. Podes ir buscar-me ao aeroporto?»

«Claro, podes ficar em minha casa, Cecelia.»

«Muito obrigada.»

Deu-me a sua hora de chegada e pus-me a limpar a casa-de-banho, esfreguei a banheira e mudei os lençóis e as fronhas da minha cama.

Cecelia chegou no voo das dez horas da manhã, o que me custou imenso para chegar a horas, mas ela estava óptima, se bem que um pouco espalhafatosa. Era vigorosa, bem feita, com aquele ar do Mid-West. Os homens olhavam-na, ela tinha uma maneira própria de menear o traseiro; tinha um perfil enérgico, um pouco ameaçador, mas *sexy*.

Esperámos pela bagagem no bar. Cecelia não bebeu álcool. Tomou um sumo de laranja.

«Adoro os aeroportos e os passageiros. Tu, não?»

«Não.»

«As pessoas parecem tão interessantes.»

«Têm mais dinheiro do que os que viajam de comboio ou autocarro.»

«Sobrevoámos o Grand Canyon.»

«Sim, fica a caminho.»

«Estas hospedeiras trazem saias bastante curtas! Olha, vêem-se as calcinhas.»

«Uma boa gratificação. Todas elas vivem em condomínios e guiam MG.»

«As pessoas do avião eram tão simpáticas. O homem da cadeira ao lado da minha ofereceu-se para me comprar uma bebida.»

«Vamos buscar a bagagem.»

«R. A. telefonou para me dizer que tinha recebido o teu prefácio para os poemas do Bill. Leu-me partes pelo telefone. Era bonito. Quero agradecer-te.»

«Esquece isso.»

«Não sei como agradecer-te.»

«Tens a certeza de que não queres beber?»

«Bebo raramente. Talvez mais tarde.»

«O que preferes? Vou comprar qualquer coisa para quando chegarmos a casa. Quero que te sintas confortável e à vontade.»

«Tenho a certeza que Bill está a ver-nos neste momento e que está feliz por nos ver juntos.»

«Achas que sim?»

«Sim!»

Agarrámos na bagagem e dirigimo-nos para o parque de estacionamento.

À noite, consegui que Cecelia bebesse dois ou três copos. Ela esqueceu-se e cruzou as pernas de modo que me permitiu descobrir um par de óptimas coxas. Sólidas. Uma mulher que é uma vaca, com tetas de vaca e olhos de vaca. Keesing tinha tido bom olho.

Ela era contra a matança de animais e não comia carne. Acho que ela tinha carne suficiente. Era tudo bonito, disse-me ela, tínhamos toda a beleza do mundo e tudo o que tínhamos a fazer era estender a mão e tocar, estava tudo ali e tudo era nosso.

«Tens razão, Cecelia», disse eu. «Toma outro copo.»

«Faz-me virar a cabeça.»

«Não há mal nisso.»

Cecelia cruzou outra vez as pernas e surgiram as suas coxas. Viam-se mais do que da última vez.

Bill, já não a podes tocar. Foste um bom poeta, Bill, mas, meu Deus, deixaste muito mais do que a tua escrita. E os teus textos nunca tiveram coxas como estas.

Cecelia bebeu outro copo e parou. Eu continuei.

Donde vinham todas estas mulheres? A reserva parecia não ter fim. Cada uma delas tinha uma particularidade, era diferente. As suas ratas eram diferentes, mas nenhum homem podia esgotar o lote, havia muitas, a cruzarem as pernas, a porem os homens doidos. Que festa!

«Quero ir à praia. Levas-me à praia, Hank?»

«Esta noite?»

«Não, esta noite, não. Mas antes de me ir embora.»

«Está bem.»

Cecelia falou sobre os abusos cometidos em relação aos índios americanos. Disseme que escrevia, mas nunca dava nada a ler, tinha os textos num caderno. Bill tinha-a encorajado e ajudado em algumas coisas. Ela ajudou-o a entrar para a universidade. Claro que também a bolsa G. L o tinha ajudado. E houve sempre a codeína, ele esteve sempre preso à codeína. Ela ameaçara deixá-lo várias vezes, mas não lhe serviu de nada. E agora...

«Bebe, Cecelia, ajuda-te a esquecer.»

Servi-lhe uma bem atestada.

«Oh, não consigo beber tudo!»

«Cruza as tuas pernas mais alto. Deixa-me ver mais as tuas pernas.»

«O Bill nunca me falou assim.»

Continuei a beber. Ela continuou a falar. Passado um pouco, eu já não ouvia. Passou a meia-noite.

«Escuta, Cecelia, vamos para a cama. Estou cansado.»

Fui para o quarto, despi-me e pus-me debaixo dos cobertores. Ouvi-a dirigir-se para a casa-de-banho. Apaguei a luz do quarto. Ela saiu e senti-a deitar-se do outro lado da cama.

«Boa noite, Cecelia.»

Puxei-a para mim. Ela estava nua. Meus Deus, pensei. Beijámo-nos. Ela beijava muito bem. Um longo e ardente beijo. Parámos.

«Cecelia?»

«Sim?»

«Podemos noutra altura.»

Virei-me e adormeci.

Bobby e Valerie visitaram-me e fiz as apresentações.

«Eu e Valerie vamos fazer férias num apartamento alugado, à beira-mar, em Manhattan Beach», disse Bobby. «Porque não vêm connosco? Podíamos pagar a meias. Há dois quartos.»

«Não, Bobby, não me apetece.»

«Oh, *Hank, por favor*», disse Cecelia. «Adoro o mar! Hank, se formos, prometo que bebo contigo!»

«Está bem, Cecelia.»

«Óptimo», disse Bobby. «Partimos esta noite. Venho buscar-vos por volta das seis horas. Jantamos juntos.»

«Vai ser formidável», disse Cecelia.

«E divertido comer com o Hank», disse Valerie. «Da última vez que fomos com ele ao restaurante, ele dirigiu-se ao criado de mesa e disse: ”Uma salada de couves e de fritos aqui para os meus amigos! Doses duplas para toda a gente, e não deite água nas bebidas, senão arranco-lhe o casaco e a gravata!”». «Não aguento esperar mais!», disse Cecelia.

Por volta das duas horas da tarde, Cecelia quis dar um passeio higiénico.

Atravessámos o jardim. Ela reparou nas dálias. Avançou para elas e meteu a cara nas flores, acariciando-as com os dedos.

«Oh, são tão *belas*»

«Estão a morrer, Cecelia. Não vês como estão murchas? É o *smogque* as mata.»

Caminhámos sob as palmeiras.

«E há pássaros por todos os lados! Centenas de pássaros, Hank!»

«E dezenas de gatos.»

Fomos de carro para Manhattan Beach com Bobby e Valerie, instalámo-nos no nosso apartamento frente ao mar, e saímos para jantar. O jantar estava bom. Cecelia tomou um copo a acompanhar a refeição e explicou tudo sobre o vegetarianismo.

Ela comeu uma sopa, salada e iogurte, e nós comemos bifes, pão francês e salada.

Bobby e Valerie roubaram o saleiro e o pimenteiro, duas facas de carne e a gorjeta que eu tinha deixado ao empregado.

Parámos para comprar bebidas, gelo e cigarros antes de irmos para casa. O único copo que Cecelia tinha bebido deixou-a bem disposta, e explicou-nos que até mesmo os animais tinham alma. Nenhum de nós a contrariou. Sabíamos que era possível. Do que não tínhamos a certeza era se nós tínhamos uma.

Continuámos a beber. Cecelia bebeu mais um e parou. «Apetece-me sair para ver a lua e as estrelas», disse ela. «É tão bonito.»

«OK, Cecelia.»

Saiu e sentou-se numa cadeira de descanso ao pé da piscina.

«Não admira que o Bill tenha morrido», disse eu. «Morreu de fome. Ela nunca dá nada.»

«Ela disse precisamente a mesma coisa de ti, durante o jantar, quando foste à casa-de-banho. Disse: ”Os poemas do Hank são cheios de paixão, mas como pessoa ele não é nada assim!”.»

«Eu e Deus nem sempre apanhamos o mesmo cavalo.»

«Já a fodeste?», perguntou Bobby.

«Não.»

«Como era o Keesing?»

«Porreiro. Mas pergunto-me como ele ficou sem ela. Talvez os comprimidos e a codeína o ajudassem. Talvez ela fosse uma enorme flor-criança-enfermeira para ele.»

«Fode-a», disse Bobby. «Vamos beber.»

«Sim? Se eu tivesse que escolher entre beber e foder, penso que deixava de foder.»

«Foder pode trazer problemas», disse Valerie.

«Quando a minha mulher sai para foder com alguém, ponho o pijama, tapo-me e adormeço», disse Bobby.

«Ele *é frio*», disse Valerie.

«Nenhum de nós sabe muito bem o que fazer com o sexo, como usá-lo», disse eu.

«Para a maior parte das pessoas, o sexo é um brinquedo - monta-se e deixa-se que ele corra.»

«E o amor?», perguntou Valerie.

«O amor só convém aos que são capazes de suportar essa sobrecarga psíquica. É

como tentar atravessar um caudal de mijo com um caixote cheio de lixo às costas.»

«Oh, não é assim tão mau!»

«O amor é uma espécie de preconceito. Eu já tenho muitos.»

Valerie foi para a janela.

«As pessoas estão-se a divertir, mergulham na piscina, e ela ali a olhar para a lua.»

«O homem dela acabou de morrer», disse Bobby. «Dá-lhe tempo.»

Agarrei na minha garrafa e fui para o quarto. Despi as calças e fui para a cama.

Nada estava bem. As pessoas agarravam-se cegamente à primeira coisa que lhes aparecesse: comunismo, orgias, andar de bicicleta, erva, o catolicismo, halteres, viagens, o recolhimento, a comida vegetariana, a índia, pintura, beber, andar por aí, iogurtes, congelados, Beethoven, Bach, Buda, Cristo, haxixe, sumo de cenoura, suicídio, roupas por medida, viajar de avião, Nova Iorque, e de repente tudo desaparece. As

pessoas tinham de encontrar coisas para fazer enquanto esperavam pela morte. Acho que era bom podermos escolher.

Eu fiz a minha. Agarrei na garrafa de *vodka* e dei um gole. Os russos sabiam qualquer coisa.

A porta abriu-se e Cecelia entrou. Ela era óptima, com aquele seu corpo enérgico, bem esculpido. A maior parte das americanas eram ou demasiado pequenas ou pouco resistentes. Se se é um pouco grosseiro com elas, algo se quebra nelas e tornam-se neuróticas, e os seus maridos tornam-se fanáticos do desporto, alcoólicos ou obcecados por carros. Os noruegueses, os islandeses e finlandeses sabiam como deviam ser feitas as mulheres: grandes e fortes, um grande eu, grandes ancas, enormes e brancas coxas, uma cabeça grande, boca larga, grandes tetas, muito cabelo, grandes olhos, narinas largas e cá em baixo, a meio suficientemente grande e suficientemente estreita.

«Olá, Cecelia. Vem para a cama.»

«Estava bonito lá fora.»

«Acho que sim. Vem-me dizer boa noite.»

Ela foi para a casa-de-banho. Apaguei a luz do quarto.

Passado algum tempo, ela veio. Senti-a entrar na cama. Estava escuro, mas entrava alguma luz pelas cortinas. Estendi-lhe a garrafa. Ela bebeu um gole e depois passou-ma.

Estávamos sentados na cama, com as costas contra as almofadas. A minha coxa tocava na dela.

«Hank, a lua parecia uma pequena lâmina. Mas as estrelas eram brilhantes e lindas.

Isto faz-nos pensar, não é?»

«Sim.»

«Algumas daquelas estrelas morreram há milhões de anos-luz e ainda podemos vê-

las.»

Estendi o braço e puxei-lhe a cabeça de encontro a mim. A sua boca abriu-se.

Estava molhada e era óptimo.

«Cecelia, vamos foder.»

«Não quero.»

De certo modo, eu também não queria. Daí eu ter perguntado:

«Não queres? Então porque me beijas assim?»

«Acho que as pessoas devem dar tempo ao tempo para se conhecerem.»

«Por vezes, não há muito tempo.»

«Não me apetece fazê-lo.»

Saí da cama. Saí de casa em calções e fui bater à porta de Bobby. «O que é?», perguntou Bobby.

«Ela não quer foder.»

«E então?»

«Vamos nadar.»

«É tarde. A piscina está fechada.»

«Fechada? Há água, não há?»

«Quero dizer, as luzes estão apagadas.»

«Está bem. Ela não quer foder.»

«Tu não tens fato de banho.»

«Tenho os meus calções.»

«OK, espera um pouco...»

Bobby e Valerie saíram, com os seus bonitos fatos de banho bem justos. Bobby estendeu-me um charro colombiano e dei uma passa.

«O que se passa com a Cecelia?»

«Alquimia cristã.»

Fomos para a piscina. Bobby tinha dito a verdade, as luzes estavam apagadas. Ele e Valerie mergulharam ao mesmo tempo. Sentei-me na borda da piscina, com os pés na água.

Ia dando goles de *vodka*.

Eles vieram à superfície ao mesmo tempo. Bobby nadou até à borda da piscina.

Puxou-me pelo tornozelo.

«Anda lá! Mostra que tens tripas! MERGULHA!»

Dei outro gole de *vodka* antes de pousar a garrafa. Não mergulhei. Deixei-me escorregar cuidadosamente da borda. E depois saltei. Era estranho, toda aquela água escura.

Mergulhei lentamente até ao fundo da piscina. Eu media um metro e oitenta, pesava cem quilos. Esperava tocar o fundo para vir à superfície. Mas onde estava o fundo? Lá estava, e eu quase sem oxigénio. Subi. Subi lentamente. Por fim, quebrei a superfície da água.

«Morte a todas as putas que fecham as coxas quando me vêem!», gritei.

Abriu-se uma porta e saiu um tipo a correr do apartamento. Era o director.

«Eh, é proibido nadar a esta hora da noite! As luzes da piscina estão apagadas!»

Dei umas braçadas em direcção a ele, agarrei-me à borda da piscina e levantei a cabeça.

«Escuta, meu cabrão, eu bebo dois barris de cerveja por dia e sou lutador profissional. Sou *amável por* natureza. Mas pretendo nadar e quero essas luzes ACESAS!

AGORA! Só peço uma vez!»

Continuei a nadar.

As luzes acenderam-se. A piscina estava brilhante. Era mágico. Nadei até ao *vodka,* agarrei-o e dei um grande gole. A garrafa estava quase vazia. Olhei para o outro lado, Bobby e Valerie nadavam um atrás do outro, debaixo da água. Eram bons nisso, eram ágeis e graciosos. Tão estranho que toda a gente fosse mais nova do que eu.

Fartámo-nos da piscina. Fui de calções molhados até à porta do director e bati. Ele abriu-a. Eu gostava dele.

«Eh, companheiro, podes desligar as luzes. Já acabei de nadar. És porreiro, amigo, és porreiro.»

Dirigimo-nos para os nossos apartamentos.

«Vem beber um copo connosco», disse Bobby. «Sei que te sentes infeliz.»

Entrei e bebi dois copos.

Valerie disse: «Oh, Hank, tu e as tuas *mulheresl* Não podes fodê-las todas, sabes isso?».

«A vitória ou a morte!»

«Vai dormir, Hank.»

«Boa noite, amigos, e obrigado...»

Voltei para o meu quarto. Cecelia estava deitada de costas e ressonava - «Guzzz, guzzz, guzzz...»

Pareceu-me *gorda*. Tirei os calções molhados e meti-me na cama. Abanei-a.

«Cecelia, estás a RESSONAR!»

«Ooooh... Ooooh... desculpa...»

«OK, Cecelia. Até parece que somos casados. Fodo-te logo de manhã, quando eu estiver fresco.»

Um ruído acordou-me. Ainda não amanhecia. Cecelia ia e vinha pelo quarto, enquanto se vestia.

Olhei para o relógio. «São cinco horas da manhã. O que estás a fazer?»

«Quero ver o sol nascer. *Adoro* o amanhecer!»

«Não admira que não bebas.»

«Eu volto. Podemos tomar o pequeno-almoço juntos.»

«Há quarenta anos que não tomo o pequeno-almoço.»

«Vou ver o sol nascer, Hank.»

Encontrei uma garrafa de cerveja cheia. Estava quente. Abri-a e bebi-a. Depois voltei a dormir.

Às dez e meia bateram à porta. «Entre.»

Era Bobby, Valerie e Cecelia.

«Acabámos de tomar o pequeno-almoço», disse Bobby. «Agora a Cecelia quer descalçar-se e passear descalça na praia», disse Valerie.

«Nunca tinha visto o oceano Pacífico, Hank! E *tão* lindo!» «Vou-me vestir...»

Caminhámos à beira-mar. Cecelia estava feliz. Gritava quando as ondas rebentavam e lhe molhavam os pés.

«Continuem vocês os três», disse eu, «vou procurar um bar.» «Vou contigo», disse Bobby. «Fico com Cecelia.»

Encontrámos um bar próximo. Só havia dois bancos vazios. Sentámo-nos. Bobby atraiu um macho. Eu atraí uma fêmea. Pedimos as bebidas.

A mulher que estava ao meu lado devia ter 26, 27 anos. Estava já gasta - os olhos e a boca pareciam cansados -, mas apesar disso era atraente. Os cabelos eram escuros e estavam bem penteados. Vestia uma saia e as suas pernas eram boas. A sua alma era de topázio, e isso podia ver-se-lhe nos olhos. Encostei à sua a minha perna. Ela não se mexeu.

Eu beberricava.

«Paga-me um copo», pedi-lhe.

Ela chamou o empregado. Ele veio.

«Um *vodka* 7para este senhor.»

«Obrigado...»

«Babette.»

«Obrigado, Babette. Chamo-me Henry Chinaski, escritor alcoólico.»

«Nunca ouvi falar.»

«É natural.»

«Tenho uma loja ao pé da praia. Bugigangas e porcarias, sobretudo porcarias.»

«Somos iguais. Escrevo imensa porcaria.»

«Se és assim tão mau escritor, porque não deixas de escrever?»

«Preciso de comer, dormir e vestir. Paga-me outro copo.»

Babette fez sinal ao empregado e bebi outro *vodka 7*.

Empernávamos.

«Sou como um rato», disse eu, «estou com prisão de ventre e incapaz de cagar.»

«Não sei nada dos teus intestinos. Mas tu és como um rato e consegues cagar.»

«Qual é o teu número de telefone?»

Babette procurou uma caneta na sua carteira.

Cecelia e Valerie entraram.

«Oh», disse Valerie, «cá estão aqueles cabrões. Eu disse-te. O bar mais próximo!»

Babette levantou-se. Saiu do bar. Eu conseguia vê-la através dos estores da janela.

Ela afastava-se, pela marginal, e tinha um corpo fabuloso. Parecia um esguio salgueiro.

Ondulou ao vento e desapareceu.

Cecelia sentou-se e via-nos beber. Apercebi-me que lhe causava repulsa. Eu comia carne. Não acreditava em nenhum deus. Gostava de foder. A Natureza não me interessava.

Nunca votava. Gostava de guerras. O espaço sideral chateava-me. O *baseball* chateava-me.

A História aborrecia-me. Os jardins zoológicos também.

«Hank», disse ela, «vou um pouco lá para fora.»

«O que há lá fora?»

«Gosto de ver as pessoas a nadar na piscina. Gosto de vê-las divertirem-se.»

Levantou-se e saiu.

Valerie e Bobby riram-se.

«Está visto que não consigo tirar-lhe as calcinhas.»

«Tu queres mesmo?», perguntou Bobby.

«Não é tanto o meu instinto sexual que é ofendido, é o meu ego.»

«E não te esqueças da idade», disse Bobby.

«Não há nada pior do que um velho porco chauvinista», disse eu.

Bebemos em silêncio.

Uma hora depois, Cecelia voltou. «Hank, quero ir-me embora.» «Para onde?»

Para o aeroporto. Quero ir para San Francisco. Já tenho a bagagem comigo.»

«Para mim está bem. Mas nós viemos no carro deles. Talvez eles não queiram partir já.»

«Nós levamo-la para L. A.», disse Bobby.

Pagámos a conta, entrámos para o carro, com Bobby ao volante, Valerie ao seu lado e Cecelia e eu no banco de trás. Cecelia afastava-se de mim, encostava-se à porta, mantinha-se o mais longe possível de mim.

Bobby pôs uma *cassette. A* música invadiu o banco de trás como uma onda. Bob Dylan.

Valerie passou um charro. Dei uma passa antes de passá-lo a Cecelia. Ela continuava afastada de mim. Estendi a mão e acariciei-lhe um dos joelhos, beliscando-o.

Ela tirou-me a mão.

«Eh, como estão vocês aí atrás?», perguntou Bobby.

«Ê o amor», respondi.

Andámos durante uma hora.

«Cá está o aeroporto», disse Bobby.

«Tens duas horas», disse eu a Cecelia. «Podemos ir para minha casa e esperar.»

«Não, fico já no aeroporto», disse ela.

«Mas o que vais fazer durante duas horas no aeroporto?», perguntei-lhe.

«Oh», disse ela, «adoro aeroportos.»

Parámos em frente do terminal. Saí do carro e carreguei a bagagem. Cecelia pôs-se em bicos de pés e beijou-me na face. Deixei-a ir sozinha.

Aceitei fazer uma leitura no Norte. À tarde, antes da leitura, estava sentado num quarto do Holiday Inn, a beber com o Joe Washington, o promotor, e com Dudley Barry, o poeta local, e o seu namorado, Paul. Dudley saiu da casa-de-banho anunciando que era homossexual. Era nervoso, gordo e ambicioso. Balançava ao andar.

«Vais fazer uma boa leitura?»

«Não sei.»

«Tu cativas as multidões. Meu Deus, como fazes? Fazem bichas à volta do edifício.»

«Eles gostam das efusões de sangue.»

Dudley agarrou nas bochechas do eu de Paul. «Vou comer-te todo, querido! Depois podes tu comer-me!»

Joe Washington estava de pé, ao pé da janela.

«Olhem, vem aí o William Burroughs. Está no quarto ao lado do teu. Vai ler amanhã à noite.»

Fui à janela. Era, de facto, Burroughs. Fui buscar outra cerveja. Estávamos no segundo andar. Burroughs subiu as escadas, passou em frente da minha janela, abriu a sua porta e entrou.

«Queres encontrar-te com ele?», perguntou Joe.

«Não.»

«Vou vê-lo, só por minutos.»

«Está bem.»

Dudley e Paul apalpavam o eu um ao outro. Dudley ria-se e Paul dava risinhos e corava.

«Porque é que vocês não fazem isso em privado?»

«Ele não é giro?», perguntou Dudley. «Só gosto de rapazes!»

«Estou mais interessado em mulheres.»

«Não sabes o que perdes.»

«Não te preocupes.»

«Jack Mitchell prefere *travestis*. Escreve poemas sobre eles.»

«Pelo menos parecem mulheres.»

«Alguns são mais bonitos do que elas.»

Bebi em silêncio.

Joe Washington voltou. «Disse ao Burroughs que estavas aqui, ao lado dele. Eu disse: ”Burroughs, o Henry Chinaski está no quarto ao lado”. Ele respondeu: ”Ah, sim? A sério?”. Perguntei-lhe se queria estar contigo. Disse-me que não.»

«Deviam ter frigoríficos nos quartos», disse eu. «A merda da cerveja está a ficar quente.»

Saí à procura duma máquina de gelo. Passei em frente do quarto do Burroughs, que estava sentado numa cadeira, perto da janela. Olhou para mim com indiferença.

Encontrei a máquina de gelo, regressei com o gelo, pu-lo no lavatório e meti algumas garrafas lá dentro.

«Não deves beber tanto», disse Joe. «Começas logo a enrolar as palavras.»

«Eles não ligam. Querem apenas pôr-me na cruz.»

«Quinhentos dólares por uma hora de trabalho?», perguntou Dudley. «Chamas a isso uma cruz?»

«Sim.»

«Es algum Cristo!»

Dudley e Paul saíram, eu e Joe fomos comer e beber a um café. Encontrámos uma mesa. Mal nos sentámos, estranhos começaram a puxar as cadeiras para a nossa mesa.

Eram todos homens. Que merda. Havia algumas raparigas giras, mas elas só olhavam e sorriam, ou não olhavam nem sorriam. Disse para comigo que as que não se sorriam deviam odiar-nos por causa da minha atitude em relação às mulheres. Que se fodam.

Jack Mitchell e Mike Tufts, ambos poetas, estavam lá. Nenhum deles trabalhava e por isso a poesia pouco lhes rendia. Viviam o dia-a-dia e de esmolas. Mitchell era realmente um bom poeta, mas não tinha sorte. Depois entrou Blast Grimly, o cantor. Blast estava sempre bêbedo. Eu nunca o tinha visto sóbrio. Havia outros dois tipos à mesa que eu não conhecia.

«Senhor Chinaski?»

Era uma coisinha doce com um vestido verde curto.

«Pode autografar-me este livro?»

Era uma recolha de poemas que eu tinha escrito quando trabalhava como carteiro -

It Rum Around the Room and Me. Assinei-o, fiz um desenho e devolvi-o.

«Oh, muito obrigada!»

Ela partiu. Com todos estes cabrões à minha volta, não pude fazer nada.

Depressa se juntaram quatro ou cinco canecas de cerveja na mesa. Pedi uma sanduíche. Bebemos durante duas ou três horas, e depois voltei para o quarto. Acabei com as cervejas do lavatório e deitei-me.

Não me lembro muito bem da leitura, mas no dia seguinte acordei sozinho na cama.

Joe Washington bateu à porta às onze da manhã.

«Eh, foi uma das tuas *melhores* leituras!»

«A sério? Não me estás a gozar?»

«Não, foste óptimo. Aqui está o cheque.»

«Obrigado, Joe.»

«Tens a certeza de que não queres estar com o Burroughs?»

«Tenho a certeza.»

«Ele lê esta noite. Vais ficar para ouvir?»

«Tenho de regressar a L. A., Joe.»

«Já o ouviste ler?»

«Joe, eu quero tomar um duche e pirar-me daqui. Vais levar-me ao aeroporto?»

«Claro.»

Quando partimos, Burroughs estava sentado na sua cadeira, perto da janela. Pareceu não ter-me visto. Olhei-o de relance e pus-me a andar. Eu tinha o meu cheque. E estava ansioso por ir às corridas...

Correspondi-me com uma senhora de San Francisco durante largos meses.

Chamava-se Liza Weston, e sobrevivia a dar lições de dança e *ballet* no seu próprio estúdio. Tinha trinta e dois anos, fora casada uma vez, e todas as suas cartas eram longas, impecavelmente dactilografadas em papel cor-de-rosa. Escrevia bem, com inteligência e poucos exageros. As suas cartas agradavam-me e eu respondia-lhe. Liza estava afastada da literatura, mantinha-se afastada de pretensiosas questões de ordem geral.

Escrevia-me sobre pequenos factos quotidianos, mas descrevia-os com profundidade e humor. E um dia escreveu para me dizer que vinha a L. A. para comprar fatos de dança e perguntar se eu gostaria de me encontrar com ela. Disse-lhe que sim, e que podia ficar em minha casa, mas que, devido à nossa diferença de idades, *ela* teria de dormir no sofá e *eu* na cama. Telefono-te mal chegue, escreveu-me em resposta.

Três ou quatro dias depois, tocou o telefone. Era Liza. «Estou na cidade», disse ela.

«Estás no aeroporto? Vou buscar-te.»

«Vou apanhar um táxi.»

«E caro.»

«É mais fácil.»

«O que costumas beber?»

«Não bebo muito. Por isso, o que quiseres...»

Sentei-me e esperei. Sempre me senti embaraçado nestas situações. Quando elas chegavam, eu quase desejava que isso não acontecesse. Liza tinha-me dito que era bonita, mas ainda não tinha visto nenhuma fotografia sua.

Um dia casei-me por correspondência, ou melhor, prometi a uma mulher que me casava com ela, só por correspondência. Também me tinha escrito cartas inteligentes, mas dois anos e meio de casamento foram um desastre. Geralmente as pessoas são muito melhores nas cartas que escrevem do que na realidade. Muito mais poéticas.

Andava de um lado para o outro. Depois ouvi passos na álea. Fui espreitar através das persianas. Nada mau. Cabelo escuro, elegantemente vestida, com uma saia que caía até aos tornozelos. Caminhava graciosamente com a cabeça direita. Tinha um nariz bonito e a boca era vulgar. Eu gostava de mulheres com vestidos, lembrava-me dos tempos passados.

Ela trazia uma pequena mala. Bateu à porta. Abri. «Entra.»

Liza pousou a mala no chão. «Senta-te.»

Tinha uma maquilhagem suave. Ela era engraçada. Tinha o cabelo curto e bem arranjado.

Servi-lhe um *vodka* 7 e outro para mim. Liza parecia calma. Lia-se no seu rosto um ligeiro sofrimento - tinha passado por um ou dois períodos difíceis na sua vida. Assim como eu.

«Espero comprar amanhã os fatos. Há uma casa especializada em Los Angeles.»

«Gosto muito desse vestido que trazes. Acho excitante uma mulher completamente coberta. Claro que é difícil adivinhar o seu corpo, mas pode-se ter uma ideia.»

«És exactamente como eu pensava. Não assustas ninguém.»

«Obrigado.»

«Não pareces tímido.»

«Estou no meu terceiro copo.»

«E que acontece depois do quarto?»

«Nada de especial. Bebo-o e espero pelo quinto.»

Saí para comprar o jornal. Quando voltei, Liza tinha arregaçado o vestido acima dos joelhos. Valia a

pena olhar. Tinha bonitos joelhos e óptimas pernas. Ia ser um dia (ou melhor, uma noite) animada. Eu sabia pelas suas cartas que ela fazia macrobiótica, como Cecelia. Só que não se comportava como Cecelia. Sentei-me no outro extremo do sofá, e não parava de morder com os olhos nas suas pernas. Sempre fui um amador de pernas.

«Tens pernas bonitas», disse eu.

«Gostas delas?»

Arregaçou a saia mais um palmo. Era de enlouquecer. Aquelas pernas fabulosas a saírem de toda aquela roupa. Era muito melhor do que uma mini-saia.

Bebi mais um copo e aproximei-me de Liza.

«Devias ir ver o meu estúdio de dança», disse ela.

«Não sei dançar.»

«Mas podes. Eu ensino-te.»

«De borla?»

«Claro. Para um tipo como tu, tens muita agilidade nas pernas. Pelo modo como andas, posso dizer-te que poderás vir a dançar muito bem.»

«Combinado. Dormirei no teu sofá.»

«O meu apartamento é óptimo, mas tudo o que tenho é um colchão de água.»

«Está bem.»

«Mas tens de me deixar cozinhar para ti. Boa comida.»

«Óptimo.» Olhei para as suas pernas. Depois acariciei-lhe um dos joelhos. Beijei-a.

Ela retribuiu-me como só retribui uma mulher solitária.

«Achas-me atraente?», perguntou Liza.

«Claro. Mas gosto mais do teu estilo. Tens muito *charme*.»

«E tu tens bom aspecto, Chinaski.»

«Pois. Tenho quase 60 anos.»

«Pareces ter quarenta, Hank.»

«Tu é que estás com óptimo aspecto, Liza.»

«Claro. Tenho 32.»

«Fico contente por não teres 22.»

«E eu por não teres 32.»

«É uma noite alegre, esta», disse eu. Íamos beberricando os nossos *vodkas*.

«O que pensas das mulheres?», perguntou ela.

«Não sou um pensador. Cada mulher é diferente. Fundamentalmente parecem ser uma combinação do melhor e do pior ambas coisas mágicas e terríveis. Portanto, estou contente por elas existirem.»

«Como é que as tratas?»

«Elas são melhores para mim do que eu para elas.»

«Achas que é justo?»

«Não é justo, mas as coisas são assim.»

«Es honesto.»

«Nem por isso.»

«Amanhã, depois de comprar os fatos, gostava de os experimentar. Podes dizer-me de qual gostas mais.»

«Claro. Mas eu prefiro os vestidos compridos. E o *charme*.»

«Vou comprar de todos os feitios.»

«Nunca compro roupa antes de a que tenho ficar aos pedaços.»

«As tuas despesas são doutro género.»

«Liza, vou para a cama depois deste copo, está bem?»

205

«Está bem.»

Fiz-lhe a cama no chão. «Os cobertores são suficientes?»

«Sim.»

«E as almofadas, estão bem?»

«Claro.»

Acabei de beber, levantei-me para trancar a porta da entrada.

«Não te estou a fechar. É para ficares em segurança.»

«Claro...»

Fui para o quarto, apaguei a luz, despi-me e meti-me debaixo dos lençóis. «Vês», gritei, «não te violei.»

«Oh», respondeu, «quem me dera!»

Não levei aquilo a sério, mas foi bom ouvir. Fiz o meu jogo. Liza ficava para a noite seguinte.

Quando acordei, ouvi-a na casa-de-banho. Devia tê-la agarrado? Como podia um homem saber o que devia fazer? Geralmente, pensei, é melhor esperar se sentimos algo pela pessoa. Se não se gosta dela, o melhor é fodê-la logo; se não, é melhor esperar, fodê-la e depois odiá-la.

Liza saiu da casa-de-banho com um vestido vermelho, nem comprido nem curto.

Ficava-lhe bem. Ela era magra e charmosa. Pôs-se em pé, frente ao espelho do meu quarto, a mexer no seu cabelo.

«Hank, vou agora comprar os vestidos. Fica na cama. Deves estar doente depois daquilo que bebeste.»

«Porquê? Bebemos os dois a mesma coisa.»

«Eu ouvi a servires-te de mais, na cozinha. Porque fizeste aquilo?»

«Acho que estava com medo.»

«Tu? Medo? Pensei que fosses o maior e mais alcoólico fodilhão de mulheres.»

«Desiludi-te?»

Não.»

«Tive medo. A minha arte é o meu medo. Ê dele que eu a extraio.»

«Vou procurar os vestidos, Hank.»

«Estás furiosa. Desiludi-te.»

«Absolutamente nada. Até logo.»

«Onde é essa loja?»

«Na rua 87.»

«Na 87? Meu Deus, é a Watts!»

«Têm os melhores vestidos da costa.»

«Mas é em pleno bairro *negro!*»

«És contra os negros?»

«Sou contra tudo.»

«Eu apanho um táxi. Dentro de três horas estou aí.»

«Queres vingar-te, não é?»

«Eu disse que voltava. Deixo aqui as minhas coisas.»

«Não voltas mais.»

«Volto, sim. Sei desenrascar-me sozinha.»

Levantei-me, encontrei *osjeans* e as chaves do carro.

«Toma, leva o meu Volks. É um TRV 469, está parado mesmo em frente. Mas cuidado com a embraiagem, e a segunda está estragada, e a marcha-atrás arranha...»

Ela agarrou nas chaves, eu voltei para a cama e cobri-me. Liza inclinou-se para mim. Agarrei-a e beijei-lhe o pescoço. Eu estava com mau hálito.

«Anima-te», disse ela. «Confia em mim. Esta noite vai haver festa, haverá um desfile de modas.»

«Eu não posso esperar.»

«Podes, sim.»

«A chave prateada abre a porta do lado do condutor. A dourada é a da ignição...»

Saiu com o seu vestido vermelho. Ouvi a porta fechar-se.

Olhei à minha volta. A mala dela ainda lá estava. E um par de sapatos no tapete.

Era uma e meia da tarde quando acordei. Tomei um banho, vesti-me, fui ver o correio. Havia uma carta de um tipo novo, de Glendale. «Caro senhor Chinaski: sou um jovem escritor e, penso, muito bom, direi mesmo muito bom, mas os editores devolvem-me todos os poemas que lhes envio. Como é que se ganha este jogo? Qual é o segredo? Quem é necessário conhecer? Admiro muito a sua obra e gostaria muito de ir aí conversar consigo.

Levarei duas embalagens de cerveja. Gostaria também de ler-lhe alguns dos meus poemas...»

O pobre cabrão nem sequer tinha uma rata. Deitei a carta para o cesto dos papéis.

Passado uma hora ou pouco mais, Liza voltou. «Oh, encontrei os mais maravilhosos vestidos!»

Ela trazia uma braçada de vestidos. Foi para o quarto. Passado algum tempo, saiu.

Trazia um vestido de gola alta e passeava-se à minha frente. O vestido desenhava-lhe o eu em perfeição. Era preto e doirado e ela calçava sapatos pretos. Deu alguns passos de dança.

«Gostas dele?»

«Oh, sim...» Sentei-me e esperei.

Liza voltou ao quarto. Voltou em verde e encarnado com palhetas de prata. Este tinha uma abertura ao nível do estômago que deixava ver o umbigo. Enquanto dava voltas e reviravoltas à minha frente, ela olhava-me nos olhos dum modo muito especial. Nem acanhado nem *sexy* - era perfeito.

Não me lembro de quantos vestidos passaram à minha frente, mas o último era muito bonito. Ficava-lhe apertado e tinha uma racha de cada lado, a partir das ancas.

Enquanto andava, aparecia uma e depois a outra perna. O vestido era negro, brilhante, e era decotado.

Enquanto ela desfilava, levantei-me e saltei-lhe para cima. Beijei-a violentamente, obrigando-a a inclinar-se para trás. Continuei a beijá-la e tentei puxar o vestido para cima.

Consegui levantar-lhe a parte de trás e vi as suas cuecas amarelas. Depois levantei-lhe a parte da frente e encostei-lhe o meu caralho. A sua língua escorregou para a minha boca -

estava tão fria que parecia ter bebido água gelada. Puxei-a em direcção ao quarto, lancei-a para a cama e pus-me a trabalhar. Tirei-lhe as cuecas amarelas, tirei os meus calções. Dei livre curso à minha imaginação. As suas pernas estavam à volta do meu pescoço e eu por cima dela. Afastei-as, avancei e enfiei-o. Fodi-a durante um momento, variando sempre de velocidade, ora impulsos de ira e impulsos de amor, ora impulsos arreliantes ou brutais. De vez em quando tirava e recomeçava. Por fim deixei ir, fui e vim algumas vezes, vim-me e estendi-me ao lado dela. Liza continuou a beijar-me. Eu não sabia se ela tinha gozado ou não. Eu tinha.

Jantámos num restaurante francês que também servia boa comida americana, a preços razoáveis. Estava sempre super-cheio, o que nos deu tempo de ir ao bar. Nessa noite fiz-me passar por Lancelot Lovejoy e ainda estava suficientemente sóbrio para me lembrar do telefonema, quarenta e cinco minutos antes.

Pedimos uma garrafa de vinho e decidimos atrasar o jantar por algum tempo. Não há melhor maneira de

beber senão a uma pequena mesa com uma toalha branca, na companhia duma bonita mulher.

«Tu fodes», disse-me Liza, «com o entusiasmo juvenil de um homem que fode pela primeira vez, e por isso fodes com muita imaginação.»

«Posso escrever isso na minha camisa?»

«Claro.»

«Podia usar-me disso algumas vezes.»

«Não me uses, é tudo o que te peço. Eu não quero ser apenas mais uma das tuas mulheres.»

Não respondi.

«A minha irmã odeia-te», disse ela. «Disse-me que só te utilizarias de mim.»

«O que aconteceu ao teu charme, Liza? Estás a falar como toda a gente.»

Não esperámos pelo jantar. Já em casa, continuámos a beber. Eu gostava muito dela.

Comecei a mandar-lhe piropos. Ela surpreendeu-se, os seus olhos encheram-se de lágrimas.

Correu para a casa-de-banho, ficou para aí uns dez minutos e saiu.

«A minha irmã tinha razão. Es um cabrão!»

«Vamos para a cama, Liza.»

Despimo-nos. Deitámo-nos e eu trepei-a. Era muito mais difícil sem os preliminares, mas acabei por entrar nela. Comecei a trabalhar. Fui e vim sem parar. Mais uma noite quente. Era quase um mau sonho já habitual. Comecei a transpirar. Continuei sem parar. Nada. Não conseguia. Continuei: por fim, caí para o lado. «Desculpa, querida, bebi muito.»

A cabeça dela desceu lentamente para o meu peito, o meu ventre, e mais abaixo, começou a lamber, a lamber, a lamber, meteu-o na boca e começou a chupar...

Acompanhei Liza a San Francisco. O seu apartamento situava-se no topo duma colina. Era bonito. A primeira coisa que fiz quando entrei foi cagar. Fui à casa-de-banho e sentei-me. Vinhas verdes por todo o lado. Que sítio. Eu gostava daquilo. Quando saí, Liza disse para me sentar numas grandes almofadas, pôs Mozart no gira-discos, e serviu-me vinho gelado. Era hora de jantar e ela preparava-o na cozinha. De quando em quando vinha encher-me o copo. Sempre gostei mais de estar em casa duma mulher do que de convidá-la para a minha. Quando estava em casa delas podia partir quando me apetecesse.

Chamou-me para jantar. Salada, chá gelado e galinha estufada. Estava bastante bom.

Eu era um péssimo cozinheiro. Só sabia fritar bifes, embora fizesse um bom estufado de carne de vaca, sobretudo quando estava bêbedo. Eu gostava de fazer experiências com o estufado de vaca. Punha tudo e mais alguma coisa, e por vezes saía-me bem.

Depois do jantar fomos dar um passeio a Fishermarís Warf. Liza guiava com muita prudência. Punha-me nervoso. Parava em todos os cruzamentos para olhar à esquerda e à direita. Mesmo quando não havia carros, ela ficava ali. Eu esperava.

«Liza, merda, *vamos*. Não há ninguém.»

Só então arrancava. Era assim com as pessoas. Quanto mais as conhecíamos, mais os seus tiques vinham à superfície. Por vezes eram tiques cómicos pelo menos ao princípio.

Caminhámos ao longo do cais e depois fomo-nos sentar na areia. Não parecia uma praia.

Ela disse-me que não tivera namorado durante algum tempo. Agora achava inacreditáveis os temas das conversas e os interesses que tinham os seus antigos amantes.

«As mulheres são todas iguais», disse-lhe eu. «Quando perguntaram ao Richard Burton em que é que reparava logo numa mulher, ele disse: ”Deve ter pelo menos trinta anos”.»

Começou a escurecer e voltámos para o apartamento. Liza trouxe o vinho e sentámo-nos nas almofadas. Ela abriu os estores e olhávamos para a noite, lá fora.

Começámos a beijar-nos. Bebemos. E beijámo-nos mais.

«Quando começas a trabalhar?», perguntei-lhe.

«Queres que eu vá?»

«Não, mas tens de viver.»

«Mas tu não trabalhas.»

«De certo modo, sim.»

«Queres dizer que vives só para escrever?»

«Não, também gosto de viver. Mais tarde tento recordar-me de coisas e escrevo-as.»

«Eu só dou aulas de dança três noites por semana.»

«E isso dá-te para viver?»

«Tem-me dado até aqui.»

Os nossos beijos tornaram-se mais íntimos. Ela não bebia tanto como eu. Fomos para o colchão de água, despimo-nos e deitámo-nos. Já tinha ouvido falar das fodas em colchões de água. Eu achei difícil. Sob os nossos corpos a água parecia andar de um lado para o outro. Em vez de me *aproximar* dela, eu tinha a impressão que me *afastava* dela.

Talvez eu precisasse de praticar. Fiz-lhe as habituais selvajarias, agarrava-lhe pelos cabelos, agindo como se fosse uma violação. Ela gostava, ou parecia gostar, dava pequenos sons de contentamento.

Continuei a maltratá-la e ela fez os sons de quem tinha atingido o clímax.

Aquilo excitou-me e vim-me quando ela chegou ao fim do orgasmo.

Limpámo-nos e voltámos para as almofadas e para o vinho.

Liza adormeceu com a cabeça na minha barriga. Fiquei naquela posição mais ou menos uma hora. Depois estendi-me e adormecemos sobre as almofadas.

No dia seguinte, Liza levou-me ao seu estúdio. Comprámos sanduíches em frente ao estúdio e subimos com as bebidas. Era uma enorme sala, um segundo andar, completamente vazia, à excepção de algumas cadeiras, duma aparelhagem e cordas presas ao tecto. Não sabia para que servia aquilo.

«Queres que te ensine a dançar?», perguntou-me.

«Agora não me apetece muito», respondi.

Os dias e as noites seguintes foram iguais. Não foram maus, mas também não foram nada de excepcional. Fiz alguns progressos no colchão de água, mas continuava a preferir uma cama normal para foder.

Fiquei por mais três ou quatro dias e regressei a L. A.

Continuámos a escrever-nos.

Um mês depois, ela voltou a Los Angeles. Desta vez chegou a minha casa de calções. Parecia diferente, eu não sabia explicar porquê, mas ela estava diferente. Como eu não tinha prazer em estar só sentado com ela, levei-a às corridas, ao cinema, aos combates de boxe, tudo o que eu fazia com as mulheres que me agradavam, mas faltava qualquer coisa. Continuámos a fazer sexo, mas já não era tão excitante como dantes. Eu tinha a impressão que éramos casados.

Passados cinco dias, Liza estava sentada no sofá e eu lia o jornal quando disse:

«Hank, isto não está bem, pois não?».

«Não.»

«O que é que está mal?»

«Não sei.»

«Vou-me embora. Não quero ficar aqui.»

«Acalma-te, não é assim tão *mau*.»

«Eu não compreendo.»

Não respondi.

«Hank, leva-me à sede da Women's Liberation. Sabes on- *l*

«Sim, é em Westlake, ao pé da antiga escola de Belas-Artes.»

«Como sabes?»

«Já lá levei uma mulher.»

«Cabrão.»

«OK, agora...»

«Tenho uma amiga que trabalha lá. Não sei onde ela vive e não encontro o nome dela na lista telefónica. Mas sei que ela trabalha no Women's Lib. Vou passar dois dias com ela. Não quero regressar a San Francisco como estou agora...»

Liza reuniu as suas coisas e meteu-as na mala. Fomos para o carro e levei-a até Westlake. Uma vez levei Lydia até lá, por causa de uma exposição de arte feminina, onde ela tinha algumas esculturas.

Parei em frente do edifício.

«Eu espero até descobrires a tua amiga.»

«Não vale a pena. Podes ir.»

«Eu espero.»

Esperei. Liza saiu, fazendo-me adeus. Retribuí-lhe, liguei o motor e parti.

Uma semana depois, à tarde, eu estava sentado em calções. Bateram levemente à porta.

«Um momento», disse eu. Vesti o roupão e abri a porta.

«Somos alemãs. Lemos os seus livros.»

Uma parecia ter dezanove anos e a outra vinte e dois.

Eu tinha dois ou três livros publicados na Alemanha, com tiragem limitada. Eu nasci na Alemanha em 1920, em Andernach. A casa onde passei a minha infância era agora um bordel. Eu não sabia falar alemão.

«Entrem.»

Elas sentaram-se no sofá.

«Chamo-me Hilda», disse a de dezanove anos.

«Eu chamo-me Gertrude», disse a outra.

«Eu sou Hank.»

«Nós achamos os seus livros tristes e divertidos», disse Gertrude.

«Obrigado.»

Preparei três *vodkas 7*. Bem cheios para elas, bem cheio para mim.

«Vamos a caminho de Nova Iorque. Pensámos em passar por aqui», disse Gertrude.

Elas vinham do México. Falavam bem inglês. Gertrude era a mais pesada, talvez a mais rechonchuda; toda ela era peitos e eu. Hilda era magra, parecia estar tensa... obstipada e esquisita, mas sedutora.

Cruzei as pernas enquanto bebia. O meu roupão entreabriu-se.

«Oh», disse Gertrude, «tens umas pernas *sexy!*

«Sim», disse Hilda.

«Eu sei.»

Ficaram ali a beber comigo. Fui preparar mais três. Ao voltar a sentar-me, certifiquei-me de que o roupão me cobria decentemente.

«Se quiserem podem cá ficar durante alguns dias.»

Não responderam.

«Se não quiserem não fiquem. Não há problema. Podemos conversar um bocado.

Não quero pedir-vos nada.»

«Aposto que conheces muitas mulheres», disse Hilda. «Nós lemos os teus livros.»

«Eu escrevo ficção.»

«O que é ficção?»

«Ficção é um aperfeiçoamento da vida.»

«Queres dizer que mentes?», perguntou Gertrude.

«Um pouco. Não muito.»

«Tens namorada?», perguntou Hilda.

«Não. Agora não.»

«Nós ficamos», disse Gertrude.

«Só há uma cama.»

«Não há problema.»

«Mais uma coisa.»

«O quê?»

«Eu durmo no meio.»

«Está bem.»

Continuei a preparar bebidas e ficámos sem gota. Telefonei para a loja das bebidas.

«Eu quero...»

«Espere aí, amigo», disse o homem, «nós não fazemos distribuições ao domicílio antes das 6 da tarde.»

«Ah, sim? Eu deixo aí todos os meses duzentos dólares...»

«Quem fala?»

«Chinaski.»

«Oh, *Chinaski... o* que é que deseja?»

Disse-lhe o que queria. «Sabe como cá chegar?»

«Oh, sim.»

Passados oito minutos, chegou. Era o australiano gordo que estava sempre a transpirar. Agarrei nas duas caixas e pousei-as na cadeira. «Olá, meninas», disse o australiano.

Não responderam.

«Quanto é, Arbuckle?»

«Bem, *dá 17* dólares e 94.»

Dei-lhe vinte. Começou a fazer o troco.

«Deixa estar. Compra uma casa nova.»

«Obrigado, senhor.»

Inclinou-se para mim e perguntou-me em voz baixa: «Meu Deus, como é que você faz isto?».

«Escrevo à máquina», respondi.

«Escreve à máquina?»

«Sim. Cerca de dezoito palavras por minuto.»

Levei-o para fora de casa e fechei a porta.

Nessa noite fui para a cama com as duas, e fiquei no meio. Estávamos bêbedos e comecei por agarrar numa, beijá-la e acariciá-la, e depois ocupei-me da outra. Eu saltava duma para outra e era recompensado. Depois concentrei-me numa durante bastante tempo e virei-me depois para a outra. Cada uma delas esperava pacientemente. Eu estava confuso.

Gertrude era a mais quente, Hilda a mais nova. Passava-lhe com a mão pela rata, montava-as, mas não as penetrei. Por fim, decidi-me por Gertrude. Mas não consegui nada. Estava muito bêbedo. Gertrude e eu adormecemos, a sua mão a agarrar-me o caralho, as minhas mãos nos seus seios. Desentesei-me, mas os seus seios continuaram duros.

No dia seguinte esteve bastante calor e continuámos a beber. Telefonei para encomendar comida. Liguei a ventoinha. Não falámos muito. Estas jovens alemãs gostavam de beber. Depois saíram ambas para a varanda e sentaram-se no velho sofá Hilda em calções e *soutien* e Gertrude em cuecas cor-de-rosa e sem *soutien*. Max, o carteiro, apareceu. Gertrude aceitou o meu correio. O pobre do Max quase desmaiou. Vi o desejo e a incredulidade nos seus olhos. Mas, pelo menos, ele tinha um seguro de trabalho...

Por volta das duas da tarde, Hilda disse-me que ia dar uma volta. Gertrude e eu entrámos para casa. Por fim, aconteceu. Estávamos na cama e abrimos os fechos. Depois fomos directamente ao assunto. Deitei-me por cima dela e enfiei-o. Mas ele virava para a esquerda, como se houvesse uma curva. Isto só me tinha acontecido com uma outra mulher

- mas tinha sido óptimo. Depois comecei a pensar, ela está a gozar-me, não estou dentro dela. Por isso tirei-o e voltei a meter. O meu caralho entrou e voltou-se bruscamente para a esquerda. Que merda. Das duas, uma: ou a sua rata era falsa ou eu não a tinha penetrado.

Fui levado a pensar que a sua rata era falsa.

Eu fodia-a, ia e vinha, sentindo o meu caralho a ter dificuldades com a curva para a esquerda.

Trabalhei sem parar. De repente tive a impressão de estar a tocar num osso. Era chocante. Desisti e caí para o lado.

«Desculpa», disse eu, «hoje não devo estar em forma.»

Gertrude não respondeu.

Levantámo-nos e vestimo-nos. Fomos para a sala da frente e esperámos por Hilda.

Bebíamos enquanto esperávamos. Hilda demorou bastante tempo. Muito, muito tempo. Por fim, chegou.

«Olá», disse eu.

«Quem são todos aqueles pretos que vivem no teu quarteirão?», perguntou ela.

«Não sei quem são.»

«Disseram-me que eu podia fazer dois mil dólares por semana.»

«A fazer o quê?»

«Eles não disseram.»

Elas ficaram mais dois ou três dias.

Continuei a debater-me com a curva à esquerda de Gertrude, mesmo quando estava sóbrio. Hilda disse-me que ela trazia um tampax, por isso ela não era alternativa.

Por fim reuniram as suas coisas e puseram-nas no meu carro. Tinham grandes sacos de tela que traziam aos ombros. *Hippies* alemãs. Segui as instruções delas. Vira aqui, vira ali. Subíamos cada vez mais em direcção a Hollywood Hills. Estávamos em território rico.

Eu tinha-me esquecido que algumas pessoas viviam muito bem, enquanto outras comiam a própria merda ao pequeno-almoço. Quando se vive onde eu vivia, facilmente se pensa que é a mesma merda em toda a parte.

«Cá está», disse Gertrude.

O Volks estava à entrada duma longa e sinuosa álea. Algures, lá em cima, estava a casa, enorme, com todos os apetrechos interiores e exteriores.

«É melhor irmos a pé», disse Gertrude.

«Claro.»

Saíram. Dei meia volta. Ficaram de pé, à entrada, com os sacos ao ombro, e fizeram adeus. Disse-lhes adeus. Parti, pus o carro em ponto morto e desci a montanha, até cá abaixo.

Pediram-me para fazer uma leitura numa discoteca célebre, The Lancer, em Hollywood Boulevard. Aceitei ler por duas noites. Era a seguir a um grupo de rock, The Big Rape. Comecei a sentir-me aspirado pelo *show biz*. Eu tinha algumas entradas de borla e telefonei a Tammie para lhe perguntar se ela queria ir. Aceitou. Levei-a comigo na primeira noite. Eu tinha-os avisado da sua presença. Sentámo-nos no bar, à espera que eu actuasse. As atitudes de Tammie assemelhavam-se às minhas. Ficou logo bêbeda e passeava-se pelo bar a meter conversa com toda a gente.

Na altura em que eu ia entrar em cena, Tammie caía por cima das mesas. Encontrei o irmão dela e disse-lhe: «Por amor de Deus, tira-a daqui, está bem?».

Ele levou-a lá para fora. Como eu estava bêbedo também, esqueci-me de que havia pedido que a levassem dali.

Não dei uma boa leitura. O público só gostava de rock e não perceberam nada. Mas em parte foi também culpa minha. Por vezes tinha sorte com o público do rock, mas naquela noite, não. Acho que estava perturbado com a ausência de Tammie. Quando cheguei a casa, telefonei-lhe. Atendeu a mãe. «A sua filha é uma MERDA!»

«Hank, eu não quero ouvir isso.»

Desligou.

Na noite seguinte, fui sozinho. Sentei-me a beber a uma mesa do bar. Uma mulher já madura, com dignidade, veio à mesa e apresentou-se. Ensinava Literatura Inglesa e estava acompanhada por uma das suas alunas, uma pequena bucha chamada Nancy Freeze.

Nancy parecia estar ansiosa. Queriam saber se eu aceitava responder a algumas perguntas.

«Dispare.»

«Qual é o seu autor preferido?»

«Fante. John F-a-n-t-e. *Ask the Dust, Watt UntilSpring, Bandini.*»

«Onde podemos encontrar os livros dele?»

«Eu encontrei-os na biblioteca municipal; na esquina da Fifth Avenue com a Olive Street, não é?»

«Porque é que gosta dele?»

«E a emoção absoluta. Um homem muito corajoso.»

«Quem mais?»

«Céline.»

«Porquê?»

«Arrancaram-lhe as tripas e ele riu-se, e fez com que eles se rissem também. Um homem muito corajoso.»

«Você acredita na bravura?»

«Gosto de vê-la em todo o lado, nos animais, nos pássaros, répteis e humanos.»

«Porquê?»

«Porquê? Porque me faz sentir bem. É uma questão de estilo quando não há a mínima sorte.»

«Hemingway?»

«Não.»

«Porquê?»

«Demasiado terno, demasiado sério. Um bom escritor, frases interessantes. Mas para ele a vida foi quase uma guerra total. Nunca saía, nunca dançava.»

Fecharam os cadernos de notas e desapareceram. Pena. Eu queria dizer-lhes que as minhas *verdadeiras* influências eram Gable, Cagney, Bogart e Errol Flynn.

Vi-me de repente sentado na companhia de três lindas mulheres, Sara, Cassie e Debra. Sara tinha 32

anos, encanto, *charme* e coração. Tinha cabelo louro avermelhado e escorrido, olhos selvagens, um pouco loucos. Ela transportava uma boa dose de compaixão, que era de facto suficiente e que obviamente lhe custava algo. Debra era judia, com enormes olhos castanhos e uma boca generosa, abundantemente besuntada com *bâton* vermelho. A sua boca brilhava e acenava-me. Acho que ela devia andar entre os 30 e 35

anos, e lembrava-me a minha mãe em 1935 (apesar de a minha mãe ter sido muito mais bonita). Cassie era alta, com longos cabelos loiros, muito nova, luxuosamente vestida, na moda, informada, *in*, nervosa, linda. Sentou-se perto de mim, beliscando-me na mão, encostando a sua coxa contra a minha. Enquanto ela me beliscava, apercebi-me de que a sua mão era maior do que a minha. (Como sou corpulento, fico embaraçado com as minhas mãos pequenas. Nas minhas rixas de bar, em Filadélfia, quando era jovem, rapidamente percebi a importância do tamanho da mão. Nunca percebi como consegui vencer trinta por cento das minhas lutas.) De qualquer modo, Cassie sentia que tinha vantagem sobre as outras duas, apesar de eu não ter feito a minha escolha.

Depois tive que ler, e foi uma noite de sorte. Era o mesmo público. O público ficou cada vez mais quente, selvagem e entusiástico. Por vezes eram eles os responsáveis, outras era eu. Sobretudo eu. Era como subir para um ringue: devemos sentir-nos em dívida para com eles ou o melhor é não pôr lá os pés. Tagarelei, andei de um lado para o outro, arrastei-me, e no último *round* ultrapassei as marcas, lancei o árbitro no tapete. Um espectáculo é um espectáculo. Como na noite anterior eu tinha falhado, o meu sucesso deve tê-los surpreendido. A mim surpreendeu-me.

Cassie esperava-me no bar. Sara passou-me um bilhete amoroso com o seu número de telefone. Debra não era tão imaginativa -- deu-me simplesmente o seu número de telefone. Durante um momento - estranhamente - pensei em Katherine, e paguei um copo a Cassie. Nunca mais havia de voltar a ver Katherine. A minha pequena texana, a minha beleza das belezas. Adeus, Katherine.

«Olha, Cassie, podes levar-me a casa? Estou muito bêbedo para conduzir. Mais uma prisão por conduzir bêbedo e estou feito.»

«Está bem, levo-te a casa. E o teu carro?»

«Que se lixe. Deixo-o ficar.»

Fomos no seu MG. Era como um filme. Esperava a todo o momento que ela me deixasse ficar no cruzamento seguinte. Ela tinha vinte e picos. Falava enquanto conduzia.

Trabalhava numa companhia discográfica, gostava do seu trabalho, não precisava de chegar ao serviço antes das dez e meia da manhã e partiu quando eram três da manhã. «Nada mau», disse ela, «e eu gosto do que faço. Posso contratar e despedir pessoas, tenho um lugar de responsabilidade, mas ainda não despedi ninguém. As pessoas são óptimas, e já editámos discos formidáveis...»

Chegámos a minha casa. Servi *vodka*. Os cabelos dela chegavam-lhe quase ao eu.

Sempre gostei de cabelos e pernas.

«Leste mesmo bem, esta noite», disse ela. «Foste completamente diferente de ontem à noite. Não sei explicar isso, mas quando estás em forma, tens... humanidade. A maior parte dos poetas são uns

pretensiosos de merda.»

«Também não gosto deles.»

«E eles de ti.»

Bebemos um pouco mais antes de irmos para a cama. O corpo dela era surpreendente, glorioso, estilo *Playboy,* mas infelizmente eu estava bêbedo. Contudo, entesei-me, cavalgava, cavalgava, agarrei-lhe pelos cabelos, meti as mãos neles, eu estava excitado mas não consegui vir-me. Caí para o lado, disse-lhe boa noite e adormeci cheio de culpas.

De manhã, fiquei embaraçado. Tinha a certeza de que nunca mais voltaria a ver Cassie. Vestimo-nos. Eram cerca de dez horas. Saímos e entrámos para o MG. Nenhum de nós falou. Sentia-me estúpido, mas não havia nada a dizer. Fomos até ao The Lancer e lá estava o Volks azul.

«Obrigado por tudo, Cassie. Lembra-te sempre do Chinaski.»

Ela não respondeu. Beijei-a na face e fui-me embora. Depois arrancou com o MG.

No fim de contas, tinha acontecido aquilo que Lydia disse várias vezes: «Se queres beber, bebe; se queres foder, põe a garrafa de lado».

O meu problema era eu querer as duas coisas.

Fiquei por isso surpreendido quando duas noites depois Cassie me telefonou.

«O que estás a fazer, Hank?» «Ando de um lado para o outro...» «Porque não vens a minha casa?» «Gostava...»

Deu-me a direcção, era em Westwood ou em West L. A.

«Tenho muitas bebidas», disse ela. «Não precisas de trazer nada.»

«Talvez eu não deva beber nada.»

«Como queiras.»

«Se me deres, bebo. Se não, não bebo.»

«Não te preocupes com isso», disse ela.

Vesti-me, saltei para o Volks, e dirigi-me para lá. Quantos dias mais tinha para viver? Ultimamente, os deuses eram bons para comigo. Talvez fosse um teste? Talvez fosse um truque? Vamos engordar o Chinaski e depois cortamo-lo às fatias. Eu sabia que isso podia acontecer. Mas o que fazer quando já por duas vezes tinham contado até 8, e havia ainda dois *rounds* pela frente?

O apartamento de Cassie era num segundo andar. Parecia contente por me ver. Um enorme cão preto saltou-me para cima. Um macho enorme e peludo. Pôs as patas nos meus ombros e lambeu-me a cara. Afastei-o. Ele ficou ali a abanar o rabo e a ganir. Tinha compridos pêlos negros, parecia não ser de raça,

mas era enorme.

«É o *Elton*», disse Cassie.

Ela foi ao frigorífico e tirou o vinho.

Trazia um vestido verde, que lhe ficava junto ao corpo. Parecia uma cobra. Calçava um par de sapatos com pedras incrustadas, e uma vez mais reparei no comprimento dos seus cabelos, não só compridos mas também fartos, uma massa incrível. Vinham pelo menos até ao traseiro. Os olhos eram grandes, azuis-esverdeados, por vezes mais azuis que verdes, outras o contrário, isso dependia do ângulo de incidência da luz. Vi dois dos meus livros na sua estante, dois dos meus melhores.

Cassie sentou-se, abriu a garrafa de vinho e serviu dois copos. «Da última vez encontrámo-nos não sei onde. Eu não quis ficar lá», disse ela.

«Eu gostei», disse eu.

«Queres uma anfetamina?»

«Está bem», respondi.

Tirou duas. Das pretas. As melhores. Tomei a minha com o vinho.

«Tenho o melhor *dealeràã.* cidade. Nunca me engana», disse ela.

«Óptimo.»

«Já te viciaste alguma vez?»

«Experimentei coca durante algum tempo, mas não conseguia suportar a ressaca. No dia seguinte tinha medo de ir à cozinha porque havia lá uma faca de carniceiro. Além disso, 50 ou 75 notas por dia é muito para mim.»

«Tenho alguma coca.»

«Não quero.»

Serviu mais vinho.

Não sei porquê, mas com cada nova mulher, era como se fosse a primeira, como se eu nunca tivesse conhecido nenhuma. Beijei-a. Ao beijá-la, passei com a mão por todo aquele cabelo.

«Queres música?»

«Não, não me apetece.»

«Conheceste Dee Dee Bronson, não foi?», perguntou Cassie.

«Sim, já não a vejo há muito tempo.»

«Sabes o que lhe aconteceu?»

«Não.»

«Primeiro, perdeu o emprego e partiu para o México. Conheceu um toureiro já retirado das arenas. Toureiro esse que lhe fez a vida negra e lhe roubou o seguro de vida no valor de sete mil dólares.»

«Pobre Dee Dee: deixou-me para isso.»

Cassie levantou-se. Olhei para ela enquanto atravessava a sala. O seu eu apertado naquele vestido bamboleava e resplandecia. Voltou com mortalhas e alguma erva. Fez um charro.

«Depois teve um acidente de automóvel.»

«Ela não sabia conduzir. Tu conhece-la bem?»

«Não. Mas no nosso ramo sabem-se as notícias.»

«Vai ser difícil viver até tu morreres», disse eu.

Cassie passou-me o charro. «A tua vida parece perfeita», disse ela.

«A sério?»

«Quero dizer, tu não fazes teatro como muitos homens. E pareces ser divertido por natureza.»

«Gosto do teu eu, do teu cabelo, dos teus lábios, dos teus olhos, do teu vinho, da tua casa e dos teus charros. Mas a minha vida não é perfeita.»

«Escreves muito sobre mulheres.»

«Eu sei. As vezes pergunto-me sobre o que irei escrever a seguir.»

«Talvez isso nunca pare.»

«Tudo acaba.»

«Passa-me o charro.»

«Claro, Cassie.»

Deu uma passa e beijei-a. Puxei-lhe a cabeça para trás pelos cabelos. Obriguei-a a abrir os lábios. Foi um longo beijo. Depois larguei-a.

«Gostas de fazer isso, não é?», perguntou-me.

«Para mim, é muito mais pessoal e sexual do que foder.»

«Acho que tens razão.»

Bebemos e fumámos durante horas antes de irmos para a cama. Beijámo-nos e excitámo-nos. Eu estava teso e em forma, trabalhei-a bem, mas passados dez minutos compreendi que não ia conseguir. Mais uma vez, tinha bebido muito. Comecei a transpirar e a perder forças. Fui e vim durante algum tempo mais, e caí para o lado.

«Desculpa, Cassie...»

Vi a cabeça descer em direcção ao meu pénis. Ainda estava teso. Começou a lambê-

lo. O cão saltou para a cama e eu empurrei-o com um pontapé. Eu observava Cassie a lamber-mo. O luar entrava pela janela e eu podia vê-la perfeitamente. Ela meteu a glande na boca e chupava-a. De repente, entregou-se ao trabalho, fazendo correr a língua de cima para baixo, enquanto chupava. Foi glorioso.

Agarrei-lhe no cabelo com uma das mãos, e enquanto ela chupava o caralho, levantei-o acima da cabeça. Isto durou bastante tempo e por fim apercebi-me de que estava prestes a vir-me. Ela também o sentiu e redobrou os esforços. Comecei a gemer e ouvi o cão deitado no tapete a gemer ao mesmo tempo que eu. Gostei daquilo. Contive-me o mais tempo possível para prolongar o prazer. Depois, ainda a acariciar-lhe o cabelo, explodi dentro da sua boca.

No dia seguinte de manhã, quando acordei, Cassie vestia-se.

«Não há problema», disse ela, «podes ficar. Mas fecha bem a porta antes de partires.»

«OK.»

Depois de se ter ido embora, tomei um banho. Encontrei uma cerveja no frigorífico, bebi-a, vesti-me, disse adeus ao *Elton*, certifiquei-me de que a porta estava fechada, entrei no Volks e fui para casa.

Três ou quatro dias depois encontrei o bilhete de Debra e telefonei-lhe. «Vem cá», disse ela. Indicou-me o caminho para a Playa dei Rey. Tinha uma pequena casa alugada com um pátio na frente. Estacionei no pátio, saí do carro, bati à porta e depois toquei à campainha. Era uma campainha com dois tons. Debra abriu a porta. Estava como eu a recordava, com os lábios muito pintados, cabelos curtos, brincos brilhantes, perfumada e com aquele largo sorriso.

«Oh, entra, Henry!»

Entrei. Estava um tipo lá sentado que era claramente homossexual, por isso não foi uma afronta.

«Este é o Larry, meu vizinho. Vive numa casa lá atrás.»

Apertámos as mãos e sentámo-nos.

«Há alguma coisa que se beba?», perguntei.

«Oh, Henry!»

«Posso ir comprar qualquer coisa. Podia ter trazido, mas eu não sabia o que querias.»

«Oh, devo ter qualquer coisa.»

Debra foi à cozinha.

«Então como vais?», perguntei a Larry.

«Não tenho andado bem, mas agora estou melhor. Dediquei-me à auto-hipnose.

Tem-me feito maravilhas.»

«Queres beber alguma coisa, Larry?», perguntou Dedra, da cozinha.

«Não, obrigado...»

Debra voltou com dois copos de vinho tinto. A casa dela parecia um museu. Havia coisas por todo o lado. Era luxuosamente mobilada e parecia que o rock vinha de todas as direcções, através de pequenas colunas.

«O Larry pratica a auto-hipnose.»

«Ele disse-me.»

«Não queiras saber como tenho dormido muito melhor. Nem fazes ideia de como me sinto bem com as pessoas», disse Larry.

«Achas que toda a gente devia experimentar?», perguntou Debra.

«Bem, isso é difícil dizer. O que sei dizer é que comigo resultou.»

«Henry, eu conto dar uma festa na véspera do dia de finados. Vem quase toda a gente. Porque não te juntas a nós? Ele devia vir disfarçado de quê, Larry?»

Olhavam-me os dois.

«Bem, não sei», disse Larry. «De facto, não sei. Talvez?... oh, não... acho que não...»

A campainha tocou e Debra foi abrir a porta. Era um outro homossexual, que vinha sem camisa. Trazia uma máscara de lobo com uma língua grossa de borracha que pendia da boca. Ele parecia estar mal-humorado e deprimido.

«Vincent, este é o Henry. Henry, é o Vincent...»

Vincent ignorou-me. Ficou ali especado, com a sua língua de borracha.

«Tive um dia horrível no emprego. Já não suporto aquilo. Acho que me vou pirar dali.»

«Mas Vincent, o que farás *depois*.», perguntou-lhe Debra.

«Não sei. Mas posso fazer imensas coisas. Não sou obrigado a comer a merda deles.»

«Tu vens à festa, não vens, Vincent?»

«Claro, desde há alguns dias que tenho estado a preparar-me.»

«Já decoraste a tua parte da peça?»

«Sim, mas desta vez acho que devemos *primeiro* apresentar a peça, e só então passarmos aos jogos. Da última vez estávamos tão cansados antes da peça, que não a apreciámos devidamente.»

«Está bem, Vincent, faremos como dizes.»

Com isto, Vincent e a sua língua deram meia volta e saíram.

Larry levantou-se.

«Bem, tenho de ir andando também. Prazer em conhecer-te», disse ele.

«Igualmente, Larry.»

Apertámos as mãos e Larry atravessou a cozinha para sair pela porta de trás.

«O Larry tem sido uma grande ajuda para mim, é um bom vizinho. Estou contente por teres sido simpático com ele.»

«Ele era simpático e já cá estava quando cheguei.»

«Nós não vamos para a cama.»

«Nem nós.»

«Percebes o que quero dizer.»

«Vou buscar qualquer coisa para beber.»

«Henry, tenho imensa coisa. Sabia que tu vinhas.»

Debra encheu os nossos copos. Olhei para ela. Era jovem, mas parecia ter saído dos anos trinta. Trazia uma saia preta que lhe cobria os joelhos, sapatos pretos de salto alto, uma blusa branca de gola alta, um colar, brincos, braceletes, os lábios pintados, muito *rouge* e perfume. Era bem feita, belos seios e nádegas que abanavam ao caminhar. Acendia cigarros uns atrás de outros, havia beatas com *bâton* por todo o lado. Senti-me como se tivesse regressado à adolescência. Ela não trazia meias e de quando em quando mostrava um pouco da perna e do joelho.

Ela era o género de rapariga de que os nossos pais gostavam. Falou-me do seu trabalho. Era algo que tinha a ver com transcrições de processos e advogados. Aquilo deixava-a louca, mas permitia-lhe viver bastante bem.

«Por vezes sou insuportável com as minhas assistentes, depois arrependo-me e elas perdoam-me. Não podes imaginar como aqueles advogados me chateiam! Querem tudo pronto, e nem se preocupam com o tempo que se leva a fazer as coisas.»

«Os advogados e os médicos são os que mais ganham e roubam na nossa sociedade.

Logo a seguir vem o mecânico da tua garagem. A seguir podes pôr o teu dentista.»

Debra cruzou as pernas e a saia subiu.

«Tens pernas muito bonitas, Debra. E sabes vestir-te. Fazes lembrar-me as raparigas do tempo da minha mãe. Quando as mulheres eram mesmo mulheres.»

«Não digas mais, Henry.»

«Percebes o que quero dizer. E sobretudo em relação a Los Angeles. Um dia, não há muito tempo, deixei a cidade e, quando voltei, sabes como eu soube que tinha voltado?»

«Não...»

«Foi por causa da primeira mulher com que me cruzei na rua. Ela trazia uma saia tão curta que se viam as cuecas. E à frente das cuecas - desculpa-me - viam-se os pêlos da cona. Percebi que tinha chegado a L. A.»

«Onde viste essa mulher? Em Main Street?»

«Main Street, o caraças. Foi no cruzamento de Beverly e Fairfax.»

«Gostas do vinho?»

«Sim, e gosto da tua casa. Talvez até mude para cá.»

«O meu senhorio é ciumento.»

«Mais alguém que possa ser ciumento?»

«Não.»

«Porquê?»

«Trabalho muito e à noite só me apetece descansar. E gosto de decorar a casa.

Amanhã de manhã, eu e a minha namorada ela trabalha comigo - vamos percorrer os antiquários. Queres vir connosco?»

«Eu estarei aqui amanhã?»

Debra não respondeu. Encheu o copo e veio sentar-se ao meu lado no sofá. Inclinei-me e beijei-a. Enquanto a beijava, levantei-lhe um pouco a saia e olhei de soslaio para aquelas pernas cobertas de *nylon*. Foi óptimo. Quando acabámos de nos beijar, ela voltou a puxar a saia para baixo, mas eu já tinha fixado as suas pernas. Ela levantou-se para ir à casa-de-banho. Ouvi o barulho da água. Depois houve uma pausa. Ela devia estar a por mais *bâton*. Eu tirei o lenço e limpei a boca. O lenço ficou manchado de vermelho. Eu estava finalmente a ter tudo aquilo que os rapazes no liceu tinham tido, os engraçados, ricos

e bem vestidos meninos de ouro, com os seus carros novos, eu com velhas e desmazeladas roupas e a minha bicicleta a cair aos pedaços.

Debra voltou. Sentou-se e acendeu um cigarro.

«Vamos foder», disse eu.

Debra dirigiu-se para o quarto. Havia metade de uma garrafa de vinho por cima da mesa de café. Servi um copo e acendi um dos seus cigarros. Ela tirou o disco de *rock*.

Estava tudo silencioso. Servi-me doutro copo. Havia de mudar-me para cá? Onde punha a máquina de escrever?

«Henry?»

«O quê?»

«Onde estás?»

«Espera. Só quero acabar de beber.»

«Está bem.»

Acabei o copo e deitei o que restava na garrafa. Eu estava em Playa dei Rey. Despi-me, deixando a roupa de qualquer maneira sobre o sofá. Nunca gostei muito de vestir bem.

Odiava lojas de roupas, os empregados julgavam-se superiores, parecia que conheciam o segredo da vida, tinham uma confiança que eu não tinha. Os meus sapatos estavam sempre num estado lamentável, velhos; também odiava sapatarias. Nunca comprava nada antes de as coisas ficarem inutilizáveis, incluindo os automóveis. Não era uma questão de economia, eu não suportava ser um comprador com necessidades de ter um vendedor bem arranjado, distante e superior. E depois tudo isso levava tempo, tempo em que podia estar deitado ou a beber.

Dirigi-me para o quarto em calções. Estava consciente da minha barriga branca que saía por cima dos calções. Não fiz nenhum esforço para encolher a barriga. Fiquei de pé ao lado da cama, despi os calções e deixei-os no chão. Virei-me para Debra. Tomei-a entre os meus braços. Os nossos corpos apertavam-se um contra o outro. A sua boca estava aberta.

Beijei-a. A sua boca era como uma cona húmida. Ela estava pronta. Senti isso. Não eram necessários jogos preliminares. Beijámo-nos, a sua língua saía e entrava da minha boca.

Agarrei-a entre os meus dentes, prendi-a. Depois saltei para cima dela e enfiei-lho.

Enquanto a fodia, a sua cabeça virava de um lado para o outro. Excitou-me. A sua cabeça virava-se e saltava na almofada cada vez que o enfiava e tirava. De quando em quando, enquanto a fodia, virava-lhe a cabeça para poder beijar aquela boca vermelho-sangue. Por fim, estava a dar resultado. Eu estava a foder todas as mulheres e raparigas que havia galado com concupiscência nos passeios de L. A. em 1937, o último ano mau da depressão, na altura em que um eu custava dois dólares e ninguém tinha dinheiro (ou esperança). Tive de esperar muito tempo para o conseguir. Eu ia e vinha. Eu estava a dar uma foda

excepcional! Agarrei uma vez mais na cabeça de Debra e uma vez mais beijei aqueles lábios vermelhos, enquanto esguichava dentro dela, dentro do seu diafragma.

No dia seguinte, um sábado, Debra preparou o nosso pequeno-almoço.

«Acompanhas-nos hoje na caça aos antiquários?»

«Claro.»

«Estás com ressaca?», perguntou.

«Não muito.»

Comemos em silêncio durante algum tempo e depois ela disse-me: «Gostei da tua leitura no The Lancer. Estavas bêbedo mas saíste-te bem».

«Por vezes não consigo.»

«Onde vais ler a seguir?»

«Telefonaram-me do Canadá. Estão a tentar arranjar fundos.»

«Canadá! Posso ir contigo?»

«Veremos.»

«Vais cá ficar esta noite?»

«Queres que eu fique?»

«Sim.»

«Então fico.»

«Óptimo...»

Depois do pequeno-almoço fui à casa-de-banho, enquanto Debra lavava a louça.

Vomitei e limpei-me, voltei a vomitar, lavei as mãos e saí. Debra estava a limpar o lava-loiças. Agarrei-a por trás.

«Podes usar a minha pasta de dentes, se quiseres», disse ela.

«Tenho mau hálito?»

«E suportável.»

«Como o inferno.»

«Também podes tomar um duche, se quiseres...»

«Também isso?...»

«Está quieto. A Tessie está cá dentro de uma hora. Temos tempo para mudar de ideias.»

Fui pôr a água a correr. Eu só gostava de tomar duche nos motéis. Na parede da casa-de-banho havia uma fotografia de um homem - moreno, cabelos compridos, vulgar, um belo rosto com a habitual idiotia. Sorria para mim com todos os dentes. Escovei os meus que me restavam. Debra tinha-me dito que o seu ex-marido era psiquiatra.

Depois de eu estar pronto, Debra foi tomar um duche. Servi-me de um copo de vinho e sentei-me na cadeira a olhar para a rua. Lembrei-me de repente que me tinha esquecido de enviar a mensalidade à minha ex-mulher. Bem, podia fazer isso na segunda-feira.

Sentia-me calmo em Playa dei Rey. Era óptimo deixar o quarteirão superpovoado e sujo onde vivia. Não havia sombra e o sol banhava-nos impiedosamente. Todos nós éramos loucos, duma maneira ou doutra. Mesmo os cães, os gatos, os pássaros, os vendedores de jornais e as putas eram doidos.

As nossas casas de banho em Hollywood ocidental não funcionavam nunca e nem mesmo os canalizadores baratos dos proprietários as reparavam. Tirávamos as tampas dos autoclismos e puxávamos à mão. As torneiras pingavam, as baratas rastejavam, os cães cagavam em todo o lado e as portas de rede tinham grandes buracos por onde entravam as moscas e toda a espécie de insectos voadores.

A campainha tocou, levantei-me e abri a porta. Era Tessie. Era uma quarentona, atraente, uma ruiva de cabelos pintados.

«És o Henry, não és?»

«Sim. A Debra está na casa-de-banho. Senta-te.»

Ela trazia uma saia vermelha curta. As suas coxas eram boas. Os tornozelos e as pernas não eram maus. Parecia gostar de foder.

Fui à casa-de-banho e bati à porta.

«Debra, está aqui a Tessie...»

O primeiro antiquário ficava a um ou dois quarteirões do mar. Parei o Volks e saímos. Andei lá dentro às voltas com elas. Os preços eram entre os 800 e l .500 dólares...

Velhos relógios, cadeiras antigas, mesas antigas. Os preços eram inacreditáveis. Dois ou três empregados andavam por ali e esfregavam as mãos. Trabalhavam, evidentemente, à comissão. O dono devia comprar as coisas na Europa ou nos montes Ozark por uma ninharia. Fiquei chateado ao ver aqueles preços exorbitantes. Disse às raparigas que esperava por elas no carro.

Encontrei um bar do outro lado da rua, entrei e sentei-me. Pedi uma cerveja. O bar estava cheio de rapazes, a maioria com menos de 25 anos. Eram loiros e magros ou morenos e magros, e vestiam calças e camisas justas. Eram inexpressíveis e imperturbáveis.

Não havia mulheres. Um televisor enorme estava ligado, com o som cortado. Ninguém olhava para lá. Ninguém falava. Acabei a cerveja e saí.

Vi uma loja de bebidas e comprei uma embalagem de cervejas. Voltei para o carro e entrei. A cerveja era boa. O carro estava estacionado no parque por detrás do antiquário. A rua à minha esquerda estava bloqueada pelo tráfego, e eu observava as pessoas que pacientemente esperavam dentro dos carros. A maioria eram homens e mulheres, olhavam sempre em frente e não falavam. Era, ao fim e ao cabo, para toda a gente, questão de esperar. Passava-se a vida à espera - no hospital, pelo médico, pelo canalizador, pela casa de loucos, pela prisão e a morte do próprio pai. Primeiro era o sinal encarnado, depois passava a verde. Os cidadãos do mundo corriam, viam televisão e preocupavam-se com os seus empregos e desempregos - e esperavam.

Comecei a pensar em Debra e Tessie no antiquário. De facto eu não gostava de Debra, mas estava a entrar na sua vida. Isso dava-me a sensação de ser um *voyeur*.

Fiquei sentado a beber a cerveja. Ia na última garrafa quando, por fim, saíram.

«Oh, Henry», disse Debra, «encontrei um tampo de mesa em mármore só por duzentos dólares!»

«É de *facto fabuloso!*», disse Tessie.

Entraram para o carro, fui à loja das bebidas e comprei três ou quatro garrafas de vinho e cigarros.

Aquela puta da Tessie com a saia curta e as meias de *nylon*, pensava eu enquanto pagava ao homem da loja. Aposto que ela andou pelo menos com uma dezena de homens bonitos sem sequer pensar nisso. Apercebi-me que o seu problema era não pensar. Ela não gostava de pensar. Estava certo, porque sobre isso não havia nem regras nem leis. Mas quando ela chegasse aos cinquenta, havia de começar a pensar! Então seria uma mulher amargurada, que, no supermercado, havia de bater com o saco das compras nas costas e nos tornozelos das pessoas que estavam na bicha para pagar, com os seus óculos escuros, o rosto esbaforido e infeliz, e o saco carregado com queijo, batatas fritas, costeletas de porco, cebola vermelha e uma garrafa de Jim Beam.

Voltei para o carro e fomos para casa de Debra. Elas sentaram-se. Abri uma garrafa e enchi três copos.

«Henry», disse Debra, «vou buscar o Larry. Ele vai levar-me na carrinha dele para irmos buscar a mesa. Não precisas de vir, não ficas contente?»

«Sim.»

«A Tessie faz-te companhia.»

«Está bem.»

«Vocês os dois, portem-se bem!»

Larry chegou pela porta de trás e saiu pela da frente com Debra. Larry aqueceu o motor da carrinha e partiram.

«Bem, estamos sós», disse eu.

«E verdade», disse Tessie. Ela estava sentada muito direita e olhava em frente.

Acabei o meu copo e fui mijar à casa-de-banho. No meu regresso, Tessie continuava sentada, muito quieta.

Fui por detrás do sofá. Agarrei-a pelo queixo e levantei-lhe o rosto, encostei a minha boca na dela. Ela tinha uma cabeça grande. Tinha os olhos pintados de púrpura e cheirava a sumo de fruta rançoso, a damasco. Tinha um pequeno brinco de prata em cada orelha na extremidade com uma esfera - um símbolo. Enquanto nos beijávamos, meti-lhe a mão dentro da blusa. Agarrei num seio e a minha mão começou a acariciá-lo. Não tinha *soutien*. Endireitei-me e tirei a mão. Contornei o sofá e sentei-me ao pé dela. Enchi dois copos.

«Para um velho e feio cabrão como tu, tens muita lata», disse ela.

«Que tal uma rápida, antes de a Debra chegar?»

«Não.»

«Não me odeies. Eu só quero animar a festa.»

«Acho que passaste as marcas. O que acabaste de fazer foi demasiado óbvio e grosseiro.»

«Acho que tenho falta de imaginação.»

«E és escritor?»

«Escrevo. Mas prefiro tirar fotografias.»

«Acho que fodes só para escreveres sobre as mulheres que fodeste.»

«Não sei.»

«Eu acho que sim.»

«OK, OK, esquece. Bebe.»

Tessie agarrou no copo, esvaziou-o, voltou a pousá-lo e apagou o cigarro. Ela olhava-me, batendo com as longas e falsas pestanas. Como Debra, tinha os lábios muito pintados. Só que a boca de Debra era mais escura e não brilhava tanto. A da Tessie era de um vermelho vivo e brilhava, mantinha-a aberta e lambia constantemente o lábio superior.

De repente, Tessie agarrou-me. Aquela boca abriu-se sobre a minha. Foi excitante.

Tinha a impressão de estar a ser violado. O meu caralho começou a crescer. Enquanto ela me beijava, puxei-lhe a saia para cima e meti-lhe a mão na perna esquerda.

«Anda», disse eu, depois de nos termos beijado.

Agarrei-a pela mão e levei-a para o quarto de Debra. Lancei-a para cima da cama.

Por cima da colcha. Tirei os meus sapatos e calças, descalcei-a. Beijei-a durante bastante tempo e puxei-lhe a saia vermelha acima das ancas. Não tinha *collants*. Apenas meias de *nylon* e cuecas cor-de-rosa. Tirei-lhe as cuecas. Tessie tinha os olhos fechados. Ouvi música clássica vinda duma casa ao lado. Passei-lhe com um dedo pela cona. Rapidamente ficou molhada e abriu-se. Enfiei-lhe o dedo. Depois tirei-o e esfreguei-lhe o clitóris. Ela estava molhada e bonita. Montei-a. Dei-lhe umas estocadas rápidas, viciosas, e depois mais lentamente, antes de voltar à carga. Eu olhava para aquele rosto simples e depravado.

Excitava-me bastante. Acelerei.

Tessie empurrou-me bruscamente. «Sai!»

«O quê? O quê?»

«Estou a ouvir a carrinha! Vou-me lixar! Vou perder o emprego!»

«Não, não, minha PUTA!»

Fodi-a sem piedade, encostei os meus lábios contra aquela horrível boca e vim-me dentro dela. Saltei da cama. Tessie agarrou nos seus sapatos e cuecas e correu para a casa-de-banho. Tirei o meu lenço, limpei a colcha e arrumei as almofadas. Quando acabei de vestir as calças, a porta abriu-se. Encaminhei-me para a sala da frente.

«Henry, podes ajudar o Larry a carregar a mesa? É pesada.»

«Com certeza.»

«Onde está a Tessie?»

«Acho que está na casa-de-banho»

Debra acompanhou-me até à carrinha. Tirámos a mesa da carrinha pela porta de trás e pusemo-la dentro de casa. Quando entrámos, Tessie estava sentada no sofá, a fumar.

«Não deixem cair a mercadoria, rapazes!», disse ela.

«Não há problema», disse eu.

Levámo-la para o quarto de Debra e encostámo-nos à cama. Havia uma outra mesa no quarto que ela tirou. Ficámos por ali a ver o tampo de mármore.

«Oh, Henry... apenas duzentos dólares... gostas?»

«Oh, gira, Debra, bastante gira.»

Fui à casa-de-banho. Lavei a cara e penteei-me. Depois tirei as calças e as cuecas e lavei cuidadosamente as minhas partes. Mijei, vomitei e saí.

«Queres vinho, Larry?», perguntou Debra.

«Oh, não, obrigado...»

«Obrigado pela ajuda, Larry», disse Debra.

Larry saiu pela porta de trás.

«Oh, estou tão *contente*», disse Debra.

Tessie ficou mais uns dez ou quinze minutos a beber e a conversar connosco.

Depois disse: «Tenho de ir».

«Se quiseres, fica», disse Debra.

«Não, não, tenho de ir andando. Tenho de limpar o apartamento, está uma trapalhada.»

«Limpar o apartamento? Hoje? Quando tens dois simpáticos anjos com quem beber?», perguntou Debra.

«Estou aqui sentada a pensar na porcaria que lá está e não consigo ficar descansada.

Não tem nada a ver convosco.»

«Está bem, Tessie, podes ir. Perdoamos-te.»

«Está bem, querida...»

Beijaram-se à porta e Tessie foi-se embora. Debra agarrou-me na mão e levou-me para o seu quarto. Admirámos o tampo de mármore.

«O que achas, Henry, *sinceramente!*»

«Bem, já perdi 200 dólares nas corridas e não levei nada para casa, por isso não acho mal.»

«Vai ficar aqui, ao nosso lado, enquanto dormimos juntos.»

«Talvez seja melhor eu ir dormir no tapete, para que possas dormir com a mesa.»

«És ciumento.»

«Claro.»

Debra foi para a cozinha e voltou com alguns trapos e uma espécie de líquido para limpar. Começou a esfregar o mármore.

«Vês, há uma maneira especial de tratar o mármore para fazer realçar os veios.»

Despi-me e sentei-me na borda da cama em cuecas. Estendi-me sobre a colcha e pus a cabeça nas almofadas. Depois levantei-me. «Oh, meu Deus, Debra, esqueci-me de levantar a colcha.»

«Não faz mal.»

Fui preparar duas bebidas, dei uma a Debra. Eu observava-a a limpar a mesa. Olhou para mim:

«Sabes, tens as pernas de homem mais bonitas que já vi.»

«Nada mau para um gajo velho, há, miúda?»

«Nada mau, de facto.»

Limpou um pouco mais a mesa e depois parou.

«Correu tudo bem com a Tessie?»

«Ela é simpática. Gosto mesmo dela.»

«É trabalhadora.»

«Isso não sabia.»

«Fico chateada por ela se ter ido embora. Acho que ela quis deixar-nos à vontade.

Devia telefonar-lhe.»

«Porque não?»

Debra agarrou no telefone. Falou com Tessie durante algum tempo. Começou a escurecer. E o jantar? Ela tinha posto o telefone no meio da cama e estava sentada sobre as pernas. Tinha um bonito traseiro. Debra riu-se e disse adeus. Olhou para mim.

«Tessie disse-me que eras doce.»

Saí para comprar mais bebidas. Quando voltei, o enorme televisor a cores estava ligado. Sentámo-nos na cama, um ao lado do outro, a ver televisão. Encostámo-nos à parede, a beber.

«Henry», perguntou, «o que vais fazer no Thanksgiving?»

«Nada.»

«Porque não passas o Thanksgiving comigo? Eu trato do peru. Convidarei dois ou três amigos.» «Está bem, agrada-me a ideia.»

Debra inclinou-se para a frente para desligar o botão. Parecia estar feliz. Depois a luz desapareceu. Foi à casa-de-banho e voltou enrolada numa coisa fina. Deitou-se ao meu lado. Agarrámo-nos. Entesei-me. A sua língua ia e vinha na minha boca. Tinha uma língua grossa e quente. Fui descendo. Afastei os pêlos e comecei a mexer com a língua. Depois foi com o nariz. Ela respondia. Voltei a subir, montei-a e enfiei-o.

... Eu cavalgava sem parar. Tentei pensar em Tessie e na sua curta saia vermelha.

Não ajudou. Tinha dado tudo à Tessie. Eu ia e vinha, ia e vinha.

«Desculpa, querida, bebi muito. Ah, sente o meu coração!» Pôs a mão no meu peito.

«Bate depressa», disse ela. «Ainda estou convidado para o Thanksgiving?» «Com certeza, meu pobre querido, não te preocupes, por favor.» Dei-lhe um beijo e desejei-lhe boa noite, virei-me para o lado e tentei dormir.

No dia seguinte de manhã, depois de Debra ter ido para o emprego, tomei um banho e tentei ver televisão. Andava nu de um lado para o outro, até que me apercebi de que podiam ver-me da rua pela janela da frente. Servi-me de um copo de sumo de uva e vesti-me. Como não tinha nada para fazer, voltei para minha casa.

Certifiquei-me de que as portas estavam fechadas à chave e caminhei em direcção ao Volks e regressei a Los Angeles.

No caminho lembrei-me de Sara, a terceira rapariga com quem me tinha encontrado na leitura no The Lancer. Tinha o seu número de telefone na carteira. Cheguei a casa, caguei e telefonei-lhe.

«Olá», disse eu, «sou o Chinaski, Henry Chinaski...»

«Sim, lembro-me de ti.»

«O que estás a fazer? Pensei que pudesse passar por aí.»

«Hoje tenho de ir ao meu restaurante. Porque não vais até lá?»

«É um restaurante macrobiótico, não é?»

«Sim, far-te-ei um óptima sanduíche macrobiótica.»

«Oh!»

«Fecho às quatro horas. Podes passar um pouco antes?»

«Está bem. E como vou lá ter?»

«Agarra numa caneta que eu dou-te as indicações.»

Anotei-as. «Vejo-te às três e meia», disse eu.

Por volta das duas e meia entrei no Volks. Algures na auto-estrada, as indicações tornaram-se confusas ou eu é que fiquei confuso. Não gosto nada de auto-estradas e indicações. Virei no primeiro desvio e encontrei-me em Lakewood. Parei numa bomba de gasolina e telefonei para Sara.

«Drop On Inn», respondeu ela.

«Merda!»

«Qual é o problema? Pareces zangado.»

«Estou em Lakewood! As tuas indicações estão erradas!»

«Lakewood? Espera.»

«Vou para casa. Preciso duma bebida.»

«Espera um pouco. Quero *ver-te!* Diz-me em que rua estás e qual é o cruzamento mais próximo.»

Deixei o telefone pendurado pelo fio e fui ver onde estava. Dei a direcção a Sara.

Ela deu-me novas indicações.

«É fácil», disse. «Agora promete-me que vens cá.»

«Está bem.»

«E se te perderes outra vez, telefona-me.»

«Desculpa, é que não tenho sentido de orientação. Sempre tive pesadelos em que estou perdido. Acho que devo ser de outro planeta.»

«Não te preocupes... Tenta seguir as novas indicações.»

Entrei para o carro. Desta vez era fácil. Cedo encontrei-me na auto-estrada da costa do Pacífico, à procura duma saída. Encontrei-a. Levou-me a um bairro de lojas chiques, perto do mar. Guiava devagar e avistei-o: Drop On Inn, um grande anúncio pintado à mão.

Havia fotografias e postais na janela. Um restaurante cem por cento macrobiótico, sem a mínima dúvida. Não quis entrar. Dei a volta ao quarteirão e passei muito devagar em frente do Drop On Inn. Virei duas vezes à direita. Vi um bar, o Crab Haven. Estacionei em frente e entrei.

Eram quatro menos um quarto, e todos os lugares estavam ocupados. A maior parte dos clientes eram já de uma certa idade. Fiquei de pé e pedi um *vodka 7*. Levei a bebida comigo e fui telefonar para Sara. «Pronto, é o Henry. Já cá estou.»

«Vi-te passar duas vezes de carro. Não tenhas medo. Onde estás?»

«No Crab Haven. Estou a tomar um copo. Daqui a pouco estou aí.»

«Está bem. Não bebas muito.»

Pedi outro *vodka 7*. Encontrei um banco livre e sentei-me. De facto não me apetecia lá ir. Dificilmente me lembrava de como era ela.

Acabei de beber e dirigi-me para o restaurante. Saí, abri a porta de rede e entrei.

Sara estava por detrás do balcão. Viu-me. «Olá, Henry!», disse. «Já vou ter contigo.»

Estava a preparar qualquer coisa. Andavam por ali quatro ou cinco gajos. Alguns estavam sentados num sofá, outros no chão. Tinham todos vinte e picos anos, eram todos iguais, vestiam calções desportivos e estavam só *sentados*. Uma vez por outra, um deles cruzava as pernas e tossia. Sara era uma mulher magra

e bonita e andava de um lado para o outro com vivacidade. O cabelo era de um loiro avermelhado. Ficava-lhe muito bem.

«Já vamos cuidar de ti», disse-me.

«Está bem.»

Havia uma estante. Tinha dois ou três livros meus. Encontrei um Lorca e sentei-me com intenções de o ler. Assim não tinha de olhar para os gajos em calções desportivos.

Tinham ar de quem nunca tinha sido tocado por nada - todos meninos da mamã, protegidos, com um ar de satisfação. Nenhum deles tinha ainda estado na prisão ou trabalhado no duro com as mãos, ou nem mesmo multados. Todos eles uns sensaborões.

Sara trouxe-me uma sanduíche macrobiótica. «Aqui está, experimenta isto.» Comi-a enquanto os gajos se refastelavam. Um deles levantou-se e saiu. Depois outro. Sara estava a comer com eles. Não ficou senão um. Tinha cerca de 22 anos e estava sentado no chão.

Tinha óculos, de pesados aros pretos. Parecia mais solitário e pateta que os outros. «Eh, Sara», disse ele, «vamos sair esta noite e beber cerveja.»

«Hoje à noite não, Mike. Que tal amanhã à noite?»

«OK, Sara.»

Levantou-se e dirigiu-se ao balcão. Deixou uma moeda e agarrou num biscoito macrobiótico. Encostou-se ao balcão enquanto comia. Quando acabou, foi-se embora.

«Gostaste da sanduíche?», perguntou Sara.

«Sim, não era má.»

«Podes trazer a mesa e as cadeiras que estão no passeio?»

Trouxe a mesa e as cadeiras.

«O que é que te apetece fazer?», perguntou-me.

«Bem, eu não gosto de bares. O ar é péssimo. Vamos comprar qualquer coisa para beber e vamos para tua casa.»

«Está bem. Ajuda-me a carregar o lixo lá para fora.»

Ajudei-a a tirar o lixo. Depois ela fechou a porta à chave.

«Segue a minha carrinha. Conheço uma loja onde há bom vinho. Depois segue-me até casa.»

Ela tinha uma carrinha Volkswagen. No vidro de trás havia um *póster* dum tipo.

«Sorri e alegra-te», aconselhava-me ele; e por baixo *ao póster* estava o seu nome, Drayer Baba.

Já em casa dela abrimos uma garrafa de vinho e sentámo-nos no sofá. Gostei do modo como estava mobilada a casa. Sara tinha feito todo o seu mobiliário, incluindo a cama. Fotografias de Drayer Baba estavam por todos os lados. Ele nascera na índia em 1971 e clamava ser Deus.

Enquanto eu e Sara estávamos sentados a beber a primeira garrafa de vinho, a porta abriu-se e um rapaz de dentes saídos, cabelos e barba compridos, entrou. «É o Ron, que partilha a casa comigo», disse Sara.

«Olá, Ron. Queres vinho?»

Ron bebeu vinho connosco. Depois entrou uma rapariga gorda acompanhada por um homem magro, de cabeça rapada. Era a Pearl e o Jack. Sentaram-se. Entrou um outro tipo novo. Chamava-se Jean John. Jean John sentou-se. Depois entrou Pat.

Pat tinha barba preta e cabelos compridos. Sentou-se no chão, junto aos meus pés.

«Sou poeta», disse ele.

Dei uma golada de vinho.

«Como é que se faz para publicar?», perguntou-me.

«Submetes os textos ao editor.»

«Mas sou um desconhecido.»

«Todos começam por ser desconhecidos.»

«Eu faço leituras três noites por semana. Como sou actor, leio muito bem. Penso que, se leio as minhas coisas com alguma frequência, alguém há-de ter vontade de as publicar.»

«Não é impossível.»

«O problema é que, quando leio, ninguém aparece.»

«Não sei o que dizer-te.»

«Vou fazer uma edição de autor.»

«O Whitman fez isso.»

«Lês-nos alguns dos teus poemas?»

«Não, meu Deus.»

«Porque não?»

«Só me apetece beber.»

«Nos teus livros só falas nisso. Achas que a bebida te tem ajudado na escrita?»

«Não. Sou um alcoólico que se tornou escritor para poder ficar na cama até ao meio-dia.»

Virei-me para Sara. «Não sabia que tinhas tantos amigos.»

«Não é habitual. Geralmente, não é assim.»

«Ainda bem que temos muito vinho.»

«Tenho a certeza que não ficam muito tempo», disse ela.

Os outros conversavam. A conversa desviou-se e eu deixei de ouvir. Sara era simpática para mini. Falava com vivacidade e mordacidade. Tinha uma óptima memória.

Pearl e Jack foram os primeiros a partir. Depois foi o Jean John. Depois Pat, o poeta. Ron sentou-se ao lado de Sara e eu sentei-me do outro. Ficámos só nós os três. Ron serviu-se de um copo de vinho. Eu não tinha esperanças que ele se fosse embora. Ele vivia com ela.

Servi vinho a Sara e a mim. Depois de beber disse a Sara e a Ron: «Bom, acho que vou andando».

«Oh, não», disse Sara, «tão cedo, não. Nem sequer tive oportunidade de conversar contigo. Gostaria de conversar.»

Olhou para Ron. «Percebes, não percebes, Ron?»

«Com certeza.»

Ele levantou-se e foi para as traseiras da casa.

«Olha lá», disse eu, «não quero criar problemas.»

«Que problemas?»

«Entre ti e o teu amigo.»

«Oh! Não há nada entre nós. Nada de sexo, nada. Ele apenas alugou o quarto de trás.»

«Oh.»

Ouvi o som duma guitarra. Depois uma voz a cantar bastante alto.

«É o Ron», disse Sara.

Ele bramia como um porco. A sua voz era tão má que não havia comentários a fazer.

Ron cantou durante uma hora. Eu e Sara bebemos mais vinho. Ela acendeu algumas velas. «Toma um *beedie*.»

Experimentei um. Um *beedie é* um pequeno cigarro castanho da índia. Tem um sabor acre e agradável.

Virei-me para a Sara e demos o nosso primeiro beijo. Beijava bem.

Uma agradável noite em perspectiva.

A porta de rede abriu-se bruscamente e um homem jovem entrou na sala.

«Bany», disse Sara, «já não recebo mais visitas.»

Bany saiu e a porta bateu. Eu pressentia que ia haver problemas: como um solitário, eu não suportava invasões. Isto não tinha nada a ver com ciúmes, simplesmente não gostava de pessoas, multidões, onde quer que fosse, excepto nas minhas leituras. As pessoas diminuíam-me e deixavam-me sem ar.

Nunca houve humanidade, desde sempre. Esta era a minha divisa.

Beijámo-nos outra vez. Tínhamos bebido demasiado. Sara abriu outra garrafa. Ela aguentava muito bem o vinho. Não faço ideia sobre o que conversámos. O que mais me agradava nela era o facto de fazer muito poucas referências sobre a minha escrita.

Quando a última garrafa ficou vazia, disse-lhe que estava demasiado bêbedo para conduzir até casa.

«Oh, podes dormir na minha cama, mas nada de sexo.»

«Porquê?»

«Não deve haver sexo fora do casamento.»

«Não deve ha...»

«Drayer Baba não acredita nisso.»

«Deus pode enganar-se, por vezes.»

«Nunca.»

«Está bem, vamos para a cama.»

Beijámo-nos às escuras. Sempre gostei de beijar e Sara era uma das melhores beijadoras que eu havia encontrado. Só Lydia se lhe comparava. Todas as mulheres eram diferentes, cada uma beijava à sua maneira. Nesse preciso momento, Lydia devia estar aos beijos com algum filho da puta, ou ainda pior, a beijar-lhe as partes. Katherine devia estar a dormir em Austin.

Sara tinha na mão o meu caralho, acariciava-o, esfregava-o. Depois encostou-o contra a cona. Ela esfregava-o contra a cona, de cima para baixo, de baixo para cima. Ela estava a obedecer ao seu Deus, Drayer Baba. Não lhe agarrei na cona porque achei que isso ofenderia Drayer. Beijámo-nos apenas, e ela continuava a esfregar o caralho contra a cona ou talvez contra o clitóris, não tinha a certeza. Esperei que ela o metesse na sua cona. Mas continuou a esfregar. Os pintelhos começaram a irritar-me o caralho. Retirei-me.

«Boa-noite, querida», disse. Virei-me e fiquei de costas para ela. Drayer Baba, pensei, nesta cama tens

alguém que acredita cegamente em ti.

De manhã começámos outra vez com o esfreganço e com o mesmo resultado.

Decidi: pró inferno, não preciso deste género de inacção.

«Queres tomar banho?», perguntou Sara.

«Com certeza.»

Fui para a casa-de-banho e pus a água a correr. Durante a noite tinha prevenido a Sara que uma das minhas pancadas era tomar três ou quatro banhos quentes por dia. A velha terapia pela água.

A banheira dela levava mais água do que a minha, e a água era muito quente. Eu media um metro e oitenta, mas mesmo assim conseguia esticar-me completamente dentro da banheira.

Antigamente faziam-se banheiras para imperadores e não para empregados bancários com cinco pés de altura.

Entrei para a banheira e estendi-me. Óptimo. Depois levantei-me para observar o meu pobre caralho esfolado pela pintelheira da cona dela. Tempo perdido, velho rapaz, mas sempre é melhor que nada, não é? Sentei-me outra vez na banheira e estendi-me. O telefone tocou. Houve uma pausa.

Depois Sara bateu à porta.

«Entra!»

«Hank, é a Debra.»

«Debra? Como é que ela soube que eu estava aqui?»

«Telefonou para todo o lado. Queres que lhe diga para telefonar depois?»

«Não, diz-lhe para esperar.»

Encontrei uma toalha grande e enrolei-a pela cintura. Fui para a sala. Sara conversava com Debra ao telefone.

«Oh, aqui está ele»

Sara passou-me o telefone. «Olá, Debra.»

«Hank, onde estavas?»

«Na banheira.»

«Na banheira?»

«Sim.»

«Acabaste de sair de lá?»

«Sim.»

«O que trazes vestido?»

«Tenho uma toalha à cintura.»

«Como consegues ter uma toalha à cintura e falar ao telefone?»

«Estou a fazê-lo.»

«Aconteceu alguma coisa?»

«Não.»

«Porquê?»

«Porque não.»

«Quero dizer, porque não a foeste?»

«Escuta, achas que não faço mais nada senão isso? Achas que só isso me interessa?»

«Então não se passou nada?»

«Sim.»

«O quê?»

«Sim, nada.»

«Para onde vais quando saíres daí?»

«Para minha casa.»

«Vem cá.»

«E o teu trabalho?»

«Estamos quase a acabar. A Tessie pode ocupar-se disso.»

«Está bem.»

Desliguei.

«O que vais fazer?», perguntou.

«Vou a casa de Debra. Disse-lhe que estava lá dentro de 45 minutos.»

«Mas pensava que íamos almoçar juntos, naquele restaurante mexicano de que te falei.»

«Escuta, ela está *interessada* em mim. Como é que podemos discutir enquanto almoçamos?»

«Estava a contar almoçar contigo.»

«Merda, e os teus clientes?»

«Abro às onze horas. Ainda são dez.»

«Pronto, vamos comer...»

O restaurante mexicano situava-se num bairro *hippie* de Hermosa Beach. Gajos calmos e indiferentes. Morte na praia. Deixa estar, vive, calça sandálias e finge que o mundo é bom.

Enquanto esperávamos pela comida, Sara estendeu a mão e mergulhou o dedo numa tigela de molho picante e chupou-o. Voltou a meter o dedo. Ela inclinava a cabeça por cima da tige *l* a. Mechas do seu cabelo caíam-lhe na cara. Não parava de meter o dedo na tigela e de o chupar.

«Olha», disse-lhe eu, «há mais pessoas a querer esse molho. Estás a meter-me nojo!

Pára.»

«Não, eles enchem-no de novo.»

Desejei que eles de facto o enchessem para cada cliente. Quando a comida chegou, ela inclinou-se e atacou como um animal, exactamente como Lydia. Acabámos de comer e saímos; ela entrou para a sua carrinha e foi para o seu restaurante, e eu meti-me no Volks em direcção a Playa dei Rey. Tinham-me dado indicações detalhadas. As indicações eram confusas, mas segui-as e não tive problemas. Era quase desanimador porque parecia que, quando o *stress* e a loucura eram eliminados do meu quotidiano, pouco ficava a que me agarrar.

Estacionei no pátio de Debra. Vi movimentos por detrás dos estores. Saí do carro e certifiquei-me de que as duas portas estavam fechadas, pois o meu seguro havia expirado.

Toquei à campainha. Ela abriu a porta e parecia contente por me ver. Foi bonito, mas isto é o género de coisas que impedem um escritor de trabalhar.

Não fiz nada de especial durante o resto da semana. O encontro de Oaktree continuava. Fui duas ou três vezes às corridas e não perdi nem ganhei. Escrevi uma história porca para uma revista pornográfica, escrevi dez ou doze poemas, masturbei-me e telefonei todas as noites para Sara e Debra. Uma noite telefonei para Cassie e respondeu-me um homem. Adeus, Cassie.

Pensei nas rupturas, nos problemas que elas causam, mas geralmente só depois duma ruptura é que se encontrava outra mulher. Eu devia prová-las para conhecê-las verdadeiramente, para entrar dentro delas. Podia inventar homens, porque eu era um deles, mas mulheres, para mim, era impossível imaginá-las sem conhecê-las. Eu explorava-as o melhor que podia e descobria seres humanos. A escrita podia ficar de lado. A escrita interessava-me menos do que o encontro até este chegar ao fim. A escrita não era senão o resíduo. Um homem não precisava de possuir uma mulher para se sentir vivo, mas era bom conhecer

algumas. Depois, quando a ligação começasse a falhar, ele saberia o que era realmente estar sozinho e desfeito, e assim teria consciência do que devia enfrentar quando chegasse ao fim.

Eu era sentimental em muitas coisas: a uns sapatos de mulher sob a cama; a um gancho abandonado sobre a cómoda; ao modo de dizer «vou fazer chichi...»; fitas do cabelo; descer a avenida com elas à uma e meia da tarde, apenas duas pessoas a caminhar; as longas noites em que se bebe, fuma e se conversa; os argumentos; pensar no suicídio; comermos juntos e sentirmo-nos bem; as brincadeiras e os risos absurdos; sentir milagres no ar; estarmos juntos dentro do carro estacionado; comparar antigos amores às três da manhã; dizerem-nos que ressonamos, ouvir o ressonar dela; mães, filhas, filhos, gatos, cães; por vezes a morte, por vezes o divórcio, mas continuar sempre; ler o jornal sozinho num quiosque e sentir náuseas por ela estar casada com um dentista com um Q.I. de 95; corridas de cavalos, os parques, ou piqueniques no parque; até cadeias; os sinistros amigos dela, os nossos amigos sinistros; os nossos copos e as danças dela; os teus engates; os engates dela; os comprimidos dela, as tuas fodas por fora e as dela; dormir juntos...

Não havia julgamentos a fazer, por isso devia escolher. Para lá do bem e do mal, era sedutor em teoria, mas para continuar a viver, era necessário escolher: algumas eram mais gentis que outras, algumas estavam sobretudo interessadas em nós, e por vezes as que eram bonitas por fora e frias por dentro eram também necessárias, apenas para as coisas chatas, exactamente como os filmes chatos. As mais simpáticas fodiam melhor e depois de se andar um pouco às voltas elas pareciam belas porque eram mesmo belas. Pensei em Sara, ela tinha esse quê a mais. Sobretudo se não existisse esse Drayer Baba para erguer o sinal para *PARAR*.

Chegou o aniversário de Sara, em 11 de Novembro, dia dos antigos combatentes.

Encontrámo-nos ainda duas vezes, uma vez em casa dela e outra na minha. Com bastante prazer. Ela era estranha, mas tinha personalidade e imaginação; houve alegria... excepto na cama... foi fulgurante... mas Drayer Baba separou-nos. Eu estava a perder a batalha com o Deus. «Foder não é o mais importante», disse-me ela.

Fui à loja de comida exótica que ficava no cruzamento de Hollywood Boulevard com Foutain Avenue, a Aunt Bessie. Os empregados eram insuportáveis - rapazes negros e brancos muito inteligentes e *snobs*. Pavoneavam-se, ignorando e insultando os clientes. As mulheres que lá trabalhavam eram pesadas, sonhadoras, vestiam blusas bastante largas e curvavam a cabeça com o peso de uma culpabilidade adormecida. E os clientes suportavam os insultos e voltavam para ouvirem mais. Os empregados não me chatearam, assim tiveram a oportunidade de viverem mais um dia...

Comprei a prenda de anos de Sara, mel, que é o trabalho de muitas abelhas, recolhido das colmeias com uma agulha. Eu tinha um cesto de vime dentro do qual havia, para além do pão, sal do mar, duas romãs, duas maçãs e algumas sementes de girassol. A geleia real era a grande compra, era bastante cara. Sara tinha dito que gostava de ter e que não podia comprar.

Fui para casa dela. Tinha comprado também várias garrafas de vinho. Na verdade, já tinha esvaziado uma ao fazer a barba. Eu barbeava-me raramente, mas fi-lo por ser o aniversário de Sara e a noite dos antigos combatentes. Ela era uma mulher excepcional. Era encantadora e, coisa estranha, o seu celibato era compreensível. Quero dizer, como ela era, devia ser salva por um bom homem. Não que eu seja bom homem, mas o seu encanto óbvio seria realçado pelo meu encanto óbvio, em Paris, os dois sentados num café, depois de me ter tornado famoso. Ela era afectuosa, ternamente intelectual e, o melhor de tudo,

havia reflexos vermelhos no ouro dos seus cabelos. Era como se eu tivesse andado à procura daquela cor de cabelos durante décadas... talvez mais.

Na auto-estrada da costa do Pacífico parei junto a um bar e tomei um *vodka 7* duplo.

Estava preocupado com Sara. Ela dizia que o sexo significava casamento. E falava a sério.

Tinha, sem dúvida, vocação para celibatária. Contudo imaginava-a a ter prazer de várias maneiras, de certeza que não fui o primeiro a ter o caralho esfregado na sua cona. Eu achava que ela andava tão confusa como quase toda a gente. Porque me submetia aos seus hábitos, era um mistério para mim. Nem sequer quis enrabá-la. Não concordava com as suas ideias, mas ela agradava-me. Talvez me estivesse a tornar preguiçoso. Talvez estivesse a envelhecer. Feliz aniversário, Sara.

Estacionei em frente da casa dela e agarrei o cesto. Ela estava na cozinha. Sentei-me, o cesto numa mão, as garrafas na outra.

«Aqui estou, Sara!»

Ela saiu da cozinha. Aproveitara-se da ausência de Ron para pôr o gira-discos dele no máximo volume. Sempre odiei aparelhagens. Quando se vive num quarteirão pobre, ouvimos continuamente os sons dos vizinhos, incluindo as suas fodas, mas a coisa mais horrível era ser-se obrigado a ouvir a música *deles*, no volume máximo, durante horas. E

ainda por cima, eles deixavam habitualmente as janelas abertas, convencidos de que nós havíamos de gostar do que eles gostavam.

Sara tinha posto um disco de Judy Garland. Eu gostava de Judy Garland, um pouco, sobretudo quando deu um concerto no Metropolitan. Mas de repente, ela parecia gritar merdas sentimentais.

«Por amor de Deus, Sara, põe mais *baixo*\»

Ela baixou, mas não muito. Depois abriu uma garrafa de vinho e sentámo-nos à mesa, frente a frente. Senti-me irritado.

Sara meteu a mão no cesto e descobriu o mel. Ficou contentíssima. Tirou a tampa e provou.

«É tão forte», disse ela. «É essência... Queres?»

«Não, obrigado.»

«Estou a preparar o jantar.»

«Óptimo. Mas devia levar-te a jantar fora.»

«Já comecei a fazê-lo.»

«Então, está bem.»

«Mas preciso de manteiga. Terei de sair para comprar. E vou precisar também de pepinos e tomates para

o restaurante.»

«Eu vou comprar. E o teu aniversário.»

«Tens a certeza de que não queres provar o mel?»

«Não, obrigado, não me apetece.»

«Não podes imaginar a quantidade de abelhas que foram necessárias para encher este frasco.»

«Feliz aniversário. Vou buscar a manteiga e as outras coisas.» Bebi um copo de vinho, entrei no Volks e parei em frente duma pequena mercearia. Comprei a manteiga, mas os tomates e os pepinos pareciam velhos e ressequidos. Paguei a manteiga e fui à procura duma loja maior. Encontrei, comprei os tomates e os pepinos e regressei. Enquanto subia a álea da casa dela ouvi a música. Sara tinha de novo levantado o volume. Ao aproximar-me, senti-me doente; os meus nervos começaram a fraquejar e quebraram-se.

Entrei em casa só com o pacote de manteiga na mão; tinha deixado os tomates e os pepinos no carro. Não sei o que é que ela tinha posto a tocar; estava tão alto que não conseguia distinguir um som de outro.

Sara saiu da cozinha. «RAIOS TE PARTAM!», gritei.

«O que foi?», perguntou Sara.

«NÃO CONSIGO OUVIR!»

«O quê?»

«PUSESTE A MERDA DO GIRA-DISCOS DEMASIADO ALTO! NÃO

PERCEBES?»

«O quê?»

«VOU-ME EMBORA!»

«Não!»

Dei meia volta, dei um pontapé na porta de rede. Fui ao carro e vi o saco com os tomates e os pepinos. Agarrei nele e subi a álea. Encontrámo-nos.

Estendi-lhe o saco. «Toma.»

Dei meia volta e fui andando. «Seu filho da puta!», gritou ela. Atirou-me com o saco. Atingiu-me ao meio das costas. Virou-se e entrou em casa a correr. Olhei para os tomates e pepinos espalhados ao luar. Por momentos, pensei em apanhá-los. Voltei-me e fui-me embora.

Eu ia fazer a leitura em Vancouver por quinhentos dólares, bilhete de ida e volta e alojamento. O responsável, Bart Macintosh, estava nervoso por ter de atravessar a fronteira.

Eu ia de avião até Seattle, ele estava lá à minha espera e atravessámos a fronteira de carro; depois da leitura eu apanhava o avião em Vancouver para L. A. Não percebi muito bem o que aquilo significava, mas disse que estava bem.

Uma vez mais estava eu no ar, a beber um duplo *vodka 7*. Estava na companhia de directores comerciais e homens de negócios. Tinha a minha mala pequena com camisas para mudar, roupas interiores, peúgas, três ou quatro livros de poemas e mais uns dez ou doze poemas novos dactilografados. E uma escova de dentes e dentífrico. Era ridículo ir a qualquer sítio e ser-se pago para ler poesia. Eu não gostava e não deixava de pensar no absurdo que era. Trabalhar como uma besta em empregos modestos até aos cinquenta anos, e de repente viajar por todo o país como um moscardo de copo na mão.

Macintosh estava à espera em Seattle e entrámos para o carro. Foi uma viagem agradável porque nenhum de nós falou muito. A leitura era organizada por particulares, o que eu preferia, em relação às organizadas pelas universidades. As universidades tinham medo; entre outras coisas, tinham medo dos poetas vulgares, mas por outro lado tinham curiosidade em levar lá um.

Esperámos muito tempo na fronteira, com centenas de carros atrás de nós. Os guardas da fronteira desperdiçavam tempo. De vez em quando tiravam um carro velho da bicha, mas em regra geral, faziam uma ou duas perguntas e deixavam passar as pessoas. Eu não percebi as razões do pânico de Macintosh.

«Ó homem», disse ele, «conseguimos passar.»

Vancouver não era muito longe. Macintosh estacionou em

frente do hotel. Parecia ser bom. Dava para a água. Deram-nos a chave e subimos.

Era um quarto agradável, equipado com frigorífico e uma boa alma teve a feliz ideia de ter lá posto cerveja.

«Beba uma», disse-lhe eu.

Sentámo-nos e fomos mamando a cerveja.

«O Creeley esteve cá no ano passado», disse ele.

«A sério?»

«Isto é uma espécie de cooperativa artística, auto-suficiente. Têm muitos sócios que pagam, alugam algumas salas e por aí adiante. Os lugares para a tua leitura já foram quase todos vendidos. O Silvers disse que poderia ter feito imenso dinheiro se tivesse aumentado o preço dos bilhetes.»

«Quem é o Silvers?»

«Myron Silvers. É um dos directores.»

Estávamos a falar do lado mais chato da questão.

«Posso mostrar-te a cidade», disse Macintosh.

«Não, obrigado. Prefiro andar a pé.»

«Não queres jantar? Ê por conta deles, aqui.»

«Só uma sanduíche. Não tenho muita fome.»

Achei que, se o conseguisse fazer sair, poderia deixá-lo só quando acabássemos de comer. Não que ele fosse chato, mas a maioria das pessoas não me interessava.

Encontrámos um restaurante três ou quatro quarteirões mais abaixo. Vancouver era uma cidade bastante limpa, os seus habitantes não tinham o ar carrancudo da maioria das cidades. Gostei do restaurante. Mas quando olhei para o menu, apercebi-me que os preços eram mais altos em quarenta por cento do que no meu bairro em L. A. Pedi uma sanduíche de rosbife e outra cerveja.

Sentia-me bem por estar fora dos Estados Unidos. Havia uma grande diferença. As mulheres eram mais bonitas, a vida mais tranquila, menos falsa. Quando acabei a sanduíche, Macintosh levou-me ao hotel. Deixei-o no carro e apanhei o elevador. Tomei um banho de chuveiro. Fiquei de pé junto à janela, a olhar para a água. Amanhã à noite tudo terá acaba, terei o dinheiro no bolso e ao meio-dia já estarei a voar. Que pena. Bebi mais três ou quatro copos de cerveja e fui para a cama.

Levaram-me para a leitura uma hora antes. Um rapaz novo cantava. Enquanto ele cantava, toda a gente conversava. As garrafas faziam barulho; risos; uma assistência bêbeda; o meu público preferido. Nós bebíamos nos bastidores, eu, Macintosh, Silvers e mais dois.

«És o primeiro poeta macho que aqui vem desde há algum tempo.»

«O que queres dizer?»

«Quero dizer que tivemos cá muitas bichas. Isto é uma óptima mudança.»

«Obrigado.»

Eu lia mesmo para eles. Perto do fim, eu e eles estávamos bêbedos. Discutimos, agredimo-nos um pouco, mas tudo correu bem. Tinham-me dado o cheque antes da leitura e isso ajudou-me a cumprir o contrato.

Depois houve uma festa numa casa enorme. Ao fim de uma ou duas horas, encontrei-me entre duas mulheres. Uma era loira, parecia ter sido esculpida em marfim, tinha olhos lindíssimos, assim como o corpo. Estava com o namorado.

«Chinaski», disse ela ao fim de algum tempo, «vou contigo.» «Espera», disse eu,

«estás com o teu namorado.» «Oh, merda», disse ela, «ele *não conta*. Vou contigo!» Olhei para o rapaz. Tinha lágrimas nos olhos. Estava a tremer. Estava apaixonado, coitado do rapaz.

A rapariga do outro lado tinha o cabelo escuro. O seu corpo era bom, mas não era atraente de rosto. «Vem comigo», disse ela. «O quê?»

«Já disse; leva-me contigo.»

«Espera um pouco.»

Voltei-me para a loira.

«Olha, tu és muito bonita, mas não posso ir contigo. Não quero magoar o teu amigo.»

«Que se foda o gajo. É um monte de merda.»

A morena agarrou-me pelo braço. «Leva-me contigo agora ou vou-me embora.»

«Está bem», disse eu, «vamos embora.»

Encontrei Macintosh. Tinha o ar de quem não estava a fazer muito. Acho que ele não gostava de festas.

«Vamos, Mac, leva-nos para o hotel.»

Havia mais cerveja. A rapariga disse-me que se chamava íris Duarte. Era meio índia e fazia a dança do ventre como profissão. Levantou-se e começou a mexê-lo. Era bonito.

«É necessário ter a roupa adequada para dar o efeito desejado», disse ela.

«Não, eu não preciso.»

«Quero dizer, *eu* preciso, para que saia bem, percebes?»

Parecia uma índia. O nariz e a boca eram de índio. Teria vinte e três anos, olhos castanhos escuros, falava pausadamente e tinha um corpo fabuloso. Lera quatro ou cinco dos meus livros. *Porreiro*.

Bebemos ainda durante uma hora e metemo-nos na cama. Lambi-lhe a rata, montei-a e comi-a sem resultado. Foi pena.

De manhã lavei os dentes, a cara com água fria e voltei para a cama. Comecei a brincar com a sua cona. Ficou húmida e entesei-me. Montei-a. Enfiei-o, a pensar naquele corpo magnífico, naquele corpo jovem. Ela agarrou em tudo o que eu tinha para lhe dar. Foi uma das boas. Foi mesmo muito boa. Depois, íris foi para a casa-de-banho.

Estendi-me a pensar em como tinha sido tão bom. íris voltou e meteu-se na cama.

Não falámos. Passou-se uma hora. Depois voltámos a repetir.

Lavámo-nos e vestimo-nos. Ela deu-me a sua direcção, o número do telefone e eu dei-lhe o meu. Parecia ter gostado de mim. Passados quinze minutos Macintosh bateu à porta. Levámos íris até ao cruzamento, perto do seu lugar de trabalho.

Percebi que ela trabalhava como criada; a dança do ventre era uma ambição. Dei-lhe um beijo de despedida. Saiu do carro.

Voltou-se, fez-me adeus e afastou-se. Eu olhava para aquele corpo que se afastava.

«Chinaski vence outra vez», disse Macintosh, enquanto se dirigia para o aeroporto.

«Não tires nenhuma conclusão daí», disse-lhe eu.

«Eu também tenho alguma sorte», disse ele.

«Ah, sim?»

«Sim. Engatei a tua loira.»

«O quê?»

«Sim», riu-se, «consegui.»

«Leva-me ao aeroporto, meu sacana!»

Tinha chegado a Los Angeles há três dias. Nessa noite eu tinha um encontro com Debra. O telefone tocou. «Hank, é a /m!»

«Oh, *íris,* que surpresa! Como tens passado?» «Hank, vou para L. A. Vou *visitar-te!»* «Óptimo! Quando?»

«Chego na quarta-feira, antes do Thanksgiving.» «Thanksgiving?»

«E posso ficar até à segunda-feira!» «OK.» «Tens um lápis? Vou dar-te o número do meu voo.»

Nessa noite eu e Debra jantámos num restaurante à beira-mar. As mesas não estavam chegadas umas às outras e tinham especialidades de mariscos. Pedimos uma garrafa de vinho branco enquanto esperávamos pela comida. Debra estava com muito melhor aspecto do que da última vez em que a vi, mas disse-me que o seu trabalho estava a tornar-se insuportável. Tinha que contratar mais uma rapariga. E era difícil encontrar alguém eficiente. As pessoas eram tão medíocres.

«Sim», disse eu.

«Tens tido notícias de Sara?»

«Telefonei-lhe. Tivemos uma discussão. Lá tentei compor as coisas.»

«Já a viste depois de teres vindo do Canadá?»

«Não.»

«Encontrei um peru com 25 libras de peso para o Thanksgiving. Sabes trinchar peru?»

«Com certeza.»

«Não bebas muito hoje à noite. Sabes o que acontece quando bebes demasiado.»

«OK.»

Debra agarrou-me na mão. «Meu querido, velho querido e borrachão!»

Levei só uma garrafa de vinho para depois do jantar. Bebemo-la devagar, sentados na cama dela, a ver televisão. O primeiro programa foi uma porcaria. O segundo foi melhor. Era sobre um pervertido sexual e um rapaz normal que trabalhava numa quinta.

Um médico louco transplantara a cabeça do perverso no corpo do rapaz e o corpo escapou-se com as duas cabeças e corria pelo campo, cometendo todas as espécies de crimes. Pôs-me bem disposto.

Depois da garrafa de vinho e do rapaz com duas cabeças, saltei para cima de Debra e a sorte sorriu-me. Ofereci-lhe um grande galope, recheado de inéditas variações antes de disparar dentro dela.

De manhã, Debra pediu-me que ficasse em casa dela e que esperasse por ela.

Prometeu-me fazer um bom jantar. «Está bem», disse eu.

Tentei dormir depois de ela sair, mas não consegui. Estava preocupado com o Thanksgiving, não sabia como dizer-lhe que não podia passá-lo com ela. Isso chateava-me.

Levantei-me e percorri a casa. Tomei um banho. Nada ajudou. Talvez íris mudasse de ideias, talvez o seu avião se despenhasse. Deste modo poderia telefonar a Debra *e* dizer-lhe que ia.

Eu caminhava e sentia-me cada vez pior. Talvez estivesse assim por ter lá ficado e não tivesse ido para minha casa. Era como prolongar a agonia. Que espécie de merda era eu? Podia, sem dúvida, fazer jogos falsos e sórdidos. Eu estava a tentar ganhar alguma coisa? Podia continuar a dizer-me que aquilo era apenas uma questão de procura, um simples estudo do universo feminino? Eu deixava apenas que as coisas acontecessem, sem pensar nelas. Só me interessava o meu pequeno prazer egoísta e barato. Parecia um menino de liceu mimado. Era pior do que uma puta; uma puta leva o nosso dinheiro e nada mais.

Eu mexia com vidas e almas como se fossem brinquedos meus. Como é que podia considerar-me um homem? Como é que podia escrever poemas? Eu era feito de quê? Eu era um Marquês de Sade de segunda sem a sua inteligência. Um assassino era mais recto e honesto do que eu. Ou mesmo um violador. Eu não queria que brincassem com a *minha* alma, que a gozassem, que a ridicularizassem; ao menos disto tinha a certeza. Eu não valia um tostão furado. Pude sentir isso enquanto percorria o tapete de um a outro lado. *Nem um centavo*. Mas o pior é que eu fazia passar-me por aquilo que não era - um bom homem. Eu entrava na vida das pessoas porque elas confiavam em mim. Fazia o meu trabalho de maneira mais fácil. Andava a escrever *The Love Tale ofthe Hyena*.

Fiquei de pé no meio da sala, surpreendido com os meus pensamentos. Dei por mim sentado à beira da cama, a chorar. Sentia as lágrimas correrem pelos meus dedos. O meu cérebro andava às voltas, mas não me sentia a enlouquecer. Não percebia o que estava a passar-se comigo.

Agarrei no telefone e marquei o número do restaurante de Sara. «Estás ocupada?», perguntei.

«Não, acabei de abrir. Estás bem? Pareces esquisito.»

«Estou muito em baixo.»

«O que se passa?»

«Bem, eu disse a Debra que passava o Thanksgiving com ela. Ela está a contar comigo. Mas agora aconteceu outra coisa.»

«O quê?»

«Bem, ainda não te contei. Como sabes, tu e eu nunca fizemos sexo. O sexo altera as coisas.»

«O que aconteceu?»

«No Canadá conheci uma tipa que fazia dança do ventre.»

«A sério? E estás apaixonado?»

«Não, não estou apaixonado.»

«Espera, está aqui um cliente. Podes esperar?»

«Está bem.»

Sentei-me na cama, com o auscultador no ouvido. Ainda estava nu. Olhei para o meu pénis: *tu, seu filho da puta! Sabes* as angústias que me causas com a tua fome estúpida?

Esperei durante cinco minutos com o telefone no ouvido. Era uma chamada longa.

Pelo menos era Debra que ia pagar a conta.

«Cá estou», disse Sara. «Continua.»

«Pois bem, quando estive em Vancouver disse à dançarina de ventre que viesse visitar-me a L. A.»

«E então?»

«Pois bem, já te disse que eu havia prometido a Debra que passávamos o Thanksgiving juntos...»

«Também me prometeste o mesmo», disse Sara.

«A sério?»

«Bem, estavas bêbedo. Disseste que, como qualquer americano, não gostavas de ficar sozinho nos dias de festa. Depois beijaste-me e perguntaste-me se podíamos passar a Thanksgiving juntos.»

«Desculpa, não me recordo...»

«Não há problema. Espera... está aqui outro cliente...»

Pousei o telefone e fui servir-me dum copo. Quando regressei ao quarto, vi a minha enorme barriga no espelho. Era feia, obscena. Como é que as mulheres me toleravam?

Agarrava no telefone com uma mão e o copo com a outra. Sara voltou.

«Pronto. Continua.»

«OK, é assim. A dançarina telefonou-me no outro dia à noite. Só que ela não é dançarina nenhuma, é uma criada de mesa. Disse-me que vinha a L. A. para passar o Thanksgiving comigo. Parecia tão contente.»

«Devias ter-lhe dito que já tinhas um compromisso.»

«Não disse...»

«Não tiveste coragem.»

«íris tem um corpo de sonho...»

«Há mais coisas na vida, para além de corpos bonitos.»

«De qualquer modo, tenho de dizer a Debra que não posso passar o Thanksgiving com ela, e não sei como fazê-lo.»

«Onde estás?»

«Estou na cama de Debra.»

«E ela onde está?»

«No trabalho.» Não consegui conter o choro.

«Não passas de um choramingas.»

«Eu sei. Mas tenho de lhe dizer. Isto põe-me doido.»

«Tu arranjaste a bronca. Agora tens de ser tu a sair dela.»

«Pensei que me ajudasses, pensei que me dissesses o que devia fazer.»

«Queres que te mude as fraldas? Queres que lhe telefone?»

«Não, está bem. Sou um homem. *Telefono-lhe eu mesmo.* Vou telefonar-lhe agora mesmo. Vou dizer-lhe a verdade. Vou sair desta merda!»

«Muito bem. Diz-me depois como correu.»

«É por causa da minha infância, compreende. Nunca soube o que era o amor...»

«Telefona-me mais tarde.»

Sara desligou.

Servi-me de mais vinho. Não percebia o que estava a passar-se comigo. Estava a perder a minha

experiência de vida. Tinha perdido o sentido de humor perante os problemas dos outros. Queria reaver tudo isso. Queria que as coisas me corressem bem.

Mas sabia vagamente que todas essas qualidades não haviam de voltar, pelo menos tão cedo. Ia continuar a sentir-me culpado e desprotegido. Tentei convencer-me que essa culpa era uma doença como outra qualquer. Que eram *homens* sem culpas que faziam avançar o mundo. Homens que sabiam mentir, enganar, homens que conheciam todos os atalhos.

Cortez. Não andou por aí a foder. Nem Vince Lombardi. Mesmo que pensasse muito nisso, continuava a sentir-me mal. Decidi enfrentar tudo. Estava preparado. O confessionário.

Voltaria a ser católico. Entra-se, fala-se, sai-se e depois espera-se pelo perdão. Acabei o vinho e liguei para o escritório de Debra.

Tessie atendeu. «Olá, miúda! É o Hank! Como vai isso?»

«Está tudo bem, Hank. E tu?»

«Também. Escuta, não estás chateada comigo, pois não?»

«Não, Hank. *Foi* um pouco grosseiro, ah, ah, ah, mas foi divertido. É o *nosso* segredo.»

«Obrigado. Sabes, eu de facto não sou...»

«Eu sei.»

«Bem, escuta, eu queria falar com Debra. Ela está aí?»

«Não, está no tribunal, a transcrever.»

«Quando é que ela volta?»

«Geralmente, quando ela vai ao tribunal, nunca regressa ao escritório. Queres deixar algum recado, no caso de ela passar por aqui?»

«Não, Tessie, obrigado.»

Assim foi. Nem consegui reparar os meus erros. Obstrução de confissão. Falta de comunicação. Eu tinha inimigos bem colocados.

Bebi outro copo de vinho. Estava decidido a pôr tudo a limpo e a acabar com tudo.

Agora estava ali sentado. Sentia-me cada vez pior. Depressão, suicídio, são muitas vezes a consequência duma dieta a sério. Mas eu tinha comido bem. Lembrei-me dos velhos tempos, em que vivia só com uma barra de chocolate por dia, a enviar histórias manuscritas para a *Atlantic Monthly* e para a *Harfers*.

Não pensava senão em comida. Se o corpo não se alimentasse, a alma também morria. Mas depois comi e bebi bem. Quer dizer que eu andava, provavelmente, a pensar *verdade*.

Toda a gente se imagina especial, privilegiada, isenta. Mesmo a velha horrível que regava os gerânios na varanda. Eu achei-me excepcional porque abandonei a fábrica aos cinquenta anos para me tornar poeta. Merda. Por isso eu cagava-me para toda a gente, tal como aqueles patrões haviam cagado em mim quando *eu* estava desamparado. Era a mesma coisa. Eu não passava dum íbdilhão estragado pelo álcool, com *muito pouca* fama.

A minha análise não me impediu de continuar a sofrer.

O telefone tocou. Era Sara.

«Disseste que telefonavas. O que aconteceu?»

«Ela não estava lá.»

«Não estava lá?»

«Está no tribunal.»

«O que vais fazer?»

«Vou esperar. E contar-lhe tudo.»

«Muito bem.»

«Eu não devia ter-te metido nesta merda.»

«Não faz mal.»

«Quero voltar a ver-te.»

«Quando? Depois da dançarina?»

«Bem, sim.»

«Obrigada, mas não.»

«Eu telefono-te...»

«Está bem. Vou buscar as tuas fraldas à lavandaria para que estejam prontas quando vieres.»

Bebia vinho quente enquanto esperava. Três, quatro, cinco horas. Por fim lembrei-me que tinha de me vestir. Estava sentado, com o copo na mão, quando o carro de Debra estacionou em frente da casa. Ela abriu a porta. Trazia um saco com artigos de mercearia.

Estava muito bonita.

«Olá!», disse ela. «Como vai o meu ex-beberrolas?»

Dirigi-me a ela e abracei-a. Comecei a tremer e a chorar.

«Hank, o que se passa?»

Debra deixou cair o saco ao chão. O nosso jantar. Agarrei-a e puxei-a de encontro a mim. Eu soluçava. As lágrimas corriam como vinho. Não conseguia parar. Uma parte de mim chorava, a outra parte fugia.

«Hank, o que se passa?»

«Não posso passar o Thanksgiving contigo.»

«Porquê? Porquê? Qual é o problema?»

«O problema é que sou um MONTE DE MERDA!»

A minha culpa apertava-me cá dentro e tive um espasmo. Era doloroso.

«Uma dançarina de ventre vem do Canadá para passar o Thanksgiving comigo.»

«Uma dançarina de ventre?»

«Sim.»

«Ela é bonita?»

«Sim, é. Desculpa, desculpa...»

Debra empurrou-me.

Agarrou no saco e foi para a cozinha. Ouvi a porta do frigorífico abrir-se e fechar-se.

«Debra», disse eu, «vou-me embora.»

Não houve resposta da cozinha. Abri a porta da frente e saí. O Volks começou a trabalhar. Liguei o rádio, acendi os faróis e voltei para L. A.

Na quarta-feira à noite fui esperar íris ao aeroporto. Sentei-me a olhar para as mulheres. Nenhuma delas - excepto uma ou duas - era tão bonita como a íris. Havia algo de errado comigo: só pensava em sexo. Imaginava-me logo na cama com cada mulher que visse. Era uma maneira agradável de passar o tempo numa sala de aeroporto. *Mulheres:* gostava da cor das suas roupas; do modo como andavam; a crueldade de alguns rostos; de quando em quando, a beleza quase perfeita dum rosto, encantadoramente feminino. Elas tinham uma vantagem sobre nós: planeavam muito melhor a sua vida, eram muito mais organizadas. Enquanto os homens viam os jogos de futebol, bebiam uma cerveja ou jogavam *bowling,* elas, as mulheres, pensavam em nós, concentravam-se, perscrutavam, decidiam aceitar-nos, rejeitar-nos, mudar-nos, matar-nos ou simplesmente viverem connosco. No fim de contas, isto tinha pouca importância; não interessava o que elas faziam, nós acabávamos na solidão e na loucura.

Comprei um peru para mim e para íris. Estava sobre o lava-loiças, a descongelar.

Thanksgiving. Isso provava que tínhamos conseguido sobreviver a mais um ano de lutas, inflação, desemprego, ao *smog,* aos presidentes. Era a altura da grande reunião de grupos neuróticos: bêbedos

barulhentos, avós, irmãs, tias, crianças a chorarem, potenciais suicidas.

Sem esquecer as indigestões. Eu não era excepção à regra: lá estava o peru com 18 libras de peso no meu lava-loiças, morto, depenado, completamente estirpado. íris ia assá-lo para mim.

À tarde tinha recebido uma carta pelo correio. Tirei-a do bolso para relê-la. Tinha sido enviada de Berkeley:

Caro senhor Chinaski:

Você não me conhece, mas sou uma puta gira. Andei com marinheiros e com um taxista, mas não me satisfizeram. Quero dizer, fodemos e depois não há mais nada. Aqueles filhos da puta não têm substância. Tenho vinte e dois anos e uma filha de cinco anos, Aster.

Vivo com um gajo, mas não há sexo, apenas vivemos juntos. Chama-se Rex. Gostaria de o visitar. A minha mãe podia ficar com a Aster. Junto uma fotografia minha. Escreva-me se lhe apetecer. Li alguns dos seus livros. São difíceis de se encontrar nas livrarias. O que eu gosto na sua escrita é o facto de ser fácil de perceber. E você tem muita piada também.

Sua,

Tanya.

O avião de íris aterrou. De pé, frente a uma janela, vi-a descer. Continuava bonita.

Fez todo este caminho, desde o Canadá, para me ver. Trazia uma mala. Fiz-lhe adeus quando já estava na bicha para entrar na sala. Tinha de passar primeiro pela alfândega e depois agarrou-se a mim. Beijámo-nos e fiquei meio teso. Ela trazia um vestido, um vestido azul simples e justo, saltos altos e um pequeno chapéu na cabeça. Era raro ver uma mulher com um vestido. As mulheres de Los Angeles vestiam calças constantemente...

Como não tivemos de esperar pela bagagem, fomos logo para casa. Estacionei mesmo em frente da casa e subimos a álea. Ela sentou-se no sofá enquanto eu lhe servia uma bebida, íris olhou para a estante que eu tinha construído.

«Escreveste todos aqueles livros?»

«Sim.»

«Não fazia ideia de que já tinhas escrito tantos.»

«Escrevi-os.»

«Quantos são?»

«Não sei. Vinte, vinte e cinco.»

Beijei-a, pus-lhe o braço à volta da cintura e puxei-a para mim. Pus a outra mão no seu joelho.

O telefone tocou. fui atender.

«Hank?» Era Valerie.

«Sim?»

«Quem é?»

«Quem é, quem?»

«Essa rapariga.»

«Oh, é uma amiga do Canadá.»

«Hank, tu e o raio das tuas mulheres!»

«Sim.»

«Bobby quer saber se tu e...»

«íris.»

«Ele quer saber se tu e a íris querem cá vir à noite, para bebermos um copo.»

«Esta noite, não. Por motivos de força maior.»

«Ela tem cá um *corpo!*»

«Eu sei.»

«Então, talvez amanhã.»

«Talvez...»

Desliguei a pensar que era provável que Valerie também gostasse de mulheres.

Bem, não havia problema.

Enchi mais dois copos.

«Com quantas mulheres já te encontraste nos aeroportos?», perguntou íris.

«Não tantas como possas pensar.»

«Já perdeste a conta? Como dos teus livros?»

«A matemática é um dos meus pontos fracos.»

«Gostas de te encontrares com mulheres nos aeroportos?»

«Sim.» Não me lembrava de que íris falava muito.

«Seu sacana!», riu-se.

«A nossa primeira luta. Fizeste um voo agradável?»

«Sentei-me ao pé de um chato. Cometi o erro de o deixar pagar-me um copo. Falou até encher-me os ouvidos.»

«Devia estar excitado. És uma mulher *sexy*.»

«E tudo o que vês em mim?»

«Vejo muito disso. Talvez depois veja outras coisas.»

«Porque é que precisas de tantas mulheres?»

«E por causa da minha infância, percebes. Sem amor, sem afecto. E com vinte, trinta anos, tive muito pouco. Estou a tentar recuperar...»

«E saberás quando tiveres recuperado tudo?»

«O que eu sinto é que precisava, pelo menos, de mais uma vida.»

«Estás carregado de merda!»

Ri-me. «E por isso que escrevo.»

«Vou tomar banho e mudar de roupa.»

«Com certeza.»

Fui até à cozinha ver como estava o peru. Ele mostrava-me as pernas; os pêlos do púbis, as coxas; ali estava ele. Felizmente que não tinha olhos, íamos fazer qualquer coisa com aquilo. Seria a segunda etapa. Ouvi a água na casa-de-banho. Se íris não quisesse assá-

lo, assava-o eu.

Quando era novo, andava sempre deprimido. Mas nunca encarei a possibilidade de suicídio. Na minha idade pouco havia para matar. Era bom ser-se velho, apesar do que diziam. Era razoável que um homem tivesse que esperar pelos 50 anos para poder escrever algo de bom. Quantos mais rios se atravessam, mais se sabe sobre rios - isto é, se se sobreviver à água e aos recifes. Por vezes, era bastante duro.

íris saiu. Trazia um vestido de noite azul, justo, que parecia seda. Não tinha nada de comum com as raparigas americanas, o que lhe dava um halo de mistério. Era completamente feminina, mas não atirava isso à cara. As americanas eram pesadas e acabavam geralmente num estado lamentável. As poucas americanas autênticas que ainda havia viviam sobretudo no Texas e em Louisiane.

íris sorriu-me. Tinha qualquer coisa em cada uma das mãos. Levantou os braços por cima da cabeça e

começou a bater castanholas. Começou a dançar. Ou melhor, ela vibrava.

Era como se estivesse ligada à corrente eléctrica e o centro da sua alma estivesse no seu ventre. Foi uma autêntica maravilha e tinha uma ponta de humor. Como ela não deixava de me olhar, a dança ganhou outro sentido, desprendiam-se benéficas ondas de ternura.

Quando ela parou, aplaudi e servi-lhe um copo.

«Não foi lá muito bem», disse. «Era necessário a roupa adequada e música.»

«Gostei bastante.»

«Eu estava para trazer uma gravação, mas lembrei-me que não tinhas gravador.»

«Tens razão. De qualquer maneira, foi óptimo.»

Dei-lhe um pequeno beijo.

«Porque não vens viver para Los Angeles?»

«As minhas raízes estão no Canadá. Gosto de lá estar. Os meus pais, os meus amigos, estão todos lá, compreendes?»

«Sim.»

«Porque não vais tu para Vancouver? Podias escrever em Vancouver.»

«Acho que sim. Podia escrever no cume dum iceberg.»

«Podias tentar.»

«O quê?»

«Vancouver.»

«E o que havia de pensar o teu pai?»

«A propósito de quê?» «Sobre nós.»

No dia do Thanksgiving, íris preparou o peru e pô-lo no forno. Bobby e Valerie passaram lá por casa para beberem uns copos, mas não ficaram. Que alívio, íris trazia um outro vestido, tão sedutor como o outro.

«Sabes», disse ela, «eu não trouxe muita roupa. Amanhã, eu e Valerie vamos fazer compras ao Fredericks. Vou comprar uns sapatos de puta. Hás-de gostar.»

«Hei-de gostar, sim, íris.»

Fui à casa-de-banho. Eu tinha escondido no armário dos remédios a fotografia que Tanya me tinha enviado. Tinha o vestido levantado e não vestia cuecas. Via-se a sua cona.

Ela *era* uma puta gira.

Quando saí, íris estava a lavar qualquer coisa. Agarrei-a por trás, virei-a para mim e beijei-a.

«Es um cão velho e resistente!», disse ela.

«Minha querida, esta noite vou fazer-te sofrer!»

«Espero bem que sim.»

Bebemos durante toda a tarde, e depois atirámo-nos ao peru, por volta das cinco ou seis da tarde. A comida pôs-nos sóbrios. Uma hora depois começámos a beber outra vez.

Fomos cedo para a cama, cerca das dez da noite. Não tive problemas. Estava suficientemente sóbrio para garantir uma longa cavalgada. Mal comecei a cavalgar, apercebi-me de que ia conseguir. Não tentava sobretudo dar prazer a íris. Prosseguia sempre em frente e dei-lhe uma das antigas, à cavalo. A cama saltava e ela fazia esgares.

Depois vieram os gemidos. Abrandei um pouco, retomei o ritmo até chegar ao fim. Ela veio-se ao mesmo tempo que eu; pareceu-me. Claro, um homem nunca tinha a certeza. Caí para o lado. Sempre gostei de *bacon* canadiano.

No dia seguinte apareceu Valerie, que partiu com íris para irem ao Fredericks. O

correio chegou com uma hora de atraso. Havia uma outra carta de Tanya: Querido Henry:

Hoje ia a descer a rua quando uns gajos assobiaram. Passei por eles como se nada fosse. O que eu de acto odeio são os tipos que lavam os carros. Gritam e tiram a língua, como se conseguissem fazer alguma coisa com ela, mas entre eles não há nenhum capaz de fazer isso. Percebe-se logo, entendes. Ontem fui a uma casa de roupas para comprar umas calcas para Rex. Ele deu-me o dinheiro. É incapaz de comprar as suas próprias coisas. Não suporta. Por isso fui a essa loja de roupas para homem e escolhi um par de calças. Estavam lá dois gajos, de meia idade, e um deles era bastante sarcástico. Enquanto eu escolhia as calças, ele dirigiu-se a mim, agarrou-me na mão e levou-a até ao seu caralho. Eu disse-lhe:

«É tudo o que tens pobrezito?». Ele riu-se e disse qualquer coisa com seriedade. Encontrei um par de calças bonitas para o Rex, verdes com riscas finas brancas. Rex gosta do verde.

Depois esse gajo disse-me: «Vem cá para trás, para o compartimento das provas». Bem, tu sabes, os tipos sarcásticos sempre me fascinaram. Fui para o compartimento com ele. O

outro gajo viu-nos entrar. Beijámo-nos e ele abriu o fecho das calças. Entesou-se e pôs-me a mão lá dentro. Continuámos a beijar-nos, ele levantou-me o vestido e olhou para as minhas cuecas pelo espelho. Apalpava-me o eu. Mas o caralho dele não ficou bem teso, ficou meio teso, bastante mole. Disse-lhe que aquilo me estava a chatear. Ele saiu do compartimento com o caralho de fora e fechou a braguilha à frente do outro. Eles riam-se.

Eu saí e paguei as calças. Ele meteu-as num saco. «Diz ao teu marido que experimentaste as calças», e riu-se. «Não passas de uma *bicha* de merda!», disse-lhe eu. «E o teu companheiro também não passa de uma *bicha* de merda!» E eram mesmo. Hoje em dia, quase todos os homens são bichas. Para uma mulher,

é mesmo difícil. Eu tinha uma namorada que se casou e um dia quando ela entrou em casa encontrou o marido com outro gajo na cama. Não admira que hoje em dia as raparigas sejam obrigadas a comprar vibradores. E uma merda. Bem, escreve-me.

Tua,

Tanya.

Querida Tanya:

Recebi as tuas cartas e a fotografia. Estou sozinho em casa, neste dia a seguir ao Thanksgiving. Estou com uma ressaca. Gostei muito da tua fotografia. Tens mais algumas?

Já leste Céline? Refiro-me ao *Voyage au bout de lê nuit*. Depois deste livro, ele perdeu a mão, tornou-se fraco, começou a enganar os editores e os seus leitores. É uma verdadeira pena. O seu talento desapareceu. Em minha opinião, deve ter sido um bom médico. Ou talvez não. Talvez não tivesse coração para isso. Ou talvez matasse os seus doentes. Em todo o caso, isso teria sido um bom tema para um romance. Muitos médicos fazem isso. Dão-te um comprimido e mandam-te passear. Eles precisam de dinheiro para pagarem os seus estudos. Por isso enchem a sala de espera de doentes e despacham-nos.

Pesam-nos, medem-nos a tensão, dão-nos um comprimido e mandam-nos para a rua e sentimo-nos pior. Um dentista leva-nos o seguro de vida, mas pelo menos faz qualquer coisa pelos nossos dentes.

Em todo o caso, continuo a escrever e acho que me vai dando para pagar a renda.

Acho as tuas cartas interessantes. Quem é que tirou a fotografia sem as cuecas? Um bom amigo, sem dúvida. Foi o Rex? Vês, começo a sentir ciúmes! É um bom sinal, não achas?

Chamemos-lhe apenas interesse. Ou preocupação.

Vou rondar a minha caixa do correio. Mais algumas fotografias?

Teu, sim, sim,

Henry.

A porta abriu-se, era íris. Tirei a folha da máquina e passei-a ao contrário.

«Oh, Hank! Comprei os sapatos de puta!»

«Óptimo! Óptimo!»

«Vou calçá-los para veres! Tenho a certeza que vais gostar!»

«Então calça-os, querida!»

íris foi ao quarto. Agarrei na carta para Tanya e escondi-a sob uma pilha de papéis.

íris voltou. Os sapatos eram vermelho vivo, com viciosos saltos altos. Ela parecia a maior puta de todos

os tempos. Os sapatos deixavam os calcanhares à mostra e viam-se os pés através do tecido transparente, íris andava de um lado para o outro. O seu corpo e o seu eu eram bastante provocantes e ao caminhar com aqueles saltos a sua sensualidade aumentava. Era de enlouquecer, íris parou, olhou-me por cima do ombro e sorriu-se. Que galinha maravilhosa! Tinha umas ancas, um eu e coxas como nunca tinha visto. Fui preparar duas bebidas, íris sentou-se e cruzou as pernas bem alto. Estava sentada numa cadeira, do outro lado da sala. Continuavam a acontecer milagres na minha vida.

O meu caralho estava duro, palpitava, fazia subir as minhas calças.

«Tu sabes agradar a um homem», disse-lhe eu.

Acabámos de beber. Agarrei-a pela mão e levei-a para o quarto.

Atirei-a para cima da cama. Puxei-lhe o vestido para cima e tirei-lhe as calcinhas.

Foi um trabalho difícil. As calcinhas prenderam-se no salto de um dos sapatos, mas por fim consegui tirá-las. O vestido ainda lhe cobria as ancas. Levantei-lhe o eu e puxei o vestido debaixo dela. Ela já estava húmida. Senti-o com os dedos, íris estava quase sempre húmida, quase sempre pronta. Era uma alegria completa. Tinha compridas meias de *nylon* e ligas azuis decoradas com rosas encarnadas. Enfiei-o naquela humidade. Ela tinha as pernas bem levantadas e enquanto a acariciava, vi-lhe os sapatos de puta nos pés, com salientes saltos encarnados como punhos, íris era boa para uma das antigas, à cavalo. O amor era para os tocadores de guitarra, para os católicos e amadores de excentricidades. Esta puta com os sapatos vermelhos e as meias compridas - ela merecia o que eu lhe ia dar. Tentei parti-la em duas, tentei rasgá-la a meio. Eu olhava para aquele estranho rosto, meio índio, à fraca luz filtrada pelos estores. Parecia um assassínio. Eu possuía-a. Não havia possibilidades de fugir. Eu rasgava-a, rugia, esbofeteava-a e quase a abri pelo meio.

Quando ela se levantou a sorrir para ir à casa-de-banho, fiquei surpreendido. Ela parecia quase feliz. Os seus sapatos tinham caído e estavam ao lado da cama. O meu caralho ainda estava duro. Agarrei num dos sapatos e esfreguei o caralho nele. Era óptimo.

Voltei a pôr o sapato no chão. Quando íris saiu da casa-de-banho, o meu caralho murchou.

Não aconteceu muita coisa durante o resto da sua estada. Bebemos, comemos, fodemos. Fazíamos grandes passeios de carro à beira-mar, comíamos mariscos nos restaurantes. Não me preocupava com a escrita. Havia momentos em que era melhor afastarmo-nos da máquina de escrever. Um bom escritor sabia quando não devia escrever.

Ninguém podia dactilografar. Eu não era muito bom a escrever à máquina; e a ortografia não era o meu forte e não sabia gramática. Mas sabia quando não devia escrever. Era como foder. De vez em quando também os deuses precisam de descanso. Eu tinha um velho amigo que me escrevia de tempos a tempos, Jimmy Shannon. Ele escrevia seis romances por ano, todos sobre o incesto. Não era de admirar que ele passasse fome. O meu problema é que eu não podia dar descanso nem ao meu caralho nem à máquina de escrever. Devia ser por isso que as mulheres apareciam em série e eu tinha de aproveitar o máximo, antes que aparecesse outro tipo. Acho que o facto de ter deixado de escrever durante dez anos foi uma das melhores coisas que me aconteceram. (Suponho que alguns críticos dirão também que foi uma das melhores coisas que aconteceu aos leitores.) Dez anos de descanso para ambas as partes. O que aconteceria se eu deixasse de beber durante dez anos?

Chegou o momento de levar íris Duarte ao avião. O voo era de manhã, o que dificultou as coisas. Era habitual levantar-me por volta do meio-dia; era óptimo para as ressacas e permitia-me viver mais cinco anos. Não senti nenhuma tristeza ao conduzi-la para o aeroporto. O sexo tinha corrido bem; houve risos. Lembrava-me com dificuldade duma época mais civilizada da minha vida, nenhum de nós fazia pedidos, contudo houve calor, sentimento, carne morta acopulada a carne morta. Eu detestava aquele tipo de agitação, o género de sexo à Los Angeles, Hollywood, Bei Air, Malibu e Laguna Beach.

Estranhos quando nos encontrávamos, estranhos quando partíamos - um ginásio de corpos anónimos a masturbarem-se mutuamente. As pessoas sem moral consideravam-se muitas vezes livres, mas sobretudo eram incapazes do mínimo sentimento ou de amor. Por isso eram despreocupadas. Os mortos a foderem os mortos. Não havia nem risos nem humor nos seus jogos - era um cadáver a foder outro cadáver. As morais eram restritivas, mas enraizavam-se *mesmo* na experiência humana de várias gerações. Algumas morais tendiam a manter as pessoas como escravas nas fábricas, nas igrejas e levavam-nas a acreditar no Estado. Outras morais faziam mais sentido. Era como um jardim cheio de frutos envenenados e de frutos sãos. Tínhamos de saber quais devíamos colher e comer e em quais não tocar.

A minha experiência com íris foi deliciosa e satisfatória, embora não estivesse apaixonado por ela, nem ela por mim. Era fácil gostar e difícil não gostar. Eu gostei.

Estávamos sentados dentro do Volks, no parque de estacionamento superior. Tínhamos algum tempo. Tinha ligado o rádio. Brahms.

«Hei-de voltar a ver-te?», perguntei-lhe.

«Penso que não.»

«Queres ir beber um copo ao bar?»

«Tornaste-me numa alcoólica, Hank. Estou tão fraca que caminho com dificuldade.»

«Foi por causa da bebedeira?»

«Não.»

«Então vamos beber um copo.»

«Beber, beber, beber! É *tudo* em que pensas?»

«Não, mas é uma boa maneira de ultrapassar situações como esta.»

«Não consegues encarar as coisas de frente?»

«Consigo, mas não quero.»

«É uma fuga.»

«Tudo é uma fuga: jogar golfe, dormir, comer, andar, conversar, *ojogging*, respirar, foder...»

«Foder?»

«Olha, parecemos meninos do liceu a discutir. Vou levar-te ao avião.»

As coisas não iam bem. Eu queria beijá-la mas pressentia a sua recusa. Uma parede.

Acho que íris não se estava a sentir bem, assim como eu.

«Está bem», disse ela, «vamos comprar o bilhete e depois vamos beber um copo.

Depois partirei para sempre: sem despedidas, sem lágrimas, sem dor.»

«Com certeza.'», disse eu.

E assim foi.

No regresso: de Century Boulevard para leste, descer Crenshaw, subir a 8.a Avenida, depois Arlington para Wilton. Decidi passar pela minha lavandaria e virei à direita em Beverley Boulevard e estacionei no parque por detrás da Silverette Cleaners.

Nesse preciso momento passou à minha frente uma jovem rapariga negra com um vestido encarnado. O seu eu tinha um ritmo maravilhoso, admirável. Um prédio tirou-me a vista. Tinha um andar admirável; era como se a vida tivesse oferecido grandiosidade a algumas mulheres e a outras não. Ela tinha esse indescritível encanto.

Subi o passeio e olhei para o seu traseiro. Ela virou-se e olhou para trás. Depois parou e olhou-me por cima dos ombros. Entrei na lavandaria. Quando saí com as minhas coisas, ela estava ao pé do meu Volks. Abri a porta direita e pus as coisas lá dentro. Depois dirigi-me para a porta da esquerda. Pôs-se à minha frente. Ela tinha cerca de vinte e sete anos, um rosto redondo, impassível. Ficámos perto um do outro.

«Vi-te a olhar para mim. Porque estavas a olhar para mim?»

«Peço desculpa. Não quis ofender.»

«Quero saber porque estavas a olhar para mim. Não tiravas os olhos de mim.»

«Escuta, és uma mulher bonita. Tens um corpo lindo. Vi-te passar e olhei. Não pude evitar.»

«Queres marcar um encontro para hoje à noite?»

«Bom, seria óptimo. Mas já tenho um compromisso.»

Desviei-me dela e dirigi-me para o lugar do condutor. Abri a porta e entrei. Ela afastou-se. Ouvi-a sussurrar: «Estúpido de merda».

Abri a caixa do correio - nada. Eu precisava de recapitular. Faltava-me qualquer coisa de essencial. Fui abrir o frigorífico. Nada. Saí de casa, entrei para o carro e dirigi-me à loja de bebidas, o Bltie Elephant. Comprei uma garrafa de Smirnoff e algumas 7Up.

Quando regressava, algures pelo caminho, apercebi-me de que não tinha comprado cigarros.

Desci a Western Avenue para sul, virei à esquerda, em Hollywood Boulevard, e depois à direita, na Serrano. Andava à procura duma tabacaria. Logo no cruzamento da Serrano e da Sunset, estava em pé uma rapariga negra e uma mulata com sapatos de salto alto pretos e de mini-saia. Na posição em que estava, conseguia ver um pouco das suas cuecas azuis. Ela começou a andar e segui-a de carro. Fingiu não me ver.

«Eh, miúda!»

Ela parou. Aproximei-me do passeio. Ela aproximou-se do carro.

«Como estás?», perguntei-lhe.

«Bem.»

«Estás a fazer de isco?», perguntei-lhe.

«O que queres dizer?»

«Quero dizer», perguntei-lhe, «como é que eu sei que não és polícia?»

«E como é que eu sei que *tu* não és polícia?»

«Olha para a minha cara. Tenho ar de polícia?»

«Está bem», disse ela, «vira à esquina e estaciona. Vou lá ter.»

Voltei na esquina em frente do Mr. Famous N. J. Sandwiches. Ela abriu a porta e entrou.

«O que queres?», perguntou ela. Andava pela casa dos trinta e tinha um enorme dente de ouro cravado a meio do seu sorriso. Não havia nunca de ficar tesa.

«Um *broche*», disse eu.

«Vinte dólares.»

«OK, vamos.»

«Sobe a Western em direcção a Franklin, vira à esquerda até Harvard e depois à direita.»

Quando chegámos a Harvard, não havia lugar para estacionar. Por fim, estacionei numa zona proibida e saímos.

«Segue-me», disse ela.

Foi uma volta em vão. Antes de entrarmos no vestíbulo, ela virou à direita e segui-a por uma escada de cimento, a olhar para o seu eu. Era estranho, mas toda a gente tinha um eu. Era quase triste. Mas eu não queria o eu dela. Segui-a pelo corredor e subimos mais algumas escadas de cimento. Usávamos uma espécie de escadas de incêndio em vez do elevador. Por que razão, eu não fazia a mínima ideia. Mas eu precisava de fazer exercício isto se eu quisesse escrever enormes romances durante a velhice, como o

Knut Hamsun.

Chegámos, por fim, ao seu apartamento e ela tirou a chave. Agarrei-lhe na mão.

«Espera um pouco», disse eu.

«O que é?»

«Não estão lá dentro dois pretos enormes para me partirem o eu e assaltarem-me?»

«Não, não está ninguém lá dentro. Vivo com uma amiga que não está agora em casa.»

«Dá-me a chave.»

Abri a porta muito devagar e pus um pé lá dentro. Olhei em volta. Trazia a minha faca, mas não a tirei. Ela fechou a porta atrás de nós.

«Vamos para a cama», disse ela.

«Espera um pouco...»

Abri bruscamente a porta do guarda-fatos e espreitei para trás das roupas. Nada.

«Mas que espécie de merda és tu, homem?»

«Não sou merda nenhuma!»

«Oh, meu Deus...»

Corri para a casa-de-banho e abri as cortinas da banheira. Nada. Fui à cozinha e levantei a cortina de plástico do lava-loiças. Apenas um caixote de plástico cheio de lixo.

Verifiquei o outro quarto e a respectiva casa-de-banho. Olhei para baixo da cama: uma garrafa vazia de Ripple. Saí.

«Vem cá», disse ela.

Era um quarto pequeno, muito mais parecido com uma alcova. Havia uma cama com os lençóis sujos. A colcha estava no chão. Abri o fecho das calças e tirei-o.

«Vinte dólares», disse ela.

«Põe lá a boca! Chupa-o até à última gota!»

«Vinte dólares», disse ela.

«Põe lá a boca! Chupa-o até à última gota!»

«Vinte dólares.»

«Já sei o preço. Faz por ganhá-lo. Esvazia-me os colhões.»

«.*Primeiro,* os vinte dólares...»

«Ah, sim? Eu dou-te os vinte, mas como *é* que sei se vais ou não gritar para chamar os polícias? Como hei-de saber se não aparece aí o teu amigo de dois metros e dez com um chicote?»

«*Primeiro,* os vinte dólares. Não te preocupes. Eu chupo-te. Chupo-te até à última gota.»

«Não confio em ti, sua puta.»

Fechei a braguilha e pirei-me dali; desci as escadas a correr. Cheguei ao fim, saltei para o Volks e fui para casa.

Comecei a beber. As estrelas não me ajudavam.

O telefone tocou. Era Bobby. «Levaste a íris ao avião?»

«Sim, Bobby, e tenho a agradecer-te o não teres cá vindo, para variar.»

«Olha, Hank, isso passa-se na tua cabeça. És velho e trazes todas essas miúdas para cá e quando um tipo novo se mete com elas ficas nervoso.»

«Confusão... falta de segurança, não é?»

«Pois...»

«OK, Bobby.»

«Em todo o caso, a Valerie pergunta se não queres cá vir beber um copo.»

«Porque não?»

Bobby tinha uma erva má, mesmo muito má. Fumámos.

Bobby tinha muitas gravações novas. Também tinha do meu cantor preferido, Randy Newman; ele pô-lo a tocar, não muito alto, a meu pedido.

Ouvíamos Randy e fumávamos e depois Valerie começou a fazer passagens de modelos. Tinha uma dúzia de conjuntos do Frederick's. Tinha trinta pares de sapatos pendurados atrás da porta da casa-de-banho.

Valerie voltou empoleirada nuns saltos altos de quinze centímetros. Andava com dificuldade. Pavoneou-se na sala e vacilava nas suas andas. O seu eu saía e os mamilos estavam duros e arrebitados sob a blusa justa. Tinha um fino fio de ouro no tornozelo.

Girava e parava à nossa frente e fazia alguns movimentos eróticos.

«Meu Deus», dizia Bobby. «Oh... meu Deus!»

«Ai minha Nossa Senhora!», disse eu.

Quando Valerie passou, estendi o braço e agarrei-lhe no eu. Eu estava vivo. Sentia-me em forma. Valerie meteu-se na casa-de-banho para mudar de vestido.

Cada vez que ela saía, parecia mais bonita, mais louca, mais *sexy*. Todo o processo caminhava para uma espécie de clímax.

Bebemos, fumámos e Valerie continuava a mudar de roupa. Um espectáculo dos diabos.

Sentou-se nos meus joelhos e Bobby tirou algumas fotografias.

A noite avançava. Depois olhei à volta e eles tinham desaparecido. Fui até ao quarto e lá estava Valerie na cama, nua, com os sapatos de salto alto. O seu corpo era sólido e esguio.

Bobby ainda estava vestido e chupava os seios dela, passando de um para o outro.

Os mamilos dela estavam rijos.

Bobby levantou os olhos para mim. «Eh, velhote, já ouvi gabares-te do modo como lambes as ratas. Como é?»

A cabeça dele desceu e abriu as pernas a Valerie. Os pêlos da cona eram compridos, frisados e emaranhados. Bobby foi por ali abaixo e lambeu-lhe o clitóris. Ele saía-se bem, mas faltava-lhe inspiração.

«Espera aí, Bobby, tu não sabes fazer. Deixa-me mostrar-te.»

Fui lá com a boca. Comecei por baixo e fui subindo. Depois cheguei ao sítio.

Valerie reagia. Demasiado. Ela cruzou as pernas à volta da minha cabeça e eu não conseguia respirar.

Esmagava-me as orelhas. Tirei a cabeça de lá.

«OK., Bobby, percebeste?»

Bobby não respondeu. Foi para a casa-de-banho. Tirei os sapatos e as calças. Gosto de mostrar as pernas quando bebo. Valerie agarrou-me e atirou-me para a cama. Inclinou-se sobre o meu caralho e meteu-o na boca. Ela não era grande coisa, comparada com a maioria. Começou com o clássico número da cabeça e pouco mais tinha para oferecer.

Chupou-me durante bastante tempo e senti que não ia conseguir vir-me. Puxei-lhe pela cabeça, pousei-a na almofada e beijei-a. Depois montei-a. Dei-lhe oito ou dez estocadas quando ouvi Bobby por trás de nós.

«Quero que saias, meu.»

«Bobby, o que é que se passa?»

«Quero que vás para tua casa.»

«Está bem, está bem...»

Voltei para minha casa. Parecia ter passado imenso tempo depois de ter levado íris Duarte ao aeroporto. Devia estar a chegar a Vancouver naquela altura. Merda. Boa noite, íris Duarte.

Tinha uma carta na caixa do correio. Enviada de Hollywood.

Querido Chinaski:

Já li quase todos os seus livros. Trabalho como dactilógrafa num escritório em Cherokee Avenue. Pendurei o seu retrato na parede do escritório. É *um póster de* uma das suas leituras. As pessoas perguntam-me: «Quem é?» e eu respondo: «É o meu namorado», e elas dizem: «Meu Deus!».

Oferecei ao meu chefe o seu livro de contos, *The Beast with Three Legs* e ele disseme que não gostou. Disse-me que você não sabia escrever. Disse que era merda barata.

Ficou muito furioso com o livro.

Em todo o caso, gosto das suas coisas e gostaria de me encontrar consigo. Dizem que sou bem feita. Quer verificar isso?

Beijos,

Valência.

Ela deu-me dois números de telefone, um do emprego e o outro de casa. Eram cerca das duas e meia da tarde. Marquei o número do emprego. «Sim?», respondeu uma mulher.

«A Valência está?»

«Sou a Valência.»

«Daqui Chinaski. Recebi a tua carta.»

«Tinha a certeza que havias de telefonar.»

«Tens uma voz *sexy*», disse eu.

«Tu também», disse ela.

«Quando é que te posso ver?»

«Bem, esta noite não faço nada.»

«OK. E que tal hoje à noite?»

«Está bem», disse ela, «vejo-te depois do trabalho. Podes encontrar-me no The Foxhole, é um bar em Cahuenga Boulevard. Sabes onde é?»

«Sim.»

«Estarei lá por volta das seis horas...»

Estacionei em frente do The Foxhole. Acendi um cigarro e fiquei sentado durante um tempo. Depois saí do carro e entrei no bar. Qual delas era Valência? Fiquei ali em pé e ninguém disse nada. Dirigi-me ao balcão e pedi um *vodka 7* duplo. Depois ouvi o meu nome, «Henry?».

Voltei-me e vi uma loira sentada sozinha num banco. Agarrei na minha bebida e sentei-me junto dela. Tinha cerca de 38 anos e não era bem feita. Era um pouco gorda. Os seios eram enormes e descaíam penosamente. Tinha os cabelos loiros curtos. Era pesada e parecia cansada. Vestia calças, uma blusa e calçava botas. Tinha olhos azuis pálidos.

Muitas pulseiras em cada braço. O seu rosto nada revelava, mas, apesar de tudo, deve ter sido bonita.

«Foi um dia mesmo lixado», disse ela. «Não parei de escrever na puta da máquina.»

«Podemo-nos encontrar noutra noite, quando te sentires melhor», disse eu.

«Ah, merda, não há problema. Mais um copo e fico bem.»

Valência chamou a empregada: «Mais um copo de vinho».

Ela estava a beber vinho branco.

«Como vai a escrita?», perguntou. «Já saíram mais livros?»

«Não, mas ando a trabalhar num romance.»

«Como se chama?»

«Ainda não tem título.»

«Vai ser um bom romance?»

«Não sei.»

Durante algum tempo nenhum de nós falou. Acabei o meu *vodka* e pedi outro.

Valência não era do meu género, em nenhum sentido da palavra. Eu não gostava dela. Há pessoas assim - não se gosta delas logo à primeira vista.

«Há uma japonesa onde trabalho. Ela faz tudo para me lixar. Dou-me bem com o chefe, mas aquela puta põe-me mal disposta durante o dia. Qualquer dia dou-lhe um pontapé no eu.»

«De onde és?»

«De Chicago.»

«Não gostei de Chicago», disse eu.

«Eu gosto.»

Acabámos de beber. Valência passou-me a sua conta. «Importas-te de pagar isto?

Também tenho uma salada de camarões.»

Tirei a chave para abrir a porta.

«Este é o teu carro?»

«Sim.»

«Achas que entro num carro velho como este?»

«Olha, se não queres entrar, não entres.»

Valência entrou. Tirou o seu espelho e começou a maquilhar-se enquanto íamos a caminho. Não era muito longe de minha casa. Estacionei.

Já dentro de casa, ela disse: «Esta casa está porca. Precisas de alguém que a mantenha limpa».

Tirei o *vodka* e a 7Up e preparei dois copos.

Valência descalçou as botas.

«Onde está a tua máquina de escrever?»

«Na mesa da cozinha.»

«Não tens uma secretária? Pensei que os escritores tivessem secretárias.»

«Alguns nem mesas de cozinha têm.»

«Foste casado?», perguntou Valência.

«Uma vez.»

«O que é que correu mal?»

«Começámos a odiar-nos.»

«Fui casada quatro vezes. Ainda vejo os meus ex-maridos. Somos amigos.»

«Bebe.»

«Pareces nervoso», disse ela.

«Não, estou bem.»

Valência acabou a seu copo e estendeu-se no sofá. Pôs a cabeça sobre os meus joelhos. Acariciei-lhe os cabelos. Eu via os seus seios pela abertura da blusa. Debrucei-me e dei-lhe um longo beijo. A sua língua entrava e saía da minha boca. Eu odiava-a. O meu caralho começou a crescer. Beij amo-nos outra vez e enfiei-lhe a mão debaixo da blusa.

«Eu sabia que um dia havia de encontrar-te», disse ela.

Beijei-a outra vez, com uma certa ferocidade. Ela sentiu o meu caralho contra a sua cabeça.

«Eh!», disse ela.

«Não é nada», disse eu.

«O caraças», disse ela. «O que é que queres?»

«Não sei...»

«Eu sei.»

Valência levantou-se e foi para a casa-de-banho. Quando voltou, vinha nua. Pôs-se debaixo dos lençóis. Bebi outro copo. Depois despi-me e fui para a cama. Puxei os lençóis para trás. Que tetas. Cobriam-lhe quase metade do corpo. Agarrei numa com ambas as mãos o melhor que pude e chupei-lhe o mamilo. Não endureceu.

Virei-me para o outro seio e chupei-lhe o mamilo. Nada. Bati-lhe nos seios. Pus o caralho entre elas. Os mamilos continuavam murchos. Empurrei o caralho para a sua boca e ela virou a cabeça. Pensei queimar-lhe o eu com um cigarro. Que massa de carne que era ela. Tetas gastas e lançadas à rua. As putas geralmente excitavam-me. O meu caralho estava teso, mas o meu espírito estava longe dali.

«És judia?», perguntei-lhe.

«Não.»

«Pareces judia.»

«Não sou.»

«Vives em Fairfax, não é?»

«Sim.»

«Os teus pais são judeus?»

«Escuta, que perguntas são essas sobre *judeus*.»

«Não te sintas mal. Alguns dos meus melhores amigos são judeus.»

Voltei a esfregar-lhe os seios.

«Pareces assustado», disse Valência. «Pareces muito tenso.»

Abanei-lhe com o caralho sobre a cara.

«.*Isto* parece-te assustado?»

«É horrível. Onde foste arranjar todas essas veias?»

«Gosto delas.»

Agarrei-lhe pelos cabelos, encostei-lhe a cabeça à parede e beijei-a enquanto a olhava fixamente nos olhos. Comecei a brincar com a sua cona. Ela resistiu durante bastante tempo. Depois cedeu e enfiei-lhe o dedo. Encontrei o clitóris e mexi nele. Montei-a. O caralho dentro dela. Podíamos. Não tinha nenhum desejo de lhe agradar. Tinha uma cona estreita. Sentia-me bem dentro dela, mas ela não reagia. Não me preocupei.

Cavalgava, cavalgava. Mais uma foda. A procura. Não havia a sensação de violação. A pobreza e a ignorância tinham a sua própria verdade. Ela pertencia-me. Éramos dois animais numa floresta e eu assassinava-a. Ela começou a gozar. Beijei-a e os seus lábios, por fim, abriram-se. Fui até ao fundo. As paredes azuis observavam-nos. Valência começou a fazer pequenos sons. Isso excitou-me.

Quando ela saiu da casa-de-banho eu já estava vestido. Havia duas bebidas sobre a mesa. Bebemo-las.

«Porque foste viver para Fairfax?», perguntei-lhe.

«Gosto daquilo.»

«Queres que te leve a casa?»

«Se não te importares.»

Ela vivia dois quarteirões a leste de Fairfax. «A minha casa é aquela», disse, «com a porta de rede.»

«Parece ser uma bonita casa.»

«E. Queres entrar um bocado?»

«Tens algo que se beba?»

«Gostas de xerez?»

«Com certeza...»

Entrámos. Havia toalhas no chão. Ela atirou-as para debaixo do sofá. Voltou com o xerez. Era uma coisa barata.

«Onde é a casa-de-banho?»

Puxei o autoclismo para que não me ouvisse vomitar o xerez. Voltei a puxar e saí.

«Mais um copo?», perguntou ela.

«Com certeza.»

«Os miúdos estiveram cá, por isso é que a casa está nesta confusão.»

«Tens filhos?»

«Sim, mas o Sam toma conta deles.»

Acabei de beber. «Bem, obrigado pela bebida. Tenho de ir andando.»

«Está bem, já tens o meu número de telefone?»

«Claro.»

Valência acompanhou-me até à porta. Beijámo-nos. Dirigi-me para o Volks. Entrei e liguei o motor. Virei a esquina, parei em segundas vias, abri a porta e vomitei o meu último copo.

De três em três ou de quatro em quatro dias encontrava-me com Sara, em casa dela ou na minha. Dormíamos juntos, mas não havia sexo. Andávamos muito perto disso, mas nunca consumámos o acto. Os preceitos de Drayer Baba eram rígidos.

Decidimos passar o Natal e o Ano Novo em minha casa.

Sara chegou no dia 24, por volta do meio-dia, com a sua carrinha Volks. Vi-a estacionar e fui ao seu encontro. Tinha tábuas amontoadas no tejadilho do carro. Devia ser o meu presente de Natal: ela ia fazer-me uma cama. A minha cama estava a desfazer-se: uma caixa rachada com as molas a saírem do colchão. Sara trouxera também um peru e as miudezas. Eu ia pagar aquilo e o vinho branco. E havia alguns pequenos presentes para cada um de nós.

Levámos as tábuas, o peru e as outras coisas. Pus cá fora a base rachada, o colchão e a cabeceira da

cama e pus um papel a dizer: «Para levar». Primeiro desapareceu a cabeceira da cama, depois a base e por fim alguém levou o colchão. Era um quarteirão muito pobre.

Eu tinha visto a cama em casa de Sara, dormi nela e gostei. Eu sempre detestei colchões baratos, pelo menos aqueles que eu podia comprar. Passei mais de metade da minha vida em camas feitas sobretudo para tipos enfesados.

Sara tinha construído a sua própria cama e ia fazer-me uma igual. Uma sólida base em madeira suportada por sete ripas de quatro por quatro (a sétima colocada precisamente a meio), e forrada com uma camada de espuma com dez centímetros de espessura. Sara tinha algumas ideias óptimas. Eu agarrava nas tábuas enquanto Sara fazia os buracos. Ela manejava muito bem o martelo. Ela pesava só cinquenta e dois quilos, mas conseguia fazer os buracos. Ia ser uma boa cama.

Sara não levou muito tempo.

Depois experimentámo-la - sem fazer sexo - enquanto Drayer Baba nos sorria.

Andámos à procura duma árvore de Natal. Eu não estava muito interessado em arranjá-la (na minha infância o Natal foi sempre triste) e quando descobrimos que as árvores se tinham esgotado, não fiquei nada aborrecido. Sara estava triste quando regressámos a casa. Bebemos alguns copos de vinho branco, ela animou-se e começou a pendurar ornamentos de Natal, luzes e fios prateados por todo o lado, inclusive nos meus cabelos.

Eu tinha lido que se suicidavam muito mais pessoas no dia de Natal e no dia seguinte do que em qualquer outra altura. Aparentemente esta festa pouco ou nada tinha a ver com o nascimento de Cristo.

A música no rádio era enjoativa e a televisão era pior, de modo que desligámos ambas as coisas e ela telefonou à mãe, no Maine. Também falei com a minha mãe, que parecia não estar muito mal.

«Primeiro», disse Sara, «pensei em juntar-te com a minha mãe, mas ela é muito mais velha do que tu.»

«Esquece isso.»

«Ela tem pernas bonitas.»

«Esquece.»

«Tens alguma coisa contra as pessoas mais velhas?»

«Sim, contra toda a gente velha, menos eu.»

«Comportas-te como uma estrela de cinema. Tiveste sempre mulheres com 20 ou 30

anos menos do que tu?»

«Quando tinha 20 anos, não.»

«Então está bem. Já tiveste uma mulher mais velha do que tu, quero dizer, viveste com alguma?»

«Sim, quando tinha 25, vivi com uma de 35.»

«E como foi?»

«Foi terrível. Estava apaixonado.»

«O que é que foi terrível?»

«Ela obrigou-me a ir para a faculdade.»

«E isso foi terrível?»

«Não era o género de faculdade em que estás a pensar. A faculdade era ela, e eu, o estudante.»

«O que é que lhe aconteceu?»

«Queimei-a.»

«Com honras? Mataste-a?»

«O álcool é que a matou.»

«Feliz Natal.»

«Igualmente. Fala-me dos teus.»

«Passo.»

«Foram muitos?»

«Demasiado e contudo poucos.»

Trinta ou quarenta minutos mais tarde, bateram à porta. Sara levantou-se e abriu-a.

Entrou uma vampe. Na noite de Natal. Eu não sabia quem era. Ela trazia um conjunto preto justo e os seus enormes seios ameaçavam a todo o momento saltar para fora do vestido. Era magnífico. Nunca tinha visto seios assim, com aquele aspecto, a não ser nos filmes.

«Olá, Hank!»

Ela conhecia-me.

«Sou a Edie. Conheceste-me numa noite em casa do Bobby.»

«Oh?»

«Estavas assim tão bêbedo que não te lembras?»

«Olá, Edie. Esta é a Sara.»

«Eu andava à procura do Bobby. Pensei que ele pudesse cá estar.»

Edie sentou-se numa cadeira à minha direita, muito perto de mim. Tinha perto de 25

anos. Acendeu um cigarro e beberricava. Cada vez que ela se debruçava sobre a mesa de café, eu tinha a certeza que podia acontecer, tinha a certeza que aqueles seios iam saltar. E

tinha receio do que eu pudesse fazer se isso acontecesse. Não sabia mesmo. Nunca fui doido por seios, mas sim por pernas. Mas Edie sabia *como provocar*. Eu tinha medo e olhava de esguelha para os seus seios, sem saber muito bem se os queria cá fora ou lá dentro.

«Encontraste-te com Manny», perguntou-me ela, «em casa do Bobby?»

«Sim.»

«Tive que o pôr fora de casa. Ele é muito ciumento. Até contratou um detective particular para me seguir! Imagina! Aquele monte de merda!»

«Pois.»

«Odeio homens que mendiguem! Detesto aduladores!»

«Hoje em dia é difícil encontrar um bom homem», disse eu.

«É uma canção da Segunda Guerra Mundial. E havia esta: ”Não te sentes sob a macieira com mais ninguém a não ser comigo”.»

«Hank, estás a dizer baboseiras...», disse Sara.

«Bebe outro copo, Edie», disse, e servi-lhe.

«Os homens são uma *merda*», continuou ela. «No outro dia fui a um bar. Estava com quatro tipos, amigos íntimos. Estávamos sentados a divertir-nos, ninguém chateava ninguém. Depois apeteceu-me jogar bilhar. Gosto de jogar bilhar. Acho que quando uma mulher joga ao bilhar mostra o seu encanto.»

«Não sei jogar bilhar», disse eu. «Rasgo sempre o pano. E não sou uma senhora.»

«Em todo o caso, quando me aproximei da mesa, estava um gajo a jogar.

Aproximei-me dele e disse-lhe: ”Olha, já estás a jogar há bastante tempo. Chateias-te se nos deixares jogar?”. Ele virou-se e olhou para mim. Ficou calado. Depois fez um sorriso de *escarnia* e disse: ”Está bem”.»

Edie animou-se, dava pulos enquanto falava e eu ia olhando para ela.

«Eu voltei e disse aos meus amigos: ”Já temos mesa”. O outro tipo estava a jogar a última bola quando veio um amigo dele e disse: ”Eh, Ernie, ouvi dizer que passaste a mesa”. E sabes o que é que ele respondeu? ”Sim, vou passá-la àquela puta!” Eu ouvi aquilo e fiquei FURIOSA! O tipo debruçou-se sobre o pano para enfiar a última bola. Agarrei num taco e enquanto ele estava inclinado, dei-lhe com ele

na cabeça com todas as minhas forças.

O tipo caiu por cima do pano como se estivesse morto. Ele era conhecido lá no bar e um grupo de amigos veio a correr, ao mesmo tempo que os meus quatro companheiros. Rapaz, que *zaragatai* Voaram garrafas, os espelhos partiram-se... Não sei como nos safámos, mas conseguimos. Tens alguma erva?»

«Sim, mas não sei enrolar muito bem.» «Eu faço isso!»

Edie fez um charro fino e apertado, como uma profissional. Deu uma passa, aspirou e passou-mo.

«Voltei ao bar na noite seguinte, sozinha. O dono, que também era o *barman,* reconheceu-me. Chama-se Claude. ”Claude”, disse eu, ”desculpa por aquilo que se passou ontem, mas aquele gajo era um cabrão. Chamou-me puta”.»

Servi mais uma rodada. Mais alguns minutos e os seus seios haviam de saltar.

«O dono do bar disse: ”OK, esquece isso”. Pareceu-me um tipo porreiro. ”O que vais beber?”, perguntou-me. Bebi dois ou três copos à borla e depois ele disse-me: ”Sabes, preciso duma outra empregada.”»

Edie deu mais um passo e continuou.

«Falou-me da outra empregada: ”Ela atraía os homens mas arranjava imensos problemas. Punha os tipos uns contra os outros. Estava sempre a fazer teatro. Depois descobri que ela andava a mentir-me. Andava a usar o MEU bar para oferecer a rata!”.»

«A sério?», perguntou Sara.

«Foi o que ele disse. Em todo o caso, ele ofereceu-me o lugar. E disse: ”E nada de golpes!”. Eu disse-lhe para parar de dizer disparates, que eu não era desse género. Pensei que finalmente podia arranjar dinheiro para entrar no V.C.L.A. e tornar-me química e aprender francês, que é o que sempre desejei. Depois ele disse: ”Vem cá atras, quero mostrar-te onde guardamos o stock e quero que experimentes um vestido. Nunca foi usado e acho que te serve”. Entrei num pequeno e escuro quarto e ele tentou agarrar-me.

Empurrei-o. Ele disse: ”Dá-me só um beijinho”. ”Vai-te foder!”, disse eu. Ele era careca, gordo, baixo, tinha dentes postiços, verrugas pretas e pêlos nas bochechas. Correu atrás de mim e com uma das mãos agarrou-me no eu e com a outra um pouco do seio, enquanto tentava beijar-me. Empurrei-o outra vez. ”Eu tenho mulher”, disse ele, ”amo a minha mulher, não te preocupes!.” Correu outra vez atrás de mim e dei-lhe um pontapé, *vocês sabem onde.* Acho que ele não tinha lá nada, porque nem sequer vacilou. ”Eu dou-te *dinheiro”,* disse ele. ”Serei *bom* para ti!” Disse-lhe que se fosse foder. E assim perdi mais um emprego.»

«É uma história triste», disse eu.

«Bem, tenho de ir. Feliz Natal. Obrigada pelas bebidas.»

Levantou-se e acompanhei-a até à porta. Desceu a álea. Entrei e sentei-me.

«Filho da puta», disse Sara.

«O que é que foi?»

«Se eu não estivesse aqui, tê-la-ias fodido.»

«Eu nem sequer a conheço.»

«Aquelas tetas todas! Estavas aterrorizado! Até tinhas medo de *olhar* para ela!»

«O que é que ela andava a fazer numa noite de Natal?»

«Porque não lhe perguntaste?»

«Ela disse que andava à procura de Bobby.»

«Se eu cá não estivesse, *tê-la-ias fodido.*»

«Não sei. Não tenho possibilidades de saber...»

Sara levantou-se e gritou. Começou a soluçar e correu para o outro quarto. Servi-me dum copo. Nas paredes, as gambiarras acendiam e apagavam.

Eu estava sentado na cozinha a conversar com Sara, enquanto ela preparava o peru.

Bebíamos vinho branco.

O telefone tocou. Fui atender. Era Debra. «Só queria desejar-te um feliz Natal, beberrolas.»

«Obrigado, Debra. E para ti também.»

Falámos durante algum tempo, voltei para a cozinha e sentei-me.

«Quem era?»

«Debra.»

«Como está ela?»

«Acho que está bem.»

«O que é que ela queria?»

«Desejou-me um feliz Natal.»

«Vais gostar deste peru e das miudezas também. As pessoas comem veneno, veneno puro. América é um dos poucos países onde o cancro do cólon está mais espalhado.»

«Sim, tenho muita comichão no eu, mas é por causa das hemorróidas. Já fui operado uma vez. Antes da operação, eles metem-nos uma espécie de serpente nos intestinos com uma pequena luz que lhes permite

ver se tens ou não cancro. A serpente é enorme. Eles enfiam-na dentro de ti.»

O telefone voltou a tocar. Fui atender. Era Cassie.

«Como tens passado?»

«Sara e eu estamos a preparar um peru.»

«Sinto a tua falta.»

«Desejo-te um feliz Natal. Como vai o trabalho?»

«Bem. Estou de férias até ao dia 2 de Janeiro.»

«Feliz Ano Novo, Cassie!»

«O que se passa contigo?»

«Estou um pouco alegre, não estou habituado a beber vinho branco logo de manhã.»

«Telefona-me um dia destes.»

«Com certeza.»

Voltei para a cozinha.

«Era Cassie. As pessoas no Natal telefonam. Talvez o Drayer Baba telefone.»

«De certeza que não.»

«Porquê?»

«Ele nunca fala alto. Ele nunca fala e nunca tocou em dinheiro.»

«E muito bom. Deixa-me provar essa farsa crua.»

«OK.»

«Diz - nada mal!»

O telefone voltou a tocar. Era sempre assim. Tocava uma vez e nunca mais parava.

Fui para o quarto e atendi.

«Está», disse eu. «Quem fala?»

«Seu filho da puta. Não sabes?»

«Não, não sei.» Era uma mulher bêbeda.

«Adivinha.»

«Espera. Já sei! É a *Iris!*»

«Sim, *íris*. E estou grávida!»

«Sabes quem é o pai?»

«Que diferença é que faz?»

«Acho que tens razão. Como estão as coisas em Vancouver?»

«Bem. Adeus.»

«Adeus.»

Voltei outra vez para a cozinha.

«Era a dançarina canadiana», disse eu a Sara.

«Como está ela?»

«Está cheia de alegria natalícia.»

Sara meteu o peru no forno e fomos para a sala da frente. Falámos durante algum tempo. E depois tocou o telefone mais uma vez. «Está», disse eu.

«E o Henry Chinaski?», era uma voz de homem novo.

«Sim.»

«Você é o Henry Chinaski, o escritor?»

«Sim.»

«A sério?»

«Sim.»

«Bem, nós somos um grupo de gajos de Bei Air e gostamos muito das tuas coisas, meu! Gostamos tanto que vamos aí *recompensar-te,* meu!»

«Oh?»

«Sim, vamos para aí com algumas embalagens de cerveja.»

«Metam as cervejas pelo eu acima!»

Desliguei.

«Quem era?», perguntou Sara.

«Acabo de perder três ou quatro leitores de Bei Air. Mas valeu a pena.»

O peru estava pronto, tirei-o do forno, pu-lo num prato, tirei a máquina de escrever e todos os papéis de cima da mesa da cozinha e pus lá o peru. Comecei a trinchar enquanto Sara vinha com os legumes. Sentámo-nos. Enchi o meu prato e Sara o dela. Estava com bom aspecto.

«Espero que a rapariga das tetas não volte», disse Sara. Parecia estar muito preocupada.

«Se ela vier, dou-lhe um bocado.»

«O *quê?*»

Apontei para o peru. «Eu disse, *dou-lhe um bocado*. Podes ver.»

Sara gritou. Levantou-se. Estava a tremer. Depois correu para o quarto. Olhei para o peru. Não consegui comer. Voltei a carregar no botão errado. Fui para a sala da frente com o meu

copo e sentei-me. Esperei quinze minutos e depois pus o peru e os legumes no frigorífico.

No dia seguinte, Sara foi para casa e às três da tarde comi uma sanduíche de peru frio. Eram cinco horas quando me bateram à porta. Abri. Era Tammie e Arlene. Estavam com *speed*. Entraram, saltaram de um lado para o outro e falavam ao mesmo tempo.

«Não tens nada para *beber.*»

«Merda, Hank, não tens nada que se beba?»

«Como passaste a *merda* do Natal?»

«Sim. Como foi o teu, meu?»

«Há cerveja e vinho na geladeira», disse eu.

(É assim que se reconhecem as saudosistas: dizem geladeira em vez de frigorífico.) Dançaram na cozinha e abriram a geladeira.

«Eh, há peru!»

«Temos fome, Hank! Podemos comer um bocado de peru?»

«Com certeza.»

Tammie voltou com uma perna e trincava-a. «Eh, este peru é horrível! Não está temperado!»

Arlene voltou com as mãos cheias de fatias de carne. «Sim, isto não está temperado.

Está muito doce! Não tens nenhum condimento?»

«No armário da cozinha», disse eu.

Voltaram para a cozinha e remexeram nos condimentos.

«Ah! É muito melhor!»

«Sim, agora sabe a alguma coisa!»

«Peru macrobiótico, uma merda!»

«Sim, é uma merda!»

«Eu quero *mais!*»

«Eu também. Mas precisa de condimentos!»

Tammie veio sentar-se. Estava a acabar de comer a perna. Depois lançou-se ao osso, partiu-o em dois e começou a mastigá-lo.

estava estupefacto. Ela comia o osso e cuspia as lascas para o tapete.

«Eh, estás a comer osso!» «Sim, é bom!»

Tammie foi à cozinha buscar mais.

Pouco depois vieram as duas com canecas de cerveja na mão.

«Obrigada, Hank.»

«Sim, obrigada, meu.»

Sentaram-se a beber a cerveja.

«Bem», disse Tammie, «temos de ir andando.»

«Pois, vamos violar alguns rapazinhos!»

«Força!»

Puseram-se em pé e saíram pela porta. Fui à cozinha e espreitei o frigorífico. O peru parecia ter sido atacado por um tigre - só tinha ficado a carcaça. Era obsceno.

Sara apareceu na noite seguinte.

«Como está o peru?», perguntou.

«OK.»

Ela abriu a porta do frigorífico. Gritou. Depois veio ter comigo a correr.

«Meu Deus, o que *aconteceu?*»

«A Tammie e a Arlene estiveram cá. Acho que não comiam há uma semana.»

«Oh, é revoltante. Parte-me o coração!»

«Desculpa. Devia tê-las impedido. Elas tinham tomado *speed*.»

«Bem, só posso fazer uma coisa.»

«O quê?»

«Posso fazer-te um boa sopa de peru. Vou comprar alguns legumes.»

«Está bem.» Dei-lhe vinte dólares.

Ela fez a sopa nessa noite. Era deliciosa. De manhã, antes de partir, ela deu-me instruções para como aquecê-la.

Tammie bateu à porta por volta das 4 horas da tarde. Fi-la entrar e dirigiu-se logo à cozinha. Abriu a porta do frigorífico.

«Eh, sopa, hem?»

«Sim.»

«Está boa?»

«Sim.»

«Posso provar?»

«OK.»

Ouvi Tammie a pôr a sopa ao lume. Depois ouvi o barulho da colher.

«Meu Deus! Isto está *imosso!* Precisa de *condimentos**.»

Tirou os condimentos. Depois experimentou.

«Está muito melhor! Mas precisa de mais! Sou *italiana*, sabes. Agora... Ah!... está melhor! Agora vou aquecê-la. Posso beber uma cerveja?»

«Claro.»

Veio sentar-se com a garrafa.

«Sentiste a minha falta?», perguntou.

«Nunca o saberás.»

«Acho que vou retomar o meu trabalho no Playa Pen.»

«Óptimo.»

«Faz-se lá bom dinheiro. Havia um gajo que me dava 5 dólares todas as noites.

Estava apaixonado por mim. Mas nunca me pediu para sair com ele. Contentava-se em galar-me. Era estranho. Era um cirurgião especializado em operações ao recto e por vezes masturbava-se a olhar para mim. Eu conseguia sentir-lhe o cheiro, sabes.»

«Devias agradar-lhe...»

«Acho que a sopa já deve estar. Queres?»

«Não, obrigado.»

Tammie foi para a cozinha e ouvi-a meter a colher na panela. Ficou lá bastante tempo. Depois voltou.

«Podes emprestar-me cinco notas até sexta-feira?»

«Não.»

«Então duas.»

«Não.»

«Então dá-me um dólar.»

Dei-lhe uma mão cheia de trocos. Perfez um dólar e trinta e sete cên timos.

«Obrigada.»

«De nada.»

Depois, foi-se embora.

Sara apareceu na noite seguinte. Raramente vinha com tanta frequência, devia ter que ver com as férias, toda a gente estava perdida, meio maluca, com medo. Eu tinha o vinho branco preparado e servi dois copos.

«Como vai o Drop On Inn?», perguntei-lhe.

«O negócio vai mal. Não compensa ter aquilo aberto.»

«Para onde foram os teus clientes?»

«Saíram da cidade; foram para não sei onde.»

«Todos os nossos planos saem furados.»

«Nem todos. Algumas pessoas conseguem mante-los por muito tempo.»

«É verdade.»

«E a sopa?»

«Está quase no fim.»

«Gostaste?»

«Não comi muita.»

Ela foi à cozinha e abriu o frigorífico.

«O que aconteceu à sopa? É estranho.»

Provou-a. Depois correu para o lava-loiças e cuspiu-a.

«Meu Deus, está envenenada! O que aconteceu? A Tammie e a Arlene estiveram cá e também comeram a *sopa?.»*

«Só a Tammie.»

Sara não gritou. Apenas deitou o resto da sopa no lava-loiças.

Ouvi-a soluçar, tentando não fazer barulho. Aquele pobre peru macrobiótico tinha tido um Natal agitado.

A véspera do Ano Novo era mais uma noite horrível para mim. Os meus pais sempre gostaram do Ano Novo e seguiam-no pela rádio, de cidade em cidade, até chegar a vez de

296

Los Angeles. Os foguetes estalavam, as buzinas tocavam, os bêbedos amadores vomitavam, os maridos namoriscavam com as mulheres dos outros e as mulheres namoriscavam com quem podiam. Toda a gente se beijava e apalpava traseiros nas casas-de-banho e por vezes em público, sobretudo à noite, e no dia seguinte havia discussões familiares terríveis, para não falar no *Tournament Roses Para.de* e no jogo do *Rose Bowl*.

Sara chegou cedo na véspera do Ano Novo. Ela adorava coisas como o encanto da montanha, de filmes sobre o espaço sideral, do *Star Trek*, de alguns grupos de rock, de espinafres cremosos, da dietética, mas tinha muito mais sensatez do que a maioria das mulheres que conheci. Só uma outra, Joanna Dover, podia talvez competir em sensatez e gentileza. Sara era mais bonita e mais leal do que qualquer outra das mulheres, por isso este Ano Novo não ia ser tão mau.

Um locutor idiota da televisão acabava de me desejar um «feliz Ano Novo».

Detestava que um estranho me desejasse um «feliz Ano Novo». Como podia ele saber quem eu era? Eu podia ser perfeitamente um tipo que tivesse acabado de amarrar uma miúda de cinco anos e a tivesse pendurado no tecto pelos tornozelos, enquanto a cortava lentamente aos pedaços.

Eu e Sara começámos a celebrar e bebemos, mas era difícil embebedar-nos quando metade do mundo se preparava para se embebedar connosco.

«Bem», disse eu a Sara, «não foi um mau ano. Ninguém me assassinou.»

«E ainda és capaz de te embebedares todas as noites e de te levantares todos os dias ao meio-dia.»

«Se ainda pudesse viver mais um ano.»

«És mesmo um velho alcoólico.»

Bateram à porta. Não acreditei nos meus olhos. Era Dinky Summers, o cantor *folk*, com a sua namorada, Janis.

«Dinky», gritei. «*Merda*, meu! O que é que se passa?»

«Não sei, Hank. Tive vontade de passar por aqui.»

«Janis, esta é a Sara. Sara... Janis.»

Sara levantou-se e foi buscar mais dois copos. Eu enchi-os. Não se falou muito.

«Escrevi cerca de dez novas peças. Acho que estou a melhorar.»

«Também acho», disse Janis, «a sério.»

«Eh, meu, naquela noite em que abri a tua lei... Diz-me, Hank, fui assim *tão* mau?»

«Escuta, Dinky, não te posso magoar, mas eu bebia mais do que ouvia. Estava a pensar que devia enfrentar o público, estava a preparar-me para isso e isso fez-me vomitar.»

«Mas eu *adoro* estar frente ao público e quando consigo tocar-lhes e eles gostam do que eu faço entro no paraíso.»

«Com a escrita é diferente. Tu fazes aquilo sozinho, não tem nada a ver com o público.»

«Talvez tenhas razão.»

«Eu estava lá», disse Sara. «Foi preciso que dois tipos ajudassem o Hank a subir para o palco. Ele estava bêbedo e doente.»

«Escuta Sara», perguntou Dinky, «a minha actuação foi assim tão má?»

«Não, não foi. Eles estavam impacientes por causa do Chinaski. Tudo os irritava.»

«Obrigado, Sara.»

vQfolk não me diz grande coisa», disse eu.

«Do que gostas tu?»

«De quase todos os compositores clássicos alemães e de alguns russos.»

«Escrevi cerca de dez peças novas.»

«Talvez pudéssemos escutar algumas delas», disse Sara.

«Mas tu não tens a viola, pois não?», perguntei-lhe.

«Oh, tem sim», disse Janis, «anda sempre com ela!»

Dinky levantou-se para ir buscar a viola ao carro. Ele sentou-se de pernas cruzadas no tapete e começou a afiná-la, íamos ter o prazer de assistir a um espectáculo ao vivo.

Começou a tocar. Tinha uma voz segura, forte. Fazia tremer as paredes. A canção falava duma mulher. Era sobre uma separação entre Dinky e uma mulher. De facto não era muito má. Talvez resultasse em cima de um palco e com pessoas a escutar. O que era difícil dizer com o tipo sentado ali no tapete, à nossa frente. Era muito mais pessoal e embaraçoso.

Contudo, achei que ele não era tão mau. Mas ele estava com problemas. Estava a envelhecer. Os caracóis dourados já não estavam tão loiros e a inocência dos seus enormes olhos tinha esmorecido um pouco. Em breve ele teria desgostos.

Aplaudimos.

«Muito bom, meu», disse eu.

«Gostaste a sério, Hank?»

Pus a mão no ar.

«Sabes, sempre gostei das tuas coisas», disse ele.

«Obrigado.»

Começou a tocar outra canção. Era também sobre uma mulher. A sua mulher, a sua ex-mulher: ela tinha passado a noite fora. Tinha algum humor, mas não tinha a certeza se era deliberado. Dinky acabou e nós aplaudimos. Passou à seguinte.

Dinky estava inspirado. A sua voz tinha muito volume. Os seus pés torciam-se e enrolavam-se dentro dos seus ténis. Agora, era mesmo *ele*. Ele não estava bem e não cantou bem, mas o produto final era muito melhor do que ouvíamos habitualmente. Aborreci-me por não poder aplaudir sem reservas. Mas se se mente a um homem sobre o seu talento só porque ele está sentado à nossa frente essa é a mais imperdoável das mentiras, porque isso encoraja-o a continuar, e para um homem sem talento é a pior maneira de lhe destruir a vida. Mas muita gente fazia isso, sobretudo amigos e parentes.

Dinky tocou outra. Ele ia tocar-nos as dez. Ouvíamos e aplaudíamos, mas por fim os meus aplausos eram os menos convictos.

«Não gostei do terceiro verso, Dinky», disse eu.

«Mas é *necessário*, vês, porque...»

«Eu sei.»

Dinky continuou. Cantou-nos todas as canções. Levou algum tempo. Fazia pausas entre uma e outra. Quando por fim chegou o Ano Novo, Dinky, Janis, Sara e Hank estavam todos juntos. Mas, felizmente, a caixa da guitarra estava fechada. E o júri bêbedo.

Dinky e Janis partiram por volta da uma hora da manhã. Sara e eu fomo-nos deitar.

Abraçámo-nos e beijámo-nos. Como já disse, sou um amante de beijos. Não conseguia evitá-los. Um beijo bem dado é raríssimo. Nem no cinema, nem na televisão, eles sabiam dar. Eu e Sara estávamos na cama, a esfregar os corpos e a beijar-nos profundamente. Ela entregava-se mesmo. Repetiram-se as cenas anteriores. Drayer Baba vigiava-nos do alto ela agarrava-me no caralho, eu acariciava-lhe a rata, ela acabava por esfregá-lo contra a sua cona e, no dia seguinte de manhã, a pele do caralho estava vermelha e esfolada.

Passámos à fase do esfreganço. E de repente ela agarrou no meu caralho e enfiou-o na cona.

Eu estava parvo. Não sabia o que fazer.

Para cima e para baixo, está bem? Ou melhor, para dentro e para fora. Era como conduzir uma bicicleta: nunca se esquece. Ela era um mulher mesmo bonita. Não pude voltar atrás. Agarrei-lhe no cabelo loiro avermelhado e pus a minha na sua boca e vim-me.

Ela levantou-se e foi à casa-de-banho e eu olhei para o tecto azul do meu quarto e disse: «Drayer Baba, perdoa-lhe».

Mas como ele não falava nem tocava em dinheiro, eu não podia esperar uma resposta nem podia pagar-lhe.

Sara saiu da casa-de-banho. A sua figura era esbelta, era magra e bronzeada, arrebatadora. Sara veio para a cama e beijámo-nos. Foi um beijo de amor, sem reservas.

«Feliz Ano Novo», disse ela.

Dormimos agarrados um ao outro.

Eu correspondia-me com Tanya e na noite de 5 de Janeiro ela telefonou-me. Tinha uma voz *sexy* como a de Betty Boop. «Chego amanhã à noite. Vais buscar-me ao aeroporto?» «Como *é* que hei-de reconhecer-te?» «Levo uma rosa branca.» «Óptimo.»

«Escuta, queres mesmo que eu vá?» «Sim.»

«Pronto, lá estarei.»

Desliguei. Pensei em Sara. Mas eu e a Sara não estávamos casados. Um homem tem esse direito. Eu era um escritor. Era um pulha. As relações humanas não resultavam. Só as duas primeiras semanas tinham algum impacto e depois as pessoas perdiam o interesse. As máscaras caíam, as pessoas mostravam o que eram: cheias de defeitos, imbecis, dementes, vingativas, sádicas, assassinas. A sociedade moderna tinha criado as suas espécies e devoravam-se umas às outras. Era um duelo até à morte - como numa fossa. Cheguei à conclusão que o máximo de tempo que se podia esperar numa relação era dois anos e meio.

O rei Mongut do Siao tinha 9.000 mulheres, e concubinas; o rei Salomão do Velho Testamento tinha 700 mulheres; Augusto, o Forte, da Saxónia, tinha 365 mulheres, uma para cada dia do ano. A segurança nos números.

Marquei o número de Sara. Ela atendeu.

«Olá», disse eu.

«Estou contente por telefonares», disse ela, «estava precisamente a pensar em ti.»

«Como vai o teu velho restaurante dietético?»

«O dia não foi mau.»

«Tens de aumentar os preços. As coisas são quase de borla.»

«Se eu tivesse lucros, tinha de pagar impostos.»

«Escuta, telefonaram-me esta noite.»

«Quem?»

«ATanya.»

«Tanya?»

«Sim, nós escrevemo-nos. Ela gosta dos meus poemas.»

«Vi essa carta. Aquela que ela te escreveu. Deixaste-a de qualquer maneira. É a tipa que te enviou a fotografia com a rata à mostra?»

«Sim.»

«E ela vem visitar-te?»

«Sim.»

«Hank, estou farta, mais que farta. Não sei o que fazer.»

«Ela vem a caminho. Disse-lhe que ia esperá-la ao aeroporto.»

«O que é que andas a *tramar?* O que é que isso quer dizer?» «Talvez eu não seja um bom homem. Há de tudo, tu sabes.» «Isso não é resposta. E tu, e eu? E nós? Detesto melodramas mas deixei-me envolver...»

«Ela vem aí. Então está tudo acabado entre nós?» «Não sei, Hank. Acho que sim.

Não suporto mais.» «Foste muito amável para mim. Eu nem sempre sei o que faço.»

Quanto tempo vai ela cá ficar?»

«Dois ou três dias, acho eu.»

«Não sabes como é que me vou sentir?»

«Acho que sei...»

«OK, telefona-me depois de ela partir, depois veremos.»

«Está bem.»

Fui à casa-de-banho para ver a minha cara. Estava horrível. Arranquei alguns pêlos brancos da barba e alguns cabelos à volta das orelhas. Olá, Morte. Pelo menos havia de ter quase seis décadas. Dei-te tantas oportunidades que eu já devia ser teu há bastante tempo.

Quero ser enterrado ao pé do hipódromo... onde posso ouvir os galopes.

Na noite seguinte, estava no aeroporto e esperava. Como era cedo, fui ao bar. Pedi uma bebida e ouvi alguém soluçar. Voltei-me. Sentada a uma mesa do fundo, uma mulher soluçava. Era uma jovem negra - com a pele muito clara - num apertado vestido azul e estava embriagada. Tinha os pés em cima de uma cadeira e o vestido puxado para trás que deixava ver as compridas pernas *sexy.* Quase todos os gajos do bar deviam estar tesos. Eu não conseguia parar de olhar. Era uma brasa. Já a imaginava no meu sofá, a

mostrar as pernas todas. Pedi outra bebida e fui até lá. Fiquei de pé, ao lado dela, e tentava disfarçar o meu tesão.

«Estás bem?», perguntei. «Posso fazer alguma coisa?»

«Sim, paga-me um Stinger.»

Regressei com o seu Stinger e sentei-me. Ela tirou os pés da cadeira. Sentei-me ao lado dela. Acendeu um cigarro. «Chamo-me Hank», disse eu. «Sou a Elsie», disse ela.

Encostei a minha perna às dela e, muito devagar, ia com ela para a frente e para trás.

«Trabalho numa loja de ferragens», disse eu. Elsie não respondeu.

«O filho da puta deixou-me», acabou por dizer. «Odeio-o, meu Deus. Não imaginas como o odeio!»

«Acontece a toda a gente umas seis ou oito vezes.»

«Talvez, mas isso não me vale de nada. Só quero matá-lo.»

«Acalma-te.»

Agarrei-lhe no joelho e belisquei-o. Estava tão teso que me doía. Estava quase a vir-me.

«Cinquenta dólares», disse Elsie.

«Para quê?»

«Tudo o que quiseres.»

«Trabalhas aqui no aeroporto?»

«Sim, vendo biscoitos aos rapazinhos.»

«Desculpa. Pensei que estivesses com problemas. Tenho de estar com a minha mãe dentro de cinco minutos.»

Levantei-me e afastei-me. *Uma puta!* Quando olhei para trás, Elsie tinha outra vez os pés sobre a cadeira e mostrava as coxas todas. Quase voltei atrás. Raios te partam, Tanya.

O avião de Tanya fez a aproximação à pista e aterrou sem se despedaçar. Eu estava de pé e esperava, um pouco atrás de outras pessoas que esperavam. Como seria ela? Não quis pensar com que me pareceria eu. Os primeiros passageiros saíram, e eu esperava.

Oh! Olha para *aquela* Se fosse a Tanya!

Ou aquela outra. Meu Deus! Aquelas coxas. Vestida de amarelo, a sorrir.

Ou aquela ali... na minha cozinha a lavar pratos.

Ou aquela acolá... a gritar-me, com uma teta de fora.

Havia boas *mulheres* naquele avião.

Senti alguém bater-me nas costas. Voltei-me e atrás de mim estava aquela criança.

Parecia ter dezoito anos, tinha um pescoço elegante e comprido, ombros um pouco arredondados, nariz comprido, mas os seios, isso sim, e pernas e um eu formidáveis.

«Sou eu», disse ela.

Dei-lhe um beijo na face. «Tens bagagem?»

«Sim.»

«Vamos ao bar. Detesto esperar pela bagagem.»

«Está bem.»

«Es tão pequena...»

«Quarenta e cinco quilos.»

«Meu Deus...» Eu ia parti-la a meio. Ia ser como violar uma criança.

Fomos ao bar e sentámo-nos. A empregada pediu o bilhete de identidade a Tanya.

Ela já o tinha na mão.

«Você parece ter dezoito anos», disse-lhe a empregada.

«Eu sei», disse Tanya com a sua voz de Betty Boop. «Quero um *whisky* com água.»

«Dê-me um conhaque.»

Duas mesas mais à frente ainda lá estava sentada a mulata, com o vestido repuxado atrás do eu. As suas cuecas eram cor-de-rosa. Ela olhava para mim. A empregada veio com as nossas bebidas. Começámos a beber. Vi-a levantar-se. Ela cambaleou em direcção à nossa mesa. Pôs as duas mãos sobre a mesa e inclinou-se para trás. O seu hálito cheirava a álcool. Ela olhava para mim.

«Então esta é a tua mãe, ha, seu sacana!»

«A minha mãe não pôde vir.»

Elsie olhou para Tanya.

«Quanto é que levas, querida?»

«Vai-te foder», disse Tanya.

«Chupas bem, ao menos?»

«Põe-te a andar. Ainda te ponho preta.»

«Como é que fazes isso? Com um saco de batatas?»

Elsie partiu a abanar-nos o eu. Teve dificuldades em chegar à sua mesa e voltou a exibir as suas esplêndidas pernas. Porque é que eu não podia tê-las ao mesmo tempo? O rei Mongut tinha nove mil mulheres. Pensem nisto: 365 dias por ano divididos por nove mil.

Sem discussões. Sem períodos menstruais. Nenhuma sobrecarga psíquica. Apenas festa, festa, festa. Para o rei Mongut deve ter sido muito difícil morrer ou muito fácil. Não deve ter tido meios termos.

«Quem era?», perguntou Tanya.

«E a Elsie.»

«Conhece-la?»

«Ela tentou engatar-me. Pediu-me cinquenta dólares por um broche.»

«Ela mete-me nojo... Conheci muitas negróides, mas...»

«O que é um negróide?»

«Uma negróide *é* uma preta.»

«Oh.»

«Nunca ouviste dizer?»

«Não.»

«Pois, conheci muitas negróides.»

«OK.»

«Ela tem pernas *espantosas*, olha. Ela quase me deixou excitada.»

«Tanya, as pernas são uma das partes.»

«Que parte?»

«A mais importante.»

«Vamos buscar a bagagem...»

Quando partimos, Elsie gritou: «Adeus, mãe!».

Eu não sabia para qual de nós estava ela a falar.

Já em minha casa, sentámo-nos no sofá a beber.

«Estás chateado por eu ter vindo?», perguntou Tanya.

«Não estou chateado *contigo...*»

«Tinhas uma namorada. Escreveste-me sobre ela. Ainda estão juntos?»

«Acho que não.»

«Olha, acho que és *um grande* escritor. Es um dos poucos escritores que consigo ler.»

«A sério? Quem são os outros cabrões?»

«Agora não me lembro dos nomes deles.»

Debrucei-me e beijei-a. Ela estava com a boca aberta e molhada.

Ela entregava-se. Era espantosa. Quarenta e cinco quilos. O elefante e o rato.

Tanya levantou-se com o copo na mão, levantou a saia e sentou-se nos meus joelhos, cara a cara. Não tinha cuecas. Começou a esfregar a cona no meu caralho.

Agarrámo-nos, beijámo-nos e ela continuava a esfregar-se. Era muito eficaz. Torce-te, pequena serpentezinha!

Depois Tanya abriu-me a braguilha. Tirou-me o caralho e enfiou-o na cona.

Começou a cavalgar. Ela sabia daquilo, com os seus quarenta e cinco quilos. Eu mal conseguia pensar. Eu fazia pequenos movimentos, acertando de vez em quando com os movimentos dela. Beijámo-nos. Era incrível: eu estava a ser violado por uma criança.

Começou a dar movimentos rotativos. Ela tinha-me agarrado. Era uma loucura. Só carne, nada de amor. O ar cheirava a sexo. Minha criança, minha criança. Como é que o teu pequeno corpo *consegue* fazer estas coisas? *Quem* inventou as mulheres? Com que fim?

Para *isto*, por exemplo! E éramos completamente *estranhos* Era como foder com a própria *merda.*

Ela trabalhava como um macaco numa corda. Tanya era uma fiel leitora dos meus livros. Ela foi descendo com a cabeça. Esta criança conhecia qualquer coisa. Sentia a minha angústia.

Ela mexia-se furiosamente, esfregando o clitóris com o dedo, a cabeça lançada para trás. Participávamos ambos no mais antigo e excitante de todos os jogos. Viemo-nos ao mesmo tempo, isso durou um tempo imenso e pensei que o meu coração ia parar. Ela caiu por cima de mim, minúscula e frágil. Toquei-lhe nos cabelos. Estava a transpirar. Depois ela afastou-se de mim e foi para a casa-de-banho.

Consumada a violação. Na nossa época, as crianças eram bem ensinadas. O violador violado. A justiça final. Seria ela uma mulher *libertada?* Não, ela era apenas uma brasa.

Tanya voltou. Bebemos outro copo. Raios, ela começou a rir-se e a falar, como se nada tivesse acontecido. Sim, era isso. Para ela tinha sido apenas um exercício, como nadar ou fazer *jogging*.

Tanya disse: «Acho que vou mudar de casa. Rex anda a fazer-me a vida negra».

«Oh.»

«Quero dizer, não fazemos *sexo*, nunca fizemos, mas contudo ele é ciumento.

Lembras-te da noite em que te telefonei?»

«Não.»

«Bem, depois de eu ter desligado, ele atirou o telefone contra a parede.»

«Talvez esteja apaixonado por ti. Devias ser mais simpática com ele.»

«És gentil com as pessoas que amas?»

«Não, não sou.»

«Porquê?»

«Sou infantil; não consigo suportar esse peso.»

Bebemos durante o resto da noite e deitámo-nos um pouco antes do amanhecer. Não tinha dobrado em dois aqueles quarenta e cinco quilos. Ela conseguia comigo e mais, muito mais do que isso.

Quando acordei, algumas horas mais tarde, Tanya não estava na cama. Eram nove horas da manhã. Encontrei-a sentada no sofá, a beber uma garrafa de *whisky*.

«Meu Deus, começas cedo.»

«Acordo sempre às seis da manhã e levanto-me.»

«Eu levanto-me sempre ao meio-dia. Vamos ter esse problema.»

Tanya bebeu um gole de *whisky* e eu voltei para a cama. Levantar às seis da manhã era uma loucura. Ela estava completamente arrasada. Não admira que ela pesasse pouco.

Entrou no quarto. «Vou dar uma volta.»

«OK.»

Voltei a adormecer.

Quando acordei, Tanya estava por cima de mim. O meu caralho estava teso e enterrado na sua cona. Mais uma vez, ela cavalgava-me. Lançava a cabeça para trás, arqueando o corpo. Fazia tudo. Dava pequenos suspiros de contentamento e tornavam-se cada vez mais frequentes. Também comecei a suspirar. Eram cada vez mais altos. Sentia aproximar-se o momento. Estava perto. Depois aconteceu. Foi um longo e

intenso orgasmo.

Tanya saiu. Eu ainda estava teso. Tanya foi lá com a cabeça e, enquanto olhava para mim, começou a lamber o esperma da cabeça do caralho. Lambeu até à última gota.

Levantou-se e foi para a casa-de-banho. Ouvi a água a correr na banheira. Eram dez e um quarto da manhã. Voltei a adormecer.

Levei Tanya a Santa Anita. A atracção era um jóquei de dezasseis anos que ainda corria com uma vantagem de cinco libras. Ele era do Leste da América e corria em Santa Anita pela primeira vez. Os organizadores ofereciam um prémio de dez mil dólares a quem acertasse no vencedor da corrida seguinte, desde que o número do bilhete constasse duma lista já elaborada. Os números eram tantos quantos os cavalos existentes.

Chegámos para a quarta corrida e as tribunas já estavam cheias de gente pretensiosa.

Os lugares estavam todos ocupados, nem sequer para estacionar. Empregados do hipódromo mandaram-nos para um centro comercial próximo. Havia autocarros para levar as pessoas para o hipódromo, a partir do centro comercial. Eles deixar-nos-iam regressar a pé, depois da última corrida.

«Isto é uma loucura. Apetece-me voltar para trás», disse eu.

Ela deu um trago da sua garrafa. «Que se foda», disse ela, «já cá estamos.»

Entrámos, eu conhecia um sítio confortável e isolado para nos sentarmos e levei-a até lá. O único problema é que também as crianças já o tinham descoberto. Elas corriam e levantavam poeira, gritavam, mas era melhor do que ficar de pé.

«Vamo-nos embora depois da oitava corrida», disse eu para Tanya. «A maior parte desta gente não sai daqui antes da meia-noite.»

«Eu quase que aposto que um hipódromo é um bom sítio para engatar homens.»

«As putas trabalham no clube.»

«Já alguma puta te engatou aqui?»

«Uma vez, mas não interessava.»

«Porquê?»

«Porque eu conhecia-a.»

«Não tens medo de apanhar qualquer coisa?»

«Claro, é por isso que a maioria dos homens só querem que lhes façam broche.»

«Gostas que te façam broche?»

«Porquê, com certeza.»

«Quando é que apostamos?»

«Agora mesmo.»

Tanya acompanhou-me até aos *guichets*. Dirigi-me ao *guichet* de cinco dólares. Ela ficou ao meu lado.

«Como sabes onde deves apostar?»

«Ninguém sabe. E um sistema muito simples.»

«Como quê?»

«Bem, geralmente o melhor cavalo tem menos pontos, e à medida que os outros vão piorando, os pontos aumentam. Mas o chamado *melhor* cavalo não ganha senão uma vez em três, quando é pontuado em menos de três contra um.»

«Podemos apostar em todos os cavalos?»

«Sim, se quiseres ficar pobre rapidamente.»

«Há muita gente que ganha?»

«Eu diria que uma em vinte ou vinte e cinco.»

«Porque é que cá vêm?»

«Eu não sou psiquiatra e também cá estou, e penso que alguns psiquiatras também cá estejam.»

Apostei num cavalo cotado com 6 contra 5 e fomos ver a corrida. Sempre preferi os cavalos com arranque rápido, sobretudo se tivessem desistido na última corrida. Os jogadores chamavam-lhes «desistentes», mas chegava-se geralmente a um melhor resultado do que se se apostasse num «não desistente». O meu «não desistente» estava a quatro contra um; ganhou com dois braços e meio de vantagem e rendeu 10.20 dólares por dois dólares. Eu tinha 25.50 dólares de lucro.

«Vamos tomar um copo», disse para Tanya. «O *barman* faz os melhores *Bloody Mary* do Sul da Califórnia.»

Fomos ao bar. Pediram o bilhete de identidade de Tanya. Deram-nos as bebidas.

«Qual é que te agrada na próxima corrida?»

«Zag-Zig.»

«Achas que ele vai ganhar?»

«Tu tens dois seios?»

«Reparaste?»

«Sim.»

«Onde é a casa-de-banho das mulheres?»

«Vira à direita duas vezes.»

Assim que Tanya me deixou, pedi outro PM. Um tipo negro dirigiu-se a mim. Tinha perto de 50 anos.

«Hank, como tens passado?»

«Vou aguentando.»

«Homem, sentimos a tua falta lá nos correios. Foste um dos tipos mais alegres que por lá tivemos. Sentimos mesmo a tua falta.»

«Obrigado, dá cumprimentos meus aos rapazes.»

«O que fazes agora, Hank?»

«Oh, luto com uma máquina de escrever.»

«O que queres dizer?»

«Luto com uma máquina de escrever.»

Levantei as duas mãos e comecei a escrever numa máquina inexistente.

«Queres dizer que és dactilógrafo?»

«Não. Escrevo.»

«Escreves o quê?»

«Poemas, contos, romances. Pagam-me para isso.»

Ele olhava para mim. Virou as costas e foi-se embora.

Tanya voltou. «Um filho da puta tentou engatar-me!>; «Oh? Desculpa. Devia ter ido contigo.»

«Ele foi muito *grosseiro!* Detesto esse género de tipos! São autêntica *meráal*»

«Se ao menos tivessem alguma originalidade, escapavam. Só que não têm imaginação nenhuma. Talvez por isso sejam solitários.»

«Vou apostar no *Zag-Zig.*»

«Vou comprar-te um bilhete.»

Zag-Zig não manteve a distância. Chegou muito fraco ao portão, o cavaleiro mantinha-o afastado da cal com o chicote. *Zag-Zig* partiu mal e depois galopou.

Ultrapassou um cavalo. Fomos até ao bar. Uma corrida lamentável para um cavalo com contra 5.

Pedimos dois *Bloody Mary.*

«Gostas que te façam broche?», perguntou Tanya.

«Depende. Algumas vezes fazem-no bem, mas a maioria não.»

«Nunca encontras aqui amigos?»

«Já encontrei, na corrida anterior.»

«Uma mulher?»

«Não, um tipo, um carteiro. Eu não tenho amigos.»

«Tens-me a mim.»

«Quarenta e cinco quilos de sexo desenfreado.»

«É *tudo* o que vês em mim?»

«Claro que não. Tens esses olhos enormes.»

«Não és muito simpático.»

«Vamos ver a próxima corrida.»

Vimos a corrida. Ela apostou no dela, eu no meu. Perdemos.

«Vamo-nos embora daqui», disse eu.

«OK», disse Tanya.

De regresso a casa sentámo-nos no sofá a beber. Tanya não era má rapariga. Tinha um ar muito triste. Usava *vestidos,* sapatos de salto alto e os seus tornozelos eram bem feitos. Eu não sabia o que ela esperava de mim. Não tinha nenhum desejo de ser desagradável para ela. Tinha uma língua comprida e fina que ela metia e tirava da minha boca. Pensei num peixe de prata. Havia tanta tristeza em tudo, mesmo quando as coisas corriam bem.

Depois Tanya abriu-me a braguilha e enfiou o caralho na boca. Tirou-o e olhou para mim. Estava de joelhos, entre as minhas pernas. Não deixava de olhar para mim, enquanto a sua língua se enrolava em redor da cabeça do caralho. Por detrás dela, os meus estores venezianos sujos filtravam os últimos raios de sol. Ela começou o trabalho. Não tinha técnica nenhuma; não sabia como devia ser feito. Chupava-o apenas. Como espectáculo grotesco era bom, mas era difícil ficar teso com coisas grotescas. Tinha bebido e não queria ferir-lhe os sentimentos. *Por isso, refugiei-me no país da fantasia:* estávamos só os dois na praia e estávamos rodeados por quarenta ou cinquenta pessoas, homens e mulheres, a maior parte com fatos de banho. Faziam um círculo à nossa volta. O sol brilhava sobre nós, o mar ia e vinha e conseguia-se ouvi-lo. De vez em quando, duas ou três gaivotas voavam em círculo sobre as nossas

cabeças.

Tanya chupava enquanto eles olhavam e eu ouvia os seus comentários:

«Meu Deus, olha para ela a ir e a vir!» «Uma mulher porca e demente!»

«A chupar um tipo quarenta anos mais velho do que ela!»

«Separem-nos! Ela é doida!»

«Não, espera! Ela está a começar a excitar-se!»

«E olha para *aquilo*\»

«HORRÍVEL!»

«Eh! Vou enrabá-la enquanto está a fazer o broche!»

«Ela é DOIDA! A CHUPAR NAQUELE CABRÃO!!»

«Vamos queimar-lhe as costas com fósforos!»

«VÊ COMO ELA SE ENTREGA!»

«ELA É COMPLETAMENTE DOIDA!»

Agarrei na cabeça dela com as duas mãos e enfiei-lhe o caralho até ao centro do seu cérebro.

Quando ela saiu da casa-de-banho eu já tinha dois copos preparados. Tanya deu um gole e olhou para mim. «Gostaste, não gostaste? Viu-se.»

«Tens razão», disse eu. «Gostas de música clássica?»

«De *folk-rock»,* disse ela.

Fui até ao rádio, sintonizei-o para os 160, liguei-o e abri o volume. Nós ali estávamos.

Na tarde do dia seguinte, levei Tanya ao aeroporto. Bebemos um copo no bar. A mulata não estava nas redondezas; alguém devia estar com aquelas pernas.

«Escrever-te-ei», disse Tanya.

«Está bem.»

«Achas que sou uma rapariga fácil?»

«Não. Gostas de sexo e isso não tem mal nenhum.»

«Tu também gostas.»

«Há imenso puritanismo em mim. Talvez os puritanos gostem muito mais de sexo do que qualquer outra pessoa.»

«Pareces-me mais inocente do que a maioria dos homens que já conheci.»

«Num certo sentido, sempre fui virgem...»

«Gostaria de dizer o mesmo.»

«Queres outra bebida?»

«Com certeza.»

Bebemos em silêncio. Depois chegou o momento de ela embarcar. Beijei-a em frente da porta de segurança e desci pela escada rolante. O regresso a casa foi calmo, sem acontecimentos. Pensei, bem, estou outra vez só. Devia agarrar-me à merda da escrita ou voltar a ser um trabalhador da noite. Nunca mais havia de voltar para os correios. Um homem deve ter uma posição, como eles dizem.

Cheguei ao pátio. Não havia nada na caixa do correio. Sentei-me e marquei o número de Sara. Ela estava no restaurante.

«Como vai isso?», perguntei.

«Essa puta já se foi?»

«Já.»

«Há quanto tempo.»

«Acabei de deixá-la no aeroporto.»

«Gostaste dela?»

«Tinha algumas qualidades.»

«Tu ama-la?»

«Não. Escuta, gostaria de estar contigo.»

«Não sei. Foi muito difícil para mim. Como é que sei que não voltas a fazer o mesmo?»

«Ninguém tem a certeza do que poderá fazer. Não tens a certeza de que possas vir a fazer.»

«Eu sei o que sinto.»

«Escuta, nem sequer te pergunto o que andaste a fazer, Sara.»

«Obrigado, és muito simpático.»

«Gostava de estar contigo. Hoje à noite. Vem até cá.»

«Hank, eu ainda não sei...»

«Vem cá. Apenas para conversar.»

«Ainda estou perturbada. Foi um verdadeiro inferno.»

«Escuta, deixa-me esclarecer as coisas: para mim, és a número um e nem sequer existe a número dois.»

«Está bem. Estarei aí por volta das sete. Olha, tenho dois clientes à espera...»

«OK. Até logo às sete.»

Desliguei. Sara era mesmo uma boa alma. Perdê-la por uma Tanya era absurdo.

Contudo, Tanya tinha-me dado alguma coisa. Sara merecia ser mais bem tratada do que até ali. As pessoas deviam ser leais umas com as outras, mesmo que não fossem casadas. Em certa medida, a confiança devia ser mais profunda, porque não era santificada pela lei.

Bem, precisávamos de vinho, de um bom vinho branco.

Saí, entrei no Volks, e fui à loja das bebidas ao lado do supermercado. Gosto de mudar de lojas de bebidas frequentemente, porque se frequentamos a mesma loja dia e noite e compramos em grande quantidade, os empregados passam a conhecer os nossos hábitos. Eu pressentia que eles se interrogavam porque ainda não estava morto e isso deixava-me incomodado. Eles talvez não pensassem em tais coisas, mas quando um tipo tem 300 ressacas por ano torna-se paranóico.

Encontrei quatro garrafas de bom vinho branco e saí com elas. Quatro rapazinhos mexicanos estavam sentados cá fora.

«Eh, senhor! Dê-nos algum dinheiro! Eh, dê-nos algum dinheiro!»

«Para quê?»

«Precisamos, meu, precisamos, não sabe?»

«Vão comprar Coca-Cola?»

«Pepsi-Cola, meu!»

Dei-lhes cinquenta cêntimos.

(ESCRITOR IMORTAL AJUDA OS PUTOS DA RUA)

Correram. Abri a porta do carro e pus o vinho lá dentro. Nesse preciso momento, vinha uma carrinha a grande velocidade e uma das portas abriu-se violentamente. Uma mulher foi atirada brutalmente. Era uma jovem mexicana, de 22 anos, sem seios, e vestia calças cinzentas. Os seus cabelos negros estavam sujos e despenteados. O tipo que conduzia a carrinha pôs-se a gritar: «SUA PUTA! SUA PUTA DE MERDA! PARTO-TE

ESSE CU!».

«SEU CABRÃO!», gritou ela. «SEU MONTE DE MERDA!»

Ele saltou da carrinha e correu atrás dela. Queria matá-la. Ela correu para a loja das bebidas. Ele viu-me, desistiu, voltou para a carrinha, dirigiu-se para o parque de estacionamento e virou para Hollywood Boulevard.

Dirigi-me à rapariga.

«Estás bem?»

«Sim.»

«Posso fazer alguma coisa por ti?»

«Sim, leva-me para Van Ness. Para o cruzamento da Van Ness com a Franklin.»

«Está bem.»

Ela entrou para o Volks e fomos pela Hollywood Boulevard. Virei à direita, depois à esquerda e entrámos na Franklin. «Tens imenso vinho», disse ela. «Sim.»

«Acho que preciso de uma bebida.» «Acho que toda a gente precisa. Só que não sabe.» *«Eu* sei.»

«Podemos ir para minha casa.» «OK.»

Dei meia volta. «Tenho algum», disse eu. «Vinte dólares», respondeu ela. «Fazes broche?» «Do melhor.»

Quando chegámos, servi-lhe um copo de vinho. Estava quente. Ela não se importou.

Eu também o bebi assim. Depois tirei as calças e estendi-me na cama. Ela seguiu-me até ao quarto. Tirei o meu caralho murcho. Ela atirou-se logo a ele. Era péssima, sem imaginação nenhuma.

Que grande merda, pensei.

Levantei a cabeça da almofada. «Anda lá, querida, anda lá com *isso* Que *merda é* que estás a fazer?»

Estava com dificuldades em entesar-me. Ela chupava-o e olhava-me nos olhos. Era o pior broche que já me tinham feito. Ela chupou-o durante dois minutos e depois largou-o.

Tirou o lenço da carteira e cuspiu nele como se estivesse a expectorar.

«Eh», disse eu, «que barrete me queres enfiar? Eu não me vim.»

«Vieste-te, sim, vieste-te, sim!»

«Eh, eu *sei* muito bem quando me venho!»

«Vieste-me na minha boca.»

«Pára com essa merda! Volta ao trabalho!»

Ela recomeçou, mas continuava a ser péssimo. Deixei-a continuar, esperando o melhor. Uma puta. Ela chupava. Era como se ela o quisesse fazer, como se ambos o quiséssemos. O meu caralho murchou. Ela continuou.

«Pronto, pronto», disse eu, «deixa. Esquece.»

Vesti as calças e puxei pela carteira.

«Aqui estão os teus vinte dólares. Agora podes ir-te embora.»

«Não me dás uma boleia?»

«Para onde?»

«Para o cruzamento da Van Ness com a Franklin.»

«Está bem.»

Fomos para o carro e levei-a até Van Ness. Quando arranquei vi-a esticar o dedo.

Estava a pedir boleia.

Quando cheguei a casa, voltei a telefonar para Sara.

«Como vai isso?»

«Hoje está calmo.»

«Ainda cá vens hoje à noite?»

«Eu disse-te que ia.»

«Comprei vinho branco. Será como nos velhos tempos.»

«Vais voltar a ver a Tanya?»

«Não.»

«Não bebas até eu chegar.»

«Está bem.»

«Tenho de desligar... Vem aí um cliente.»

«Óptimo. Até logo.»

Sara era uma mulher gentil. Eu tinha de endireitar-me. Quando um homem precisava de muitas mulheres era porque nenhuma delas prestava. Um homem podia perder a sua identidade por foder demasiado. Sara

merecia mais do que eu lhe dava. Agora tinha de ser eu a dar. Estendi-me na cama e rapidamente adormeci.

Fui acordado pelo telefone. «Sim?», perguntei.

«Você é o Henry Chinaski?»

«Sim.»

«Sempre *adorei* o que escreve. Acho que ninguém escreve melhor do que você!»

A voz dela era jovem e sensual.

«Escrevi algumas coisas boas.»

«Eu sei, eu sei. Você teve *mesmo* todas aquelas ligações com mulheres?»

«Sim.»

«Eu também escrevo. Vi-o em L. A. e gostava de conhecê-lo. Gostava de mostrar-lhe os meus poemas.»

«Não sou editor.»

«Eu sei. Olhe, tenho dezanove anos. Gostava só de poder visitá-lo.»

«Esta noite estou ocupado.»

«Oh, *qualquer* noite me convém.»

«Não, não posso estar consigo.»

«Você é mesmo Henry Chinaski, o escritor?»

«Com certeza que sou.»

«Sou uma miúda engraçada.»

«Não duvido.»

«O meu nome é Rochelle.»

«Adeus, Rochelle.»

Desliguei. Desta vez consegui.

Fui à cozinha, abri um frasco de vitamina E, 400 VI., e tomei algumas com metade de um copo de água Perrier. Ia ser uma óptima noite para o Chinaski. Os estores venezianos filtravam o pôr-do-sol que desenhava formas familiares sobre o tapete, e o vinho branco estava a gelar no frigorífico.

Abri a porta e fui para a varanda. Estava um gato estranho cá fora. Era uma criatura enorme, com um pêlo

preto luzidio e luminosos olhos amarelos. Não teve medo de mim.

Aproximou-se a ronronar e esfregou-se contra uma das minhas pernas. Eu era um tipo

porreiro e ele sabia-o. Os animais pressentiam coisas destas. Eles têm um instinto. Voltei para dentro de casa e ele seguiu-me.

Abri uma lata de atum branco Star-Kist. Conservado em água de nascente. Peso líquido, 250 gramas.

(fim do livro)